UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

ELOÁ CARVALHO PIRES

SER-TÃO: A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DOS SERTÕES EM EUCLIDES DA CUNHA

VITÓRIA
2019

ELOÁ CARVALHO PIRES

SER-TÃO: A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DOS SERTÕES EM EUCLIDES DA CUNHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras.

Agência Financiadora: FAPES

Orientador: prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho.

VITÓRIA

2019

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
XXXXXXXXXXXXXXXXX - CRB – XXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Pires, Eloá Carvalho, 1985 –
X999x SER-TÃO: A questão da tradução dos Sertões em Euclides da Cunha
Eloá Carvalho Pires. – 2019.
263 f .

Orientador: Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Literatura. 2. Tradução. 3. Literatura e sociedade. 4. XXXXXXXX I.Carvalho, Raimundo Nonato Barbosa de. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 82

ELOÁ CARVALHO PIRES

SER-TÃO: A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DOS SERTÕES EM EUCLIDES DA CUNHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras.

Aprovada em _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (UFES)
Orientador

Profª. Drª.Isadora Lima Machado (UFBA)
Membro Titular Externo ao PPGL

Profª Drª Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan (PPGEL)
Membro Titular Externo ao PPGL

Prof. Dr. Lucas dos Passos e Silva (IFES)
Membro Suplente Externo ao PPGL

Prof. Dr. Jorge Luiz do Nascimento (UFES)
Membro Titular Interno ao PPGL

Profª. Drª Rafaela Scardino Lima Pizzol (UFES)
Membro Titular Interno ao PPGL

Prof. Dr. Luís Eustáquio Soares (UFES)
Membro Suplente Interno ao PPGL

Para Raimundo, aquele que ajuda no parto (da tese).

Para Lillian DePaula, pela necessidade de traduzir e estudar a tradução.

Para Judith Woodsworth e Carmen Ruschiensky, responsáveis pela *International Graduate Summer School: Translating Each Other / Translating the Other: The Global City as a Site of Translation* da Universidade de Concordia, Montréal, pela atenção dedicadas a mim e a relevância da minha pesquisa acadêmica para além do Brasil.

Para Sherry Simon, a base da construção para minha ponte necessária.

Para todos os amigos que aguardaram meu retorno da travessia, especialmente Ana Catarina Silveira Brasil, Anaïs De Vierman, Antoine Galipeau, Charlotte Doane, Clayton McKee, Juliana Steil , Julien Besse, Karolin Viviana Castano, Léa Dumolin, Manal Kodeih , María Camila Nigrinis, Nafiseh Sadat Mousavi, Natalia Davila, Sophie Hoffman, Tiffane Levick, Violette Marcelin, Tristan Socha, pelas contribuições e traduções de nós mesmos em tão curto tempo.

Para Ronald, responsável pela primeira tradução de mim mesma.

Para Fábio, incansável fonte de referências.

Para minhas tias, meus exemplos.

Para minha avó, pelo entrelaçamento da minha história de vida com a história viva de Canudos, em memória das narrativas de meu falecido avô que quando criança divertia-se encontrando cartuchos de bala na região de Canudos.

Para Marcos, esse atento observador das palavras e das cores.

Para Lucas, que tenho a honra de ter como irmão de travessia pelas mais áridas (e também mais férteis) paisagens.

Para meu pai, o peixe grande do sertão, contador de histórias.

Agradecimentos

WSC
TEI
FAPES
JB Personal
Amanda Afonso

Não se gastam mais de um milhão e trezentos mil cartuchos, como a Quarta Expedição, para perfurar com o progresso quem nunca viveu tal palavra.

Canudos arrasou-se; mas não é no arrasamento de Canudos que se acha o nosso maior proveito moral. Suprimistes uma colônia de miseráveis; mas não tocastes na miséria, que a produziu.

RESUMO

É inegável que o sertão é mais que espaço e contexto circundante em obras como *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha. A palavra transborda os limites de sua denotação literal e torna-se espaço, tempo, personagem e matéria-prima dessa obra de arte da linguagem. Ao eleger “sertões” como seu signo estético e referente semântico por excelência, de significado concreto e simbólico no livro, Cunha apresenta para seu tradutor o desafio de traduzir o sertão para outras línguas e culturas. Nessa pesquisa, buscaremos refletir sobre os diferentes olhares e atribuições de significado para a palavra “sertão” dentro da língua portuguesa e as soluções encontradas pelos tradutores para efetuar a sua transposição criativa para a língua inglesa nas seguintes traduções: *Rebellion in the Backlands* (1944) de Samuel Putnam e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) de Elizabeth Lowe.

Palavras-chave: Sertão, tradução, línguas, culturas.

ABSTRACT

It is undeniable that the *sertão* is more than space and surrounding context in works such as *Os Sertões* (1902) by Euclides da Cunha. The word overflows the limits of its literal denotation and becomes space, time, character and raw material of this language artwork. By choosing “sertões” as its aesthetic sign and semantic referent par excellence, of concrete and symbolic meaning in the book, Cunha presents to his translator the challenge of translating the *sertão* to other languages and cultures. In this research, we will consider the different perspectives and meanings attributed to the word "sertão" within the Portuguese language and the solutions found by translators to effect their creative transposition into the English language in the following translations: Rebellion in the Backlands (1944) by Samuel Putnam and Backlands: The Canudos Campaign (2010) by Elizabeth Lowe.

Key-words: *Sertão*, translation, languages, cultures

SUMÁRIO

Introdução.....11
1. Panorama histórico-sociológico: A República e as críticas de Euclides da Cunha.....32
1.1. De 1902 à 1906: críticos de Euclides da Cunha.....44
1.2. A amarga denúncia d'*Os sertões*.....55
1.3. A ambição enciclopédica : Bases científicas de Euclides.....67
1.4. Obra de arte da linguagem: *Os sertões*.....72
2. Sertão e incertos.....78
2.1. Viagens e olhares para o sertão.....79
2.2. Obscuridade etimológica do sertão.....89
2.3. As incertezas.....96
2.3.1. O sertão e a descontinuidade temporal.....97
2.3.2. O sertão: uma categoria geográfica própria e a associação sertanejo-natureza.....111
3. A tradução: travessias possíveis.....118
3.1. Transposição criativa de *Os Sertões*.....128
3.2. Ser-língua, ser-tão: A importância de Euclides da Cunha e sua obra no cenário mundial.....141
3.3. O papel do tradutor na travessia.....156
3.4. Elementos nas traduções de *Os Sertões*.....166
3.4.1. O papel da imprensa: torpedos na cidade de taipa e a *mea-culpa* de Euclides.....169
3.4.2. As editoras, os prefácios e *Os Sertões*: Literatura ou História?.....180
3.4.3. As capas: a antropomorfização da natureza e o cerco a Canudos.....205
4. *Hinterlands*, *backlands*: Ser-tão.....209
Conclusão: Tradução a ponte necessária.....237
Bibliografia.....247
Anexo 1.....258
Anexo 2.....259
Anexo 3.....260
Anexo 4.....261

Anexo 5.....262

INTRODUÇÃO

> É como se Canudos, mais uma vez, demonstrasse, a todos nós, a grandiosidade da sua amplitude (FIALHO, 1997, p.1).

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasce no dia 20 de janeiro de 1866 em Cantagalo, no Rio de Janeiro. Já desde cedo sofria as agruras da vida. Perdeu sua mãe aos três anos de idade, e, após isso, mudou-se para ser cuidado por tias maternas em lares de parentes ao menos duas vezes. Assim, “os primeiros anos da vida de Euclides da Cunha foram tipicamente os de um menino que não teve infância” (ABREU, 1963, p.68). Em São Fidélis, inicia sua vida escolar e

> foi naquele município fluminense, limítrofe de Campos e como este próspero na produção canavieira, que iniciou Euclides seus estudos primários. Revelou, desde logo, notáveis qualidades de estudante, não tendo passado despercebidos, tanto ao mestre quanto aos discípulos, a indomável altivez e a invulgar irascibilidade de seu gênio (ABREU, 1963, p.69).

De acordo com Modesto de Abreu, em *Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha* (1963), ainda criança, o autor de *Os Sertões* já demonstrava notáveis aptidões como estudante, que seriam de suma importância para seu amadurecimento e o desenvolvimento de um caráter independente, seja pela falta da figura materna (já falecida), seja pela falta da figura paterna, frequentemente distante. As constantes ausências do pai o levam a matricular o pequeno em um internato, onde passa a maior parte de sua infância. Prestes a terminar o curso primário, muda-se para o Rio de Janeiro. No curso secundário, estuda em diferentes instituições de ensino bem conceituadas na época: Colégio Anglo-Americano, Vitório da Costa e Menezes Dória. Em 1883, é matriculado no Colégio Aquino. Nessas escolas, mais aparelhadas que as primeiras que frequentara, especialmente nesta última, “as tendências literárias de Euclides da Cunha manifestaram-se logo no começo do curso de preparatórios” (ABREU, 1963, p.70). Escrevia versos, sonetos e era estimulado por Dr. Pedro Aquino, diretor do colégio em que estudava. Sua primeira obra, escrita em um caderno, entitulou-a *Ondas*. Nesses escritos, havia inúmeros sonetos sobre diversos personagens da história universal. É ainda nessa mesma instituição de ensino que “tal como as decididas vocações literárias e artísticas, a inclinação para as atividades do jornalismo surge amiúde nos bancos escolares”

(ABREU, 1963, p.70). Com um grupo de amigos, funda o jornal de sua escola intitulado *O Democrata* que além de artigos veicula também os poemas contidos em *Ondas*, sobretudo aqueles com temática sócio-histórica. Concomitantemente, sua inclinação para as ciências exatas e para os estudos geofísicos era evidente. Em 1885, é aprovado em vestibular para a Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fundada em 1792, é a mais antiga criada nas Américas e a primeira instituição de ensino superior no Brasil. Apesar da conquista, mais uma vez, o contexto leva-o a um novo processo de amadurecimento. Seu pai enfrentava dificuldades financeiras e o almejado curso teve que ser preterido, pois "impunha-se-lhe, já agora, a preferência por uma carreira mais segura e que não dependesse de sólidos recursos pessoais para seu custeio" (ABREU, 1963, p.72). Assim, compelido pelas circunstâncias e pela influência de seu antigo professor Benjamin Constant, em 1886, vai para a Escola Militar da Praia Vermelha. Novamente, é um aluno que se destaca, seja por sua inteligência, seja por seus episódios de insubordinação, sendo um dos mais comentados a insubordinação contra o Ministro da Guerra, que acabou por afastá-lo do exército em 1888. Nesse momento, ele

> achava-se porém desprovido de meios pecuniários, não tinha quem lhe custeasse os estudos no meio civil e não lhe seria fácil obter ocupação suficientemente rendosa que lhe fornecesse, de imediato, os recursos indispensáveis para manter-se sem ajuda estranha (ABREU, 1963, p.72).

Essa dificuldade faz com que vá para São Paulo, onde passa a colaborar com a edição da série "*A Pátria e a Dinastia*" no jornal *A Província de S. Paulo*, que se tornaria *O Estado de S. Paulo* após a Proclamação da República em 1889. Logo em seguida, foi rematriculado na Escola de Guerra a pedido de Constant. Em 1890 e 91, alcança a titulação de bacharel em ciências físicas e matemáticas e em engenharia civil. Assim que conclui o curso, é promovido a tenente em 1892. Não muito tempo depois, insatisfeito com a República que não lhe correspondia às expectativas disseminadas por Benjamin, seu antigo e estimado professor, tampouco satisfeito com sua função como militar, em 1896, pede afastamento definitivo do Exército, passando a trabalhar como engenheiro para a Secretaria de Obras de São Paulo na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, que buscava interligar Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. É nesse momento que o jovem Euclides toma conhecimento da existência dos acontecimentos no arraial de Canudos e a agitação

que provocava no interior da Bahia no ano de 1897. A esse respeito, escreve para o jornal com o qual já colaborava,

> no mesmo dia em que Bilac, na *Gazeta*, manifesta augúrios pela vitória futura, Euclides da Cunha estréia sua participação nos acontecimentos, com a publicação, em *O Estado de S. Paulo* de 14 de março, de "A nossa Vendeia". Com esse texto, habilita-se a interpretar o fenômeno em progresso nos grotões do país e que seus cidadãos mais ilustres e esclarecidos não conseguiam entender (ZILBERMAN, 2002, p.396).

Esses artigos inauguram uma série de escritos nos quais demonstra bem que rumos tomava a nova República e mostra ainda sua bagagem adquirida nas conceituadas instituições onde estudou. Ao habilitar-se para interpretar o conflito, em sua estreia, opta por um método comparativo. A princípio, a insurgência de um grupo de fanáticos no interior do país não era um assunto que oferecia reflexões óbvias para sua compreensão. Em seu primeiro artigo, aproxima os acontecimentos que aqui ocorreram com os acontecimentos desenrolados em Vendeia, na França, evento em outro país que acredita, de alguma forma, ser análogo ao episódio de Canudos. É necessário observar que para comentar o evento de sua contemporaneidade, ele mobiliza inúmeros saberes aprendidos nas antigas escolas que frequentou, sobretudo na Escola Militar. É conhecida a influência da educação dessa última nas vidas daqueles que ali estudaram, sobretudo os contemporâneos de Euclides, que tornaram-se figuras de destaque em muitas vertentes naquela época. Munido de uma educação concedida a poucos, alia-se a isso o fato de que desde a infância mostra-se proeminente nos estudos, é dessa maneira que

> Euclides da Cunha fazia parte da pequeníssima elite letrada da época, possuindo grande cultura literária e científica e uma mirada preparada para ver o 'outro' associada às artes do poeta e articulada pela régua e esquadro do engenheiro. Como membro da Escola Militar, estava familiarizado com as ideias científicas, políticas e filosóficas elaboradas na Europa, assim como com outros temas relativos à história, à atualidade e aos destinos do Brasil (LEMOS, 2002, p.72).

Esses jovens, integrantes da pequeníssima elite letrada da época, muitos dos quais antigos alunos da Escola Militar, preparados com muito zelo pelos melhores professores, carregavam a esperança do futuro porvir do país. A mirada preparada para ver o outro, juntamente com a diversificada gama de influências e leituras foram

certamente diferenciais na produção de Euclides da Cunha. Logo adiante, veremos como esses traços elevariam seus escritos a uma excelência que foi prontamente elogiada pela crítica da época. Após observar a trajetória da vida e da educação daquele que viria ainda a se tornar escritor de *Os Sertões*, descobrir-lhe a precoce inclinação e gosto pelo estudo, pela escrita de poemas e artigos de jornal desde a escola, é possível presumir, inserido nesse contexto apresentado até aqui, que ele

> foi um produto, se não um membro (já que nasceu em 1866), da geração de 1870, imbuída da necessidade de uma regeneração nacional, Euclides, devido ao seu positivismo e à sua passagem pela Escola Militar – conhecida como "o bastião da visão de mundo da geração" [de 1870] (LEVINE, 1995, p. 82).

Estudar no "bastião da visão de mundo da geração de 70" é certamente um privilégio de uma pequena parcela da população, ao mesmo tempo que a imbui da responsabilidade de produzir críticas visionárias acerca da sociedade e do país. Não se pode deixar de notar que a escolha pela palavra "regeneração" de Robert Levine em *O sertão prometido* (1995) coloca em evidência que algo deve ser produzido\gerado novamente, revivificado. Esse termo será retomado posteriormente em novas discussões, por ora, só podemos entender que a regeneração nacional estaria, nesse âmbito, associada à ideia de atuar como uma geração que anteveria os caminhos a serem trilhados rumo à nova fase do Brasil. Desse modo, essa geração seria responsável por distinguir os anseios da nascedoura República. O tom das páginas de jornal com os textos de Euclides era sempre de louvores e incentivo a essa república. Porém, o desenvolvimento dos acontecimentos frente a resistência de Canudos às investidas do governo mostra a complexidade do movimento que ocorria no interior da Bahia.

> A imprensa foi inundada por todo tipo de notícias referentes a Canudos – Era notória a existência de um fascínio geral pelas histórias de "fanáticos religiosos" ensandecidos. O conflito invadia não apenas editoriais e colunas mas também crônicas e histórias humorísticas. Pela primeira vez os jornais brasileiros estavam sendo usados com o fito de criar pânico (LEVINE, 1995, p. 53).

Apresentando um arraial de miseráveis como contrários aos ideais do progresso e à favor da Monarquia, os jornais difundem o fim dessa parcela da população como parte do processo para a nação brasileira alcançar a modernidade e a civilização.

Por esse motivo, após três expedições fracassadas, a quarta (que viria a ser última) contou inclusive com os reforços e a presença do temido general Artur Oscar e do próprio Ministro da Guerra marechal Machado Bittencourt, munidos de armamento mais do que suficiente para suplantar o arraial dos canudenses. Nesse ponto da história, Júlio Mesquita, diretor do *O Estado de S. Paulo*, convida Euclides da Cunha para fazer a cobertura dos acontecimentos no local, disponibilizando todos os recursos para tal. Nomeado adido ao Estado-Maior do Ministério da Guerra, parte assim para o lugar do confronto, onde se preocupa primeiramente em reconstituir os acontecimentos das expedições anteriores, levantar dados acerca da região, dos seus habitantes e de sua história, bem como compreender a sua formação. Os escritos de sua cobertura renderam 23 publicações no jornal. Além das operações bélicas e movimentação de tropas, já nesses artigos, não poupa descrições do meio físico, da topografia e da população que ali se encontrava. Na sua maneira de escrever, "se num primeiro momento há exterioridade do olhar do observador sobre a realidade do sertão, por fim esta exterioridade se desfaz, na medida em que o sertão se transforma na verdadeira realidade nacional" (DECCA, 2002, p.185-186). A exterioridade do olhar que nos aponta Decca em *Euclides e Os sertões: entre a literatura e a história* (2002) é de crucial relevância para que se reflita a partir do ponto de vista de que o próprio jornalista e escritor, a priori, teria uma visão externa a respeito de uma gente que habitava em seu país, porém, em uma diversa realidade nacional. Essa questão sempre vem à tona quando tratamos do assunto e retorna em vários momentos pois ela revela um dos principais pontos de discussão a respeito da obra de Euclides que é a constituição de um olhar (diferenciado) do homem das cidades e do litoral para o homem do sertão. Tendo estudado o que havia de mais moderno da civilização europeia, vivido toda sua vida no Rio de Janeiro e em São Paulo, duas das maiores cidades da época, era compreensível que sua primeira mirada para o sertanejo contivesse alguma estranheza. É pungente o impacto sofrido pelo escritor

> Euclydes da Cunha, formado, como todos nós, pelo Brasil oficial, falsificado e superposto, saiu de São Paulo como seu fiel adepto – positivista, urbano e "modernizante". E de repente, ao chegar ao Sertão, viu-se encandeado e ofuscado pelo Brasil real de Antonio Conselheiro e seus seguidores. Sua intuição de escritor gênio e seu nobre caráter de homem de bem colocaram-no imediatamente ao lado dele, para honra e glória sua (SUASSUNA, 2002, p.22).

Ao caracterizar o Brasil oficial como “falsificado” e classificar a visão inicial de Euclides como “modernizante”, Ariano Suassuna, grande autor que contribuiu imensamente para a ampliação de olhares dos grandes centros para a cultura nordestina, traz à luz a questão do excesso de influência das correntes de pensamento europeias na cultura brasileira. Sem essa crítica aos fluxos da epistemologia da “modernidade” e da “civilização” oriundas da Europa ocidental, bem como suas ressonâncias na produção do pensamento social brasileiro, é impossível compreender as questões que perpassavam Cunha. Esse encontro do escritor com os esquecidos pelo país e pela República causam-lhe profundas inquietações. Por exprimir empatia em relação à população do arraial e suas constantes lutas contra a seca, contra a escassez de recursos e, principalmente, por exprimir seu desconforto em relação à forma como o exército brasileiro tratara os moradores de Canudos, gente brasileira, carente dos benefícios dessa mesma “modernidade”, é que Suassuna considera Euclides “ao lado” de Antonio Conselheiro, figura central de liderança em Canudos.

Findada a guerra, “ao lado” dos canudenses, o lado intelectual de Euclides da Cunha e seu gênio acalorado careciam de mais informações e fontes bibliográficas para aprofundar seus estudos sobre o ocorrido. Contudo, acabada a cobertura jornalística do confronto, feita do dia 7 de agosto ao dia 1 de outubro, retorna a São Paulo, onde começa a trabalhar com obras de engenharia na região oeste. Afinal, fazia parte da elite letrada mas não da elite econômica, o que não lhe permitiria estudar integralmente. Além disso, nessa época já havia se casado e tido filhos, mais um fator que o impele a ir trabalhar e buscar sustento em São José do Rio Pardo. É em sua cabana, observando como engenheiro a reconstrução de uma ponte, que ele consegue dar seguimento a seus escritos e pesquisas. Nesse ínterim, “encontrava Euclides da Cunha condições para os estudos” (DECCA, 2002, p.203-204). De fato, ele dividia-se entre a profissão de engenheiro e o ofício de escritor. A rede de apoiadores que ele mobilizou ao seu redor para auxiliá-lo foi de fundamental papel para a confecção de sua obra, “relatam os biógrafos que Euclides muito se valeu nesse sentido do apoio e da solidariedade de amigos que fez em São José do Rio Pardo (...) teve acesso a livros e revistas que chegavam de São Paulo” (ABREU, 2002, p.232). Com essa colaboração, novamente, inumeráveis fontes textuais influenciam na sua escrita, que, com uma habilidade impressionante de concatenar

informações, lança mão de autores europeus para analisar o meio e seus habitantes, mas utiliza também relatos colhidos durante sua cobertura na Bahia, e uma infinidade de outras contribuições. Não é exagero afirmar que

> de fato o autor preparou-se para escrever um livro que se tornasse um documento para as gerações futuras. Para isto, precisou livrar-se dos próprios modelos literários e culturais que tinham sido responsáveis pelas primeiras avaliações sobre a guerra de Canudos (DECCA, 2002, p.182).

Como um expoente do referido bastião da visão de mundo da geração de 70 tem uma missão severa: encontrar meios de expressar o horror visto, mas não apenas isso, dissecar-lhe as misérias, expor as condições dos participantes do conflito. Era necessário empreender exame da autoconsciência e dos antigos modelos que utilizara para análise em seus escritos. O escritor certamente já não era o mesmo que havia deixado São Paulo para ir até os sertões. Ver o desamparo e a escassez com seus próprios olhos, testemunhar a crueldade dispensada àquele povo que já era privado de tantas necessidades básicas mostra-lhe o quão as forças republicanas podiam ser duras. Para não incorrer no mesmo erro do governo republicano, ele “fez, no livro, a autocrítica do patriotismo exaltado de suas reportagens e reconheceu a omissão de sua cobertura jornalística, ao denunciar a matança dos presos, sobre a qual antes se calara” (VENTURA, 2002, p.440). Se por um lado, devemos levar em conta a crítica de Suassuna ao excesso de influência das correntes de pensamento europeias na produção de projetos intelectuais, culturais, sociais e políticos brasileiros, por outro lado, devemos atentar para o fato de que a referida “regeneração” nacional da qual estava incumbida a geração de 70 não poderia correr o risco de cegar-se por um nacionalismo ufanista e a favor da modernidade que promove uma matança como única alternativa de progresso da nação. Esse balanço de levar em consideração estes dois horizontes e equilibrá-los era o grande desafio de Euclides. É importante ter em vista seus artigos publicados desde *A Nossa Vendeia*, quando inaugura sua produção acerca do tema do conflito de Canudos, mas, diferentemente de sua produção no jornal *O Estado de S. Paulo*, dessa vez, ele

> procurou superar, pela escrita de *Os sertões*, seu remorso e perplexidade com o desfecho brutal da campanha, para a qual contribuiu, ainda que de modo involuntário, com artigos que se encerravam com os brados

> patrióticos de “viva a República” ou “a República é imortal”. Fizera coro, como quase toda imprensa, com aqueles que viam na rebelião um grave perigo para a ordem republicana e silenciou nas reportagens sobre as atrocidades cometidas pelas tropas, que degolaram e estriparam, de forma impiedosa, os prisioneiros que se haviam rendido com garantias de vida ao general Artur Oscar de Andrade Guimarães, comandante da quarta expedição (VENTURA, 2002, p. 441).

Os artigos de Euclides antes de sua ida para o campo de batalha eram certamente redigidos em um tom bem diverso daquele que adotaria na escrita de sua obra. Muitas ressalvas devem ser feitas nessa reflexão. A sua única experiência anterior como jornalista havia sido no *Democrata*, nos tempos de escola, como já vimos. Ainda assim, foi considerado totalmente capacitado para exercer o ofício, no qual já trabalhava em um dos mais conhecidos jornais do país, a convite de seu diretor. Dessa forma, fizera coro à República, mas exercia agora uma autocrítica, tendo em vista a defesa de um povo que foi enganado com promessas de garantia de vida em troca da rendição. Esse exame de consciência feito por ele mostra que “Euclides da Cunha escreveu muito para a imprensa. Mas não era, precisamente, o modelo de homem do jornal” (ABREU, 1963, p.59). Se nas cidades equipadas, munido de livros, bibliotecas e revistas o autor não sentia-se à vontade, segundo ele próprio, as suas condições ideais para escrever estavam também longe de ser melhores no campo de batalha. Tanto que permanece cerca de dois meses no *front* e nos momentos finais do desfecho é acometido por uma doença que o obriga deixar o palco da tragédia final. Na posição que ocupava no momento, para atender as necessidades do jornal com seus constantes escritos

> o que Euclides, ali, necessariamente, redigia nas horas disponíveis e ainda sob o calor emocional das refregas difíceis travadas nas caatingas, só podia ser obra improvisada, noticiário de repórter, trabalho apressado e tanto quanto possível urgente de informação jornalística (ABREU, 1963, p.53).

Desse modo, podemos compreender que embora seus artigos de jornal tenham causado um grande efeito no meio jornalístico e sirvam para a compreensão mais abrangente do pensamento deste autor, portanto de suma importância, não representam ainda o seu maior empenho, dedicado à sua obra sobre a campanha de Canudos. Delineando com maestria as circunstâncias que culminariam no fim trágico do arraial de Conselheiro, seja em seus aspectos geofísicos, seja em seus

aspectos antropogeográficos, com uma acurada visão da história do Brasil, é dessa maneira que

> o autor de *Os sertões* pinta com grande sagacidade a situação política do país durante esse período, em que, finda a revolta e morto o Marechal de ferro, vencedores e vencidos, soltos em um ambiente livre, como foi o que se seguiu à inauguração do quatriênio presidencial de 1894 a 1898, enfrentaram-se no campo normal da vida quotidiana (JÚNIOR, 2003, p.71).

Enfim, ao relatar esse enfrentamento no campo da vida cotidiana entre o exército e o povo, com grandes perdas para ambos os lados e o massacre deste último, Euclides acaba, atuando como "o bastião da visão de mundo da geração [de 1870] (LEVINE, 1995, p.82), ao, como se propusera, "interpretar o fenômeno em progresso nos grotões do país" (ZILBERMAN, 2002, p.396) com a "mirada preparada para ver o outro" (LEMOS, 2002, p.72) que era o sertanejo. Ele estuda, pesquisa, elabora, e lê para amigos e desconhecidos trechos do seu grande livro. Após esse processo, finaliza sua grande obra e nela encontramos sobretudo a lição de enfrentamento de um povo, em batalhas cotidianas contra a seca, contra a falta de recursos, contra a opressão do governo mas que ainda sim, por seus próprios e únicos meios, resistiu até as últimas (terríveis) consequências. A própria realidade do dia-a-dia e condição de existir já eram desde sempre uma luta incessante para os sertanejos. Ao descrever brilhantemente essa incrível resistência e elevar o sertanejo ao cerne da nacionalidade brasileira, promove a já mencionada operação de "regeneração nacional" (LEVINE, 1995, p.82) revivificando aqueles excluídos da história da nação. Tinha então o autor correspondido à responsabilidade de produzir críticas visionárias acerca da sociedade e do país. Faltava agora colocá-las em circulação para submetê-las à crítica e à opinião pública. É algo que o escritor queria tanto fazer que chega a pagar pela sua publicação, produzida pela Laemmert no Rio de Janeiro em 1902. Nesse período, o mercado editorial estava apenas surgindo e era nesse pólo carioca que se localizavam as agências mais importantes,

> de qualquer forma, há que se registrar o empenho do próprio autor para a publicação de seu livro. Na época, as edições eram decididas no estreito círculo de livreiros da Rua do Ouvidor ou em Paris, onde ficava a sede da Garnier (ABREU, 2002, p.235).

Nessa época, Euclides já era filiado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo desde abril de 1897, era um consagrado colaborador de um dos jornais de maior circulação no país, porém não tinha padrinhos no meio literário que o indicassem para uma editora. Aliás, era terminantemente contra esse tipo de influência. Criticava os apadrinhamentos e certamente não submeteria sua obra a tais joguetes apenas para colocá-la em voga. Lembremo-nos do temperamento orgulhoso do escritor, que afrontou até mesmo o ministro da guerra quando jovem. Afinal de contas, ele já gozava de certo prestígio intelectual e com sua obra magistral "o sr. Euclides da Cunha surge, portanto, conquistando o primeiro lugar entre os prosadores da nova geração" (JÚNIOR, 2003, p.57), em palavras de um dos críticos da época responsável pela sua consagração, Araripe Júnior. Ora, preparado desde o secundário, tendo estudado em escolas que apenas poucos privilegiados adentravam, pela sua trajetória, o autor e a grandiosidade de seu trabalho ganham logo repercussão sem dever nada a ninguém (a não ser a ajuda dos amigos, no que é sempre muito grato, pois os cita em suas referências). Esse processo de aclamação é fundamental, pois

> entre os mecanismos de consagração das obras no período estava a crítica literária. Três críticos se destacavam procurando inovar e afirmar uma crítica mais consistente, calcada em critérios científicos: José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. (...) Com maior ou menor intensidade, dependendo do caso, os três estavam preocupados em afirmar novos critérios para o julgamento de obras literárias que se pautassem em argumentos científicos e não pela sociedade do elogio mútuo. A bandeira da ciência os irmanava e isso se expressaria na consagração de *Os Sertões*. O livro de Euclides parecia ser uma obra à altura de suas pretensões modernizadoras (ABREU, 2002, p.237).

Para a época, elaborar uma crítica pautada nas ciências era um diferencial que buscava elevar os padrões das produções literárias naquele momento. Essa forma de crítica certamente ia ao encontro do que Cunha havia produzido, com intensa pesquisa, exaustivas correções e arcabouço científico por todo o livro. Tendo levantado tema pertinente e relevante ao momento, elaborado uma escrita que atendia aos critérios das pretensões modernizadoras de três dos mais importantes críticos da época, bem sabia o autor o valor de sua produção para a cultura brasileira.

Essa breve introdução é feita com o objetivo de mostrar quem é o escritor Euclides da Cunha através de um curto panorama que abrange sua infância, sua vida escolar; dando enfoque à sua educação e às suas profissões até, finalmente, como ele veio a construir e concluir, em 1902, sua obra de grande contribuição literária e cultural para o Brasil. Quando um livro atinge esse patamar, afetando o sistema cultural e literário do país, chegando a ser considerado a bíblia da nacionalidade brasileira, sua esfera de alcance acaba por ser ampliada, tornando-o capaz de atingir novos públicos e novos leitores, com o incentivo de críticos já respeitados no meio literário. Essa reflexão é importante, à medida que

> é preciso focalizar a trajetória de *Os Sertões* enquanto uma trajetória própria com contornos singulares e alguns momentos privilegiados. O primeiro diz respeito ao lançamento do livro em 1902 e à crítica de primeira hora, responsável por sua consagração. O segundo diz respeito à formação de um grupo de admiradores que se sucedeu no tempo e que ganhou especial destaque após a trágica morte do escritor em 1909. Este movimento orquestrado por algumas lideranças foi responsável pela difusão da obra nacional e internacionalmente, criando condições para que ela viesse a ser traduzida em línguas como o francês, o inglês, o alemão, o chinês, o italiano, o espanhol, o holandês (ABREU, 2002, p.227-228).

A respeito de sua aclamação, é inegável a contribuição da obra para os estudos acerca do pensamento social brasileiro. A partir da sua difusão em âmbito internacional provocada por lideranças e admiradores do autor, é necessário refletir sobre como isso afeta as representações culturais dos povos do Brasil por meio de sua literatura e de suas traduções. Se houve diversos impactos provocados na crítica literária e no público do país pelo escritor com suas inovações especialmente na escrita, podemos presumir que outros inúmeros impactos hão de surgir e afetar aqueles que se propuseram a traduzir *Os Sertões*, repleto de intertextualidades. O tratamento diferenciado empregado por Euclides da Cunha em sua forma de escrita literária afeta naturalmente os procedimentos técnicos utilizados pelos seus tradutores. O ponto de partida para essa tese é justamente a palavra que designa o título do livro e apresenta-se como um desafio constantemente atualizado sob novos olhares. Esse desafio se perpetua, posteriormente, na tradução da obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, que buscou auxiliar na tradução de sua obra para alcançar em outras línguas os tons e sentidos que brotam da palavra “sertão” e

de seus habitantes[1]. Em correspondência com seu tradutor, Rosa já antevê a dificuldade deste processo, que inicia-se já na tradução de seu título pois "aqui pousa-se logo o problema de como traduzir "Sertão", de tão importante significado, tanto concreto quanto simbólico no livro" (ROSA, 2003, p. 85).

Esse significado, ora concreto, ora simbólico do "sertão" na obra de Euclides será um dos maiores alvos de nossas investigações. Parte da pesquisa se dedicará a procurar as origens e a história da palavra promovendo discussões especificamente sobre o vocábulo "sertão" e seus possíveis significados. Para tanto, é necessário inventariar os usos da palavra "sertão" na história da literatura brasileira e em *Os Sertões* e analisá-los, atentando para a sua capacidade elástica de abarcar múltiplos sentidos.

Ao analisar a palavra sertão na obra de Euclides, devemos ter em mente os apontamentos fornecidos pelo próprio autor ao longo de toda sua produção e acompanhando seu movimento crítico como pensador social do Brasil e de sua geração. Esse percurso passa pela tarefa de compreender como o escritor se posicionava frente seus contemporâneos e vice-versa, desenvolvida na primeira parte de nossa pesquisa. Essa compreensão não pode ser alcançada, contudo, sem chamar atenção para a linguagem empregada pelo autor para tal feito, outra discussão frequentemente levantada pelo críticos de sua obra. Para tanto, vamos empreender uma breve explanação sobre as mais frequentes problemáticas acerca da escrita literária de Euclides da Cunha. Essa explanação será feita com intenção de evidenciar os debates acerca de seu gênero textual e seus traços estilísticos para, posteriormente, derivar discussões acerca da tradução dessa obra.

No que tange a *Os Sertões*, buscaremos demonstrar que sua temática e suas críticas podem ser percebidas como uma tendência no e para o próprio pensamento social do país. O autor assim o faz inaugurando um projeto diferenciado no tocante ao uso da linguagem e da construção de seu texto. Nesse projeto, ele recusa a versão oficial da história e desenha a fisionomia da nacionalidade brasileira ao refletir sobre o país a partir do sertão. É notória a aproximação da linguagem da

[1] Cunha já havia manifestado interesse na tradução de sua obra, mas vindo a falecer não teve a oportunidade de ver isso acontecer.

ciência à linguagem artística, devido a influência de vários discursos científicos da época no livro Euclides. Facioli em *Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio)*, artigo integrante da obra crítica *O Sertão e os Sertões* (1998), afirma que

> talvez não seja exagerado verificar que as relações entre discurso descritivo da ciência e discurso metafórico da arte em Os Sertões imbricam-se, tornando-se quase indistintos, resultando num discurso outro que quer sintetizar os dois para a produção de um gênero artístico híbrido e indefinido, que abarca dimensões inusitadas. Parece evidente que o texto euclidiano permite um trânsito em duas mãos: tanto a ciência produz a arte, quanto vice-versa (FACIOLI, 1998, p.56).

A ruptura efetuada por Cunha entre as fronteiras da ciência e da arte pode ser observada a partir de vários elementos, mas, especialmente, no tratamento que ele dispensa à sua linguagem e à sua construção textual. Pelo movimento de aproximação mencionado acima, o escritor engendra uma escrita científica e literária diferenciada por vezes difícil de ser compreendida. O gênero textual de *Os Sertões* é outra questão que invariavelmente é suscitada pelos seus críticos. A obra

> escancarando a realidade brasileira para o próprio brasileiro que, durante todo o século XX, discutiu e louvou este livro, pondo sempre em evidência a sua linguagem, mas sem compreender, bem os sentidos latentes na tortuosidade de uma escrita que a crítica, apalermada, pensou fosse uma "prosa parnasiana", tratando logo de classificar o livro como "romance" (José Veríssimo e João Ribeiro), como "epopéia" (Afrânio Peixoto) e até como "poesia" (José Veríssimo) (TELES, 2002, p. 263).

Épico, narrativo, poesia e epopeia são algumas categorias que foram utilizadas para tratar dessa obra. É considerada também como bíblia, tragédia, e, por fim, ensaio. As características de inúmeros tipos e gêneros textuais foram observadas por diversos críticos e estudiosos. No caso de *Os sertões*, essa forma de expressão que maneja arte e ciência para a construção da narrativa, aproxima-se também da poesia, sobretudo porque

> o elemento distintivo do texto poético em relação aos outros textos liga-se sobretudo à forma particular com que o texto está construído. Em um texto literário a própria configuração formal 'transmite' algum conteúdo relevante. (LAGES, 2002, p. 92)

Esse conteúdo relevante que é comunicado de forma poética, independentemente do gênero do texto, pode ser observado na obra minuciosamente. As escolhas e constantes adaptações em relação aos processos de formação dos vocábulos (ao longo das incansáveis reedições do livro feitas pelo próprio Euclides) evidenciam seu amor pelas palavras e seu cuidadoso estudo de nossa língua. Considerado então como uma obra de arte da linguagem[2], o projeto audacioso do autor passava necessariamente, pela palavra,

> em consonância com todo o pensamento de hoje, que é um pensar a natureza e as funções da linguagem, começou-se a ver que a grande novidade do romance vinha de uma alteração profunda no modo de enfrentar a palavra (...) para os mestres da prosa moderna (um Joyce, um Borges, um Gadda), a palavra é sempre um feixe de significações: mas ela o é em um grau eminente de intensidade se comparada aos códigos convencionais de prosa. Além de referente semântico, o signo estético é algo portador de sons e de formas que desvendam, fenomenicamente, as relações íntimas entre o significante e o significado. (BOSI, 2003, p. 430)

Para expor o feixe de significações do sertão, seu maior referente semântico e signo estético nos seus escritos, Cunha promove uma série de inovações no seu ensaio. Abolição das fronteiras entre ciência e arte, entre narrativo e lírico, entre os elementos constituintes da própria narrativa , entre significante e significado e muitas outras, são, declaradamente, traços marcantes desse autor, “mestre da prosa” que efetua

> consórcio de ciência e arte, será útil assinalar que a grandeza e a excepcionalidade de *Os Sertões* – portanto seu caráter descomunal e monumental – podem ser sentidas como estratégia construtiva do livro no aspecto das dificuldades que apresenta para seus leitores (FACIOLI, 1998, p.40)

Dessa forma, Euclides da Cunha opera profundas modificações na produção literária de sua época, especialmente no que diz respeito à linguagem e ao gênero do texto como estratégias de construção de sua escrita. A dificuldade de leitura e de categorização da obra e seus elementos constituintes é intencional pois ela busca também exprimir uma realidade fora das categorizações dos saberes da Europa. Nesse tratamento cuidadoso com a elaboração de sua literatura, emerge a

[2] OLIVEIRA, Franklin de. **A fantasia exata**: Ensaios de Literatura e Música. Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 1959. P. 250.

necessidade de exprimir uma realidade intimamente relacionada com o ser brasileiro: a realidade do sertão. Mesmo associado com seu contexto de produção, ao mirarmos a relevância da palavra “sertão” no texto literário de Cunha, não podemos classificar o autor a partir de periodização literária, mas antes como profundo estudioso das línguas e dos humanos, sensível a questões que parecem sempre atuais. Para além da estética, o tratamento especial dedicado à palavra é fundamental para a construção do seu texto literário e evidencia várias facetas da cultura nacional e tendências na produção do pensamento social brasileiro. Com efeito, para a efetivação do seu projeto, as fronteiras entre ciência e arte, palavra e sentido, personagem e espaço, entre tantas outras, são borradas. Esse ousado projeto, certamente, não passa despercebido aos críticos da época.

Com base no explicitado, no que diz diretamente respeito a esta tese, cabe observar que a explanação sobre a escrita literária de *Os Sertões* foi feita com o objetivo de demonstrar como a forma e o conteúdo da obra literária que buscamos investigar estão intimamente conectados, o que torna muito delicada a questão de sua tradução. Lembremo-nos que esse movimento de traduzi-la fora incentivado pelos críticos e admiradores da obra após a morte de seu autor que já havia manifestado o desejo de ver sua obra traduzida. Refletir sobre a produção prolífica de análises críticas sobre a obra citada antes e após sua morte é uma parte importante de nosso trabalho. Para atingir com efeito esse objetivo, é necessário considerar também a tradução, como forma privilegiada de crítica em diferentes momentos da análise ao longo de nossas pesquisas.

Há traduções do livro para línguas diversas e ao menos duas traduções para a língua inglesa: as versões de tradução de *Os Sertões* de Samuel Putnam *Rebellion in the Backlands* (1944) e de Elizabeth Lowe *Backlands: The Canudos Campaign* (2010). A partir da observação de dois títulos diversos para a tradução de uma mesma obra, reiteramos que é possível vislumbrar o desafio de traduzir o livro, que já inicia-se logo em seu título. De fato, como traduzir o significado simbólico para outra língua desse “todo natural-cultural onipresente: o sertão” (BOSI, 2003, p. 431)? Essa indefinição instiga à investigação do caráter específico acerca da tradução desta palavra e uma reflexão sobre o próprio traduzir. No âmbito de uma obra inovadora como a de Euclides, como traduzir o sertão se

> em literatura, a múltipla visão latino-americana opera-se na fragmentação da narrativa, na linguagem, na descontinuidade temporal, na indefinição espacial, na ambiguidade dos personagens, nos constantes questionamentos e na criação de realidades e verdades prismáticas (DRUMOND, 2006, p. 175) ?

Além do destaque sobre a múltipla visão latino-americana, é possível perceber que todos os traços acima mencionados contemplam a obra estudada. Pela característica apontada da sua "indefinição espacial", é preciso perceber que o "sertão" vai além da formação geográfica na poética de Cunha. A partir disso, discorreremos sobre como esse escritor vale-se de inúmeras indicações dentro de sua própria obra para demonstrar o que podemos entender como sertão. Partindo da explicação do próprio autor sobre as possibilidades do que pode "ser sertão", pretendemos inventariar nas obras de seus tradutores quais seriam os processos de tradução que permitem a sua recriação para outras línguas. Ao colocar em evidência a necessidade de traduzir o sertão, a tese, que se alinha aos estudos da tradução, expõe a sua relevância ao tratar de obras como a pesquisada, que se apresenta como um desafio pela sua especificidade semântica, literária e cultural, mostrando por que a tradução é também criação e crítica. A experiência de traduzir o sertão se abre e gera muitas possibilidades. Para o próprio autor do livro, traduzir o sertão e os sertanejos é um processo e uma experiência de traduzir o outro. Não passa despercebido ao olhar crítico o fato de que, ao construir a ponte de São José de Rio Pardo enquanto escrevia *Os Sertões*, efetua a construção de duas pontes: uma concreta e a outra metafórica. No segundo caso, a tradução como ponte necessária[3] construída por Euclides, do litoral rumo ao sertão, do "civilizado" rumo ao sertanejo, e uma série de outras ligações, é uma das maiores tarefas do tradutor de sua obra: reconstruir-lhe a ponte. Acompanharemos a busca dos tradutores Putnam e Lowe para alcançar os tons e sentidos que brotam dos sertões e de seus habitantes em cada opção de tradução oferecida à palavra "sertão". Considerando a já explicitada linguagem utilizada pelo autor em seu livro, certamente muitos dos questionamentos levantados pelos tradutores em sua tarefa coincidiram com as dúvidas dos próprios falantes de língua portuguesa frente à linguagem enciclopédica de Euclides da Cunha. No entanto, procuraremos demonstrar que as dificuldades para traduzir, para além da linguagem científica e literária, provêm ainda da importância cultural

[3] Termo extraído do título do livro *Tradução, a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir* de José Paulo Paes publicado pela Editora Ática em 1990.

atribuída ao sertão e seus elementos constitutivos. Avançadas as discussões propostas, também atentaremos para a questão da representação do Brasil em outras línguas, culturas, países.

A partir de nossa pesquisa por informações sobre o assunto, essa tese ocupará um pequeno lugar em uma lacuna a ser preenchida, pois os estudos relacionados às traduções de *Os Sertões* ora tratam do tema analisando título da obra somente, ora fazem estudos comparados de trechos aleatórios, sem trazer a sua totalidade à tona de alguma forma. Tencionamos preenchê-la em alguma medida com o exame das versões de tradução de *Os Sertões* de Samuel Putnam e de Elizabeth Lowe em busca de comparar suas soluções para traduzir a palavra *sertão* "porque cotejar um texto com suas várias traduções, em uma ou mais línguas, tem sido uma prática que ganha cada vez mais frequência" (DEPAULA, 2011, p.112). Comparar mais de uma tradução auxilia na observação de outras questões envolvidas, como quem traduz e para que traduz. Traduzir os sertões e a questão social envolvida neles são de fundamental importância na representação e difusão do Brasil em outras línguas e culturas. Sendo assim, a visada crítica da problemática surgida ao traduzir o sertão é a importância mesma desta tese. A investigação sobre a disseminação dos sentidos de sertão pelo mundo apresenta-se como um desafio e uma tarefa.

No primeiro capítulo, buscamos situar a produção de Euclides em seu conturbado panorama histórico-sociológico, momento de transição do país para a república. A virada do século se mostra como um momento desafiador para o pensamento social brasileiro, que lida com diversas correntes de pensamento advindas da Europa para explicar o contexto de formação da nossa sociedade no passado e para delinear os anseios para o novo século. Para resgatar tanto o panorama quanto o ambiente cultural desse período, a fim de compreender as prováveis intenções de sua obra, buscamos também analisar a visão do escritor sob a perspectiva de seus contemporâneos. Para isso, efetuaremos uma revisão crítica a partir da reunião de artigos da época que conta com as contribuições produzidas em um intervalo de tempo de quatro anos, de 1902 a 1906, tendo como ponto inicial o ano da publicação da obra de Cunha. Assim, acompanhar a produção prolífica de análises críticas sobre essa obra de Euclides da Cunha é uma parte importante de nosso trabalho. Essa pesquisa é feita em busca de um fio dialógico entre os críticos,

aproximações e divergências em seus pensamentos. Ao identificar as impressões comuns aos críticos de primeira hora, acreditamos que o panorama histórico-sociológico pode ser reconstituído, principalmente tendo como foco a mentalidade intelectual da época. Nessa parte do texto ainda, procuraremos analisar os diferentes impactos provocados na crítica literária pelo escritor com suas inovações na escrita. Esse capítulo servirá para demonstrar a importância de Cunha para a literatura e pensamento social brasileiro e já em si uma análise sobre os sertões em Euclides da Cunha.

No segundo capítulo, promoveremos discussões especificamente sobre o vocábulo "sertão" e seus possíveis significados. Iremos refletir sobre uma nova produção prolífica de análises críticas acerca da obra *Os Sertões* para a identificação de suas particularidades a partir de novos olhares. Sobre o "sertão", focaremos em sua utilização ao longo da produção literária no Brasil e os sentidos atribuídos a ele com o passar do tempo. Em seguida, passaremos pela investigação acerca de sua origem etimológica. Após isso, é necessário comparar os usos da palavra "sertão", suas circunstâncias e analisá-los, atentando para a sua capacidade elástica de abarcar múltiplos sentidos, especialmente no âmbito da linguagem de Cunha. Quais efeitos são causados pela palavra sertão na investigação das tendências da narrativa de Euclides? Ao mapeá-los, buscaremos identificar seus mecanismos para extenuar as fronteiras do sentido da própria palavra, e com isso embaçar as fronteiras entre tempos históricos, espaço e personagem, e outros, incertos no sertão.

Em uma discussão que ata limites de pensamento e linguagem a questões relacionadas aos signos, às línguas e às culturas, vamos refletir no terceiro capítulo sobre a complexa atividade da tradução. A tarefa necessária e difícil de traduzir os sertões, que desafia os limites da linguagem, será abordada tendo em vista a multiplicidade de línguas e culturas imiscuídas em uma mesma língua, como descreve Derrida em *Tradução Manifesta : Double Bind e Acontecimento* (2005). Deflagrar as diversas línguas presentes em uma mesma língua, abalando a oposição tradicional língua originalXlíngua de tradução, pode contribuir no que concerne ao nosso objeto de estudo: a questão da tradução dos sertões em Euclides da Cunha. É preciso levar em consideração para a tradução singular da

palavra sertão que ela comporta vários significados, desde o mais literal, que coloca em evidência seu caráter geográfico, a significados mais abrangentes nos quais ela representa um contexto, uma circunstância, uma coletividade, uma forma de resistência à civilização. O desafio de lidar com uma multiplicidade de línguas dentro de uma mesma língua acrescida da nova gama de significados possíveis para o sertão, especialmente aquela propiciada pela obra prima de Euclides, demanda para cada nova tradução um olhar diferenciado. Esse olhar especial coloca no centro do debate o papel do tradutor na travessia do signo sertão para a sua própria cultura. Aqui contamos com imprescindíveis contribuições de Berthold Zilly, tradutor de *Os Sertões* para o alemão, *Krieg im Sertão* (1994), sobre essa tarefa.

O aspecto criativo da tarefa de traduzir é amplificado ao lidar com textos literários por causa da complexidade de sua compreensão dentro da cultura na qual eles funcionam. À luz dessas discussões, com especial destaque para Haroldo de Campos e a sua noção de transposição criativa, vamos refletir como as suas proposições e as de Derrida destacam a originalidade e a criação envolvidas na tarefa de traduzir, condição essencial para transcriar o sertão: esse todo natural-cultural onipresente na cultura brasileira. Essa escolha teórica é adequada para nortear algumas diretrizes no que se refere a análise dos projetos de tradução de *Os Sertões* para a língua inglesa de Samuel Putnam *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* de Elizabeth Lowe (2010). Essas diretrizes levam em conta a problematização de questões como originalidade e pureza na identidade de uma língua/cultura e a importância do contexto nas traduções.

O termo sertão e suas modificações de significados registram fases transitórias das mudanças sociais no país. Como uma possibilidade discutida ao longo da tese, o sertão representava um limite geográfico imaginário no sistema ideológico dos conquistadores das Américas e da África, oposto ao litoral e nunca visitado por aqueles que lhe atribuíam significados. Na época da transição para a República, o sertão, em uma nova mudança de significados, passa a ser visto na cultura brasileira como antônimo de civilização e progresso, e, sinônimo de mestiçagem, ainda em posição antagônica ao litoral. Por isso, na tradução do signo “sertão” é necessário destacar como ele está atrelado ao imaginário e ao universo cultural brasileiro e expor os choques de culturas nele contidos. Essa ideia de choque entre culturas,

traz para as discussões novamente Derrida, dessa vez através de *Torres de Babel* (2002). Reconstruir esses caminhos é fundamental para entender como o Brasil, sua língua e sua cultura, influenciados por outras línguas e culturas, são compostos por uma contribuição de diferenças e resultados de contingências históricas e de poder. Só assim é possível compreender o significado da palavra sertão, e, a amarga denúncia de *Os Sertões*, atingindo a compreensão da cultura na qual funcionam. O livro, concebido como obra da literatura mundial, dirige a sua lição a todas as nações civilizadas. Se essa crítica pode ser direcionada a todas as nações "civilizadas", é necessário que essa crítica seja transportada para outras línguas para que outros povos e culturas tornem-se cientes dela. Como característica íntrinseca da obra, como pretendia Euclides, é um fator que adiciona mais desafio na tarefa da tradução de sua obra, como notou Berthold Zilly.

A tradução é um acontecimento que está dentro do jogo de significados entre línguas, para Paulo Ottoni em *Tradução Manifesta* (2005), nesse jogo, como traduzir os aspectos da obra *Os Sertões* que a fazem tão importantes para nossa cultura e capazes de projetá-la no cenário mundial? Para Samuel Putnam, um dos tradutores estudado em nossa tese, é por meio dessa obra que o Brasil entra na arena da literatura mundial. Levantando debates sobre a transição da monarquia para república, a formação racial do povo brasileiro, a elaboração de um nacionalismo verdadeiramente brasileiro, a premente necessidade de "unificação" do Brasil (decorrente da reflexão sobre a existência dos dois Brasis) se o autor era determinado pela sua relação com sua época, como isso influencia a maneira como o livro adentra a literatura mundial? Qual tipo de atualização pode o olhar de Putnam, e, posteriormente, o olhar de Lowe, lançar sobre essa obra ao projetá-la em seu sistema literário e cultural? Como uma obra-prima de nossa mentalidade nacional pode auxiliar a refletir sobre questões universais?

Compreendendo cada tradução desse livro como um processo também afetado pelas suas próprias contingências, funcionando dentro de um determinado sistema literário e cultural, algumas perguntas devem ser feitas também nesse âmbito. Qual a relevância cultural da tradução de *Os Sertões* para outras línguas e culturas? Quais as motivações culturais? Quem traduz? Quais recursos e métodos utiliza para traduzir? Quem vai nos ajudar nessa tarefa são John Robert Schmitz em *Tradução e*

Retradução de Os Sertões de Euclides da Cunha: Análise de duas traduções em inglês (2015) e John Milton em *A tradução de Samuel Putnam de Os Sertões-Rebellion in the Backlands, de Euclides da Cunha* (1997).

Os elementos que envolvem as obras traduzidas também serão levados em consideração, pois afetam consideravelmente a recepção do leitor. Em seguida, será feito o cotejo de *Os Sertões*, e suas traduções *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), uma cartografia nessas diferentes escrituras do romance. A partir desse cotejo, buscaremos a reflexão acerca dos procedimentos de tradução do "sertão" e os efeitos de sentido possíveis para recriação desse termo em outra língua. Feito isso, poderemos identificar nas traduções de *Os sertões* os procedimentos de tradução mais utilizados e perceber as regularidades e semelhanças encontradas no uso de tais procedimentos tradutórios.

Na conclusão, teceremos reflexões sobre as representações culturais dos povos por meio de sua literatura e de suas traduções e as pontes que podem ser construídas. Essas reflexões serão feitas tendo em vista apontar a contribuição da tradução de livros como *Os sertões* para os estudos acerca da cultura nacional, da tradução e da difusão literária de obras brasileiras.

1. Panorama histórico-sociológico: A República e as críticas de Euclides da Cunha.

Estamos condenados à civilização (CUNHA, 2001, p. 155).

Ao final do século XIX, grande parte do território mundial ainda era composto por colônias ou semicolônias da Europa ou dos Estados Unidos. Mesmo países de população predominantemente branca, como Canadá e Austrália, ainda não eram estados independentes. Nesse ínterim, parte dos cientistas, filósofos, teólogos e escritores discursavam sobre a naturalização da dominação de povos considerados menos civilizados. Para Nísia Trindade de Lima, em *A sociologia desconcertante de Os Sertões* (2002), essa questão entre civilizados (metrópoles) e não civilizados (colônias) traz de volta à tona o próprio conceito de civilização. Como discorre em sua crítica, tal conceito foi desenvolvido desde o século XVIII na França. Inicialmente, relacionava-se com o processo de desenvolvimento dos povos. No entanto, com a ascensão da burguesia, a ideia de civilização passa a expressar um estágio alcançado naqueles países ditos modernos, a quem caberia a partir de então difundi-la como ideal de uma autoimagem nacional para os países não civilizados.

> Tal conceito de inspiração reformista e que acentuava a ideia de processo foi substituído pela noção de que estaria concluído na sociedade francesa e, progressivamente, em outras sociedades europeias.Tratava-se agora de tornar civilizados os povos bárbaros (LIMA, 2002, p.82).

Contudo, já na segunda metade do mesmo século, na Alemanha, o filósofo alemão Immanuel Kant apresenta um novo olhar sobre a questão, propondo que o indicador de civilização seria a conduta moral, relacionada à cultura que permitisse tais condutas. Ao explicitar a relação entre cultura e civilização, Kant expõe a ideia de uma parte da intelectualidade sobre projeto do Esclarecimento ou Iluminismo que nascia na Europa Ocidental. Muitos intelectuais associavam a noção de civilidade às aparências e costumes de determinados povos e\ou determinada parcela da população. A partir disso, é possível perceber como a condição de civilidade e de civilização são brutalmente negadas aos povos não europeus ocidentais, considerados não civilizados, marcados paradoxalmente pela colonização de suas culturas nacionais em formação.

É importante distinguir cultura de civilização. Se como cultura podemos entender modos de vida e costumes de um povo, e, como civilização, um processo de evolução de um povo, é possível perceber a perniciosa intenção das nações europeias em aproximar ambos e disseminar esse último como um estágio alcançado apenas pelos países da Europa. Os dois conceitos assim formulados e entrelaçados pelos europeus trazem em si a intenção colonizadora. Dessa maneira, buscam se colocar como parâmetro a ser atingido pelas populações em situação de colonização. É preciso observar o paradoxo de supostamente se impor a civilização mediante escravização, exploração e genocídios nas colônias. No lugar do "eu penso, logo existo", impõe-se o "eu conquisto, logo existo". Essa imposição é justamente o que marca paradoxalmente a formação cultural dos povos americanos. Sobre a formação de uma cultura nacional, Lima destaca que

> para os alemães, o eixo da nacionalidade residia na singularidade e suposta autenticidade de sua experiência nacional, que emergia nos círculos externos à aristocracia (LIMA, 2002, p.82).

A partir disso, é possível destacar as experiências nacionais engendradas fora do círculo da aristocracia como singulares e "autênticas". Essa dita "experiência autêntica e singular" das populações consideradas "menos civilizadas" construía o panorama da imagem da nacionalidade brasileira. Para os europeus, cujas nações supostamente já haviam alcançado a condição de civilizadas, o projeto de civilização para outras nações era estruturado de forma que

> a noção de processo se funda na idéia de progresso, fundamental para a construção de uma visão do passado que recusa a autoridade da tradição e junto com ela todos os valores que estejam em desacordo com a maneira moderna de se conduzir no mundo. A essa concepção de história progressiva e uniformizadora se contrapõem outras noções que recuperam a positividade do tempo passado através da descrição das tradições e experiências singulares de grupos sociais (BÔAS, 1998, p.150).

Essa visão do passado como algo relacionado ao atraso, desconsiderando as tradições de um povo, é aquela que vai escrever a história da humanidade válida e "oficial". Exaltando a noção de progresso e incentivando-o como um processo necessário para a evolução das sociedades, condena a produção de saberes que

não compartilha dessa visão. Pelo fato das tradições e experiências dos grupos sociais fora da aristocracia serem considerados fora do eixo civilizatório, no século XIX, o fomento dos argumentos sociológicos sobre a nação brasileira esteve diretamente ligado ao reconhecimento de seu atraso. Era premente para os brasileiros a necessidade de buscar reconhecer a autenticidade em sua própria experiência nacional. Nesse contexto, é possível observar que, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, mesmo a intelectualidade patriota e defensora da independência de seus países, fazia suas observações pautada no pressuposto do atraso de suas nações, disseminado pelos ideais conquistadores da Europa.

> A mentalidade dessa intelectualidade que procurava contraditoriamente uma solução para os problemas nacionais estava limitada no seu campo de conhecimento pela faixa de preconceitos e interesses que o racismo representava como ideologia. As metrópoles conseguiam, assim, de qualquer maneira atirar sobre as colônias e países subdesenvolvidos o estigma da inferioridade congênita, inapelável (MOURA, 1964, p.14).

A princípio, influenciado por esse tipo de pensamento social, que pregava a civilização como evolução, para Euclides da Cunha, a história da humanidade seguia as leis da história natural, na qual a concorrência entre as raças determina o curso e o desfecho. Berthold Zilly evidencia em seu artigo *Um patriota na era do imperialismo: o brilho cambiante de Os Sertões* (2005) que os intelectuais da época afirmavam necessitar “portanto civilizar-se, europeizar-se para “merecer” de verdade a independência” (ZILLY, 2005, p.28). Nesse caminho rumo ao progresso que tencionava a europeização do pensamento social brasileiro, o curso e o desfecho da história da nação seria alcançar o patamar da civilização. Para além disso, também era comum o “colonialismo interno” exercido em nome da missão civilizatória, centro do pensamento da época. Esse tipo de colonialismo distinguia as populações entre mais modernas ou mais atrasadas dentro de um mesmo país, e, no caso dessas últimas, eram consideradas como colônias dos grandes centros urbanos intelectuais, políticos e administrativos.

Esse pensamento dual – civilizado\ não civilizado, dentre outros construídos historicamente, tem forte influência no pensamento social brasileiro, principalmente na contraposição litoral/sertão. Consideraremos como pensamento social brasileiro o conjunto de tradições e projetos intelectuais, culturais, sociais e políticos brasileiros.

Ao passo que os povos ditos civilizados eram considerados símbolo de modernidade, os povos identificados como não civilizados eram lembrados como sinônimo de atraso, desafiando, no campo intelectual, a concepção de um pensamento para uma produção de saberes que contemplasse em suas pesquisas civilizados e “não civilizados”. Podemos ver como era imprescindível ampliar o campo do conhecimento que limitava a mentalidade dos intelectuais, especialmente aqueles que procuravam solucionar os problemas nacionais. Era necessário que o Brasil não fosse visto apenas como objeto de pesquisa, mas também como produtor de conhecimento. Sobre os problemas nacionais a serem solucionados no contexto específico que focamos, é preciso dizer que

> a República não tinha ainda uma correspondência de necessidade social madura.Trazia dentro de si um conglomerado mal digerido de inquietações sociais, de descontentamentos, que iam desde aos dos escravos e forros, que estavam revoltados na sua justa aspiração de liberdade e melhoria de situação, até os murmúrios dos traficantes de escravos, que nada mais viam no trono senão um aparelho centralizador, que impedia o desenvolvimento dos seus negócios de acordo com seus desejos (MOURA, 1964, p. 59).

Assim, em uma sociedade ainda colonialista recém-egressa de quase quatrocentos anos de escravidão, muitos eram os desafios enfrentados pelos intelectuais brasileiros que se faziam intérpretes da brasilidade e se colocavam a discutir a construção de uma nova ordem política em um país marcado por inúmeros problemas sociais e pela fragmentação dos territórios geográficos e identitários. A construção de um novo ordenamento político em uma sociedade ainda fragmentada é a tônica central da crítica “*O Brasil do século XIX*” de Euclides da Cunha, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 1900. A sua originalidade, em vários aspectos, antecipa a argumentação de que a criação do Brasil República antecedeu a organização social da nação brasileira, “o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política” (CUNHA, 1966, p. 341). Em seu primeiro artigo para o jornal , não surpreende o elogio à parcela da elite política imperial. A preocupação das diversas fases do império com a integração nacional também é positivamente avaliada pelo autor, que considera a monarquia representativa do “equilíbrio perfeito entre aspirações populares e tradições dinásticas” (CUNHA, 1966, p. 338) apesar de acreditar que a proclamação da república ocorrera no momento oportuno, conforme a “evolução” natural do processo político. Assim, na

mesma linha de outros pensadores da época, ele reflete acerca do modo de organizar o novo Estado e a política da sociedade. Embora a forma de governo tenha sido modificada, sabemos que efetivamente “o poder político no Brasil rural continuou nas mãos de um pequeno número de famílias, baseado justamente na propriedade da terra” (LEVINE, 1995, p.178). Mesmo assim, podemos afirmar que a construção da política e da nação do Brasil em sua transição para a república fazia parte do campo de reflexões de Cunha. Mas, para além da criação de um sentimento coletivo em torno de uma nacionalidade,

> diferentemente de países europeus, o sentido da produção intelectual no Brasil não parece ter sido exclusiva e estritamente a promoção da solidariedade de indivíduos estranhos entre si, mas cujos direitos de cidadania já estavam regulados pelo Estado, servindo o mito de origem apenas para lhes dar o sentimento comum de pertencimento a uma comunidade em uma sociedade de mercado. Não se tratava apenas de construir um Estado-nação voltado para a ordenação dos direitos legais, abstratos e universais. A questão da modernidade se impunha à intelectualidade brasileira não apenas na sua dimensão política, como também na sua dimensão social nas figuras da ciência, da indústria e das comunicações, da técnica (BÔAS, 1998, p.152-153).

Se por um lado os direitos e deveres dos cidadãos da nação já haviam sido regulados pelo estado vigente, por outro lado a modernizadora ideia de progresso das culturas para atingir a civilização era imposta na produção intelectual brasileira. Sobre o desenvolvimento de uma nacionalidade da sociedade que se formava, observamos que apesar de Euclides constantemente citar o atraso do Brasil em relação às metrópoles europeias no já mencionado primeiro artigo, o autor exalta a “autenticidade” da experiência brasileira. Dessa maneira, ele afastava-se da exaltação de uma (conveniente) nacionalidade como sentimento comum para focar o conglomerado de inquietações sociais do país. Nesse mesmo artigo, ele introduz as dualidade do Brasil do litoral e do Brasil dos sertões, atribuindo a essa dualidade a causa de outros conflitos regionais durante o império, como a cabanagem, a revolta popular ocorrida entre 1835 e 1840 no antigo estado do Grão-Pará. A fim de explicar as pungentes diferenças entre o litoral e o sertão, aponta especialmente para o isolamento dos habitantes dos interiores e a sua distância das elites políticas nacionais. Infiltrando dúvidas na “visão civilizatória”, Cunha afirmaria nos seus escritos: “o raio civilizador refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos. O maciço de continente compacto e vasto talhava uma fisionomia dupla à

nacionalidade nascente" (CUNHA, 1966, p.351). A particularidade do caso brasileiro, neste sentido, está relacionada ao fato de que aqui essa fisionomia dupla da nacionalidade brasileira não se dá entre duas formas de organização subsequentes, mas entre populações de um mesmo país que conviveram concomitantemente durante vários anos, separadas pelo caráter geográfico (além de outras separações). É justamente a respeito dessa separação e do contraste entre populações de uma mesma nação por ela causado que Euclides da Cunha trata em sua expressão dramática de *Os Sertões*.

No Brasil cuja forma de governo transitava para uma república, a emergência dos intelectuais dava-se no propósito do nascimento de uma esfera pública e da imprensa livre. Na insigne frase "*estamos condenados à civilização*" (CUNHA, 2001, p. 155), longe de ser contraditório, Euclides da Cunha deixa claro que a civilização, considerada sinônimo de avanço, é também uma condenação, algo imposto e inelutável. Em uma nova república, ele demonstra que para a construção de uma perspectiva intelectual condizente com a realidade brasileira muitas modificações são necessárias. Além da capacidade de exercer uma crítica das correntes de pensamento da sua época (que impunham a "civilização") aponta para uma nacionalidade que se forma em um sentimento de valorização da autodeterminação de um povo. Seria possível que esse fosse um dos caminhos a ser trilhado em busca da já citada regeneração nacional? Aprofundemos a discussão com foco nos posicionamentos e nas ações de Euclides.

Cunha, exercendo uma crítica sobre sua época e sobre si, mostra que *Os Sertões* é concebido para ser um livro de literatura universal. Dentre suas visões inovadoras, há um questionamento no que se refere ao conceito de civilização que atinge diretamente os povos não europeus

> O autor compartilha e se distancia ao mesmo tempo desse tipo de ciência que desvaloriza a maior parte da população do Brasil, da América Latina, da África e da Ásia, e que serve, propositalmente ou não, a interesses hegemônicos da Europa e dos Estados Unidos (ZILLY , 2005, p. 35-36).

Além do já estabelecido estágio de civilização que deveria ser alcançado ainda pelos não civilizados, um outro critério de desvalorização era o argumento racial. Por isso,

na obra de Euclides da Cunha, além do questionamento dessa lógica do progresso civilizacional, merece igualmente importância a valorização da mestiçagem como contraponto à ideologia de branqueamento na literatura em um país recém-egresso de quase quatrocentos anos de escravidão. Apesar de ainda amparado nas mesmas bases do racismo científico, a Cunha louva o poder de adaptação dos mestiços que, vivendo em um semideserto, conseguem criar gados, produzir artesanato, negociar em feiras e viver melhor do que sujeitos à exploração nas fazendas da região. Ao descrever o triunfo da população não civilizada (e em grande parte negra) sobre o meio e as condições adversas em que vive (suplantando as leis da história natural), o autor classifica o sertanejo como uma possível base étnica da nação brasileira, contrariando a ciência da época, que considerava a mestiçagem "um estorvo para o progresso civilizatório" (ZILLY, 2005, p.42):

> Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não a atingiu de repente [...] nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior (CUNHA, 2001, p. 203-204).

Esse desenvolvimento moral do sertanejo, tendo em vista a ideia de que "cultura" estaria relacionada à "civilização" que permitisse as "condutas morais", como descrito anteriorrmente, subverte todas essas noções descritas. Em *Os Sertões,* é concedido ao sertanejo espaço de ação humana, embora na corrida e concorrência mundial seus constrangimentos sejam gigantescos. Nesse contexto, é considerado pelo autor como base do desenvolvimento moral vindouro da nação. A inestimável perspectiva central da obra está justamente em apresentar uma espécie de flagrante da participação do sertanejo na história das raças. Cabe lembrar que era a concorrência entre as raças que determinava o curso e desfecho da história da humanidade, de acordo com a teorias em voga naquela época. Sob essa perspectiva, ao exaltar o mestiço como herói nacional, mesmo que apenas no âmbito de sua obra literária, Cunha nos apresenta uma importante mensagem sobre a mestiçagem como símbolo de orgulho nacional "pois resolve, desmentindo o seu próprio cientificismo e nele recaindo de vez em quando, contemplar o sertanejo" (ZILLY, 2005, p. 33 e 34). Nesse sentido, a obra constitui um movimento que

“reinterpretou a mestiçagem como processo necessário e propício para a constituição do Brasil como nação” (ZILLY, 2005, p.44). Essa reinterpretação, em alguma medida, busca a regeneração nacional, que será mais tarde debatida também levando em consideração o viés racial da discussão sobre a nacionalidade brasileira.

Dessa forma, é possível perceber que mesmo com certo tributo ao cientificismo e ao determinismo desse período, a obra euclidiana contribui para a superação dos determinismos sociais, raciais e geográficos. As categorias “sertão” e “litoral” são colocadas como referências simbólicas, ou seja, mesmo o autor tentando localizá-las geograficamente, estas sofrem uma série de deslocamentos, inversões quanto aos comportamentos esperados do litoral (moderno, civilizado) e do sertão (tradicional, bárbaro). Para o escritor, ao invés do Estado oferecer aos sertanejos o direito à educação, uma máxima da civilização, envia apenas as forças armadas que argumentavam em sua conduta autorizando a solução do conflito pela violência. Os violadores que chegam ao sertão enviados pelo governo são os emissários do progresso e da ciência moderna ainda que reincidindo traços bárbaros. Por isso,

> Euclides satiriza os discursos grandiloquentes, hipócritas e desumanos dos seus colegas da imprensa do exército brasileiro que legitimam o colonialismo interno e o massacre contra os vencidos com a suposta missão de salvar a República e assegurar o triunfo da Civilização e da Modernidade sobre a barbárie e o atraso dos sertanejos (ZILLY, 2005, p. 36).

A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha é considerada precursora de uma abordagem ao identificar e denunciar as contradições e polaridades no pensamento social brasileiro a partir de suas reflexões sobre o sertão, temática evidenciada por mais autores ao longo do século XX. Privilegiá-la é mister sobretudo para compreensão de autores que abordarão as problemáticas do sertão posteriormente como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros.

Dessa maneira, podemos afirmar que são marcas dos escritos euclidianos a estratégia de identificação das polaridades e das contradições no pensamento social brasileiro e o apontamento dos caminhos possíveis para a nova república, a

exemplo do seu artigo "*Da independência à República*"[4]. Discorrendo sobre a construção de uma nova ordem política e social, o autor apresenta a ideia de que o período entre a independência e a proclamação da república pode ser melhor compreendido quando considerada a contradição de um país escravista, que, para se desenvolver, precisa superar o localismo e a fragmentação gerados por este sistema. A superação do localismo e da fragmentação social, consequências diretas da escravidão em nosso país, é, necessariamente, uma questão relacionada à construção de uma nova ordem política e de uma ideia de nação. Sem ter mente essa superação é impossível perceber as insatisfações populares que geram manifestações coletivas como a descrita em 1902 por Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

A região de Canudos, palco de uma grande manifestação coletiva de insatisfação, abrigava uma grande quantidade de sertanejos, advindos de terras secas e improdutivas, sob a liderança de Antônio Conselheiro, unidos por uma crença na salvação de suas condições de miséria e fome. Essa reunião de um povo miserável era acompanhada por rumores que afirmavam como pretensão desses sertanejos a instauração de uma revolução que almejava derrubar a república e restaurar a monarquia, algo efetivamente sem lastro na realidade, aliás,

> custa crer que se levasse a sério que o arraial miserável de Conselheiro, situado um pouco pra lá do fim do mundo, representasse tal ameaça à pátria. E, no entanto, pelo que se lia nas páginas arrebatadas dos jornais, frementes de patriotismo, levava-se sim (TOLEDO, 2002, p.94).

A suposta ameaça que representava à ordem vigente da república brasileira, contudo, não seria ignorada pois aquelas pessoas pretendiam assumir as rédeas de seus próprios problemas econômicos e sociais, e, sem ao menos pedir permissão aos latifundiários e ao Estado, apresentavam uma alternativa ao "coronelismo" da época. Ou seja, de fato, os canudenses foram perseguidos por não se adaptarem à ordem coronelística local. Afinal, nem Igreja, nem Estado e nem os grandes donos de terra nunca haviam se disposto a resolver os problemas daquela região, mas sim trabalhavam na contramão de uma solução. Sem ao menos confirmar a veracidade dos rumores, os latifundiários e a Igreja, em parceria com a recente república

4 Publicado originalmente em 1900, n'*O Estado de S. Paulo*, sob o título *"O Brasil do século XIX"*

brasileira iniciaram uma grande frente de repressão que culminou na extinção completa do povoado. É grandiloquente a descrição de Euclides ao reconhecer a valentia daqueles sertanejos que jamais se renderam e precisaram ser até o último homem, mulher e criança mortos, ao mesmo tempo em que apresenta o governo, o exército e a igreja como omissos e criminosos,

> afinal, todas essas instâncias haviam entregue, durante séculos, o povo do sertão ao abandono, nada fazendo para diminuir a sua miséria e opressão. E a República, com seu lema de origem positivista Ordem e Progresso, só se lembrou do sertão quando lá se formou uma comunidade fora do seu alcance, embora de caráter defensivo e pacífico, tendo-se retirado justamente para evitar conflitos com as forças repressivas do Estado (ZILLY, 2005, p.30, 31).

É importante asseverar que Euclides não estava isento da influência dos discursos de sua época. Republicano e cientificista, contudo, apresentava em sua narrativa mudanças ideológicas visíveis. O contraste entre litoral e sertão, ou a tensão entre civilização e barbárie, estão presentes em sua mais aclamada obra literária. Se em alguns momentos sua escrita tende ao cientificismo, em outros adota traços subjetivos e espontâneos. Assim, a narrativa euclidiana em *Os Sertões*, cada vez mais era solidária com os males que abatiam o povo sertanejo e suas terras. Nesse sentido, Cunha não apenas desmistificava as fantasias científicas sobre o povo sertanejo como um povo primitivo, mas também desqualificava os discursos da imprensa e dos militares que justificavam o triunfo da república sobre a comunidade do “atrasado” sertão em nome da “civilização”. A obra não representava apenas uma crítica ao discurso belicista, mas era também, como já destacado, uma autocrítica, uma vez que o próprio autor, em um primeiro momento defendia métodos europeus de “desenvolvimento”, justificando a intervenção bélica pelo benefício da “civilidade”. A narrativa das expedições armadas enviadas a Canudos, por meio de ambiguidades, polissemias e mudanças no ponto de vista, exprime esse conflito ideológico entre o interesse de governo do Estado e uma comunidade que se une para enfrentar a miséria. As contradições multifacetadas ao longo do livro de Cunha tornam-se, desse modo, um ponto importante de análise da escrita euclidiana, pois, como ele mesmo expressaria; “eu sistematizo as dúvidas” (CUNHA, 2001, p. 25).

Anterior à data da publicação de *Os Sertões*, já em 1897, ao fim do conflito pela matança de todo o povoado, a guerra de Canudos ocupava grande espaço na imprensa nacional. Por esse motivo, o conflito foi considerado como um extenso "fenômeno de imprensa. Os principais jornais do Rio, São Paulo e Salvador enviaram correspondentes à guerra, especialmente depois do trauma da derrota da expedição Moreira César" (TOLEDO, 2002, p.115).

Não existiam, na época, muitas opiniões no âmbito mundial favoráveis à comunidade atacada. Ainda que o massacre contra uma humilde comunidade de lavradores e vaqueiros possuísse traços primitivos e violentos como todas as guerras, o ocorrido era considerado um investimento moderno. A popularização do telégrafo possibilitava, já naquele tempo, a difusão das notícias e dos jornais em uma escala global. No entanto, não havia uma opinião pública que comentasse acerca dos eventos ali ocorridos.

> O silêncio de Euclides sobre as atrocidades da guerra foi acompanhado por quase toda a imprensa. Os materiais enviados pelos correspondentes, sobretudo telégrafo, eram submetidos à censura militar. Mas outros jornalistas, como Manoel Benício, do Jornal do Comércio, e Fávila Nunes, da Gazeta de Notícias, chegaram a mencionar atos de violência das tropas. A crueldade da campanha só foi revelada, com veemência, após o término do conflito, pelo estudante de medicina Lélis Piedade, no Jornal de Notícias, da Bahia, e pelo monarquista Afonso Arinos, no Comércio de São Paulo (VENTURA, 1998, p.83).

Essa afirmação é corroborada por outro crítico que explicita: "Todo material enviado era censurado previamente. Foi por isso que muita coisa sobre a guerra não foi publicada em jornal algum" (SOUZA, 2002, p.91). A narrativa de retomada de um território ocupado por rebeldes já havia sido construída muito antes do desenrolar dos fatos, amparada por paradigmas teóricos e interpretativos de comportamentos desviantes, comportamentos atribuídos à população de Canudos. Há muito tempo, a Europa já havia preparado fortes aparatos científicos que qualificavam a opressão dos povos considerados atrasados e bárbaros, como as comunidades rurais, religiosas e principalmente mestiças. Esses traços desviantes eram atribuídos a uma sociedade considerada incompatível com a civilização e com a modernização por uma ciência (e uma imprensa) que era a extensão das guerras e das conquistas ao campo intelectual.

Sem demora, a versão da história, criada pelo governo e pelas forças armadas brasileiras, captava simpatizantes e recursos necessários para a concretização da barbárie na então comunidade de Canudos, no interior da Bahia. Nesse sentido, Cunha ilustra os âmbitos do conflito em uma dimensão internacional, representando uma realidade tipicamente nordestina, atacada com ideais civilizatórios oriundos da Europa, com esses ideais adaptados pela elite brasileira,

> ele adivinha também que a suposta barbárie do sertanejo não é simplesmente a antítese da civilização importada da Europa, mas efeito do mau uso que dela fazem as elites brasileiras (ZILLY, 2005, p. 31).

A república brasileira, as forças armadas e a imprensa, em um combate contra um projeto alternativo de sociedade, produziram uma chacina de mais de vinte mil homens, mulheres e crianças em nossa história como nação. No momento em que Euclides critica esse extermínio, ele passa, não sem hesitação, a introduzir (sistematicamente) dúvidas e dubiedades em sua narrativa. Não fosse *Os Sertões,* o povo canudense e a chacina contra eles cometida não alcançaria a opinião pública, o que os fadaria ao esquecimento. A morte do sertanejo, várias vezes objetificado ao longo da história, na obra euclidiana, é de forma poética a morte representativa de uma nova nacionalidade brasileira. A luta e o sofrimento do povo canudense são reais e estão em todos os registros da guerra, no entanto, apenas o caráter messiânico em tom de ironia decrescente da obra euclidiana revive o sertanejo como mito, o cerne da nacionalidade brasileira. Ainda sim, durante muitos anos, mesmo após sua devastação, Canudos continuou sendo um lugar fora a realidade dos brasileiros, quase estrangeiro dentro do Brasil.

Assim, a análise do artigo "*Da independência à República*", escrito no mesmo período de *Os Sertões* mas publicado dois anos antes, ajuda a compreender a visão do autor acerca da época, além de situar o conflito em uma perspectiva histórica. No tópico seguinte, buscaremos, a partir de críticos contemporâneos de Euclides e comentadores de sua obra, ampliar nossas observações sobre o momento histórico vivenciado por eles e seus posicionamentos frente ao rumo do fatos que levaram ao triste fim de Canudos e à escritura da obra *Os sertões*.

1.1. De 1902 à 1906: Os críticos de Euclides da Cunha

Para nos auxiliar a compreender a visão do autor sobre os acontecimentos de sua época e aprofundar nossos olhares a respeito dos discursos produzidos acerca de sua obra, conforme explicitado na introdução de nossa tese, este tópico tenciona refletir sobre a produção prolífica de análises críticas da obra de Euclides da Cunha como uma parte importante de nosso trabalho. Para tanto, mantendo em foco especialmente a mentalidade intelectual da época, buscaremos analisar a visão do escritor sob a perspectiva de seus contemporâneos.

Iniciaremos pelo momento anterior ao seu trágico falecimento, utilizando a fortuna reunida em *Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época* (2003), compilada por Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. Um dos próprios organizadores da coletânea expõe em seu prefácio a importância de sua elaboração, que visa republicar as críticas elaboradas sobre o livro de Cunha no período entre 1902, ano da sua publicação, até 1906. Esse movimento efetuado

> é, por inúmeras razões, precioso: permite reconstruir o debate ocorrido em torno de *Os Sertões*, remontar à natureza da sua recepção e às razões de seu sucesso nos meios culturais brasileiros do início do século XX (NASCIMENTO, 2003, p.7).

Já foi dito que três críticos tiveram significativo papel na recepção e no debate que levou à consagração da obra: Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo. Foi apontado ainda que esses três buscavam fazer uma crítica calcada em critérios científicos, estabelecendo-os como novos critérios para o julgamento das obras literárias, e que a de Euclides atendia às suas pretensões modernizadoras. *Juízos críticos* conta com essas e outras contribuições produzidas no intervalo de tempo de quatro anos, tendo como ponto inicial o ano da publicação da obra de Cunha. Essa proposta de observação atenta da

> análise das leituras contemporâneas ao *livro vingador* permite o acesso ao ambiente cultural de origem da obra e, por conseguinte, ao sentido provável atribuído pelo autor às suas teses. O conteúdo das interpretações de *Os Sertões* contemporâneas às suas primeiras edições deve, em certa medida,

> revelar o sentido que o autor pretendeu conferir conscientemente aos seus pontos de vista (NASCIMENTO, 2003, p.7).

Para rememorar o panorama e o ambiente cultural desse período, remeter às prováveis intenções do autor e encontrar o fio dialógico entre os críticos, buscaremos encontrar aproximações e divergências em seus pensamentos por meio da leitura de seus artigos. Ao discernir as impressões comuns produzidas nesse primeiro momento, acreditamos que esse panorama pode ser reconstituído em alguma medida, pois

> os artigos que compõem esta antologia de interpretações de *Os Sertões* formam um sistema coerente, dialogam entre si, permitindo que aquele período da história seja, de alguma forma, entrevisto e revisitado pelos leitores (NASCIMENTO, 2003, p.9).

Dessa forma, a fim de revisitar o período histórico que contextualiza a produção de Euclides, observaremos as opiniões dos críticos dessa época. Leopoldo de Freitas, em *Diário popular*, na data de 16 de dezembro de 1902, no mesmo ano do lançamento da obra, elogia a mentalidade de Cunha. Em seu artigo, comenta que

> para nós, *Os Sertões* confirmam positivamente o conceito elevado que fizemos sempre da mentalidade do seu escritor; mentalidade superior, finamente cultivada e que muito o recomenda em nosso meio de estudiosos e pensadores. (FREITAS, 2003, p.35)

Além do tom elogioso, que, como veremos, repete-se em outros artigos, é possível ainda extrair uma informação a respeito de suas palavras: expressa na pessoa no plural, “nós”, causa a impressão de que tanto ele como os demais críticos compartilhavam da mesma opinião. É possível também depreender que o escritor era recomendado dentro do círculo de estudiosos e pensadores, o que demonstra qual parcela da população estava lendo a obra aqui estudada. Por que a sua leitura estava sendo incentivada em meio aos pensadores da época? Sobre o diferencial de Euclides na produção literária brasileira, esclarece-nos Múcio Teixeira em dois artigos publicados em 23 de janeiro e 24 de março de 1903 no *Jornal do Brasil*:

> Mentalidade vigorosa, robustecida por estudos positivos e familiarizados com a leitura dos mais conceituados estilistas modernos, o autor de *Os Sertões* enveredou por um caminho ainda não trilhado pelos escritores nacionais, deixando da sua passagem um rastro perdurável, que obrigará os futuros críticos a perder de vista todos os outros, quando queiram

> acompanhar passo a passo a peregrinação deste peregrino engenho (TEIXEIRA, 2003, p.43).

Ressaltando a influência das ideias modernas advindas da Europa na escrita de Cunha, bem como destacando-o como pioneiro na gama de escritores do país, Teixeira antevê o rol de críticos no futuro que tentará perfazer o trajeto através dos rastros deixados por ele, também considerando-o como um crítico nesse trecho. Curiosamente, para refazer esse percurso, o estudioso deve "perder de vista todos os outros", ressaltando a necessidade de cada um seguir a trilha dos sertões deixada exclusivamente pelo autor. Ainda assim, a cada nova trilha sertões adentro, efetuada por cada estudioso da obra euclidiana, o tom elogioso[5] permanecerá o mesmo: a despeito de tudo, o livro "resiste, vitorioso às exigências da crítica e merece os mais sinceros louvores" (TEIXEIRA, 2003, p.42).

Em janeiro de 1903, José de Campos Novaes na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, leva a crítica da obra para além das publicações de jornal e reafirma a opinião de outros críticos ao expressar que "não era necessário ser profeta para augurar um sucesso literário imediato e esplendoroso" (NOVAES, 2003, p.114). Ainda no mesmo ano, o já anteriormente mencionado Tristão Alencar Araripe Júnior, no *Jornal do Comércio*, em fevereiro e março, também louva o escritor e seu "estilo sugestivo e de rara potência descritiva" (JÚNIOR, 2003, p.69). Sua contribuição para o pensamento social brasileiro começa a ser evidenciada a partir da percepção de Araripe Júnior que "o Sr. Euclides da Cunha não é só, como disse antes, uma alma poética e um psicólogo, mas também um sociólogo de boa envergadura" (JÚNIOR, 2003, p.84). Nesse pequeno comentário, Araripe levanta questões que até hoje perpassam as reflexões sobre a obra de Euclides, como o gênero textual de *Os sertões* (nesse trecho aproximando-o da poesia) e sua verve sociológica. José da Penha, já em 1902, havia também atentado para o fato de que, "a despeito do sintestimo empolgante de seus arrojados períodos percebe-se, facilmente, o exagero da síntese, e um como excesso de visão sociológica" (PENHA, p.32, 2003).

[5] "As críticas foram, no geral, bastante elogiosas. A mais conhecida é a de José Veríssimo, a mais aguardada por Euclides da Cunha e que, pela importância do autor no panorama intelectual da época, deve ter contribuído substancialmente para a divulgação do livro recém-lançado" (DECCA, 2002, p.187).

Quem corrobora essa opinião é Sílvio Romero em seu discurso pronunciado na data de 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção do dr. Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, ao proferir que “sua originalidade está em sua obra tomada em conjunto, na ação, nas tendências que despertou, no influxo por ela produzido” (ROMERO, 2003, p.130). A partir dessa observação, buscamos como norte notar quais tendências o influxo da obra provocou e qual a originalidade de seu conjunto. É inevitável perceber como originalidade e tendência as aproximações entre a literatura e o pensamento social. Para Romero, dirigindo-se à pessoa de Euclides,

> vosso livro não é um produto de literatura fácil, ou de politiquismos irrequietos. É um sério e fundo estudo social de nosso povo que tem sido o objeto de vossas constantes pesquisas, de vossas leituras, de vossas observações diretas, de vossas viagens, de vossas meditações de toda hora (ROMERO, 2003, p.137-138).

Sílvio, a esta altura, quatro anos após o lançamento de *Os Sertões*, havia tido um pouco mais de tempo para refletir a seu respeito. Mesmo assim, não deixa de assinalar o estudo de fundo social empreendido por Cunha a respeito do “nosso povo”, atentando para a inexistência da separação entre homem do litoral e homem do sertão nesse comentário. Para José da Penha, em *Gazeta de Notícias*, 18 de dezembro do mesmo ano de publicação da obra, ou seja, no calor da hora, “jamais o problema da etnologia brasileira foi debatido mais racionalmente nem para os fins de sua resolução foram aduzidos mais sólidos argumentos, por gente nossa” (PENHA, 2003, p.29). As indicações de ambos, Romero e Penha, sobre a discussão sociológica e etnológica contida na obra merecem destaque, pois posteriormente, ela ganhará novos olhares para sua elucidação. Não é possível deixar de perceber que o problema da etnologia brasileira debatido com uma sólida argumentação por “gente nossa” parece ser algo novo no pensamento social brasileiro. A esse respeito, esclarece José Veríssimo ao explicitar que “no Brasil o que menos se sabe e se estuda é o Brasil, o que não quer dizer que se saiba e se estude ao estrangeiro, ao menos tanto quanto se supõe” (VERÍSSIMO, 2003, p.51). Assim, o surgimento de *Os Sertões* vem preenchendo a lacuna apontada por Veríssimo em seu artigo n’*O Correio da Manhã* em 13 de dezembro de 1902. O traço característico inovador de Euclides em seu modo de trazer à tona com sua produção literária a contribuição

para o pensamento social brasileiro, sobretudo acerca da formação de nosso povo, foi percebido, logo de início, por Araripe Júnior, José da Penha e Sílvio Romero. Ao buscar similaridades e discrepâncias nos escritos críticos sobre *Os Sertões*, é possível estabelecer uma diferença entre os críticos da época segundo a visão desse último:

> Romero contrastava duas visões que implicavam representações diversas do nacional. Uma que enfatizava os ideais de progresso e civilização, baseada num modelo universalista e cosmopolita das grandes reformas urbanas, das obras que difundiam novas regras de higiene e bom gosto. Outra, que procurava construir as nações com base na busca de suas singularidades, fossem elas da ordem da natureza ou da ordem das antigas tradições populares, consideradas genuínas fontes da nacionalidade. A diferença era de ênfase: unificar a partir do molde europeu ou construir alternativa própria, suis generis, tropical. No primeiro pólo, estava a maior parte da elite política do período, seduzida pelas maravilhas da técnica e da civilização que buscava copiar da Europa. No segundo, intelectuais como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Araripe Júnior (ABREU, 2002, p.241).

Distinguindo as duas visões sobre o nacional que coexistiam naquele momento, retomamos a questão da autenticidade das experiências singulares das populações que não compõem a elite (que foram rejeitadas pelas nações ditas civilizadas), genuínas fontes de nacionalidade para Abreu. Essa autenticidade, pautada nas tradições populares, era uma possibilidade de representação da nação brasileira. A outra possibilidade era a representação sob a perpectiva do progresso para alcançar a civilização, já explicitada como difundida pela Europa, como uma extensão da conquista da América ao campo intelectual. Ainda que o esforço de Euclides da Cunha de escrever *Os Sertões* re(a)presente a experiência autêntica e singular dos sertanejos, não podemos, contudo, perder de vista o comentário de Múcio Teixeira que ressalta a genialidade do autor, mantendo em seu horizonte as influências dos "estudos positivos" e a sua familiarização com a leitura dos mais conceituados estudos modernos, que aqui equivalem aos saberes importados da Europa que são apresentados a Euclides desde seu ensino secundário principalmente pelo professor Benjamin Constant, um entusiasta das novas ideias e da nova República brasileira. A ênfase na construção da nação que utilizava os modelos europeus ao mesmo tempo em que apresentava também uma alternativa própria para a solução dos problemas brasileiros é o diferencial da obra estudada. As explanações sobre a constituição do povo dos sertões na obra de Cunha são extremamente calcadas nas

teorias raciais europeias, contudo funcionando como produção intelectual capaz de manter em perspectiva as diversas representações do nacional apontadas.

Para Araripe, sobre a formação étnica do povo brasileiro, “em Canudos, segundo se vê das narrações do sr. Euclides da Cunha, encontraram-se caudilhos, brancos, mulatos, caboclos, curibocas, cabras e *tuttiquanti*” (JÚNIOR, 2003, p.61). Dessa forma, podemos perceber a atenção dada pelos críticos à questão da miscigenação racial da qual deriva a população de nosso país conforme descrita em *Os Sertões*. Por trazer o foco das observações intelectuais que estavam localizadas no litoral e na Europa para o interior do país consideramos que a obra desperta uma tendência entre os estudiosos. O povo sertanejo, segundo o autor, é derivado de um tipo particular de mistura de raças,

> todavia o sr. Euclides da Cunha do estudo geográfico-histórico realizado relativamente à distribuição da população no Brasil conclui que no centro deste, isto é, na zona aproximadamente correspondente ao fenômeno das secas, formou-se um tipo, o curiboca, tipo valoroso, astuto e forte, o qual predominou no isolamento a que foram condenados os sertões do Nordeste (JÚNIOR, 2003, p.62).

O “tipo” que compunha a população sertaneja, que “formou-se” na zona das secas, com base nas observações de Júnior sobre a obra, é constituído por diversos cruzamentos de diferentes raças. Desses cruzamentos resultaria a feição do sertanejo. É possível ainda extrair uma pequena observação de Araripe Júnior que utiliza a palavra “condenados” ao referir-se ao isolamento imposto a essa parcela da população. Cabe nesse ponto lembrar que o próprio Euclides da Cunha já havia observado que “estamos condenados à civilização”. Quem seriam os responsáveis por tal condenação? Que condenação é essa? Existe algum tipo de relação entre essa condenação e a formação étnica do povo de Canudos?

Para o organizador dos artigos escritos entre 1902 e 1906, sobre os culpados da tragédia, “Euclides, ao contrário dos críticos de sua época, não isenta da responsabilidade pelos horrores cometidos no vale do Vaza-Barris nem a alta hierarquia militar, nem a república” (NASCIMENTO, 2003, p.22). É possível afirmar que os críticos contemporâneos aos acontecimentos isentaram o governo da responsabilidade pela chacina?

> Alguns, timbrando concordar com Euclides da Cunha, dele se afastam em suas interpretações. Muitos edulcoram a sua denúncia do crime de maneiras diversas. Vários atribuem as violências cometidas no vale do Vaza-Barris à animalidade intrínseca aos homens. O certo é que a mentalidade da "intelectualidade" da época – termo que ressurge em numerosos artigos – torna-se nítida em face da denúncia euclidiana do crime cometido nos sertões pelo exército republicano. (NASCIMENTO, 2003, p.13).

Edulcorar, significa adoçar uma bebida ou um medicamento adicionando-lhe açúcar. A metáfora de Nascimento nos conduz à interpretação de que a condenação é uma chacina, que, denunciada por Euclides em sua obra literária, transforma-se em um amargo remédio que a nação deve aceitar tomar, pois é preciso dar a conhecer tamanho crime e trauma ocorrido no interior do Brasil cometido pelo próprio exército republicano. Para aproximar também em nossas observações as metáforas de mesmo campo semântico, destacamos que na sua operação de cura, o remédio atua como um catalisador da já referida em nossa introdução "regeneração nacional". Vale lembrar que esse termo, proposto por Levine, aponta a missão da qual já nasce imbuída a geração de 70, a qual pertence Euclides da Cunha. Retomar esse termo associando-o a novos olhares tem seu espaço de discussão sempre renovado como um movimento integrante desta tese.

Na primeira crítica publicada acerca da obra é possível perceber como o comentador José Veríssimo assinala a denúncia da matança como um posicionamento assumido pelo autor de *Os Sertões*, sem em momento algum posicionar-se a esse respeito. Ele afirma que "a luta vai começar. A guerra de Canudos é para o sr. Euclides da Cunha um crime" (VERÍSSIMO, 2003, p.54). Na crítica de Santos, feita no jornal *A Notícia*, no dia 12 de dezembro de 1902, ou seja, só precedida pela crítica de José Veríssimo, publicada 9 dias antes, fica mais explícito como os comentadores da obra edulcoram a denúncia feita em *Os Sertões*. Para esse crítico, "o autor não magnifica episódios mínimos. Para ele a campanha de Canudos foi um crime" (SANTOS, 2003, p.39). Tanto José Veríssimo quanto Santos em momento algum deixam claro se compartilham ou não da opinião de Euclides.

Se em primeira instância, o governo condena o povo de Canudos, primeiro ao abandono, descaso e isolamento social, em um segundo momento, condena-o

novamente: é julgado como “bárbaro”, “fanático”, “monarquista” e condenado à extinção. No entanto, nesse mesmo âmbito, para os críticos, sob o olhar de Euclides da Cunha, o governo é julgado como praticante de um crime pelo homicídio em massa dos canudenses. Em alguma medida, mesmo buscando “edulcorar” seus escritos, a mentalidade da intelectualidade não poderia deixar tal fato passar despercebido. Aliás, a contradição da pretensão modernizadora da República conflitante com as suas atitudes violentas é explicitada com todas as palavras por Henrique Maximiliano Coelho Neto em *O Estado de São Paulo* nas datas de 1 e 2 de janeiro de 1903:

> Antes de dar o conjunto formidável o autor, como se quisesse ir, aos poucos, familiarizando o público com o espetáculo novo de um sertão e de um tumulto bárbaro, foi distribuindo por vários jornais fragmentos, ora explanando a natureza, ora apresentando o homem, mas a impressão truncada não bastava para que se fixasse uma opinião sobre o livro nem mesmo se gozassem com fino gosto as suas belezas ou se estremecessem com o horror das cenas crudelíssimas e vergonhosas dessa campanha que foi um atentado contra a civilização, uma violência contra a humanidade, um absurdo em face do regime liberal que adotamos (NETO, 2003, p.104).

Ora, que pretensão modernizadora pode haver em um ato de “atentado contra a civilização” ou “violência contra a humanidade”? A opinião sobre o papel lastimável das forças armadas no episódio é compartilhada por Freitas, mas, novamente, como um posicionamento assumido pelo autor de *Os Sertões* em 1902:

> Para o luminoso espírito do Dr. Euclides da Cunha, a guerra de Canudos, acompanhada das horrorosas cenas de morticídio e da trucidação de uma gente simples e válida, foi um lamentável assalto que as nossas forças militares cometeram e no qual fizeram o mesmo papel dos antigos mercenários. (FREITAS, 2003, p.37)

A barbaridade cometida por aqueles que se proclamavam disseminadores da civilização não poderia incorrer em maior contradição. Especialmente se considerarmos que, em tese, o regime republicano deveria ser mais liberal do que o regime monárquico. Monarquia ou república, nesse contexto, não alteram as condições dos que ali habitam, pois,

> no entender de Euclides da Cunha, o momento da colonização do Brasil permanece inteiro nos interiores perdidos do país, não afetados pelas

> mudanças que se processam na faixa litorânea (NASCIMENTO, 2003, p.15).

Ao remeter à colonização sofrida pelo povo brasileiro, é possível retomar a discussão sobre a relação entre a condenação imposta pelo governo e a formação étnica do povo de Canudos aludindo à abolição da escravidão, ocorrida um ano antes da Proclamação da República. Se na faixa litorânea o trânsito de saberes e pessoas vinha da Europa pelo Atlântico, as regiões do interior não eram afetadas por esses influxos do grandes centros. Essa situação configura-se desde a época do Brasil colonial, e, em certa medida, perdura até os dias atuais. É válido lembrar que a grande mudança que se processava em nossa nação em um momento imediatamente anterior ao da Proclamação da República era a libertação dos escravos, que deixou descontentes muitos daqueles que viviam de sua comercialização. Feita sem planejamento, desconsiderando uma série de fatores importantíssimos para que esse processo ocorresse de modo a possibilitar uma vida digna para aqueles que haviam sido escravizados e seus descendentes, a abolição resulta em uma grande quantidade de pessoas desabrigadas e desempregadas. Essa parcela da população era majoritariamente composta por índios (aqueles que haviam sobrevivido ao genocídio massivo das primeiras missões colonizadoras), negros (trazidos em grande número da África por traficantes para comercialização) e os mestiços. Esse era o pilar da força de trabalho na produção de bens do país.

Se no litoral, essa força de trabalho viria gradativamente a ser substituída principalmente pelos imigrantes europeus, incentivados a vir para o país trabalhar nas lavouras do Sudeste desde 1870, uma medida política que visava o "branqueamento" da população, no interior a situação era diversa. Os grandes proprietários de terras ocupavam uma posição confortavelmente privilegiada de autonomia em relação ao grandes centros econômicos, sobretudo no que dizia respeito à fiscalização de suas ações. Ou seja, "os empregadores tinham total liberdade de contratar e despedir quem quisessem, estabelecer os devidos salários e reprimir descontentamentos" (LEVINE, 1995, p.99). Dessa forma, eles ditavam as relações de trabalho, que eram em sua maioria abusivas, coercitivas e violentas. Buscavam assim manter o controle da mão-de-obra em condições sempre vantajosas para si mesmos e opressoras para os escravos ou empregados. Muitos

desses trabalhadores, após a abolição, sem condições humanas de trabalho, sem moradia, sujeitos aos mandos e desmandos dos latifundiários, decidem partir para Canudos. A notícia que corria pelo sertões era que nesse lugar podia-se construir sua casa, morar nela, trabalhar para constituir coletivamente o vilarejo e criar meios para sua subsistência. Essa possibilidade era melhor do que qualquer outra que havia se apresentado até então. A crença nessa possibilidade causou um deslocamento em massa da população que era composta por esses trabalhadores para o interior da Bahia rumo ao arraial de Antonio Conselheiro. Esse deslocamento em massa gerou uma falta de mão-de-obra que irritou os proprietários das grandes fazendas de cultivo para exportação. Era inadmissível, além do prejuízo, a afronta desses escravos\trabalhadores para com seus senhores\patrões. A intervenção do Estado tornou-se urgente para a resolução do problema. Logo, percebemos que a pressão exercida pela oligarquia dos grandes proprietários de terra do interior baiano no governo recém proclamado republicano foi um elemento crucial para compreendermos o trágico desfecho da história narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões.* Para Araripe Júnior, o cerne da obra é a "análise do esforço empregado pela União para extinguir o quilombo de Canudos" (JÚNIOR, 2003, p.75).

Ao considerar Canudos um quilombo, Tristão Alencar Araripe Júnior acrescenta às discussões a questão dos povos escravizados e as suas formas de resistência. A palavra "quilombo", de *kilombo* ou *ochilombo*, originadas das línguas Quimbundo e Umbundo dos povos Bantos, significa acampamento, local de parada dos povos nômades e, no Brasil, adquire um novo significado. Os quilombos eram comunidades majoritariamente compostas por africanos e seus descendentes, escravizados ou não. Essas comunidades desenvolviam-se de maneira autônoma. Nessa breve descrição, podemos identificar ao menos dois pontos em comum entre o arraial de Canudos e os quilombos formados antes da Abolição: uma população em sua grande parte composta por negros e a luta pela autonomia, resistindo às pressões do governo.

Fica evidente o preconceito das elites baianas contra um povo predominantemente negro, analfabeto, sem moradia e sem condições, mas que ainda assim atreveu-se à ousadia de buscar melhores oportunidades. Por isso, foram brutalmente massacrados pela República. Para além do preconceito evidenciado, o problema

era também trabalhista. Mesmo depois de mortos, continuavam a constituir um problema. Quem iria ocupar o lugar dos insurgentes? Nas palavras de Sílvio Romero, para Euclides da Cunha,

> essa parte das nossas gentes, a seu ver, a apagar-se da vida e da história, é a maior da nação e é aquela que tem mantido a nossa independência; porque é aquela que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate (ROMERO, 2003, p.146).

Sem essa percepção de que essa parte das nossas gentes é a maior parte da população e de que é ela quem sustenta as engrenagens do país, não podemos lograr com sucesso alcançar a lição de *Os Sertões*. Afinal de contas é também apontado por mais de um crítico que

> neste livro existem grandes e encantadores ensinamentos morais que não devemos desprezar. A epopéia de Canudos, magistralmente evocada em *Os Sertões*, vibrará sempre, com uma intensidade dolorosa, nos anais políticos da nossa pátria (FREITAS, 2003, p.37).

Quais seriam os ensinamentos morais que não devemos desprezar? Por que Canudos ainda vibra dolorosamente na obra literária de Euclides? Por que “o livro extraordinário do Sr. Euclides da Cunha ficará como uma página da história, como uma lição e, infelizmente, como um remorso” (SANTOS, 2003, p.41)? Como, ainda, “o livro vingador toca em ferida não cicatrizada” (NASCIMENTO, 2003, p.11)? O amargo remédio da denúncia de um crime no interior de nossa nação, promovido pelo governo que deveria assistir seu povo, não pode ser completamente edulcorado. Ele deve ser ministrado repetidas vezes para promover incessantemente o movimento de regeneração (nacional) da ferida que não cura.

1.2. A amarga denúncia d'*Os sertões*

> *Os sertões* parece agir contra as nossas certezas e expectativas, contra nossos olhares condescendentes e bem-intencionados sobre a história do Brasil (NASCIMENTO, 2002, p.7).

Ao imprimir o tom de denúncia em sua obra, Euclides não se furta à tarefa de avaliar os acontecimentos históricos. O tom crítico que assumem seus escritos é duro, e assim o deve ser, pois o livro será consultado pelas gerações posteriores para compreender esse violento trecho de nossa história. Tendo isso em mente,

> importa lembrar que nenhum acontecimento da história do Brasil teve seu perfil e esclarecimento ligados tão inextrincavelmente com um livro, tal o caso de Canudos e Os Sertões. Aí o trabalho de Euclides alcança uma espécie de triunfo pleno, para o bem e para o mal, para o conhecimento e para o obscurecimento e falseamento do que aconteceu, emparelhando assim o seu livro à própria história do país, mas não a qualquer história, senão àquela que, pela primeira vez, trouxe, senão ao centro do palco, pelo menos num relâmpago trágico à boca da cena, a multidão de pobres e deserdados do meio rural nordestino (FACIOLI, 1998, p.58-59).

Aqui, fica explícito que o problema social da multidão de pobre deserdados sobrepõe-se ao étnico e ao geográfico. Era a visão do problema dentro de um ângulo de enfoque realista e dinâmico. A obra em análise foi engendrada antes, durante e depois da tragédia canudense. Por esse motivo, o acontecimento histórico foi peça fundamental na tecitura de *Os Sertões*, tão intimamente ligado à sua própria elaboração. Difunde e eterniza a chacina para todo o sempre nos anais da história do Brasil, inscrevendo a população sertaneja e sua participação na construção do país. Ainda sim, em um balanço equilibrado, Facioli não deixa de assinalar o triunfo para o mal, para obscurecimento e falseamento possibilitado a partir da literatura de Cunha. Mesmo sendo o livro uma denúncia ao massacre de Canudos, as ressalvas à sua utilização como fonte de pesquisa histórica são inúmeras. Essas ressalvas surgem relacionadas à já explicitada miscelânea de saberes científicos da época do escritor, pois, influenciado por diversas fontes, encontrava-se "o ideólogo, republicano e cientificista Euclides da Cunha, repleto de preconceitos social-darwinistas" (ZILLY, 2005, p.33).

Acompanharemos algumas dessas ressalvas ao pensamento de Euclides, bem elencadas na crítica de Moura em *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964) em diálogo com as críticas de Levine em *O sertão prometido* (1995). No Brasil, a pequena elite letrada notoriamente consumia ávida as teorias da Europa, e não foi diferente com o autor de *Os Sertões* como pudemos ver na introdução onde apresentamos brevemente um panorama de sua vida e de sua educação. Sem esquecer sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha e a influência de seu antigo professor Benjamin Constant,

> como estamos procurando demonstrar, a formação científica de Euclides da Cunha, fundamente marcada pela sua preparação de geólogo, geógrafo e matemático, oscilava, por outro lado, dentro de uma relativa assimilação dos sociólogos mais em voga nas metrópoles européias (MOURA, 1964, p. 33).

Há que se notar que o problema em questão não é a assimilação dos sociólogos europeus em voga, mas em que medida e com quais propósitos estavam sendo estudados. Qual a sua possível contribuição para a avaliação e resolução dos problemas do Brasil? Qual é o propósito e a utilização que Euclides dá a essas novas ferramentas teóricas para a nossa realidade? Nas ressalvas ao pensamento do escritor, Moura identifica e considera equivocado o fato de que

> apoiado nos autores que afirmavam o autoctonismo do ameríndio, a inferioridade do negro e do índio e a uniformidade do branco português, tentou apanhar o conjunto da nossa formação etnológica. Outros erros decorrentes do principal avultam, então. Sobre o negro, os preconceitos racistas de Euclides da Cunha são alarmantes mesmo para a ciência do seu tempo. Enumera os diversos grupos africanos que nos povoaram de maneira incompleta (MOURA, 1964, p.83).

O que chamamos de ressalvas, para esse outro crítico são erros alarmantes, originados do apoio que Cunha buscava nas teorias étnicas europeias, que visavam justificar a colonização, como já foi dito. Em suas próprias palavras “o preconceito antinegrista de Euclides da Cunha é evidente” (MOURA,1964, p.86). Seu argumento embasa-se no fato de que o grande pesquisador enumera de maneira incompleta justamente os grupos africanos que foram trazidos para o Brasil. Para Levine em *O sertão prometido*,

> os habitantes do sertão variavam tanto racial quanto etnicamente, não existia a homogeneidade que uma leitura de Euclides e outros escritores

> pode sugerir. Pequenos povoados de ex-escravos (crioulos), incluindo antigos fugitivos, pontilhavam toda a paisagem. Algumas comunidades eram formadas majoritariamente por descendentes abrasileirados de tribos locais, em alguns casos relativamente puros. Em outros com alto grau miscigenação (LEVINE, 1995, p.130-131).

Sobre a constituição étnica e racial da maior parte da população do sertão, ele deixa claro que tanto Euclides da Cunha como outros buscavam sugerir uma espécie de homogeneidade, excluindo tanto quanto fosse possível o negro dessa miscigenação que dá origem ao sertanejo. Podemos compreender então que para Moura e Levine a ressalva ao pensamento do autor de *Os Sertões* é fundamentalmente a sua não explicitação de que "Belo Monte era formado por uma população majoritariamente escura, ou até que Canudos fora o último quilombo brasileiro, ou um refúgio para escravos fugitivos" (LEVINE, 1995, p.231-232). Ao não tratar apropriadamente desta questão, a lacuna de seu pensamento seria justamente por que "faltou a Euclides da Cunha visão sociológica suficiente para enquadrar as lutas dos escravos como base de um processo econômico de desenvolvimento de nossa sociedade" (MOURA, 1964, p. 68). Cem anos após a publicação da obra de Euclides, na coletânea de artigos *O Clarim e a Oração* (2002), justamente elaborada em comemoração ao centenário do livro, Araújo sugere a superação dessa discussão ao propor que as "teorias raciais e os preconceitos que empregas são indiscutíveis não há por que perder palavras com eles. São ponto morto de tua obra" (ARAÚJO, 2002, p.29). Afinal, para além das ressalvas, para além do questionamento acerca das referências científicas do autor,

> é a partir desse quadro teórico, ou apesar dele, que *Os Sertões* se coloca como livro precursor, posto na raiz do desenvolvimento das ciências sociais brasileiras nos anos 1930 e 1940. As interpretações gerais do Brasil que surgem nos anos 1930 apontam para a coexistência de dois países – um litorâneo e adiantado, o outro interiorano e atrasado – lição aprendida em Os Sertões (...). Essa é a maior e, até hoje, permanente influência de Os Sertões em nossa reflexão social (GALVÃO, 2009, p.133).

Ao exortar sobre o trabalho da obra euclidiana que explica a formação da sociedade brasileira e aponta-lhe o contraste sertão\litoral sob o quadro teórico das teorias europeias da época, Walnice Galvão, uma das maiores comentaristas do autor, atrela-o a mais uma área de conhecimento fortemente presente em seus escritos a

despeito de qualquer ressalva: as ciências sociais, como já haviam assinalado alguns de seus críticos de primeira hora. Considerado o “livro fundador de um argumento sociológico sobre o país” (NASCIMENTO, 2002, p.8), esse novo movimento de aproximação da literatura e das ciências sociais (além da história) é cabível na narração de *Os Sertões*. Para Moura, “Euclides da Cunha foi também atingido pelo momento crítico por que passavam as ciências sociais” (MOURA, 1964, p.10). Araripe Júnior, como já mencionado, também considerou Euclides um “sociólogo de boa envergadura”, porque em sua obra

> é analisada a formação antropológica do brasileiro, resultante da confluência de três raças, que são, pela ordem de chegada, a indígena, a branca e a negra. As sucessivas vagas da colonização e do povoamento do país têm seu histórico traçado (GALVÃO, 2009, p.35).

Literatura, história e ciências sociais confluem nessa obra prima euclidiana que antecipa muitas temáticas importantes para a construção de uma intelectualidade no Brasil recém-republicano, e, posteriormente, pois

> em *Os Sertões*, Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX, ao debruçar-se sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência. Aí fincam suas raízes não só no modernismo mas também o romance regionalista de 1930 e o nascimento das ciências socias no país na década de 40 (GALVÃO, 2009, p.28).

Em elevado status, Cunha é apontado como precursor do modernismo, do romance regionalista e do surgimento das ciências sociais brasileiras. Ao mapear futuras tendências da intelectualidade brasileira, o grande diferencial foi a

> finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade; isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica pressupunham cada vez mais o advento das camadas populares. Pode-se dizer que houve um processo de convergência, segundo o qual a consciência popular amadurecia, ao mesmo tempo em que os intelectuais se iam tornando cientes dela (CÂNDIDO, 2006, p.141).

O sertanejo como constituinte da sociedade, principalmente sob o aspecto político e econômico, além de cultural, desloca o foco dos intelectuais que estava no bando de ideias novas europeias para essa crescente camada da população brasileira. Era impossível não notá-los, por isso, “Euclides da Cunha observa, interpreta e traz para a literatura uma abordagem vigorosa de uma realidade brasileira até então desconhecida” (BRAIT, 1998, p.13). O atrevimento à autonomia de um povo organizar seus próprios meios de produção e comercialização, em um arraial descrito como choupanas sem trancas nas portas era uma realidade até então inimaginável para a maioria. O amadurecimento de uma consciência popular ocorre lentamente e a intelectualidade brasileira, aos poucos, também amadurece para tratar das questões de seu próprio país. É possível perceber diversos movimentos de Euclides da Cunha ao longo de *Os Sertões* em seu próprio amadurecimento. Ele não o faz sem utilizar-se de seu conhecimento enciclopédico. É necessário notar o manejo que o escritor efetua, em uma busca científica para alicerçar suas reflexões. Então,

> para começar, fiel ao determinismo, defendeu a ideia de que o meio físico age na formação das raças. Depois, concluiu pela inexistência de unidade de raça entre nós, atribuindo as causas ao meio físico amplo e variado, à mestiçagem e às particularidades históricas de nossa colonização (FARIA, 1998, p.28).

A exigente escrita de Euclides e sua preocupação científica logo o levam a problematizar suas bases teóricas. Percebendo as características peculiares dos mestiços litorâneos e dos mestiços sertanejos, deixa de buscar no determinismo racial as explicações para suas indagações. Ele faz isso ao notar que a nossa história e de nossa sociedade, em grande medida, eram baseadas nas teorias racistas europeias que eram inadequadas para a proposição de soluções à nossa realidade. Assim, contempla com a escritura de *Os Sertões* a inquietação explicitada por Antônio Cândido em *Educação pela noite & outros ensaios* (1989):

> A raça não explica nada, e para começar não se sabe o que seja como categoria explicativa. Mas o interesse por ela permitiu uma reflexão ampla e valiosa sobre a literatura do Brasil e sobre o Brasil enquanto produtor de literatura. Este esforço correspondia a uma posição existencial dramática do intelectual brasileiro, que, num contexto dominado pela obsessão biológica do século, perguntava ansiosamente a quantas ficaria, ele, fruto de um povo misturado, marcado pelo medo da alegada inferioridade racial, que no

> entanto aceitava como postulado científico. Seria capaz de produzir como os seus modelos, pertencentes às "raças superiores"? Poderia disfarçar a realidade e fingir de "raça superior"? Poderia, individualmente, rejeitar a maldição sobre o seu vizinho? (CÂNDIDO, 1989, p.119)

A atenção dada à formação do povo brasileiro tendo em vista a etnia ou raça acaba por ampliar o debate sobre a literatura do Brasil e sobre o Brasil enquanto produtor de literatura. Em busca da independência do pensamento social brasileiro, a posição do intelectual e seu papel na sociedade se engrandece. Por conseguinte, o papel do escritor e intelectual brasileiro, produtor dessa literatura, é colocado em evidência. As alegadas inferioridades dos povos não civilizados e não europeus são o ponto-chave para superação dessas inferioridades na produção de conhecimento nacional. Dentro do panorama histórico-sociológico que buscamos estudar, as limitações para as reflexões críticas advinham justamente do mal-estar provocado pelas teorias europeias amplamente utilizadas pelos intelectuais contemporâneos de Cunha, que pareciam sempre inadequadas. Então,

> voltando-se para a própria realidade, Euclides vai ao encontro da necessidade de autoinvestigação nacional, menos ligada a tendências de época do que o gosto literário e que desde então se tornou um traço cada vez mais importante da vida intelectual brasileira. (ZILLY, 1997, p.334).

A autoinvestigação nacional empreendida por Euclides ascende como uma obra que é um marco e um diferencial de toda a vida intelectual brasileira. Ora, essa autoinvestigação teria alguma relação com a missão da regeneração nacional, já apontada? Se “tornou-se” um traço de importância na vida intelectual brasileira, isso significa dizer que até então não o era. Ao problematizar a posição de Euclides e sua aproximação com a mentalidade da intelectualidade, Oliveira, em *A fantasia exata* (1959) vai explicitar que

> ao contrário, são os que se fazem críticos de seu tempo ou de seu país, os que se opõem à sua época, discordam dos padrões vigentes, realizando sua obra em dissonância com tudo que caracteriza o meio mental em que vivem (OLIVEIRA, 1959, p.248).

As visões de Zilly e Oliveira apresentam como ponto comum o argumento de que Euclides da Cunha não era mero fruto das tendências da época, pelo contrário. Pela emergência da necessidade de investigar a nossa própria sociedade e nossa

história, Cunha, em dissonância com a intelectualidade de seu meio, busca investigar o sertão e acaba por trazer essa busca como traço para a observação dos demais intelectuais daquele período. Por esse motivo “destacamos as antecipações do seu pensamento no conjunto da cultura dominante de seu tempo” (MOURA, 1964, p. 5). Não podemos esquecer que os intelectuais são representantes de uma categoria social em plena ascensão na concretização e consolidação da república no Brasil e desejam ser vistos como tal.

> O destaque, portanto, em Euclides, dessas ideias é quanto à função especial atribuída ao cientista e ao poeta, conjugados no consórcio de ciência e arte, o que tem a ver, evidentemente, tanto com a inserção pessoal do engenheiro-escritor no seu meio letrado, quanto com as novas posições de destaque buscadas pelas classes médias emergentes, principalmente pelo papel que certas frações dela cumpriram na Abolição e na queda do Império, o que havia melhorado e elevado sobremaneira sua auto-imagem e a missão de que se consideravam investidas. Seria normal, parece-me, que um intelectual, nessas circunstâncias e estribado nessas ideias, como Euclides e diversos de seus companheiros de meio e geração, se atribuíssem a tarefa-missão grandiosa e progressista de produzir o sentido novo que guiaria o futuro do povo e do país através de seus escritos (FACIOLI, 1998, p.45-46).

Vale ressaltar que a regeneração nacional anteriormente citada aqui é atualizada se levarmos em conta que a partir desse momento Euclides da Cunha e intelectuais contemporâneos a ele se dedicam à tarefa de produzir escritos com fins de guiar o futuro da população e do Brasil. Essa era a missão do “bastião da visão da geração de 70” referida em nossa introdução. Cunha, como intelectual, cujas ferramentas de trabalho são as ciências e as artes, se autoconvoca a construir uma crítica do povo e do país. Por isso, “Euclides (...) é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo”(GUTIÉRREZ, 1997, p.10). Concomitantemente, ele busca também autoafirmar o seu papel como anunciador das tendências que merecem atenção e destaque na crítica intelectual de sua época. Essa empreitada pode ser percebida já

> em crítica literária, a fase 1880-1900, por suas três principais figuras — Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, — havia desenvolvido e apurado a tendência principal do nosso pensamento crítico, isto é, o que se poderia chamar a crítica nacionalista, de origem romântica. Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional; tanto mais quanto se

> tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária (CÂNDIDO, 2006, p.122).

Importantes expoentes da crítica literária brasileira já haviam identificado, contemporaneamente às críticas e escritas de Euclides, a principal tendência do pensamento crítico brasileiro: a crítica nacionalista. Esse esforço de afirmação nacional identificado a partir dos românticos era objeto da admiração profunda de Cunha, que desde o colegial não esconde sua predileção pelo poeta Castro Alves.
Essa afirmação de origem romântica é conhecida e segue como desafio para as próximas gerações de intelectuais, desejosos ainda de uma independência política e epistemológica. O desejo de independência dissemina a necessidade da construção de uma consciência literária que afetará a própria maneira de pensar as tradições, projetos intelectuais, culturais, sociais e políticos brasileiros. Como um influenciador de seu país

> sua intenção de voltar-se para os nossos problemas, apontando soluções para eles, mostra como Euclides da Cunha encontrava no seu trabalho de escritor uma dimensão participante. Este foi o lado de abordagem que o conduziu a procurar uma tomada de consciência social e política (MOURA, 1964, p. 10).

A dimensão participante do escritor que se volta para a solução dos problemas de sua sociedade é um norteador da produção euclidiana. Dessa nova abordagem surge a importância do laborioso trabalho de Cunha que alça novas áreas de conhecimento para narrar literariamente o episódio de uma comunidade privada de seu próprio fazer histórico, em uma tomada consciência ao mesmo tempo social e política. Nessa comunidade, alijada de construir seus rumos, antes mesmo do episódio da chacina de Canudos, “as consequências advindas dos três séculos de isolamento são visíveis em termos antropológicos e sociais” (FARIA, 1998, p.29). Era mais que necessário interferir na construção dos saberes históricos e sociológicos sobre o sertão e os sertanejos para o aprofundamento da consciência crítica nacionalista, bem como da crítica literária.

As condições que culminaram na destruição de Canudos, bem como o sistemático apagamento das vozes dos canudenses mostra que “em outras palavras, à comunidade criada no “arraial sinistro” era negado o direito de fazer a história, a sua

história" (VILLA, 2002, p.21 e 22). Por isso, Euclides da Cunha busca preencher a lacuna existente sobre o que não foi dito sobre os acontecimentos da tragédia que foi imposta à população do arraial de Canudos. Compreender esse movimento

> exige não apenas estudos dos livros em questão e artigos dispersos em jornais do tempo, mas, praticamente, a reelaboração crítica de todo um período da nossa formação cultural, vendo-se, inclusive, a cultura como como um processo dinâmico e a *intelligentsia*, como uma camada com função específica: retratar a autoconsciência da sociedade que a serve (MOURA,1964, p. 9).

A qual sociedade serve a *intelligentsia* brasileira? Aos injustiçados no sertão ou aos civilizadores da República? Esse questionamento só pode ser respondido compreendendo o papel adotado por Cunha de autocrítica da mentalidade da intelectualidade do país, incitando-os à autoinvestigação nacional. Por mais que manejasse as últimas teorias da Europa que chegavam aqui, tinha como tema a população, a geografia e a história brasileiras, distantes do raio civilizador da costa. Para Lemos,

> o encontro de Euclides com o sertão e os jagunços de Conselheiro terá sido o encontro de um intelectual engajado com um objeto sobre o qual poderia aplicar suas leituras e idéias, refletir sobre as realidades e participar da invenção de um novo objeto, o mestiço brasileiro, bem como a si mesmo como autor e autoridade (LEMOS, 2002, p.73).

Ao considerar Euclides como um intelectual engajado com o mestiço brasileiro, em certa medida essa afirmação indica qual parcela da sociedade ele busca retratar. A partir da reflexão anterior sobre a função da *intelligentsia*, camada com uma função específica de retratar a autoconsciência da sociedade a que serve, é necessário perceber que Cunha empreende uma reelaboração crítica da formação cultural do Brasil coerente com o desejo de independência idealizado pelos românticos e ainda pretendido pelas gerações subsequentes. Com um olhar voltado para essa reelaboração, é possível notar as "coordenadas culturais sob as quais atuou, nelas influindo e sendo por elas influído" (MOURA, 1964, p.5). Considerando a cultura como um processo dinâmico, ele busca mirar para a sociedade no interior do país e no litoral também, promovendo diferentes movimentos em relação a ambos. Já mencionamos a necessidade de afastar a ideia de cultura da ideia de civilização.

Sobre esse afastamento efetuado por Cunha com sua obra, Sílvio Romero, na recepção do autor na Academia Brasileira de Letras,

> aproveitava a ocasião para fazer contundente discurso de valorização das populações sertanejas, em que se percebe o quanto o livro de Euclides da Cunha havia contribuído para fortalecer o pólo alternativo aos valores calcados na civilização européia e no culto às cidades cosmopolitas, expressões de modernização e progresso. Os intelectuais deviam voltar seus olhos para o centro do país, onde estava a "autêntica" cultura rústica dos sertanejos e onde a fauna e a flora tropicais se manifestavam em sua selvagem exuberância (ABREU, 2002, p.240).

A experiência autêntica das populações fora do círculo da aristocracia que constituem o eixo da nacionalidade, conforme explicitada por Lima no primeiro tópico, é atualizada com essa contribuição às discussões. Por indicar que essa é a parcela da população para onde os intelectuais devem mirar em sua produção de conhecimento, é que compreendemos a autoinvestigação nacional empreendida e incentivada por Cunha como uma tendência para a intelectualidade brasileira. Voltando seus olhos para a natureza do sertão e todos os seus componentes, tal como apontado por Abreu, ele recusa a versão "oficial" da história escrita pelos "civilizados" que desenha uma nacionalidade do país desconsiderando a população que habitava os sertões. A valorização do sertão e do sertanejo como pólos alternativos ao excesso de teorias europeias expõe o movimento duplo de Euclides em relação à população sertaneja e às cidades cosmopolitas. Nesse sentido,

> *Os sertões* é duplamente síntese: síntese interna das observações já acumuladas sobre nossas diversidades, desníveis de contrastes, e do seu enfoque pelo pensamento da época alimentado de fora para dentro. Essa dupla filiação lhe possibilitaria, a partir de um fenômeno determinado em distinto contexto regional, alargar-se numa visão totalizadora do Brasil, para caracterizar a sua fisionomia, que já de longa data vinha sendo delineada, e chamar à responsabilidade a consciência política e intelectual da nação (CASTELLO, 1999, p.413).

Se os escritos de Cunha foram capazes de evidenciar tanto os contrastes entre os povos que coexistiam no território brasileiro quanto o foco dos pensamentos da época, advindos da Europa, sua obra adquire uma dupla dimensão. Com essa dupla dimensão, "aí temos *Os Sertões*. Euclides se cria e se queria um intelectual sintonizado com seu tempo" (HOLANDA, 2002, p. 342). Ressaltemos aqui que a

responsabilidade com a consciência social e política disseminada por Euclides da Cunha visa atingir os intelectuais e escritores para que tenham em mente a sua dimensão participante na resolução dos problemas da nação. Em atuação numa posição específica de crítica nacionalista que visava a independência do pensamento social brasileiro,

> Euclides, engenheiro, militar, herói da República, que a esse movimento se ligou logo nos primeiros momentos, ainda cadete da Escola Militar, homem de ciência, sério e austero, avesso a pedidos e empenhos, distante dos padrinhos e da Rua do Ouvidor, reunia todas as condições para se transformar em porta-voz dos interesses e anseios de intelectuais que, como Romero, procuravam fazer com que fosse conferido outro estatuto ao Brasil da área rural (ABREU, 2002, p.240).

Euclides da Cunha ao atuar na constituição de novos focos e objetos de pesquisa na cultura brasileira, como o sertão e os sertanejos, mestiços brasileiros, efetua o citado mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX. É dessa forma que o livro *Os Sertões* havia contribuído para fortalecer o pólo alternativo aos valores calcados na civilização europeia. Esse fortalecimento é essencial pois coloca em evidência também a posição existencial dramática do intelectual brasileiro que absorvia as teorias científicas que alegavam sua inferioridade racial e não civilizada. Ao expor essa flagrante contradição, Cunha promove a si mesmo como autor e autoridade. Sua antecipação de temáticas como o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência é que faz com que seja considerado porta voz dos interesse e anseios dos intelectuais. Aliás, indo além, Araújo afirma que “sem teu referencial, divisor de águas na inteligência brasileira, já mais avançado e abrangente do que qualquer eufórico de 22, nossa modernidade está condenada ao envelhecimento precoce” (ARAÚJO, 2002, p.38). É por meio da produção literária e científica acerca dos sertões que o autor, ao oferecer um pólo alternativo aos valores calcados na civilização européia, promove simultaneamente a ampliação da consciência social e política da intelectualidade brasileira. O próprio Sílvio Romero, um dos críticos responsáveis pela consagração de Euclides na época, expõe essa necessidade em seu discurso:

> Já andamos fartos de discussões políticas e literárias. O Brasil social é que deve atrair todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de

> coração e boa-vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria. É onde pulsa a mor intensidade dos problemas nacionais, que exigem solução, sob pena, se não de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso no avançar para o futuro (ROMERO, 2003, p.146).

Dessa maneira, as críticas da época que consagraram *Os Sertões* buscavam valorizar as produções literárias não apenas com viés científico mas principalmente com cunho social, na busca pela resolução dos problemas nacionais. Nesse sentido, a condenação ao retardamento infinito seria a própria aspiração ao avanço pelo progresso porque

> dentro do caudal composto pelos interesses da intelectualidade que desejava compreender os problemas estruturais da sociedade brasileira, as escolas, teorias, métodos e princípios se confundiam, entremesclavam-se e muitas vezes se combatiam. Faltava, ainda, como aliás falta até hoje à maioria de nossa *intelligentsia*, uma visão que refletisse o nosso ser e não fosse apenas transbordamento ideológico das metrópoles nos países de economia periférica (MOURA, 1964, p. 15).

Ao manejar as teorias da Europa buscando entender problemas estruturais intrinsecamente brasileiros, os intelectuais correm sérios riscos de funcionarem apenas como reprodutores de teorias que não contemplam as especificidades locais. Esse risco, ainda hoje atual, é um desafio a ser superado sob pena de inserir a intelectualidade e toda a nação em um retardamento infinito. Esse retardamento é promovido pela inadequação teórica que decorre do transbordamento ideológico dos saberes europeus para estudo das populações singulares e autênticas fora das padronizações civilizatórias. Assim, o estudo dessas populações pode ser considerado como um grande desafio para a época. A amarga denúncia de Euclides da Cunha com a escritura de *Os Sertões* visava denunciar o crime do governo, mas denunciar também esse retardamento infinito imposto na intelectualidade brasileira da época, que deveria superá-lo. Para essa tarefa avançada e abrangente, marco na inteligência brasileira, o projeto de escrita de Euclides deve ser levado em consideração.

1.3. A ambição enciclopédica : Bases científicas de Euclides

> De conteúdo encliclopédico, o livro abarca os conteúdos literários, históricos,sociológicos, geográficos, antropológicos...(NASCIMENTO, 2002, p.8)

É notória a contribuição de Euclides da Cunha para o aprofundamento do pensamento intelectual brasileiro. Em inúmeras páginas “Os Sertões exibe uma ambição enciclopédica, de compendiar, sem aprofundá-los, os saberes da época, bem ao gosto do novecentismo finissecular” (GALVÃO, 2009, p.10). Com sua “ambição enciclopédica” é possível distinguir um ampla gama de referências presentes no livro, além da multiplicidade de vozes proveniente dos relatos de habitantes da região. De quais saberes lança mão o autor para a construção de sua escrita literária? Entre os críticos, é consenso a presença do intertexto com diversas áreas de conhecimento. Na busca por um maior entendimento sobre a revolta em Canudos e seu contexto,

> com essa obra, de enorme fôlego e ambição, Euclides viu-se obrigado a manejar uma teoria da história e a explicitar por tentativas um quadro teórico que lhe permitisse a compreensão dos recentes acontecimentos (GALVÃO, 2009, p.132).

Para entender o conflito que ocorria naquele momento e naquele local, lembrando da missão de autoinvestigação nacional da qual estava imbuída a geração de Euclides, o escritor procurou através da explicação histórica elaborar uma teoria que desse conta de desvendar o episódio canudense. Dessa forma,

> aparecem no livro extensos estudos de história de Portugal e do Brasil, sobretudo no que diz respeito à colonização e ao povoamento, necessários para responder a suas indagações quanto à origem e formação da gente de Canudos (GALVÃO, 2009, p.33).

A forte presença do estudo da história do Brasil e de Portugal na obra literária de Euclides da Cunha é um aspecto de suma importância para a elucubração não só de sua literatura, mas também de um pensamento crítico que refletisse sobre as raízes da sociedade brasileira. Assim, em sua escrita, “Euclides procede como historiador,

buscando as origens do conflito e acompanhando-o em seu desenvolvimento" (FARIA, 1998, p.27).

As longas exortações históricas em seus escritos são fundamentais para amainar suas inquietações a respeito da formação do povo de Canudos e, por conseguinte, do povo brasileiro. O livro é tão bem sucedido em tal empreitada que além de servir como fonte para pesquisa bibliográfica, "depois de Euclides da Cunha, tantos historiadores brasileiros se apaixonam por essa característica sertaneja tão presente nessa obra" (DECCA e GNERRE, 2002, p.52). Tal movimento de manejo teórico da história na obra literária deve levar em consideração a aproximação entre ambos, bem como a própria influência e contribuição de *Os Sertões* para pesquisa histórica, na mesma medida em que também foi influenciado por historiadores e teóricos de sua época. Ivânia Campiogotto Aquino em seu artigo *Encontros da literatura e da história na tecitura narrativa da Guerra de Canudos* (2005) explicita o "trabalho inigualável de Euclides da Cunha, o livro híbrido *Os Sertões*, que, além de sistematizar o episódio, teoriza sobre as condições que o justificaram" (AQUINO, 2005, p.295). Essa citação novamente suscita algumas questões, tais como as características que tornam a obra um livro híbrido, a sitematização do episódio de Canudos e quais condições culminaram nesse episódio. É necessário compreender qual perspectiva é adotada pelo escritor, bem como seus referenciais teóricos. Aproximando-se cada vez mais dos escritos que construíram o princípio da história do Brasil, "Euclides adotou o ponto de vista do viajante em movimento, que dá expressão artística ou científica à paisagem" (VENTURA, 1998, p.66). Esse ponto de vista é adotado estrategicamente visando ocupar o mesmo ponto de vista a partir do qual começou a ser escrita a história do país. O próprio escritor buscava inscrever nos anais da nação uma parte não escrita dessa história. Desse modo, "incorporou, como narrador, a cultura escrita e dialogou com a tradição dos relatos de viagem e das expedições científicas" (VENTURA, 1998, p.66) tão comuns no Brasil Colônia. É possível pensar que sua motivação teve relação com o fato de que ele acreditava que o momento da colonização tinha permanecido inteiro nos interiores do país, como afirmou Nascimento? Ou seria mais uma influência das teorias europeias? No que tange a essa motivação, é válido constatar como uma das principais referências teóricas que

> Euclides adotou, em *Os Sertões*, publicado cinco anos após o término do conflito, uma concepção naturalista, baseada no historiador francês Hippolyte Taine, que lhe forneceu a base científica, ou o pretexto, para buscar correspondências poéticas entre os fatos narrados e a paisagem à sua volta (VENTURA, 1998, p.67).

Essas correspodências poéticas entre paisagem e fato narrado será retomada posteriormente. Seja como base científica ou pretexto, em sua sistematização de cunho naturalista que entrelaça poesia, paisagem e narração, à procura de respostas acerca da procedência e do destino do povo canudense, no livro, ocorre um entrelaçamento com a história

> estruturado com base no determinismo de Taine e Buckle. Raça, meio, e momento, eis os instrumentos que julgou ideais para investigar as causas profundas da guerra de Canudos. Ou seja, Euclides procurou dar uma base científica ao seu esquema explicativo, socorrendo-se ainda nas teorias evolucionistas de Spencer e no darwinismo racial (FARIA, 1998, p.23).

Elegendo raça, meio e momento para tecer suas análises e reflexões, o autor evoca uma ampla gama de escritores e pesquisadores de sua época para consolidar sua base científica. É por esse motivo que esses assuntos (instrumentos) retornam a todo momento em estudos sobre *Os Sertões*, e não será diferente com a nossa tese. Sobre as referências de Cunha, muitas são apontadas e discutidas no ínterim de sua criação literária e para além dela. Para buscar-lhe as referências, é preciso observar as suas bases em época anterior ao acontecimento que originou sua obra prima. Na década de 80, "influiu decisivamente em sua formação intelectual o contato com Benjamin Constant, discípulo de Augusto Comte no Brasil e ardoroso republicano, que foi seu professor no Colégio Aquino em 1883 e 1884" (FARIA, 1998, p.21).

Sobre os conhecimentos de Euclides, é primordial ressaltar a mencionada fase de sua formação na Escola Militar. Essa escola, vale lembrar, fazia parte de um conjunto de medidas "civilizatórias" tomadas por D. João VI. A geração de estudantes a qual pertence o escritor vivencia "um bando de ideias novas" [6]:

> teorias cientificistas, ao positivismo, ao anti-clericalismo, ao abolicionismo, ao liberalismo, ao naturalismo literário, às novas maneiras de ver e

[6] "Feliz frase cunhada por Silvio Romero no discurso de recepção a Euclides na Academia de Letras." (GALVÃO, p.117, 2009)

> interpretar o mundo, enfim, que seduziram a nossa mocidade ilustrada nos decênios de 1870 e 1880 (FARIA, 1998, p.21).

Essas novas maneiras de ver e interpretar o mundo, misto de várias correntes de pensamento advindas da Europa, cativavam os estudiosos interessados na formulação de uma teoria acerca do nosso próprio país. Esse movimento pode ser percebido em *Os Sertões*, que apresenta em si esse esforço de concatenação das ideias apreendidas para descrever a situação dos canudenses. Rememorando a citada "ambição enciclopédica" do início do tópico, é possível, à luz do panorama de novas ideias que circulavam naquela época, perceber que, para Cunha, necessariamente "tratava-se de trabalhar num campo intelectual engordado pelo cientificismo enciclopédico, de base enraizada no positivismo comteano, com tinturas deterministas e evolucionistas" (FACIOLI, 1998, p.54). Nessa confluência das observações de mais de um crítico sobre a obra euclidiana, identificamos, de forma breve, as mencionadas bases: o positivismo comteano, parte de sua vida escolar desce cedo por intermédio de Benjamin Constant; o determinismo e a concepção naturalista advindos do historiador francês Taine para engendrar em suas reflexões as noções de raça, meio e momento; e o evolucionismo de Spencer, juntamente com o darwinismo racial. Em relação a essas duas últimas, é imprescindível perceber que "parece ter havido mudança no pensamento de Euclides, ou pelo menos ressalva implícita de sua posição anterior" (FARIA, 1998, p.35). Se em um primeiro momento ele acreditava na evolução social propiciada pelos civilizados, pela ciência trazida da Europa, "os mestiços sertanejos, que viu de perto, ao contrário, desmentiam as leis gerais da ciência" (FARIA, 1998, p.29). Procurando dar base científica ao narrar o acontecido, o autor não deixa de demarcar seu próprio pensamento visto que

> não se contenta com a descrição objetiva dos acontecimentos. Inspirando-se no conceito de "narrador sincero" de Taine, assegura para si um ponto de vista pessoal e subjetivo, com o qual interpreta os fatos que narra ou presencia. É esse ponto de vista que dá ao livro um tom constante de indignação, de recusa da versão oficial a respeito da guerra e a denúncia das atrocidades cometidas naqueles ermos da Bahia (FARIA, 1998, p.31).

Nessa tomada de consciência e posição efetuada por Cunha, afastando-se do papel de historiador objetivo ele "cada vez mais cede lugar, no decorrer das descrições e

narrações do seu livro, ao observador direto" (ZILLY, 2005, p.33). Nesse movimento, o autor, com sua obra, exprimiu umas das críticas intelectuais mais importantes de sua época (e da história do país) e "imprimiu em suas páginas um amargo sabor de denúncia" (FARIA, 1998, p.20). Ele usa a teoria europeia em ordem de tratar de um problema particularmente brasileiro. Inspira-se em um conceito de Taine extraindo seu melhor e atualizando-o para assumir uma visão diferenciada sobre a realidade do Brasil que se apresentava diante de seus olhos, uma realidade cuja história havia sido negada. Essa realidade, infelizmente, permanece como ferida não cicatrizada, contudo, a partir da obra de Euclides, impulsionadora do movimento de autoinvestigação para regeneração nacional, foi escrita. Por esse impulsionamento, merece destaque a figura de Euclides da Cunha, que se estabelece como referência, seja na história, seja nas ciências sociais, além da literatura. Ele de fato preconiza uma série de parâmetros necessários à intelectualidade de sua época. Para isso, ele utiliza uma linguagem diferenciada. No âmbito de sua obra, a questão da linguagem é também amplamente discutida, pois

> a linguagem do autor de *Os sertões* não passou despercebida à crítica melindrosa, que logo, com uma arrepiada susceptibilidade, protestou contra a ousadia de uns certos vocábulos arcaicos, contra a audácia temerária de uns tantos neologismos que, por não serem do formulário corriqueiro, logo foram tomados como contrabandos vis (NETO, 2003, p.107).

Para expor seus pontos de vistas inovadores e visionários, não era apropriado utilizar uma linguagem cotidiana, embora ele também a utilize em alguns momentos. Mas, seu imenso vocabulário de termos técnicos não lhe permitiria elaborar uma escrita ordinária, na qual a busca pelo termo preciso seria preterida. Essa busca pelos termos e palavras apropriadas para atingir a mentalidade da época e expressar a especificidade de uma realidade ignorada era o que buscava Euclides da Cunha com sua obra de arte da linguagem.

1.4. Obra de arte da linguagem: *Os sertões*.

> Quando Afrânio Coutinho refere-se “ao trabalho artístico de transfiguração operado na mente do escritor”, está possibilitando o enquadramento de *Os Sertões* na categoria de *obra de arte da linguagem*. Está neste fato sua fôrça. Está também nisto sua fraqueza – no ponto em que, paradoxalmente, Euclides acomodou-se aos cânones de uma época de verbalismo. Inclusive por êste duplo aspecto a definição de *Os Sertões* como *obra de arte da linguagem* corresponde melhor à natureza intrínseca do livro do que aquela que o caracteriza como obra de ficção (OLIVEIRA, 1959, p.250).

Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902) apresenta traços que refletem o pensamento social de sua época, assim como expressa literariamente uma identidade nacional em construção na transição para o Brasil República. Por esse feito, é considerado grande escritor e pensador da sociedade brasileira ainda hoje. “Ligado a esse realismo crítico vem algo que deve ser muito enfatizado – no sentido da vida para Euclides – e que é propriamente a linguagem. A linguagem, para Euclides, era a conscientização da realidade” (GALVÃO, 2009, p.172). Era por meio dela que ele buscava a conscientização social e política não apenas da intelectualidade mas de todo o país. Com sua ambição enciclopédica, ele elabora um tipo de escrita que visa atingir os intelectuais e escritores para que tenham em mente a sua dimensão participante na resolução dos problemas da nação. Dessa maneira, ele dá destaque especial aos cientistas-escritores e sua função específica de retratar a autoconsciência da sociedade a que servem. Inserindo-se no meio letrado, ocupado pela classe média emergente que buscava justamente esse destaque, ele inicia uma reelaboração crítica de todo um período da nossa formação cultural a partir da escrita de sua obra com foco nos sertões.

Por esse motivo, ele efetuou em sua narrativa profundas modificações, especialmente no que diz respeito à linguagem. Walnice Nogueira Galvão, professora titular de teoria literária e literatura comparada na USP, responsável por uma edição crítica da citada obra e mais doze livros sobre Euclides e a Guerra de Canudos, constitui-se como uma das principais fontes de referências bibliográficas no assunto, e, portanto, fundamental para nossa pesquisa. Em sua apresentação ao volume *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha* (2009), ela aponta um dos principais motivos para a singular linguagem dessa obra euclidiana:

> Os Sertões é uma espécie de colcha de retalhos de uma infinidade de outras narrativas. Euclides estivera pouco tempo em Canudos, nem bem três semanas, e por isso, se valera abundantemente de testemunhos alheios. As outras narrativas, mesmo que unificadas pela tremenda força e estilo de Euclides, transpareciam sob a sua (GALVÃO, 2009, p.9).

A ambição enciclopédica junto com a concatenação de várias histórias diferentes, cada uma em sua fala e linguajar característicos, reunidas pelos relatos de Euclides da expedição a Canudos, servem como base para *Os Sertões*. A sua tremenda força e estilo, como aponta Galvão, serão o foco da nossa tese pois buscamos investigar como a partir desses traços estilísticos derivam diversas discussões ideológicas que devem ser levadas em conta ao traduzir a obra. Desse modo, os principais debates levantados por nosso estudo tem sua origem na escrita literária do autor, pois em sua escolha de palavras ele descreve não só o sertão, mas as condições deste que afetam e se confundem com próprios sertanejos:

> o flagelo das secas propicia ao escritor os momentos ideais para pintar com palavras de areia, pedra e fogo o sentimento do inexorável. Desfila paisagens comburidas e adustas (para usar dois adjetivos que lhe são caros), mas não mortas, pois o escritor soube traduzir a agonia das plantas fugindo ao calor em batalha surda e tenaz. É a tônica do conflito. Que se repetirá na luta do sertanejo contra o meio e, em outro plano, na resistência indomável dos jagunços à invasão dos "brancos" litorâneos (BOSI, 2003, p. 310).

Em seu comentário sobre o escritor, seu livro e sua escrita, Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2003), utiliza-se de uma linguagem metafórica e sinestésica, permitindo-se afetar pelo próprio conteúdo e linguagem de Euclides. A natureza personificada é que vai representar a tônica do conflito dos sertanejos, tanto com seu meio quanto com os "civilizados". Em afirmações tais como "pintar com palavras de areia, pedra e fogo" e "traduzir a agonia das plantas fugindo ao calor em batalha surda e tenaz", é possível, a partir dessas expressões figuradas, demonstrar como o contato com a escrita euclidiana promove alterações na própria forma de escrever de seu comentarista crítico. Bosi vai além e usa até mesmo expressões caras ao autor cuja obra comenta, até mesmo apontando as suas classes gramaticais para os mais desavisados. Henrique Maximiliano Coelho Neto em *O Estado de São Paulo*, 1 e 2 de janeiro de 1903, também deixa-se influenciar pela escrita euclidiana:

> É assim *Os Sertões* do sr. Euclides da Cunha: um livro vivo: terra, céus e almas. Não é uma descrição trabalhada – é uma região e são fatos; não é um quadro colorido com tintas quentes, é uma paisagem natural com o seu sol que exsica, com as suas torrentes que cava ravinas, com seus lúgubres desertos, com suas caatingas intratáveis, com o homem rude, produto do meio ríspido e ingrato, como o cardo hirto, abostelado e espinhoso que avulta na solidão adusta (NETO, 2003, p.102).

Dessa forma, Bosi e Neto ressaltam a característica mais pungente da escrita de Cunha, conhecido por seu hermetismo, por isso considerado “o leitor intemperante do dicionário à cata do termo técnico ou precioso. (BOSI, 2003, p. 308). Além de destacar a “cata” de palavras como essencial para a escrita literária de *Os Sertões*, Alfredo atenta também para a temática (igualmente cara para Cunha) do duplo conflito do sertanejo contra o próprio sertão e contra a “invasão dos “brancos” litorâneos”.

Na narração desse conflito, Euclides da Cunha evidencia através da relação do espaço com o personagem o duro meio em que o sertanejo vive, sua falta de água, de comida, seu isolamento do mundo. Mais a fundo, a questão dos latifúndios, das relações de trabalho abusivas, do descaso e abandono social por parte do governo e do isolamento em relação aos litorais e suas produções culturais. Para Bosi, se “o flagelo das secas propicia ao escritor os momentos ideais” para escrever, a formação militar em Engenharia provoca uma objetividade nessa mesma escrita, na procura da palavra em necessária correspondência com aquilo que busca significar

> onde o orador loquaz e o palavroso literato buscavam o efeito pelo efeito, o homem de pensamento, adestrado nas ciências exatas, perseguia a adequação do termo à coisa; e a sua frase será densa e sinuosa quando assim o exigir a complexidade extrema da matéria assumida no nível da linguagem (BOSI, 2003, p. 308).

Assim, a escrita literária de Euclides da Cunha é uma perseguição “a adequação do termo à coisa”. No caso em questão, não é exagero utilizar o termo “perseguição”, já que *Os Sertões*, lançado no final de 1902, já em 1903 conta com uma segunda edição, e ainda outra em 1905 totalizando em três anos três edições. Esse recorde deve-se às “emendas” de Euclides à sua obra, que totalizam quase dez mil, fazendo jus à caracterização de “emendador obsessivo” (GALVÃO, 2009, p.14) atribuída a ele por Galvão. “Leitor de dicionário à cata de termo” e “emendador obsessivo” são as descrições feitas por Bosi e Galvão acerca do tratamento que Cunha dispensava

à sua escolha de palavras para construção (e reconstrução) de seu livro. Corroborando nossas observações de que a palavra é a unidade mínima de maior relevância para o autor, é possível notar que

> as emendas situam-se antes ao nível da microestrutura que da macroestrutura (...) Euclides está sem cessar substituindo uma palavra, ou uma construção por outra(...) Em segundo lugar, na ordem de frequência posta-se a modificação parcial da palavra, que adquire, em seu caso, uma importância estilística considerável (GALVÃO, 2009, p.14).

Ao longo das correções editoriais efetuadas por Euclides da Cunha é mister perceber que suas alterações na linguagem utilizada ocorreram no sentido de acomodar ao falar brasileiro a sua grande obra literária que trata justamente da construção da identidade cultural do povo brasileiro.

> Ninguém diria que Euclides fosse um escritor renovador, muito pelo contrário: ele é até arcaizante, e sente-se em seu discurso o peso dos clássicos lusitanos. Mas é curioso que nas sucessivas emendas que foi fazendo às sucessivas edições, insensivelmente fosse reajustando a sintaxe à prosódia brasileira (...) É provável que ele próprio não tenha percebido o rumo que essas emendas tomavam e quanto eram significativas no quadro geral da evolução da língua literária brasileira (GALVÃO, 2009, p.15).

Ao efetuar mudanças em sua escrita literária e acabar por provocar modificações em toda a "língua literária brasileira", podemos assinalar a importância de Cunha para o panorama da literatura no Brasil. Embora o termo "evolução" evoque o criticado movimento evolutivo suscitado pelas teorias civilizatórias, compreendemos aqui que a autora refere-se à atualização da grafia de certas palavras. Como evoluir a língua e ser arcaizante ao mesmo tempo? Na perspectiva de Zilly, tradutor de sua obra para o alemão,

> o português de Euclides da Cunha em certa medida é um português tradicional, lusitanizante sobretudo no plano sintático mas também na escolha de muitos vocábulos. Porém, foi sobretudo através do francês, por sua vez marcado pelo latim como língua da erudição, que o saber do mundo chegava ao Brasil até a IIª Guerra Mundial (ZILLY, 1997, p.128).

Se as emendas buscam reajustar a sintaxe (lusitanizante) à prosódia brasileira, conforme apontado por Galvão, o português tradicional prevalece na obra para Berthold Zilly. Já foi mencionado o tom elogioso dos críticos aos escritos de

Euclides, porém, “José Veríssimo fez duros reparos ao estilo e ao vocabulário (NASCIMENTO, 2003, p.18) de sua obra. Em conformidade com português tradicional, arcaizante (para Galvão), lusitanizante (para Zilly), bem como trazendo o aspecto inovador da língua nas atualizações das grafias de determinadas palavras,

> acresce ainda dizer que o estilo literário de Euclides da Cunha influencia de maneira poderosa esses estudiosos que param no estilo, na carpintaria literária da obra euclidiana, sem realçarem, como seria necessário, a contribuição dessa obra como desenvolvimento do pensamento social e das ciências sociais em nosso País (MOURA, 1964, p. 8).

Em um momento no qual o francês era a língua utilizada para a disseminação de saberes europeus, o livro *Os Sertões* provoca uma sempre renovada inquietação acerca da escrita euclidiana que, além de inovadora linguagem, promove o descentramento do foco da atenção para a vida cosmopolita e transporta-a para esse local onde o homem luta também com a terra. Em sua literatura que maneja a história, precursora das ciências sociais no país, transformadora da língua literária brasileira, “se apresentam os sertões na visão de Euclides, artista capaz de transformar o espetáculo da natureza em espetáculo da linguagem” (FARIA, 1998, p.28). Pelos motivos explicitados, é possível observar como o escritor e sua obra *Os Sertões* ocupam posição de destaque na cultura brasileira. Sua visionária mirada para o sertão e seus habitantes passa pela ressiginificação da palavra “sertão” em amplo aspecto pois

> todo o verdadeiro escritor é um revelador – tem as suas impressões e, procurando traduzi-las, rebusca o termo próprio como o artista da palheta, para dar um tom iluminado recorre, muitas vezes, a uma variedade de tintas até encontrar o matiz exato – só os inexpressivos, os pálidos, os que compõem materialmente, ficam satisfeitos com o vocabulário do dia a dia, com a técnica comezinha, muito agachados perante as regras duma falsa estética de convenção, obedecendo servilmente às imposições da crítica chilra e insossa que exige, a título de simplicidade, o trivialismo banal (NETO, 2003, p.107).

Na busca pela tradução dos componentes que constituem os sertões, a obra de Cunha apresenta em sua linguagem, a cuidadosa escolha de palavras, as constantes adaptações dos vocábulos e a intrincada relação entre significantes e significados. Intrigando gerações de críticos com as características peculiares de

sua escrita, o autor acaba “dando-nos o mais belo e inquietante retrato do homem nordestino em língua portuguesa” (FARIA, 1998, p.26).

Talvez por esse motivo, Bosi classifica o autor como “manipulador do verbo” (BOSI, 2003, p.308). Sobre as adaptações da sintaxe lusitanizante à prosódia brasileira efetuadas por Euclides da Cunnha, Galvão confessa que “de todo modo, quando se examinam uma por uma essas modificações parciais, cresce a admiração por sua inventividade e opulência de recursos na habilidade do trato com as palavras” (GALVÃO, 2009, p.17). Privilegiando então a palavra como unidade mínima para análise da escrita euclidiana, selecionamos “sertão”, palavra que representa a um só tempo a mínima e a máxima dessa obra literária, para tecer nossas reflexões. Essa escolha é feita por perceber no cerne da obra uma vontade de expor a condição de luta e relação de nutrição que o homem estabelece com o sertão. Há um fascínio especial em seu relato sobre o espaço, seus habitantes e sua cultura, sua fauna, sua flora, sua geografia. As observações do autor são argutas ao captar as vivências nesse meio. O sertão é descrição de cenário e mais: os próprios personagens, uma condição de vida, um ser-tão sobretudo brasileiro. A visão de que no sertão e no sertanejo há algo inerente que diz muito sobre o Brasil.

2. Sertão e incertos

Como já explicitado em nossa introdução, é de crucial importância uma investigação mais cuidadosa acerca da palavra “sertão”. Para Guimarães Rosa, em correspodência com seu tradutor, ela possui “significado tanto concreto quanto simbólico”. Para Bosi, sertão é um “todo natural-cultural onipresente”. É preciso perceber que o “sertão” vai além da formação geográfica na obra de Euclides da Cunha. Se admitirmos essas características atribuídas ao sertão e levarmos em consideração como Cunha o constitui na sua obra literária, por conseguinte, deveremos efetuar a tarefa de procurar pela história as origens dessa palavra levantando discussões sobre o vocábulo e seus possíveis significados. A partir disso, procuraremos compreender efeitos e sentidos de “sertão” no âmbito específico do livro de Euclides.

Essa tarefa consistirá em etapas. Nessa primeira etapa, vamos investigar nos dicionários e nas produções críticas direcionados à obra de Euclides da Cunha a fim de encontrar as indicações dos comentadores do livro acerca do histórico de uso e da origem etimológica da palavra sertão. Em um segundo momento, é necessário atentar para os usos da palavra em estudo ampliando a nossa fortuna crítica para considerar novos olhares. Esses novos olhares associados à pesquisa empreendida até aqui visam auxiliar na distinção dos efeitos promovidos por meio da palavra “sertão” e sua capacidade de abarcar múltiplos sentidos na obra *Os Sertões*. Para isso, observaremos contribuições relevantes para a investigação pretendida em nossa tese, principalmente contidas em *O sertão prometido* (1995), *Revista de Canudos* (1997) e *O clarim e a oração* (2002). Esse último, trata-se de uma coletânea de artigos, reunida em comemoração aos cem anos de *Os Sertões* e conta com a produção de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. Já a Revista de Canudos é fruto do empenho da Universidade do Estado da Bahia através do Centro de Estudos Euclydes da Cunha que dedicou-se a fazer uma nova edição do primeiro número da revista, reafirmando os apontamentos dos estudos interdisciplinares das últimas décadas de que a obra *Os Sertões* deve ser apropriada por todas as ciências e saberes. A partir das novas perspectivas que serão levantadas, consideraremos quais são os efeitos causados pela palavra “sertão” na obra de arte da linguagem de Euclides.

2.1. Viagens e olhares para o sertão

> Assim, sertão e sertanejo são antes um tecido, um texto que vem sendo escrito por viajantes, historiadores, escritores, tanto mais móvel e complexo quanto mais ignoto, inominado, portanto ficcional de partida, lugar em que as coisas acossam os signos conhecidos e em que a fala do sertanejo é o material legítimo de escritura. Todos se tornam cronistas com a boca roçando a paisagem, como o foram os primeiros padres, viajantes, ourives, doceiros e poetas das Américas (PINHEIRO, 2002, p.333).

Para iniciar essa etapa, vamos remeter ao período histórico da colonização do Brasil, e a partir daí começar nossa busca pela palavra “sertão” e seus sentidos, atentando para a cronologia dos acontecimentos. Quem primeiro a utilizou? Em qual contexto? Qual sentido quis lhe atribuir? Gilberto Mendonça Teles em *O lu(g)ar do sertão* (2002) apresenta um aprofundado estudo sobre as origens históricas e etimológicas de “sertão” e, portanto, utilizaremos suas observações como fio condutor de nossas reflexões iniciais sobre o assunto, dialogando com outros comentadores pertinentes à discussão. Por agora, vamos nos ater a seguir a trajetória dessa palavra na literatura brasileira. Ele nos informa que há muitos séculos já era utilizada no país, pois

> a palavra sertão está em todos os cronistas e viajantes que visitaram o Brasil nos séculos XVI, XVII, XVIII, época das entradas e das bandeiras, das descobertas de minas de ouro e diamante, da fundação de povoados e cidades, como Vila Rica, em Minas Gerais, e Vila Boa em Goiás (TELES, 2002, p. 265).

O início da produção literária escrita no e sobre o Brasil está associado ao contexto das grandes navegações, que tinham no continente americano muitos interesses visando principalmente possibilidades e condições favoráveis à exploração de matéria-prima e mão-de-obra. Por esse motivo, era comum que as descrições dos viajantes e dos cronistas a bordo das embarcações europeias que aqui chegavam contivessem vários apontamentos sobre a fauna, a flora, o clima e os habitantes das Américas. Ainda, segundo Teles,

> é claro que, oficialmente, a Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, hoje como pátina de literatura, é o primeiro documento a registrar a palavra

> sertão no Brasil. Ao falar das aves anota que "*per esse sartaão ajam muitas aves*"[7] (TELES, 2002, p. 265).

Isso confirma que o olhar do viajante estava voltado para a natureza, para os animais e sua diversidade e\ou quantidade presentes no território que ele chama de "*esse sartaão*". Assim, na primeira aparição de "sertão" na literatura brasileira, apenas podemos inferir a provável existência de muitas aves nele. Ao classificá-lo como "esse", Pero Vaz de Caminha deixa entender que está distante do local apontado referindo-se a ele utilizando o pronome na segunda pessoa do discurso. Esse ponto de vista não passa despercebido por Teles que irá discuti-lo acrescentando que Caminha,

> ao descrever a nova terra que vê dentro da nau capitânea diz que
> *Depomta apomta he toda praya parma mujto chaã e mujto fremosa. Pelo sartãão nos pareceo do mar mujto grande por que aestender olhos nõ podiamos veer se nõ tera e aruoredos que nos pareçia muy longa tera*[8] (TELES, 2002, p. 265).

"Grande" visto do mar e "muito longa terra" com "arvoredos" são as novas informações que surgem no texto associadas ao sertão. Isso reafirma que os olhares para o novo continente buscam investigar a sua geografia. Seus pontos de observação estão na costa, frequentemente no Atlântico, embarcados em algum navio, como já foi apontado.

> Documenta-se aí o sentido que generalizou entre os viajantes do século XVI: o da oposição litoralXsertão. No primeiro exemplo o demonstrativo aponta para o distante – "*esse sartaão*", o que está longe "deste lugar", de onde se fala: e a distância fica ainda maior quando se *vê* a palavra na sua forma antiga, com a assimilação de e/a e com as duas vogais antes da crase (aã). No segundo, concretiza a oposição: vista do mar e, portanto, em oposição a ele, a terra distante – o sartaão – (TELES, 2002, p. 266).

A oposição litoralxsertão já se iniciava ali mesmo: com o viajante estrangeiro descrevendo o sertão a partir de um ponto de vista alheio, feito de "fora" para "dentro", tendo como objetivo a exploração dos recursos naturais. Lembremo-nos da proposição "conquisto, logo existo", presente na mentalidade dos olhares

[7] CAMINHA, Pero Vaz. A carta. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centennário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, 1968. p.57

[8] Idem. p.62

colonizadores. A conquista do continente americano foi feita de maneira a ocupar a faixa litorânea para a construção de portos, a fim de importar e exportar produtos, colocando o “Novo Mundo” na rota comercial das grandes navegações das nações europeias. Por isso,

> os primeiros viajantes deixaram observações apenas sobre o litoral, onde viveram. Daí é que “contemplavam” o interior – o sertão -, falando dos índios que vinham do “mato” ou do sertão, palavras que se identificam na época (TELES, 2002, p. 265).

Dessa forma, é possível perceber que a palavra sertão desde seus primeiros usos na literatura brasileira já era constituída como um par antagônico ao litoral. Ele ainda acrescenta a possibilidade de identificação entre “mato” e “sertão”. Zacharias, em *A lexicologia de Os Sertões* (2001), apresenta uma possível definição para a palavra sertão com aspectos também centrados na localização geográfica da região e sua vegetação. Porém, adiciona algumas informações que contribuem para a discussão que pretendemos levantar:

> SERTÃO. – S. m. As regiões do interior de um país, distantes dos centros e escassamente povoadas, nas quais predominam extensas matas inexploradas (ZACHARIAS , 2001, p.841).

Se encontramos como fundo comum nas definições da palavra sertão o foco na natureza, “terra e arvoredos” para Pero Vaz de Caminha e “extensas matas” para Zacharias, este último acrescenta novas informações na sua definição: região do interior de um país, distante do centro e escassamente povoada. Essas novas informações também suscitam a formação de novos pares antagônicos tais como interiorXcentro, áreas povoadasxáreas escassamente povoadas e matas exploradasxmatas inexploradas. Os “centros” estarão localizados antes sob o critério de fluxo de pessoas e mercadorias do que propriamente um ocupar uma posição central no continente. Distância dos grandes centros, ausência de mão-de-obra e existência de recursos não explorados são aspectos que trazem à palavra sertão uma perspectiva econômica já anteriormente apontada na época da colonização. Nessa nova definição, sertão não é o mesmo que mato, mas, a região (do interior) apresenta a predominância de matas inexploradas. Para obter novos dados e buscando avançar cronologicamente em nossa investigação, retomaremos as

observações de Teles sobre a segunda metade do século em que foi rastreado o primeiro surgimento do termo:

> Não conseguimos encontrar a palavra “sertão” mas apenas seu equivalente ou “tradução”, como “interior” ou alguns possíveis sinônimos como “mato” e “região”, todos os viajantes que passaram pelo Brasil, da segunda metade do século XVI ao século XVIII, deixaram ligeiras referências ao termo, utilizando-o quase que com a mesma significação: a de terras distantes do litoral, *hinterland*, deixando aí implícita outra oposição – lugar sem árvore, praia, litoral/ lugar com árvore, mato, interior (sertão) (TELES, 2002, p. 266).

Nesse momento, sertão passa a ter como sinônimos “lugar com árvore” (corroborando Caminha), “mato”, já apontado anteriormente por outra definição, e, de forma muito genérica, “região”. A partir da já notada oposição de litoralxterras distantes do litoral, ele agrega novos dados à discussão ao apresentar a palavra estrangeira *hinterland*, revelando a oposição implícita que ela causa: litoralxinterior. Ou seja, recapitulando, encontramos o vocábulo “sertão” para uns como sinônimo de mato, para outro como área com matas inexploradas. Local com arvoredos para Pero Vaz de Caminha. Outras opções possíveis são lugar com árvore, mato, e, por último, interior, *hinterland*. É interessante notar que a palavra mesmo não pertencendo ao vocabulário da língua portuguesa surge antes mesmo de levantarmos a questão da tradução de sertão para outras línguas. Traremos essa reflexão à tona em um outro momento da discussão. Por enquanto, vamos retomar a informação de Zacharias de que são regiões do interior escassamente povoadas. Bem, se o ponto de observação para o sertão era sempre posicionado no litoral, como é possível afirmar qualquer dado sobre a população do interior do país? Aproximemos essas definições de sertão às definições apresentadas por Pedro A. Pinto em *Os Sertões de Euclides da Cunha*: Vocabulário e notas lexicológicas (1930). Sua explicação é bem breve: “Sertão. Lugar inculto, despovoado, longe da civilização” (PINTO, 1930, p.271).

Se para o autor de *A lexicologia de Os Sertões* o local é escassamente povoado, esse segundo apresenta-o como sem povo algum. Outros dados também podem ser extraídos, a partir da observação da abordagem de Pinto que engloba a questão da civilização e da cultura, ambos distantes ou inexistentes no lugar dito sertão. É oportuno lembrar as discussões a respeito de cultura e civilização propostos no

primeiro capítulo de nossa tese. Esses temas sempre serão rediscutidos sob novos aspectos e com novas contribuições, retomando argumentos já explicitados e desenvolvidos anteriormente. Essa definição de sertão, de 1930, ainda apresenta o tipo de distinção que havia justamente sido criticada pela obra de Euclides da Cunha. Sobre os habitantes do sertão, é possível perceber que não era necessariamente verdadeira a afirmação de Pinto que eram áreas escassamente povoadas. O próprio arraial de Canudos, no interior da Bahia, contava com grande número de habitantes na época de sua trágica extinção.

Não é possível extrair certezas a respeito do sertão quando buscamos compreender à luz das explicações apresentadas pelos críticos. Como é sua vegetação? Compõe-se de arvoredos? Mato? Matas inexploradas? Problematizando ao máximo as possibilidades do que é o sertão, deparamo-nos também com a possibilidade da ausência ou escassez de plantas na região, contrastando flagrantemente com as definições até aqui apresentadas, pois Maria Alzira Brum Lemos informa em *Os Sertões: modernidade e atualidade* (2002) que

> nos antigos mapas portugueses, “Sertão”, aumentativo de deserto, era o nome dado às terras desconhecidas, as quais se presumiam povoadas de prodígios estranhos e ameaçadores. Por extensão, uma metáfora do “irracional”. Hoje, o sertão está em toda parte, constituindo-se uma maneira de pensar a geografia e a populações que resistem de aguma maneira ao ‘padrão civilizatório’ imposto pelo Ocidente. O exotismo, a geografia de extremos e a caracterização de tipos “físicos” migraram, ao longo do século XX, das ciências, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia, para cultura de massas (LEMOS, 2002, p.75).

Acrescentando uma série de novas informações acerca do uso da palavra, Lemos procura informar sobre sua utilização no momento histórico da colonização, associando-a à mentalidade da época. Além disso, amplia o escopo da palavra ao considerá-la, hoje, como uma maneira de pensar, tanto a geografia quanto as populações que resistem à civilização. Essa perspectiva, em acréscimo à dimensão dada por Pinto como “longe da civilização”, elucida que a distância da civilização era tanto física quanto ideológica. O sertão não apenas se localiza distante dos centros da civilização (Europa) como também coloca-se como uma resistência a ela (como bem demonstra a obra de Euclides da Cunha). Outra contribuição da autora é sua explicitação sobre como a produção de conhecimento da “civilização” tornou a visão

sobre o sertão estereotipada e extendeu-a às ciências, sendo posteriormente transferida para a cultura de massas ao longo do século XX. São muitos pontos para desenvolver a partir dessas contribuições.

Retomemos, em primeiro lugar, a problematização da vegetação do local. Como é possível que as matas inexploradas, com arvoredos tenham se tornado um deserto? É conhecida a escassa vegetação do deserto, onde pode-se passar dias sem encontrar planta ou animal algum. Por que nos mapas portugueses o interior do Brasil era um “desertão”, mesmo com as observações de Pero Vaz de Caminha? Se o sertão é uma “terra desconhecida” como pode ser presumidamente “povoada de prodígios estranhos e ameaçadores”, ou, seu oposto “despovoada”? Se as definições de sertão não solucionam as perguntas sobre ele, compreendemos porque a autora considera esse de‘sertão’ uma “metáfora do irracional”. De população escassa à despovoado, o sertão agora para a ser constituído por um povo emblemático, prodígio e ameaçador(?), estranho ao povo europeu. Esse posicionamento assumido pelos colonizadores frente aos conquistados era certamente pernicioso, pois busca ditar quem é aquele outro, que, de fato não conhece. Para Teles, fica muito claro que

> a palavra sertão tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado – na “civilização” (TELES, 2002, p. 263).

Mesmo compreendendo a civilização como lugar privilegiado de visão e fala pela forma como se autoconstituiu epistemologicamente perante aqueles considerados por ela não civilizados, contudo, não podemos esquecer que essa mesma civilização também é uma condenação, nas palavras de Euclides Cunha. E é (in)justamente em nome da civilização que os sertões de Canudos são condenados. Vemos nessa contínua condenação um movimento de tornar o termo sertão depositário de uma série sentidos, colocados por Teles como opostos em relação ao ponto de vista do litoral. Podemos perceber, além disso, que o litoral considerado como “próximo” só pode ter como referência o continente europeu: a costa do continente americano está mais “perto” da Europa do que seu longínquo interior. As terras não cultivadas e

uma gente grosseira eram de pouco interesse para os conquistadores no litoral. Nada mais conveniente que empurrar para o espaço e para a palavra “sertão” esses vários significados sem importância e já imbuídos de uma oposição aos significados do litoral e da civilização. Isso corrobora o que foi mencionado acerca da metáfora do “irracional”. Os europeus impõem entre os sentidos de sertão a ideia de terras “povoadas de prodígios estranhos e ameaçadores”. Essa metáfora do irracional acaba constituindo uma maneira estereotipada de pensar a sua geografia e as suas populações. A partir de que momento então a palavra “sertão” assume a conotação de resistência ao padrão civilizatório, como indica Lemos?

> Dir-se-ia que a horizontalidade da conquista territorial atuou no esvaziamento do símbolo colonialista, transformando-o em signo linguístico da nova realidade nacional e ampliando o imaginário dos nossos escritores. O percurso desta transformação se deixa ler ao longo da poesia brasileira, não só através de mudanças operadas no significante escrito e falado (sartãao -> çartão- certam- sertão-Sertão-sertões e o lúdico ser tão), mas principalmente pela incorporação de conteúdos provenientes da configuração geográfica do Brasil, com 4.328km de extensão Leste-Oeste (e 4.320 km de Norte a Sul), do que resultaram grandes áreas vazias no Centro, no Planalto Central, que só a partir de 1950 começam a ser efetivamente ocupadas. Isto explica o sentido popular, segundo o qual o sertão é outro lugar, é o lugar do outro: fala-se dele, mas ele sempre está longe da enunciação. É a concepção metropolitana que pôs a palavra em circulação no século XVI (TELES, 2002, p. 264).

Na base principal de seu argumento, o critério de mudança no possível significado da palavra “sertão” tem motivação geográfica pela inclusão de novos territórios à sua área inicial. A “ampliação” de sua extensão territorial, que passa a agregar grandes áreas vazias no Planalto Central, acrescenta também na abragência de escopo do sertão. Teles não deixa ainda de mencionar que sertão também tem um sentido popular: lugar do outro. A “concepção metropolitana” que colocou a palavra para circular no século XVI claramente refere-se aos saberes da metrópole colonizadora que buscava levar a civilização e a cultura aos povos conquistados, esse outro inculto, não civilizado. Contudo, o autor não deixa claro o processo de esvaziamento do “sertão” como símbolo colonialista para transformá-lo em signo linguístico da nova realidade nacional e como isso pôde ampliar o imaginário de nossos escritores. De que maneira isso é possível, se ele mesmo explica que “sertão”

> é uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador. Ela provém de um tipo de linguagem em que o símbolo comandava a significação (re)produzindo-a de cima para baixo, verticalmente, sem levar em conta a linguagem do outro, do que estava sendo colonizado (TELES, 2002, p. 263)?

Poderia um ponto de vista alheio, produzido de “fora” para “dentro”, tendo como objetivo a exploração dos recursos naturais, imprimir marcas “por e dentro e por fora” da palavra “sertão” evidenciando o processo colonizador sofrido pelo nosso país? O exotismo, a geografia de extremos e a caracterização de tipos “físicos” apontados por Lemos que foram atribuídos ao “sertão” responde em certa medida nosso questionamento. Se por seu intermédio é possível perceber que o processo da conquista territorial é horizontal, porque iguala todos os conquistados, percebemos também que o processo de constituição dos saberes é, sem dúvida, vertical. Vertical, porque os colonizadores consideravam a si mesmo como superiores, acima dos povos conquistados. Ou seja, colocam-se como únicos produtores de saber válido e o fazem mediante a desautorização do lugar do outro. Essa desautorização do outro passa pelo projeto de linguagem em que o símbolo comanda a significação. A linguagem da ciência da época, a serviço da civilização conquistadora, símbolo do progresso, deposita seus preconceitos (metáfora do irracional) nos significados da palavra sertão, sempre colocada na perspectiva de oposição ao litoral. E são justamente o exotismo, a geografia dos extremos e a caracterização dos tipos físicos que permeará toda a produção de conhecimento sobre o sertão, inclusive nas produções de autores brasileiros. É dessa maneira, imiscuída nas ciências, na Sociologia, na Antropologia, na Psicologia que essa visão vertical embutida pelo colonizador no “sertão” posteriormente atinge a cultura de massas.

Retornemos ao processo de transformação pelo qual passava a palavra sertão seguindo-a cronologicamente. Teles também informa a modificação pela qual passava:

> No século XVIII, quando se vai consolidando a ocupação humana do interior do Brasil – Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, oeste de Pernambuco e de Alagoas, sul de Ceará e do Piauí – o sentido de sertão adquire conotações mais concretas, sendo agora visto de fora e de dentro. Vira contexto e circunstância e deixa de ser um lugar longínquo (TELES, 2002, p. 278).

“Maneira de pensar a geografia e a populações que resistem de alguma maneira ao ‘padrão civilizatório’ imposto pelo Ocidente”, para Lemos, “contexto” e “circunstância” para Teles, a palavra “sertão” vai adquirindo novas nuances de significado, agora a partir de novas perspectivas. Esses novos olhares auxiliarão no esvaziamento da ideologia colonialista atribuída ao sertão? Era premente perceber que

> refletia na América o ponto de vista do europeu – era seu dito (ou seu ditado) enquanto nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil, se ia criando a subversão de um não-dito nativista e sertanista que se tornou um dos mais importantes signos da cultura brasileira, sobretudo depois que Euclides da Cunha, no início do século XX (1902), publicou seu livro magistral, *Os Sertões* (TELES, 2002, p. 263).

O que podemos entender por subversão de um não-dito nativista e sertanista? Como é possível subverter o que não havia sido dito? Pois era essa a contingência da obra euclidiana: preencher essa lacuna, esse não dito pelos nativos e sertanejos, desautorizados pela civilização de produzir sua história. A história da humanidade sob a ótica da civilização era elaborada de forma que apenas ela mesma produzia conhecimento a esse respeito recheando-o de preconceitos e ideologias que faziam parte de um projeto de conquista do continente americano. Só esse movimento de subverter o não-dito, ou seja, dar-lhes a possibilidade de dizer, poderia esvaziar o “sertão” tirando-o da condição de “símbolo colonialista, transformando-o em signo linguístico da nova realidade nacional e ampliando o imaginário dos nossos escritores”. Nesse momento, empreende esse esforço Euclides da Cunha, ao efetuar com seu livro uma explanação tão magistral sobre o sertão, bem como colocar no centro das dicussões essa parcela da população à qual a fala foi negada, ou, antes, fabricada por outros para lhe classificar. Seu foco de atenção para o sertão é seguido por outros escritores posteriormente, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e tantos outros. Nessa época, “com a poesia de Jorge Lima o termo sertão se atualiza na geografia nordestina, aparecendo ao lado de caatingas, capoeiras, ipueiras, serrotes e capões” (TELES, 2002, p. 282).

Após o livro de Euclides e essa gama de escritores que produziram acerca do sertão, surge a sua vegetação característica, enfim, nem arvoredos, nem matas

fechadas ou inexploradas, tampouco desertão, mas termos próprios para a fauna e flora locais, bem como recorte geográfico mais bem definido, aproximando-se de seu significado mais concreto, conforme já apontado por Rosa. Para Lemos, se, hoje, o sertão está em toda parte, faz sentido considerá-lo um todo natural-cultural onipresente conforme apresentado por Bosi. Somente se entendido como um contexto, uma cirscuntância e, principalmente, uma maneira de pensar, uma posição de enfrentamento e resistência à civilização, podemos associar a palavra sertão à seu significado mais simbólico

> e o significado com que ela entrou na nossa cultura, onde se desenvolveu com os novos horizontes das entradas e bandeiras e com a formação de uma consciência nacional. E levou em conta a mudança da ideologia colonizadora na expressão do imaginário brasileiro (TELES, 2002, p. 283).

2.2. Obscuridade etimológica do Sertão

> A obscuridade etimológica que envolve o termo sertão constitui um dos elementos motivadores de várias significações que ele foi adquirindo, à medida que o espaço brasileiro foi ampliando para o Oeste (TELES, 2002, p. 264).

Como vimos anteriormente, ao longo da história da literatura brasileira a palavra sertão foi acumulando em si uma série de significados, que em alguma medida revelam algo sobre a própria construção da história do Brasil. De espaço físico, passa a também significar modo de pensar, circunstância, contexto e uma forma de resistência. Se "esta simples descrição do percurso da palavra sertão na poesia brasileira levou em consideração, inicialmente, o lado obscuro de sua etimologia" (TELES, 2002, p. 283), nesse tópico procuraremos justamente investigar acerca da origem etimológica do "sertão". A princípio, sem maiores detalhes, Levine nos informa que

> Canudos localizava-se no interior remoto do Nordeste brasileiro, conhecido geralmente por sertão. Essa região era castigada por um clima severo e, normalmente, por uma terra pouco convidativa. A palavra "sertão" originou-se do termo "desertão" (LEVINE, 1995, p.41).

Apenas apontando que "sertão" é originado a partir de "desertão", uma das possibilidades já apresentada no tópico anterior, o crítico retoma noções como "interior", e apresenta-o como terra pouco convidativa, contrastando com os arvoredos e mato apontados anteriormente por outros que tentaram definir o sertão. O clima severo que aparece enfim na explicação é também uma informação de extrema relevância para compreender os sertões. Porém, ele não apresenta nenhuma informação sobre a origem da palavra que o permita associá-la a desertão, exceto pelo clima. Buscando respaldar ou refutar a associação feita por Levine, é mister investigar em outras fontes. De acordo com a investigação de Gilberto Teles sobre as raízes da palavra "os dicionários etimológicos dizem que se trata de "forma aferética de desertão" (Antenor Nascentes), "obscura, controversa ou desconhecida" (José Pedro Machado) e "de etimologia obscura" (Antônio Geraldo da Cunha)" (TELES, 2002, p.301). Essa nova pesquisa reafirma o elo entre sertão e deserto, além de indicar a falta de informação com a qual deparou-se mais de um

dicionarista. Se os dicionários etimológicos não conseguem suprir com novos dados quais as origens da palavra sertão, a procura extende-se aos demais dicionários. No dicionário Michaelis encontramos:

> 1Região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas.
> 2 Região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas.
> 3 Terreno coberto de mato, afastado da costa.
> 4 O interior do país.

Ou seja, reencontramos as já conhecidas explicitações tais como região do interior coberta de mato, pouco povoada, afastada dos centros urbanos e do litoral. Em adição, encontramos ainda a atenção ao clima com secas periódicas, como já havia apontado Levine. As novas informações são sobre o solo (arenoso e salitroso) e sobre as atividades relacionadas à economia, nas quais afirma-se que prevalecem as atividades pecuárias. No dicionário Dicio, uma interessante comparação surge: “lugar agreste afastado dos pontos cultivados. Floresta longe da costa.[Por Extensão] O interior do país. [Brasil: Nordeste] Zona do interior mais seca que a caatinga”. Pela primeira vez, é empregada a palavra “agreste” e o sertão é colocado em comparação com a caatinga, outra palavra que aparece apenas nessa definição, dentre as outras até aqui apresentadas. Mas apesar dessas contribuições, as origens etimológicas da palavra sertão continuam desconhecidas. Dessa forma, pela leitura de dicionários, foi possível obter mais algumas considerações sobre como o termo chegou até nós e como ele foi adquirindo novas significações em nossa cultura com o passar do tempo:

> Os dicionários comuns repetem, com ligeiras variações, a acepção registrada por Bluteau, em 1720: “Região apartada do mar e por todas as partes metida em terra”. Assim está em Antônio de Morais e Silva, em Fr. Domingos Vieira, em Caldas Aulete, Simões da Fonseca, Cândido de Figueiredo e Aurélio Buarque de Holanda, alguns deles registrando *sertão* e *certão*, como Fr. Domingos, por exemplo; outros ampliando a área semântica do vocábulo, como na Enciclopédia Brasileira Mérito e em Aurélio Buarque. O certo é que o termo nos veio de Portugal e ocorre em Portugal, mas só adquiriu a sua grande significação cultural no Brasil em face da grande extensão do território brasileiro (TELES, 2002, p. p.301).

Sabemos que não apenas pela sua extensão territorial o termo veio a abranger novos significados. A origem portuguesa é corroborada por Levine, acrescida do importante apontamento de uma provável raiz etimológica “mestiça” da palavra:

> Costuma-se dizer que a palavra sertão vem de um velho termo português usado para designar a região, ou seja “desertão”, apesar de o lugar não ser de modo algum um deserto. O termo também pode ter surgido de uma outra palavra afro-portuguesa, de origem angolana, que significava “floresta” ou “hinterlândia” (LEVINE, 1995, p.127).

Nesse momento, Levine posiciona-se e indica que “deserto” não é a designação certa para a região do sertão. Para a constituição de uma região com características particulares, a comparação com outra formação geográfica é inadequada, sobretudo sob o ponto de vista da época da escritura de *Os Sertões*, em que Euclides da Cunha buscava preâmbulos para descrever o que considerou como autêntica flora e fauna brasileiras. Além do afastamento das categorias sertão e deserto, Robert Levine arrisca a origem etimológica da palavra como “afro-portuguesa” de origem “angolana”. A partir dessa indicação de duas diversas origens para a palavra sertão, buscaremos ter em vista as duas possibilidades. Sobre a provável origem europeia,

> embora em latim clássico o conceito de SERTÃO tenha sido expresso por mediterrânea, *-orum*, ou seja, “as terras do centro de um país”, “as regiões afastadas da costa” (com o singular indicando, a partir do séc. III o mar entre a Europa e a África, o antigo *Mar internum* ou *Mare Nostrum*), chamo atenção para uma possível explicação etimológica por intermédio do supino de *sérere*, *sertum*, com o significado próprio de “trançado”, “entrelaçamento”, e com o figurado de “embrulhado”, “enredado”, “enfileirado”. Isto porque a raiz desta forma verbo-nominal é a mesma de *desertum* (*de-sertum*: o que sai da “fileira”) e passou à linguagem militar para indicar o “desertor”, aquele que sai (de-) da ordem e desaparece. Daí o subst. *desertanum* para o lugar desconhecido para onde foi o desertor, estabelecendo-se, ainda no lat. Clássico, a oposição entre *locus certus* e o “lugar incerto”, desconhecido e, figuradamente, impenetrável. As duas formas verbais provêm da mesma raiz indo-européia, SER-, como grego *eirô (*εἴρω) por *seryô (*σεριώ): “atar”, “entrelaçar” (donde *serte*, pl. de *sertum*, que deu o português sertã, “guirlanda de flores”, “corda náutica”); e daí também o lat. *Sermo*, *-onis*, “conversa”, “sermão”; dissertatio, “dissertação” e desertum, “lugar desconhecido e seco”, isto é, fora do lugar do conhecimento (não entrelaçado nele) (TELES, 2002, p.300-301).

Essa é, dentre todas encontradas, a explicação mais detalhada sobre as prováveis palavras que puderam dar origem à sertão. Proveniente do latim clássico, de raiz indo-europeia, nessa possibilidade, além de retomar a ideia de terras (secas e desconhecidas) do interior afastadas da costa, ele faz novas associações. “Entrelaçamento” e “trançado”, como significado próprio e “enredado”, “enfileirado” e “embrulhado” são significados figurados de *sertum*, que, segundo Teles, originou sertão. Ao perceber nuances na significação da palavra, tais como significados próprios e figurados, ampliamos consideravelmente os olhares sobre os sentidos de sertão. Se entrelaçamento e enfileiramento são constituições de relações de aproximação, organização entre determinados elementos, *desertum* é aquele que sai do enfileiramento. A linguagem militar ao assimilar “desertum”, desertor, atribui-lhe o sentido de aquele que sai do enfileiramento, que abandona a fila. Ao abandoná-la, passa a fazer parte do “desertanum”, um lugar incerto e desconhecido em oposição à fila, sinônimo de ordem, lugar certo. Esse lugar incerto, não entrelaçado com o lugar conhecido, pode ser visto como seu oposto, segundo o autor. Ao trazer a perspectiva da oposição entre dois diversos lugares, é possível perceber como essa ideia está presente na palavra sertão e como essa perspectiva acompanha as mudanças de sentido da palavra com o passar dos anos. Primeiro, sertão foi visto como oposto pelos conquistadores em relação ao litoral, e posteriormente, como oposto pelos modernos em relação à civilização. Lembremos que o lugar é “figuradamente impenetrável” pois nele residem os ditos “prodígios estranhos e ameaçadores” mencionados no tópico anterior: o sertão é repositório dos estereótipos fabricados pelos preconceitos europeus contra os povos e culturas conquistados e não civilizados. Teles aponta ainda outras possibilidades de significados para a palavra sertão em português: guirlanda de flores, corda náutica, conversa e sermão, que não são exploradas. Ele prefere dar continuidade às reflexões que colocam em evidência a posição geográfica de quem utilizava a palavra sertão acompanhando-a até as grandes navegações:

> Observe-se, paralelamente, que o adj. *Certum*, através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou no port. Arcaico, certão, pode ter contagiado tanto o significante como o significado de *de-sertanum*, levando sistematicamente a “lugar incerto”, sertão, palavra que aponta sempre para um sítio distante de quem está falando; e quem falava “estava” sempre no “litoral”, enquanto o outro, o interlocutor, se distanciava no espaço contextualizado. Deve ter-se formado no séc. XV, quando as navegações

> portuguesas começaram a chegar às costas da África, cujo "interior", visto do navio, do litoral, era tido como sertão. Foi com esse sentido que a palavra chegou ao Brasil em 1500, na Carta de Pero Vaz de Caminha, transformando-se (ampliando-se semanticamente) com a aventura das entradas e bandeiras, no séc. XVII, com as descobertas das minas e a exploração agropastoril a partir do séc. XVIII, com problemas climáticos e fitogeográficos do Nordeste e, finalmente, com a consciência política (e literária) dos grandes espaços, dos "grandes sertões" mais ou menos habitados (ou desabitados) no centro do Brasil (TELES, 2002, p.301).

Essas observações sobre a distância em que se encontravam da terra que denominavam "sertão" aqueles que assim o nomeavam, vai ao encontro do que foi apontado anteriormente: sempre a partir do ponto de vista localizado na costa, longe da região do interior, seja na África ou no Brasil. A ampliação semântica da palavra é o que pretendemos destacar em nossa tese.

Sua ampliação territorial, sua exploração, seus problemas climáticos e a incerteza a respeito de seu povoamento são elementos que influenciam nesse agregar de sentidos que ocorreu com a palavra sertão ao longo da sua história no Brasil. Porém, para nós, as mudanças que merecerão nossa maior atenção são aquelas influenciadas por motivações da consciência política e literária de Euclides da Cunha na virada do século, momento fundamental para a mudança de paradigma efetuada por ele visando uma conscientização da intelectualidade da época acerca da população sertaneja e seu abandono à própria sorte que permanecia tal qual no momento da colonização. Por esse motivo, é premente seguir a origem da palavra em um momento tão anterior à elaboração do livro *Os Sertões*, mas, intimamente a ele relacionado . A palavra e a sua relação com os portugueses colonizadores, já foi apontada

> há, entretanto, outra possibilidade etimológica de sertão: a que o liga à língua bunda falada pelas tribos bantos da Angola, como se vê no Dicionário de Língua Bunda de Angola, de Frei Bernardo Maria de Carnecatim, publicado em Lisboa, em 1804. Segundo Gustavo Barroso (...), ali existe o vocábulo mulcetão, "seguido da forma decepada e corrompida certão, com seu significado admiravelmente definido em latim: *locus mediterraneus*, isto é, o interior, o sítio longe da costa, o oposto marítimo". Para esse dicionarista, *mulcetão* (donde celtão, certão) é corruptela do bunda *michtu* ou *muchitu* ou, ainda, *cuchitum*, através de nasalação dialetal. Escreve Gustavo Barroso: "Esse termo quer dizer propriamente mato e era empregado pela gente do interior da África Portuguesa. Tornou-se por isso

> designativo de mato longe da costa". Assim, por influência portuguesa, *muchitum* ou *m'chitum* teria dado *mulcetão*, *celtão* e finalmente *certão*, com o sentido de "interior das terras africanas coberto de mataria e nunca o deserto grande, o desertão". Vale ainda transcrever o seguinte: "os portugueses apanharam essa expressão verbal, transformaram-na ao sabor de sua prosódia e a foram aplicando, de início, a qualquer *locus mediterraneus* – sertão do Alentejo ou da Beira, por exemplo; em seguida às extensões ignotas das novas terras". E diz ainda que até o séc. XVIII é comum a grafia *certam* (TELES, 2002, p.301-302).

Nessa possibilidade, a palavra etimologicamente é associada à língua bunda das tribos bantos angolanas mas, admiravelmente, segundo o autor, definida em latim. Ela carrega significados como os já mencionados de interior, longe do litoral e oposto de marítimo. Traz ainda o significado de 'mato', também já apontado. A novidade é que esse significado dado a palavra foi descrito como utilizado pelo povo do interior da África colonizada pelos portugueses. É provável que foi nesse momento que a palavra veio a ser assimilada por eles com esses sentidos. Ocorre uma apropriação do termo por parte dos portugueses que passam utilizá-la justamente para designar as terras consideradas 'mato longe da costa'. O que era a princípio apenas mato, sob a visão eurocêntrica dos colonizadores passa a ser o mato distante do ponto de vista do conquistador que era a costa. Se a partir da influência portuguesa "sertão era o interior das terras africanas coberto de mataria e nunca o deserto grande, o desertão", as opiniões de Teles e Levine divergem em um ponto crucial: para esse primeiro o sertão nunca é o desertão, para este último a palavra deriva justamente de desertão (embora discorde que sertão seja um deserto). Longe de encontrar uma verdade, procuramos problematizar ao máximo o escopo da palavra sertão. Acrescentemos mais dados à discussão:

> Verificando o dicionário ronga-português, de Rodrigo Sá Nogueira (1960), encontramos o vocábulo *mi-tjhu* (com a sua variante *mi-mutjhu*) para a idéia de mato, selva, bosque. Como o ronga, língua falada em Maputo (Lourenço Marques), é um subgrupo do banto, me pareceu curiosa a aproximação de dois termos: o *muchitum*, de Angola, e o *mi-tjhu*, de Moçambique. Além de apontarem para o mesmo significado, ou seus significantes também se aproximam morfológica e sonicamente. No ronga, o prefixo mi- tem função nominal, indicando também a região: *mi-tjhu* (ou *mu-tjhu*) quer dizer "floresta" ou a "região" (TELES, 2002, p.302).

Em um novo movimento de investigação, a língua ronga de Maputo é associada aos bantos, que já haviam sidos atrelados à nossa discussão. Esse movimento leva em conta a aproximação morfológica e sonora entre a palavra *muchitum*, angolana, e a palavra *mi-tjhu*, moçambicana. Enquanto a primeira palavra era utilizada com o sentido de mato, a segunda era utilizada com a mesma significação, além de “selva” e “bosque”. A partir da assimilação dessa(s) palavra(s), efetuadas as devidas adaptações fonológicas para a língua dos conquistadores, ela passa a designar indistintamente toda e qualquer terra distante do litoral e/ou dos grandes centros europeus. Se “tanto o bunda como o ronga indicam os pontos em que os navegadores portugueses estiveram em contato litorâneo com os africanos – angolanos e moçambicanos” (TELES, 2002, p.302) e sabendo que ambas as palavras eram utilizadas por povos da África colonizada, é válido assumir que “essas duas linhas históricas da palavra sertão podem ter-se cruzado no final do séc. XVI reduzidas à palavra sertão” (TELES, 2002, p.32).

2.3. As incertezas

Frequentemente apontada como culturalmente importante e típica da cultura brasileira, a palavra sertão tem a sua trajetória singular delineada desde momento anterior ao da colonização do país. Em já apontado movimento horizontal de igualar as diferenças dos povos conquistados, as marcas eurocêntricas na palavra estão nela antes mesmo que chegue ao Brasil, lembrando da discussão sobre as marcas da colonização portuguesa em seu interior, discutidas no tópico anterior a esse. Ao tentar compreender os prováveis significados de "sertão" a partir da atribuição de sentidos à palavra desde seu primeiro uso na literatura brasileira, passando por sua apontada obscuridade etimológica, é possível perceber que por diversos motivos, seu estudo aprofundado adquire "grande importância na compreensão da cultura brasileira" (TELES, 2002, p. 300). Seguir sua aparição ao longo da história da literatura brasileira, além de sua dicionarização, tem em vista a percepção de que sua definição varia levando em conta diferentes critérios, bem como o norteador ponto de vista de quem utiliza o termo e com quais propósitos. Dessa maneira é perceptível que "tanto no nível da língua como no da linguagem, ela recebeu depois algumas transformações de conteúdo que a fazem tipicamente brasileira" (TELES, 2002, p.302). Mesmo rodeada por definições conflitantes e incertezas acerca de sua origem, com inúmeras mudanças de sentido ao longo da história, ainda sim ela veio a constituir-se como um traço característico de nossa cultura. Levar em consideração que essas definições modificam-se para atender determinados interesses agregando em si flagrantes indicações de mudanças sociais, geográficas, históricas é de vital importância para que observemos como essas modificações são construídas dentro da obra *Os sertões* que investigamos em nossa tese. De todo modo, buscaremos refletir sobre os mecanismos que causam o alargamento de suas possibilidades de sentido especificamente nessa obra euclidiana. É necessário caracterizar quais os propósitos da obra e quais as possibilidades de ampliação de escopo abrangente da palavra "sertão" a partir de mecanismos elaborados por Cunha, intrínsecos ao seu livro.

2.3.1. O Sertão e a descontinuidade temporal

> O aniquilamento de Canudos foi feito em nome da virtude(...) não se trata apenas de julgar um evento pretérito. Ele importa hoje como emersão de uma estrutura profunda que tem voltado a emergir em outros momentos, continua subsistindo e ainda há de incomodar (KOTHE, 2002, p.255).

Para compreendermos a ideia de descontinuidade temporal associada ao sertão, é preciso refletir sobre a afirmação de Kothe, e perceber: mais que passado, o que aconteceu em Canudos incomoda e pode tornar a se repetir. Esse duplo olhar sobre o acontecimento, como tragédia passada e possibilidade futura, certamente promove uma mudança na forma como tomamos consciência da ideia de tempo relacionada à obra *Os sertões.* Em adição a isso, é premente lembrar que, para Euclides, o panorama da colonização estava intacto no interior dos sertões. Ele investiga o passado da região e da formação de seus habitantes remetendo ao momento inicial do processo de conquista e de miscigenação no Brasil para narrar um episódio que desenvolvia-se em seu presente, porém,

> ao contrário de outras obras históricas que se caracterizaram por ser narrativas cronológicas das etapas do passado do Brasil, *Os Sertões* representaria uma ruptura por ele se propor a sociedade brasileira e o seu passado a partir de um único acontecimento (DECCA, 2002, p.158).

A re(a)presentação de todo o passado brasileiro por meio da chacina ocorrida em Canudos é um dos mecanismos de ruptura no tempo efetuada pela obra de Cunha. Euclides com essa ruptura busca alcançar um grande feito com seus escritos. Sem dividir em etapas a história do Brasil, acaba por trazer à tona em seu próprio presente uma realidade que deveria fazer parte do passado mas permanecia intocada no interior do país. Esse rompimento da linearidade progressiva do tempo reestrutura um tempo anterior aquele vivenciado na época do conflito no arraial de Antonio Conselheiro e seus seguidores. No que diz respeito a essa reestruturação em *Os Sertões*, o autor mostra que seu tempo histórico é dotado de uma complexidade que merece atenção pois “surpreende a pertinência desse procedimento: procedimento único e inaugural, que permite um outro princípio redistributivo das temporalidades nacionais” (HOLANDA, 2002, p.344). Assim exposto, fica evidente como nesse contexto o sertão apresenta uma complexa e

própria temporalidade diferenciada, diversa daquela temporalidade pautada na lógica do progresso e da evolução tal qual fora disseminada pelas teorias da Europa. Como, nesse caso, a obra literária efetua uma construção da história de uma nação ao levar em consideração essa descontinuidade temporal?

Por causa da aproximação entre literatura e história ocorrida no livro de Cunha, para Decca, esta é “obra de legítimo historiador” (DECCA, 2002, p.167). Lembremos que, funcionando em complementaridade, a história e a literatura não devem ser percebidas na escrita de Euclides como uma em detrimento de outra, e sim um entrelaçamento entre ambas. Essa questão da aproximação entre as duas áreas de conhecimento para a construção da obra de Euclides da Cunha já foi apontada. Nesse tópico, essa aproximação deve ser feita tendo em conta que “uma das chaves mais importantes para a compreensão de *Os Sertões* é sem dúvida a apreensão das suas inúmeras dimensões de tempo” (DECCA, 2002, p.182). As dimensões do tempo são fundamentais, tanto na construção de uma obra histórica quanto de uma obra literária. Com características dessas duas, a articulação entre mais de uma dimensão temporal para a construção de uma nacionalidade promovida pelo autor torna sua produção diferenciada sobretudo porque “*Os Sertões* é uma denúncia da irresponsabilidade histórica de uma civilização incapaz de compreender as suas relações entre o presente e o passado” (DECCA, 2002, p.182). Essa incompreensão é o que instiga a curiosidade científica e a crítica nacionalista do escritor central para as nossas investigações.

Quais são esses elos do passado com o presente que passavam despercebidos à civilização, considerada por Decca como irresponsável em relação à sua própria história? A própria menção à “civilização” evoca as discussões levantadas no primeiro capítulo. Já foi dito que desde o século XVIII, parte dos cientistas, filósofos, teólogos e escritores discursavam sobre a naturalização da dominação dos povos tidos como menos civilizados. Foi também já apontado como o termo expressa um estágio alcançado nos países ditos modernos que difundem a civilização como ideal de uma autoimagem nacional para os países não civilizados. Por último, vale ressaltar que os povos não europeus ocidentais, considerados não civilizados, foram marcados paradoxalmente pela colonização de suas culturas nacionais em formação, colonização essa que buscava pretensamente levar a civilização aos

povos não europeus. Dessa forma, chegamos ao mencionado paradoxo da imposição da civilização mediante escravização, exploração e genocídios dos povos a quem pretendia-se civilizar, utilizando para isso métodos nada civilizados. Nesse contexto, a partir de um recorte focando no panorama específico da Bahia, em uma retrospectiva histórica mais direcionada aos sertões descritos por Euclides da Cunha, é necessário perceber que

> a maioria dos principais comerciantes de Salvador eram também negociantes de açúcar e de escravos. Salvador funcionava prosperamente tanto como entreposto de escravos (a viagem de lá até Luanda durava quarenta dias, dez a menos do que para o Rio de Janeiro) quanto como centro distribuidor de açúcar, tabaco e couro vindos do interior. As águas da baía de Todos os Santos viviam coalhadas de barcos de todos os tamanhos e tipos, levando e trazendo mercadorias das grandes ilhas da baía, porto de Salvador e das cidades localizadas nos braços de mar que penetravam pelo Recôncavo adentro (LEVINE, 1995, p.91).

O comércio de pessoas escravizadas estava entre as atividades mais atrativas e lucrativas dos civilizados que chegavam em todo tipo de embarcação no litoral baiano. Nesse ínterim, como pudemos constatar ao acompanhar a palavra “sertão” e sua utilização na literatura brasileira, ela começava a ser usada, estabelecida já então, de antemão, em oposição ao litoral por causa de sua distância tanto da Europa quanto dos centros mais civilizados das colônias. Na Bahia, o centro irradiador da civilização era a costa, prolífica na comercialização de povos subjugados pela violência e trazidos da África em sua grande maioria. Revisitar esse contexto histórico reintroduz a questão da raça, da miscigenação e do preconceito já tratados anteriormente. Essas questões expõem a fragmentação identitária na constituição da nacionalidade do povo brasileiro, que mesmo entre si busca(va) fazer esse tipo de distinção entre civilizados e não civilizados, entre brancos e negros.

É importante lembrar que essas distinções entre as populações mais modernas ou mais atrasadas dentro de um mesmo país aconteciam e levavam em conta a existência de grandes centros urbanos intelectuais, políticos e administrativos. Esses centros constituíam o pensamento da época e assim um “colonialismo interno” era exercido em nome da missão civilizatória. Vejamos mais de perto a situação da Bahia, nesse contexto:

> Apesar de tradicionalmente se restringir a um pequeno número de famílias, a elite baiana foi ampliada graças à concessão, pela Monarquia, de 986 títulos de nobreza não-hereditários para homens e mulheres, dos quais 113 eram baianos. A maioria deles foi enobrecida mercê de sua proeminência econômica, ou da prestação de serviços especiais, políticos e militares, ao Império. A criação de novos barões e viscondes, quase todos brancos e pertencentes às boas famílias se não as eminentes, além dos que receberam o título não só por linhagens como também por atuação política, empresarial e agroindustrial, acabou criando uma elite consideravelmente diversa, no tocante à composição, da reduzida elite de proprietários agrícolas da América Espanhola. Noutras palavras, a elite brasileira do século XIX misturava uma burguesia particularmente voltada para o lucro com uma aristocracia mais preocupada com o status (LEVINE, 1995, p.89).

Após a colonização, esse era o novo perfil daqueles que exerciam um colonialismo interno. Essa elite, convencida da necessidade do progresso como processo de desenvolvimento dos povos disseminada pelas metrópoles, adere ao projeto da civilização. Enquanto integrantes dessa nova elite, quase todos brancos, enobrecidos pela monarquia que buscava apoio para atingir suas aspirações também civilizadoras e modernizadoras, pouco seriam afetados em suas ações com a chegada República pois também buscavam civilizar-se. Seus lucros e vantagens eram obtidos pelo comércio de escravos, pela exploração de matéria-prima e prestação de serviços à Corte, além de atuação no cenário político, empresarial e agroindustrial. Apesar de ser uma elite apontada como diversificada, o destaque para a raça daqueles que receberam os títulos demonstra como isso era uma preocupação levada em conta para que a titulação de nobreza fosse conferida a alguém, evidenciando o preconceito contra os índios e principalmente contra os negros. Esse preconceito dá origem a uma divisão socioeconômica que perpetuaria-se mesmo depois da abolição da escravidão. Porém, devido a numerosa presença dos povos africanos e afrodescendentes,

> era tão forte a reputação de Salvador e do Recôncavo como centros de vida escrava que, durante o século XIX, até mesmo membros da elite política e comercial da cidade – muito relacionada com os grandes proprietários e senhores de engenho – eram estigmatizados pela opinião nacional devido à mancha da miscigenação (LEVINE, 1995, p.93).

Ou seja, mesmo exercendo um colonialismo interno, aqueles pertencentes à elite da Bahia eram estigmatizados pelos centros mais “civilizados” do Brasil. Essas digressões são pertinentes a medida em que percebemos que estariam dessa forma

os povos afrodescendentes e habitantes do sertão sujeitos a uma dupla estigmatização, exercida em dois diferentes níveis: o europeu e o nacional. A elite baiana preocupada com status e com o lucro de seus negócios indigna-se com a abolição da escravidão em 1888 mas mantém sua posição segura estabelecida. Monarquia ou República, tanto fazia, contanto que lhe mantivesse os privilégios. Suas principais preocupações políticas não residiam aí. Para o restante da população, podemos considerar "o advento da República como um acontecimento menor na história do Brasil: um governo autoritário substituiu outro" (LEVINE, 1995, p.35). Essa mentalidade, que, contraditoriamente, aspira à civilização mas também remonta o período colonial, é exposta por Sílvio Romero, em discurso pronunciado em 1906 para a recepção de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, quando afirma que

> com essas nefandas preocupações políticas, cujo principal móvel é fazer uma parte da população trabalhar para sustentar a outra, não admira que seja detestável o estado social da nação e peculiarmente instável e embaraçosa de sua posição econômica (ROMERO, 2003, p. 154).

Trazendo a questão para o âmbito da economia, Romero expõe o posicionamento das elites e suas reais intenções. No caso específico da Bahia, exceto essa camada da população, o restante acabava servindo apenas como mão-de-obra, sujeito aos mandos e desmandos de uma elite interessada em manter seu padrão de vida e seu status,

> além disso, cumpre saber que muitos dos sertanejos que migravam para Canudos estavam à procura de melhores oportunidades; assim, a peregrinação maciça para Canudos entre os anos de 1893 e 1897 não deve ser vista como uma regressão a uma utopia fanática e primitiva, e sim como uma decisão coletiva, desesperada e eminentemente prática, no sentido de uma fuga de condições intoleráveis. Neste sentido, a formação de Canudos deve ser vista como precursora das ondas migratórias que iriam ocorrer décadas depois, e não como um recuo retrógrado em relação ao inspirado progresso das áreas litorâneas, forma como Canudos foi normalmente retratado (LEVINE, 1995, p. 110).

Nessa perspectiva, *Os Sertões* busca denunciar em seu presente uma condição de passado vivida pelos canudenses, que com seu movimento anteciparam uma tendência futura. Longe de significar uma regressão, a iniciativa de Canudos buscava agir em seu presente imediato. Lidando com todas essas dimensões

temporais, “compreender as relações entre o passado e o presente era o modo de dar uma explicação a tudo aquilo que o autor havia presenciado e vivido” (DECCA, 2002, p.182). Se a civilização é incapaz de perceber as relações entre o presente e o passado, por sua própria visão limitada, cabe ao escritor procurar compreendê-las e “atuar como observador cético do homem civilizado” (ZILLY, 1997, p.132). Até porque, se a evidência dada a mestiçagem por Euclides em seu livro é importante, por uma série de motivos, seu destaque dado a questão da civilização é igualmente importante, especialmente ao observamos as relações entre esses dois elementos em destaque pois

> existe em Euclides uma outra chave para desvendar o modo como ele conceitua a civilização. Numa outra perspectiva, o conceito de civilização distancia-se das teorias raciais e isto pode ser percebido na maneira pejorativa como Euclides julga a civilização que se formou no litoral. Ao contrário daqueles elementos raciais formadores da civilização sertaneja, a civilização litorânea, a civilização de empréstimo teria se formado pela incorporação de elementos simbólicos advindos principalmente da civilização europeia. Nesse sentido, do ponto de vista teórico, o conceito de civilização distanciar-se-ia das conotações biologizantes das teorias raciais para se aproximar das teorias sociológicas, que definem civilização segundo critérios simbólicos e não biológicos (DECCA, 2002, p.186-187).

Era premente afastar-se das teorias civilizacionais e raciais europeias. Relembremos que para Cunha a civilização era uma condenação. A própria ideia de civilização originada na Europa era um critério simbólico que ao longo da história procurava-se introjetar nos projetos intelectuais, culturais, sociais e políticos das Américas. Se os litorâneos civilizados eram produtos das influências da Europa e dos conquistadores no continente, o mestiço sertanejo era o cerne da nacionalidade brasileira com sua experiência autêntica, singular e fora dos círculos da aristocracia brasileira. O sertão, elemento advindo do interior do Brasil, de significado tanto concreto quanto simbólico na obra euclidiana, é o que permite seu distanciamento de teorias biologizantes e preconceituosas. Nesse ponto, de entrelaçamento entre a observação da formação do sertão\sertanejo e o manejo dos saberes europeus, encontrava-se Euclides da Cunha como mediador para analisar o passado e o presente da realidade e da sociedade brasileira. Por isso foi também considerado precursor nas ciências sociais. Em suas ponderações sobre a incorporação de elementos simbólicos advindos do continente europeu no país, ele acaba encontrando no sertão o elemento simbólico para a regeneração nacional, ainda que

o faça por meio uma linguagem expandida pelo vocabulário e teorias europeias. A partir dessas observações, que contemplam um vasto apanhado de referenciais teóricos sobre a obra euclidiana, é possível inserir a opinião de Lemos que indica como

> as críticas a Os Sertões têm-se pautado, em geral, por três orientações relacionadas. A primeira seria a consideração da obra como uma descrição de fatos, ou de realidades, mediada pelas teorias europeias sobre o ser humano e as sociedades em voga no fim do século XIX. A segunda seria o entendimento destas teorias europeias, em si, devido a sua estreita vinculação a políticas expansionistas, elitistas e colonialistas, 'como inimigas' da nacionalidade brasileira. A terceira seria a motivação de crítica à ideologia ou prática social – conservadorismo, elitismo, racismo – embutida na obra de Euclides da Cunha (LEMOS, 2002, p.74).

Trata-se de perceber que grande parte do foco dos pesquisadores da obra euclidiana reside na cultura brasileira e como estaria associada às teorias europeias. Na primeira orientação, as teorias europeias seriam consideradas apenas o meio, o instrumento para a descrição da realidade brasileira. Na segunda, o olhar volta-se para associação entre os saberes europeus e as intenções de conquista da América e como essas teorias seriam prejudiciais para a construção da nacionalidade do Brasil. Na terceira, buscam emergir da obra Euclides suas ideologias, consideradas conservadoras, elitistas e racistas, para criticá-las.

Essas orientações críticas elencadas servem para refletir sobre a preocupação dos pesquisadores sobre a influência dos elementos da cultura europeia embutidos na cultura brasileira e como esses elementos estão articulados na obra *Os Sertões*, auxiliando ou impossibilitando a busca de Cunha pelo elemento simbólico da autenticidade nacional. Para alguns críticos, é justamente nessa articulação que Euclides falha. Se, de acordo com Ventura, ele fracassa devido "à formação científica, de base positivista e evolucionista, com os preconceitos raciais próprios à época, que traziam a crença na inferioridade dos não-brancos" (VENTURA, 1998, p.83), Lemos atribui que a derrota de Euclides da Cunha "seria resultado tanto da insuficiência do eurocentrismo e do elitismo das teorias científicas sobre as quais apoiou seu pensamento" (LEMOS, 2002, p.74). Essas ressalvas ao pensamento de Cunha alinham-se àquela terceira orientação de críticos exposta anteriormente. Elas não levam em conta a operação de descontinuidade temporal de sua obra e

> será na elaboração do modelo de apresentação histórica em *Os Sertões* que o autor irá produzir uma articulação mais complexa das várias dimensões do tempo. Esta nova maneira de apreender as várias manifestações do ser do tempo que permitirá a Euclides um maior distanciamento de sua antiga concepção dicotômica do tempo, determinada pela ideia de progresso. Ainda que este rompimento não seja radical, uma vez que em *Os Sertões* o outro da civilização, quer dizer, o jagunço, continua sendo visto, na cadeia do tempo, como um ser distanciado do presente, isto é, um ser do passado, há nesta obra uma elaboração mais complexa dos tempos históricos (DECCA, 2002, p.184-185).

Se no modelo de apresentação histórica de *Os Sertões* há uma elaboração complexa dos tempos históricos, é preciso compreendê-lo para só assim entender a ruptura no tempo efetuada pelo autor para orquestrar a relação entre as teorias europeias e a cultura brasileira. Ele retrocede ao momento da colonização em busca de compreender como se formaram os povos e as condições que resultaram em Canudos e seu triste fim. É justamente por causa do violento fim destinado aos canudenses, sertanejos mestiços em busca de melhores condições, que Euclides vai subverter a lógica do progresso que pregava atingir o estágio de civilização. Ora, "o atraso do sertão, sendo fabricado pelo poder, é também fruto da modernidade" (ARAÚJO, 2002, p.38) e não apenas fruto de circunstâncias históricas que culminaram em uma chacina. Esse atraso, fruto da modernidade, é também uma ruptura no tempo evidenciado por Euclides da Cunha. Ao visar a uma missão civilizatória para progredir e, concomitantemente, abandonar uma parcela da população no mais completo abandono e falta de assistência é que o projeto da modernidade é falho, e não a obra de Euclides. Para essa parcela da população sujeita ao descaso dos governos, das elites, das igrejas o tempo era sempre o mesmo: o tempo da espera.

Para capturar essas nuances da história, das permanências, do tempo do sertão e tempo do litoral coexistindo sobrepostos dentro do Brasil, Cunha efetua um distanciamento da apreensão dicotômica do tempo. Perscruta o passado e mostra como ele se faz presente. Com isso ele também estabelece um marco no qual se enraizam as tendências futuras do pensamento social brasileiro. Passado, presente e futuro são mobilizados para a apreensão da descontinuidade temporal de *Os Sertões*. Essa relação diferenciada de articulação das temporalidades nacionais efetuada por Euclides é cabível, se pensarmos que "nosso leito histórico tem sido

um Vaza-Barris de secas e carências, atrasos modernísssimos, sempre atualizados para a grande maioria" (ARAÚJO, 2002, p.42).

Da contradição aparente causada pela construção 'atraso moderno' é possível depreender que a progressão no tempo não traz a progessão das culturas. Esse passar dos anos apenas acentuou a disparidade entre os centros econômicos-intelectuais e os locais afastados deles. Ao optar em sua temática por abordar esses últimos, o único capaz de olhar para o passado e esboçar uma crítica à frente de seu tempo foi Euclides da Cunha, elaborando *Os Sertões* e apresentando uma interpretação do presente através de uma releitura da história do Brasil, a fim de alertar as futuras gerações para os perigos da ideia de progressão das culturas. A especifidade aqui está relacionada ao fato de que o progresso e o atraso estão ambos presentes na nacionalidade brasileira. Essa dupla fisionomia da nacionalidade coexiste concomitantemente, afastadas uma da outra pela distância geográfica e ideológica. Se no mesmo espaço nacional coabitam essas duas populações, uma no sertão, sinônimo de negritude e atraso, e outra no litoral, sinônimo de europeus e civilização,

> ainda que exista uma dimensão teleológica do tempo histórico do progresso, em *Os Sertões* damo-nos conta de que este tempo histórico, ao invés de aniquilar com o passado, faz com que ele se recomponha. O outro do progresso não é forma histórica em vias de se evoluir para chegar ao ponto de referência do qual o progresso é a medida (DECCA, 2002, p.185).

Assim, ao lidar com um tempo histórico reconstituidor do passado, para ele, o único meio de compreender o presente, Cunha subverte a ideia de que progresso e evolução possam funcionar como critérios fixos no âmbito do sertão, assunto no qual buscava estabelecer-se como autor e como autoridade. Ele demonstra isso no livro por meio de uma série de inversões de comportamentos considerados civilizados sendo atribuídos ao sertanejos e comportamentos não civilizados atribuídos aos soldados, emissários do progresso. A crítica efetuada por Cunha com essas inversões em

> *Os sertões* apresenta um tipo de *clash of cultures* que é infelizmente mais frequente do que nunca: o impacto entre grupos atrasados, muitas vezes rurais, cultural e religiosamente tradicionais, fundamentalistas, periféricos,

> de um lado, e do outro, a civilização moderna, racional, secularizada e globalizadora que os atropela com brutalidade e arrogância (ZILLY, 1997, p.132).

Zilly, como Kothe, aponta para a dimensão atemporal da lição a ser aprendida com a obra de Euclides ao afirmar que o corrido em Canudos é mais frequente do que nunca. Ele chama de '*clash of cultures*' esse impacto violento da imposição das ideias civilizadoras em povos considerados menos avançados em relação a outros. Que progresso ou modernização podem ser resultado de tal choque entre culturas? No âmbito de *Os Sertões*,

> o resultado perverso da lógica do progresso, seria uma regressão, como muitas vezes é admitido por Euclides da Cunha. Jogando com o artifício da metonímia, Euclides vai nos conduzindo através de imagens, fazendo com que Canudos se confunda com o sertão e o sertão se confunda com o Brasil. (DECCA, 2002, p.185)

Em uma flagrante contradição, a lógica progressista é uma regressão devido a suas perversas intenções que massacram as populações não civilizadas. Essa lógica é difundida no pensamento social brasileiro desde seu "descobrimento". Desse modo, ao desvelar o processo metonímico euclidiano evidenciado por Decca, percebemos como uma parte do Brasil, o arraial de Canudos na Bahia, funciona como um todo maior que é o país inteiro. Vista por esse ângulo, nossa sociedade deveria ser resultante, na verdade, de uma recusa da lógica do progresso, pois em nome da propagação da civilidade atropela-se com brutalidade e arrogância aqueles a quem pretende-se levar (impor) a civilização. Dessa maneira, o próprio conceito de "civilização" é questionado por Euclides que a princípio julgara que o raio civilizador refrangia apenas na costa. Civilização já era um conceito inapropriado, levando ainda conta que esse conceito é apropriado pela elite que faz mau uso dele, conforme foi mencionado no primeiro capítulo. O que ele explora é o panorama da imagem da nacionalidade brasileira baseada na experiência autêntica e singular das populações consideradas menos civilizadas, nesse caso, a população que habitava os sertões. Dessa forma, o autor cada vez mais promove o afastamento entre as ideias de civilização e cultura, que estariam sendo disseminadas pelos centros intelectuais como atreladas. Se o indicador de civilização era a conduta moral, como descreveu Kant, e por isso ela foi negada aos povos não europeus, o exército

brasileiro, mesmo agindo em prol da ideia de civilização, age em desacordo com ela em suas condutas morais ao cometer a matança desnecessária de uma multidão desprovida de suas necessidades mais básicas, há muito abandonada pelos centros civilizadores do país.

> Para a Euclides, a guerra portanto é a prática mais chocante da Civilização. Esvaem-se logo duas ilusões, aquela sobre a guerra civilizada, que respeitaria certas regras éticas, a vida dos não-combatentes e dos prisioneiros, e a ilusão sobre o caráter heróico e grandioso da guerra, inspirada na poesia e na epopeia (ZILLY, 1997, p.133).

Dessa incongruência da promoção de uma guerra como meio de civilizar que não levava em conta uma ética, sem consideração às condutas morais mais básicas de um ser humano para com outro, surge uma das maiores inquietações que tentou destacar Cunha em sua obra. O conflito entre o exército republicano e os sertanejos, com extermínio em massa desses últimos, sem qualquer heroísmo ou grandiosidade,

> indo mais além, em nossas conclusões, diríamos que a terceira parte de *Os Sertões* não deixa de ser a luta entre dois tempos históricos, constituídos a partir de diferentes critérios civilizacionais. O tempo histórico dos sertões acabaria por se defrontar com o tempo histórico da civilização litorânea (DECCA, 2002, p.187-188).

Nesse confronto entre dois tempos históricos, finalmente é possível perceber que só podemos estar lidando com diferentes critérios para entender o conceito "civilização", mais complexo que aquele exportado pela Europa por meio das teorias que chegaram ao Brasil e foram absorvidas inclusive por Euclides da Cunha. Atribuindo civilidade ora aos litorâneos, ora aos sertanejos, esses dois sendo frutos de diferentes momentos históricos, o autor lida com a ideia de civilização a partir de diversas temporalidades. O diferencial está no uso que o escritor faz dela, especialmente ao buscar aplicá-la no contexto de Canudos. Uma guerra covarde promovida em nome da civilização é considerada por ele como uma regressão, uma execução prática de um tipo de pensamento atrasado, do ponto de vista de uma conduta moral e ética. Concomitantemente, essa guerra pretende-se como um símbolo de avanço e modernidade para a nação brasileira. Essa contradição descrita na obra de Cunha incorre em mais uma ruptura no tempo, novamente

colocando em destaque no sertão a descontinuidade temporal. Nessa descontinuidade, a experiência autêntica e singular das populações sertanejas emerge para ocupar seu lugar que lhe fora antes negado na memória e na tradição do povo brasileiro. Dessa forma, ele constrói sua obra de arte da linguagem, entrelaçando obra literária e obra histórica, até porque,

> para Euclides a História só tem algum sentido quando representa a memória da humanidade e faz justiça, pelo menos simbólica e posteriormente, graças ao seu órgão privilegiado que é literatura, a crônica poética do narrador sincero. O juízo do autor sobre a guerra de Canudos sendo provisório, o verdadeiro tribunal da História é a posteridade, personificada nos leitores e historiadores do mundo civilizado, brasileiros e outros (ZILLY, 1997, p.135).

A inserção dos sertanejos e seus saberes na história do país é efetuada por Euclides ao tomar para si o papel do narrador dessa mesma história que havia até então sido construída apenas do ponto de vista extemporâneo de conquistadores da América, e, posteriormente, de conquistadores dos sertões. Se graças à literatura Cunha promove a justiça para o povo de Canudos, só o faz trazendo-os para dentro da história do país. O autor expõe a condição de miséria dos canudenses e sua brutal extinção em uma relação de contiguidade com toda nação, e, dessa maneira, também inscreve esse ocorrido com o povo brasileiro na memória da humanidade. A partir dessa magistral exposição que resulta na confecção de *Os Sertões*, o escritor deixa sua obra como legado para sua época e para gerações futuras. Como efeitos em sua época, Euclides será considerado central para as ciências sociais porque

> esta concepção das relações entre passado e presente será estruturadora da concepção de sociologia do desenvolvimento. O outro do progresso é um tempo formado pela ruína, é outra configuração histórica, que seria, de fato, a verdadeira natureza sociocultural do Brasil. (DECCA, 2002, p.185)

Se Euclides da Cunha une as pontas entre passado e presente para explicar à "civilização" de sua época o que ela não conseguia compreender, é assim que seu pensamento eventualmente estrutura base para uma sociologia. A complexidade da construção do pensamento social do povo brasileiro não é somente constituída pela inadequação das teorias civilizatórias e modernizadoras à sua realidade. Ela também constitui-se no fato de que esse "outro" não atingido pelo progresso vive

nas ruínas das relações estabelecidas desde a colonização. Nesse outro, reside a feição da sociedade brasileira. Injustiçado, ele tem seu espaço na história (do Brasil) recusado e a justiça promovida por Euclides se dá no sentido de colocar o foco dessa história justamente sobre esse outro recusado pela civilização desde a época do Brasil colonial. Promovendo na narração de um presente uma reapresentação de nosso passado, preocupado com as suas nuances e permanências, deixa para a posteridade as lições de que

> a literatura e as outras artes, as quais não respondem a uma definição simplória para o conceito de brasilidade ou à explicitação de um modelo de ideário nacional, podem produzir a mais rica síntese do caráter nacional, sem sequestrá-lo do tempo, captando-o em sua eterna dinâmica, revelando-o por partes, dentro das complexas relações sociais, atando as pontas do passado ao presente, a partir de criações sobre a natureza, o pensamento e as ações do homem brasileiro (LIMA, 1997, p.105).

Elaborando um novo modelo de ideário nacional ou um conceito de brasilidade, efetuando para isso vários movimentos e operações complexos na sua obra, em uma dimensão atemporal, Euclides da Cunha capta o sertanejo na sua eterna dinâmica, em seu tempo de espera. Suas espera(nça)s, por assistência da monarquia ou da república, por melhores condições, por chuvas, eram como ruínas: agastadas pelo passar do tempo, que era o único elemento que variava dentro dessa dinâmica da vida dos habitantes dos sertões. A sucessão das horas, dos meses, dos anos não alterava a condição de espera: a configuração dos acontecimentos era a mesma desde sempre até a supressão de toda essa gente. A partir de *Os Sertões*, esses acontecimentos foram narrados e os sertanejos sacrificados em virtude do progresso passaram a integrar um conceito de brasilidade e ideário nacional tal como elaborados por Cunha. Por isso,

> ainda que signifiquem uma chaga aberta no corpo da história de um povo, eles alimentam ao imaginário, ensinam a verdadeira dimensão do trágico (um dos grandes problemas na arte brasileira) e, através de releituras sucessivas promovidas pela estetização, tornam-se atuais, sempre. Uma nação sensata não expurga os episódios mais dolorosos do seu passado, mas os rediscute permanentemente através da arte, espaço aberto para novas interpretações do fato antes monológico, petrificado na história oficial (LIMA, 1997, p.106).

A chaga aberta na história do povo brasileiro causada pela extinção de uma parcela desse mesmo povo é onde a “regeneração nacional” faz-se continuamente necessária. Euclides da Cunha em sua literatura, precursora das ciências sociais no Brasil, rediscute a nossa história construindo-a a partir de um novo foco de observação, trazendo a tragédia de Canudos para conhecimento público. Ao promover uma ruptura na história oficial, monológica e veiculadora das versões da elite e da Europa para os acontecimentos, a obra *Os Sertões* é, ao mesmo tempo

> o brado contra o esquecimento também um brado contra a impunidade. Como a justiça brasileira nem acusou e muito menos condenou os militares e políticos criminosos, estes pelo menos devem ser julgados pelo tribunal da História (...) se não é possível evitar o crime, pelo menos é preciso evitar que seja esquecido, que os culpados escapem à única pena que pode ser infligida aos vencedores imediatos da História: a vergonha universal para todos os tempos (ZILLY, 1997, p.134).

Para evitar o esquecimento dessa versão não contada de nossa história, Euclides da Cunha vai condenar a civilização, que por tantos anos condenou os sertanejos. A fragmentação identitária de uma nação que aniquila uma fração de sua população, justamente aquela que já estava abandonada à sua própria sorte desde épocas imemoriais, não pode ser mais flagrante. A lição de Cunha coloca também em evidência aqueles que promoveram a aniquilação desses habitantes dos sertões. Como foi explicitado no início do tópico por Kothe, o julgamento do que aconteceu em Canudos não é um pretérito. A emersão desse tipo de acontecimento na história do Brasil e da humanidade como ato injustificado de violência é incessante. Por isso, a dimensão atemporal dos ensinamentos contidos em *Os Sertões* revela também uma das possibilidades da sempre renovada descontinuidade temporal que nos obriga a revisitar nosso passado para compreensão do presente e antever (previnir) futuros caminhos.Esse era o movimento pretendido por Euclides da Cunha com sua obra prima. Como as traduções dessa obra buscam lidar com a vergonha universal para todos os tempos que deve atingir a todas as nações civilizadas, como assinala Berthold Zilly, tradutor do livro para o alemão, *Krieg im Sertão* (1994)? Essa discussão será aprofundada no capítulo seguinte.

2.3.2. O sertão: uma categoria geográfica própria e a associação sertanejo-natureza

> "Barbaramente estéreis" e "maravilhosamente exuberantes", os sertões formam, para Euclides, uma categoria geográfica própria, paradoxal e única, capaz de se transfigurar em "mutações fantásticas" e de alternar, segundo um "ritmo maldito", entre a aridez dos desertos e a abundância dos vales férteis (VENTURA, 2002, p. 445).

Conforme apontado na investigação que acompanha o percurso da palavra sertão na literatura brasileira, ao confrontarmos as definições apresentadas desde Pero Vaz de Caminha, encontramos a controversa questão acerca da composição de sua geografia. Suas características, tais como localização, vegetação e população variam imensamente em diferentes escritores, críticos e dicionaristas de acordo com a sua época. Apontada nos dicionários online como região de "vegetação esparsa", com solo "arenoso e salitroso", sujeito a "secas periódicas" e também como lugar "agreste", zona do interior "mais seca que as caatingas", as definições atuais aproximam-se das especifidades do sertão expondo seu solo e seu clima, não descritos nas outras definições citadas. Fora a adição desses dados às definições da palavra sertão, ela oscila em meio a indicações contraditórias, podendo variar em seu sentido e reapresentar-se de forma oposta ao(s) significado(s) que tentam lhe atribuir. Essa variação chega a tal ponto que um crítico discorda das próprias definições inicialmente apresentadas por ele em seu texto: é o caso de Robert Levine em *O sertão prometido* que informa a derivação de "sertão" a partir de "desertão", embora,

> a própria imagem do sertão como um deserto (a partir da origem etimológica da palavra) é falsa se considerarmos a experiência de Belo Monte, cuja terra dura e seca se tornou produtiva e fértil meses depois de seu estabelecimento (LEVINE, 1995, p.337).

Refutando a origem etimológica apresentada por ele mesmo, tendo como base para seu argumento a falta de correspondência entre desertão-sertão pelo fato de que posteriormente à ocupação de Canudos a terra teria se tornado produtiva e fértil, Levine se contradiz a partir de informações também passíveis de serem refutadas. É dessa maneira cambiante que o sertão transfigura-se de "desertão" à lugar distante da costa, mato, matas inexploradas, lugar com árvores, arvoredos,

hinterlândia; de despovoado à escassamente povoado, e, por fim, o sertão de Canudos é considerado agregador de multidões. Transmuta-se de maneira de pensar e produzir conhecimento sobre os locais e povos não civilizados por parte dos conquistadores (que utilizam a palavra como repositório de seus preconceitos) em maneira de pensar o contexto, a circunstância, a geografia e as populações que resistem de alguma maneira ao 'padrão civilizatório' imposto pelo Ocidente. Em muitos pontos, as definições apresentadas por diferentes fontes parecem se contradizer e tornar cada vez mais problemática a nossa tarefa de refletir sobre os processos de ressignificação da palavra sertão.

Consideramos a proposição de Teixeira indicativa sobre o caminho trilhado por Euclides da Cunha, que não havia sido trilhado por nenhum outro escritor, obrigando os futuros críticos a acompanhar o passo a passo da peregrinação do autor de *Os Sertões* seguindo-lhe o rastro. Acompanhando essa trajetória, logramos compreender a indefinição espacial do sertão como amplamente explorada por Cunha. Em virtude disso, em vez de delinear os frágeis limites da significação do sertão, buscaremos encontrar os mecanismos utilizados por Euclides para semanticamente expandir ao máximo as barreiras que circundam o vocábulo.

> De uma forma geral é o retorno a um esquema básico da narrativa euclidiana: forças que se embatem no mesmo "conflito secular" que já se encontra desde a primeira página de Os Sertões, e a geologia aparece como que dotada de vontade e sentimentos e se presta com perfeição a esta narrativa de movimento, com suas camadas que se deprimem e se elevam, com suas forças capazes de rasgar as formações rochosas e com massas magmáticas que extravasam do interior desconhecido. Estamos diante de uma representação da natureza em conflito, que prefigura o embate secular entre o homem e o meio e ainda o combate entre o litoral e o sertão ou entre o soldado e o jagunço (DECCA, 2002, p.209-210).

Fica explícito que não apenas as definições apresentadas para explicar o sertão são conflituosas entre si. A perspectiva do conflito e do embate de forças reside no interior da palavra sertão antes mesmo dela chegar no Brasil, se ponderamos acerca das suas origens tal como propostas por Teles: a partir da sua assimilação e adaptação do seu significado original apreendido na África Portuguesa por parte do colonizadores. Nesse contexto, a tensão de forças é o dito *clash of cultures*, no qual os portugueses apanham essa expressão dos povos conquistados e a transformam,

tanto fonética quanto semanticamente, passando a utilizá-la com o significado de extensões ignotas das novas terras conquistadas, indistintamente localizadas na África ou na América. Dessa forma, efetuam uma vertical produção de sentidos e conhecimentos sobre os não civilizados, sempre fabricada a partir de um ponto de vista privilegiado, civilizador, litorâneo. Outro ponto a destacar a respeito das populações consideradas "atrasadas" nesse *clash of cultures* é que, sejam americanas ou africanas, foram igualmente destituídas da sua participação na história da humanidade ao serem privadas da escritura dessa mesma história (da qual fazem parte como aquela parcela das nossas gentes que é a maior da nação e mantém a nossa independência porque trabalha e se bate, segundo Romero). Originado antes mesmo de chegar ao Brasil e aqui adquirindo novos contornos, o conflito litoralxsertão é considerado então por Decca como secular, juntamente com outros. O conflito homemxmeio também vinha de longa data. Sobre o esse panorama, especificamente acerca dos sertões que abrigavam o arraial de Canudos, é necessário evidenciar que

> entre 1888 e 1892, assitiu-se à pior seca que jamais assolou o sertão baiano, exatamente nos inquietos anos de transição da Monarquia para a República, período em que ninguém sabia exatamente se os Estados recém-autônomos seriam capazes de prestar uma assistência financeira às áreas necessitadas (LEVINE, 1995, p.76).

A sobrevivência nesse meio desafiava os sertanejos com seu clima e aqueles que podiam prestar assistência lhes inspiravam desconfiança e insegurança. Lutando nesse exposto triplo conflito, a natureza e a vegetação estabelecem-se como principais referências para os habitantes do sertão e isso não passa despercebido a Euclides da Cunha, que busca utilizar o sertão e seus componentes geográficos de forma peculiar em sua obra.

> A paisagem é vista em "A terra", primeira parte de *Os sertões*, como cenário trágico, que antecipa de modo simbólico a decapitação dos prisioneiros. A vegetação da caatinga permitiria antever a degola dos sertanejos, que se converte em tragédia inscrita na própria natureza (VENTURA, 2002, p.452).

Se o resultado do conflito jagunçoxsoldado é a tragédia na qual o exército dizima o povo que deveria proteger, é a natureza o principal aliado dos habitantes de Canudos, entrelaçando-se (sem esquecer que "entrelaçamento" e "enredado" foram

também apontados entre os possíveis sentidos de sertão) de tal maneira que, “os filhos do sertão, a formação mestiça, o famoso sertanejo, sublinham o lado humano do sertão (TELES, 2002, p.297). De paisagem à cenário trágico, a natureza converte-se na própria figura dos que nela habitam e lutam por autonomia. É na própria flora sertaneja que ela, de forma profética, expõe o futuro destino dos jagunços brutalmente assassinados pelos soldados emissários da civilização e do progresso: as plantas na descrição magistral de Euclides da Cunha são comparadas a inúmeras cabeças degoladas, tal qual o fim de grande parte dos moradores de Canudos. Nessa exortação da vegetação que surge humanizada na obra de Euclides, em uma constante mutação fantástica que oscila da aridez à fertilidade, segundo o “ritmo maldito” de sua própria descontinuidade temporal, a categoria geográfica própria do sertão manifesta

> a antropomorfização da natureza, que, desde a primeira parte do livro, parece dotada de vontade e sentimento, e a associação natureza-sertanejo aparecem constantemente no texto euclidiano. A natureza é sempre uma aliada dos sertanejos, defendendo-os e amparando-os, e um inimigo dos soldados, que se apavoram diante do desconhecido. A natureza chega mesmo a participar da luta, como no caso das caatingas (DECCA, 2002, p.211).

Dessa maneira, a simples explicação de que o homem é determinado pelo seu meio, difundida pelas teorias europeias das quais amplamente se utiliza o autor de *Os Sertões*, não consegue dar conta dessa relação de enredamento que constitui sertão-sertanejo. Nessa relação na qual o meio não é apenas um fator determinante mas também um potencial aliado daqueles que o conhecem, a natureza assume o papel de combatente agindo em favor dos sertanejos e amedrontando o exército. Se já desde os antigos mapas portugueses o sertão era povoado por “estranhos prodígios ameaçadores”, metáfora do irracional, produzida a partir do pavor em face ao desconhecido, nesse novo encontro dos “civilizados”com os habitantes do sertão não é muito diferente. A caracterização da população sertaneja e seu meio está repleta de exotismo, geografia de extremos, tipos físicos estereotipados, caracterização essa que é, como já apontado, uma extensão do projeto de conquista da América ao plano intelectual. Cunha afasta-se desse tipo de produção intelectual ao evidenciar o lado humano da natureza e as complexas relações das populações que lutam contra as adversidades do meio ao mesmo tempo em que buscam extrair dele o máximo de proveito.

> Euclides ultrapassa, em grande medida, os artificialismos teóricos herdados da tradição quando “se concentra na exigência de novas paisagens” e, com o retorcimento e a flexibilidade de um cientista que é cronista, vê, aproxima, compara, traduz e diferencia. O nomadismo geográfico ativado pela observação minuciosa da paisagem agora incluiria o jornalista-comentarista de Canudos na estirpe daqueles cronistas do descobrimento da América que Lezama Lima arrola como contribuindo para a criação de uma forma já a partir de uma natureza marcada pela diferença (PINHEIRO, 2002, p.335).

O “artificialismo teórico” que indica Pinheiro é aquele que resulta da assimilação indiscriminada de saberes herdados da Europa pela intelectualidade brasileira. Esses saberes foram construídos tendo em vista o apagamento da contribuição dos povos “não civilizados”da história da humanidade. A caracterização da população que habitava o sertão, e que supostamente não havia alcançado o estágio de civilização, é feita por Cunha a partir de sua autoinscrição no local de escrita da história daqueles que se proclamaram os únicos aptos a escrevê-la: os conquistadores das Américas, especificamente na função de cronistas do descobrimento. Nesse modo de apropriar-se de uma função que sempre foi atribuída aos europes, civilizados, litorâneos, Euclides maneja esses saberes herdados da Europa mas o resultado da aproximação entre essas teorias e a temática do sertão é a “genial ambiguidade do mestre, que se sobrepôs pela linguagem ao caráter perecível das teorias que ele mesmo propôs” (GUTIÉRREZ, 1997, p.21). Essa nova linguagem era uma demanda imprescindível para sobrepujar a herança de uma epistemologia recheada de preconceitos e intenções perniciosas. A nova linguagem para uma observação minuciosa da paisagem ressalta uma natureza marcada pela diferença de tudo que havia sido produzido até então sobre ela e os que nela vivem. Essa paisagem, também cenário trágico, apresenta novas exigências para sua análise e estudo, incompatíveis com as teorias evolucionistas, deterministas e etnocêntricas disseminadas entre a intelectualidade brasileira na época de Euclides da Cunha. Por esse motivo, o escritor faz uma revisão dos modelos críticos que havia utilizado anteriormente não mais considerando o meio determinante de seus habitantes. Ao observar atentamente a paisagem, com uma mentalidade flexível e detalhista para o sertão e os sertanejos como fontes de pesquisa, de referências e de ensinamentos, é que ele constitui-se como autor e autoridade no assunto. Nesse ínterim, Cunha demonstra que

> ao contrário dos observadores externos, a população local, especialmente em sociedades não-técnicas, desenvolve sua percepção sensorial alcançando um alto grau de precisão, percebendo não só detalhes e sutis diferenças de coloração onde os forasteiros vêem só monotonia, como também conhecendo cada arbusto, pedra e dobra do terreno (LEVINE, 1995, p.226).

O que os observadores externos buscavam igualar, primeiro, os interiores da África aos da América, em seguida, todas as populações habitantes desses interiores (consideradas incivilizadas), era rebatido por Euclides da Cunha. Estabelecendo-se como cronista do (re)descobrimento dos sertões, o que ele busca valorizar é a sua geografia da diferença, por tantos descrita e por poucos vista estando nela imersos. Essas características geográficas específicas eram do íntimo conhecimento dos sertanejos. A (não-técnica) experiência singular e autêntica com a natureza de um povo sobretudo fora dos círculos da aristocracia, constituía a associação natureza-sertanejo. Nesse enredamento,

> a natureza já parece antropomorfizada, como partícipe da própria luta, e, pelas características de suas rochas, solo e vegetais, é, mais que os sertanejos "o mais sério inimigo das forças republicanas". O homem local reflete as características físicas da natureza. Sendo os sertanejos identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos (DECCA, 2002, p.205-206).

A natureza como partícipe da luta toma partido dos canudenses e representa uma séria ameaça ao exército invasor do arraial. Esses observadores externos do sertão, agentes do governo republicano e atingidos pelo raio civilizador que refrangia na costa, eram ignorantes em relação à paisagem sertaneja. Os habitantes locais, ao contrário, percebem as minúcias da paisagem e são capazes de refletir as características físicas da natureza. A geologia dos sertões na obra euclidiana surge imbuída de sentimentos e vontades e

> a natureza ainda tem o papel de proteger o sertanejo durante a luta, erguendo trincheiras na movimentação irregular do solo e facilitando-lhes a fuga no meio de uma vegetação que se torna impenetrável aos que lhe são estranhos (DECCA, 2002, p.206).

Se a partir do ponto de vista do litoral, civilizador e conquistador, os sertões eram habitados por estranhos prodígios ameaçadores, um inimigo mais ameaçador para os que assim consideravam os sertanejos passa a ser o próprio sertão. Seu solo

que se eleva e se deprime rasgando formações rochosas oferece a proteção de que necessitavam os canudenses. Em meio as possibilidades de suas mutações fantásticas, já conhecida pelos seus habitantes, “não se deveria esquecer que eles se infiltrariam pelo solo para criar ao atacante toda casta de dificuldades” (JÚNIOR, 2003, p.74). Se a vegetação é impenetrável para os estranhos, os sertanejos podem nela se infundir. Nesse entranhar do homem no meio (e do meio no homem) a associação natureza-sertanejo é também uma mutação fantástica da categoria geográfica própria do sertão. Dotada de sentimentos, ao lado dos canudenses a quem serve como defensora, representando uma perigosa ameaça ao exército republicano “a natureza não apenas combate, mas, ao mesmo tempo, fornece a munição que necessitavam os sertanejos. Estes, às vezes, deixavam que agisse, quase que exclusiva, a sua formidável arma – a terra” (DECCA, 2002, p.211). Ativamente participante da luta, ataca os soldados, protege e acoberta a fuga dos sertanejos, para isso modifica suas formação rochosa que se deprime ou se ergue formando trincheiras. Para Araripe Júnior, um dos críticos responsáveis pela consagração de Euclides da Cunha, o ponto a ser destacado nessa “narrativa de movimento” (DECCA, 2002, p.209-210), reside em “como é pungente a história mostrando a natureza transformada em voragem das melhores intenções” (JÚNIOR , 2003, p.74). Se essas melhores intenções não poderiam advir da missão civilizadora do governo, nem da igreja, nem do restante da nação, resta a Cunha atribuir tais intuitos à natureza do sertão, que já acompanhava desde sempre a população de Canudos.

A associação sertanejo-sertão é a manifestação de uma natureza na qual Euclides busca apresentar a percepção sensorial dos habitantes como fundamental diferença em sua relação com o meio. Dotando a natureza também de estima pelo sertanejo e de augúrio de seu destino, sublinhando outro aspecto humano do sertão, Euclides assinala essa categoria geográfica única e mutável dos sertões. Para descrever seus elementos constituintes, vale recordar que Euclides da Cunha, para Bosi, era o leitor intemperante do dicionário à cata do termo técnico ou precioso, e “*Os Sertões*, nesse sentido, só pode ser lido como uma ourivesaria geográfica, em que plantas e acidentes naturais se enroscam nos vocábulos” (PINHEIRO, 2002, p. 338), conforme explicita José Amálio Pinheiro em *Euclides: A crônica da passagem* (2002).

3. A Tradução: Travessias possíveis

os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo (WITTGENSTEIN, 1968, p.111).

A partir do que foi acima exposto, podemos dizer que a linguagem, enquanto expressão de um sujeito, concebida como realidade única e última, implica em um determinado conhecimento de mundo. Nessa relação, o ser pensa, representa a si mesmo e o mundo ao seu redor. Por meio da linguagem e dos signos é possível selecionar um termo ou outro para representar algo, através do manejo do conhecimento de mundo. O pensamento é formado por signos, que por sua vez também transportam o pensamento. Um mesmo pensamento pode ser expresso por diferentes signos, e também um mesmo signo pode expressar diferentes pensamento. Os diversos signos podem representar um mesmo significado e um mesmo signo também pode abrigar inúmeros significados. Eles apresentam a forma que escolhemos para demonstrar um determinado pensamento. Dito isso, é fácil constatar que os signos pouco dizem sozinhos, fora de contexto. Além da relevância do contexto na compreensão de um determinado significado de um signo, para entendermos melhor como as palavras podem ser preenchidas com diversos conteúdos, torna-se necessário que falemos um pouco de semântica.

Podemos dizer que a semântica se ocupa da tarefa de explorar as causas das mudanças de significados de um dado signo e explorar os motivos pelos quais elas acontecem. O estudo da semântica, assim como a sequência de níveis de análise do Estruturalismo, segue suas investigações que se iniciam nas palavras, passa por orações e por vezes vai além do que está escrito. Para este trabalho, mobilizamos já anteriormente, sem grandes problematizações, conceitos tais como “significante” “significado” e “signo”. Ter em vista essas básicas noções, principalmente no que tange aos estudos da tradução, torna-se necessário para perceber que um mesmo significante pode nos levar a depreender vários significados e vice-versa. Isto acontece devido ao fato de um significante corresponder a uma imagem acústica (ou visual) e o significado corresponder a um conceito que podemos atribuir a um significante. Nesse descrito processo de significação, o signo linguístico associa uma coisa e um nome, ou seja, a ligação que esse signo pode estabelecer é entre um conceito e uma imagem acústica/visual. Signo então nada mais é do que a

associação entre significante e significado. É aquilo que substitui qualquer coisa ou evoca para alguém um objeto ou um fato na ausência desse objeto e desse fato. Todas as pessoas estão conscientes de que a linguagem representa e nomeia os fatos e as realidades, e, por isso, de acordo com Wittgenstein, o limite da linguagem de um dado sujeito é também o limite de seu mundo. Um sujeito ao deparar-se com fatos e realidades desconhecidos e não nomeados encontra-se frente a um desafio de ultrapassar esses limites.

Como comunicar algo que está além dos limites da linguagem e do mundo de um falante de determinada língua, integrante de determinada cultura? Essa tarefa pode ser colocada em uma perspectiva ainda mais desafiadora pois na própria essência da linguagem humana encontramos uma operação tradutória, a tradução de pensamentos em palavras. Desse modo,

> ao tentarmos refletir sobre os mecanismos de tradução estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da própria linguagem, pois a tradução, uma das mais complexas atividades realizadas pelo homem, implica necessariamente uma definição dos limites e do poder da capacidade tão humana que é a produção de significados (ARROJO, 1986, p.10).

Como também exposto por Wittgenstein, Rosemary Arrojo associa as ideias de linguagem e de limite, que ela atrela à produção de significados na complexa atividade da tradução. Sem atentar muito para esse fato, a tradução é algo que o ser humano faz naturalmente o tempo todo. Assim vemos, por exemplo, na linguagem matemática, quando se vê o signo do infinito e a partir deste signo evoca-se o conceito de infinito, ocorre uma tradução. Mesmo o significante apontando para um significado que evoca justamente uma falta de limite, a compreensão do signo é alcançada pela associação desses dois elementos. É possível, a partir disso, presumir que se pode pensar apenas através das associações efetuadas pelos signos. Isso se torna importante à medida que o pensamento é formulado a partir da linguagem. Nesse ínterim, aprender uma nova língua, ser transportado para um outro mundo (ou para o mesmo mundo sob novo olhar, se preferirmos) consiste em entrar em um outro esquema de pensamento. Esse aprendizado de uma nova língua amplia os limites da linguagem e de mundo de um dado sujeito. Como construtora da coletividade, a língua representa a maior das instituições sociais formando um

todo com a vida do tecido social. A língua por ser uma instituição de acesso constante, não pode ser comparada a outras instituições pois todos dela participam a todo instante e a influenciam sem cessar. A ideia de que o núcleo fundamental de uma dada língua reside nos próprios signos que a constituem é amplamente discutida e associada comumente a outras questões, tais como a cultura e a identidade de um povo. Ela não pode ser analisada como meramente um conjunto de regras imutáveis ou combinações de significantes e significados sem levar em consideração a sua utilização pelos seus falantes porque

> toda vez que falamos ou escrevemos em nossa língua nativa, escolhemos um estilo ao invés de outro, conforme a situação, as relações que existem entre nós e a pessoa a quem nos endereçamos, o objetivo e a natureza do que temos a comunicar, e vários outros fatores... em certo sentido, portanto, todo falante de uma língua é estilisticamente multilíngue (LYONS, 1987, p.37).

Nessa possibilidade de escolha de palavras, toda conversa é, na verdade, uma tradução simultânea. Em determinado contexto, quando conversamos, o que você diz é uma tradução de seus pensamentos, que por sua vez são traduzidos para o que eu ouço e entendo. Assim, diferentemente do monólogo interior, na conversa a palavra sai de uma individualidade para outra individualidade. Ao considerarmos a afirmação de John Lyons em seu livro *Linguagem e Linguística: uma introdução* (1987) como verdadeira, admitimos que cada um é multilíngue mesmo dentro de uma língua. A capacidade humana da produção de significados, em alguma medida, limitada, como aponta Arrojo, ao ser atribuída a um falante multilíngue de uma língua, segundo Lyons, passa a ter assim as suas possibilidades ampliadas. Mesmo com essa possível ampliação, como já foi dito anteriormente, as palavras necessitam ser contextualizadas para figurar um determinado significado, “isoladas não têm sentido em si mesmas: a sua significação é determinada, de cada vez, pelo respectivo contexto” (RÓNAI, 1987, p. 13). Uma mesma língua possui variedades e cada uma de suas variações e palavras deverão ser utilizadas em determinado contexto específico. A melhor opção em muitos casos é determinada pelas palavras ou orações dentro de um conjunto, dentro de uma cultura. Esse é o tipo de olhar que nossa investigação propõe.

Uma ponte entre duas individualidades também pode ser estabelecida por meio da

escrita e da leitura. Ambas são operações de tradução, ainda que seja dentro do próprio idioma. Para Derrida em *Tradução Manifesta : Double Bind e Acontecimento* (2005) “quando se escreve, já se opera, no interior do que está suposto ser uma só e mesma língua, um deslocamento, uma transferência que pertence à ordem da tradução” (DERRIDA, 2005, p.181). Ao refletir sobre as traduções efetuadas dentro de uma mesma língua, à luz das afirmações de Derrida, notamos que, sob a sua ótica, uma língua nunca é apenas uma só, como explicita também Lyons com seu destaque para o fato de que todo falante de uma língua é multilíngue.

A partir dessas afirmações, com especial atenção para Derrida, vamos refletir como as suas proposições podem contribuir para o estudo do objeto que recortamos para esta pesquisa. Essa tese, que propõe-se a estudar a tradução da palavra sertão, seguindo-lhe a trajetória desde antes de sua chegada ao Brasil, conforme a pesquisa empreendida no segundo capítulo, leva em conta as possibilidades dessa palavra na língua portuguesa ser originada das línguas faladas em Angola\Moçambique, ou, com possível explicação etimológica no latim clássico, de raiz indo-europeia . A presença de outras línguas e culturas na língua portuguesa e na cultura brasileira é uma consideração que vai ao encontro da asserção de Derrida porque indica que “isso que já é suposto ser uma língua é mais de uma língua, e essa é a intraduzibilidade absoluta, pois há sempre mais de uma língua numa língua, no que se chama de uma língua” (DERRIDA, 2005, p. 181 e 182). Nessa coexistência de várias línguas dentro de uma mesma língua, é mister assinalar que “o idioma não é nunca o mesmo ou a identidade de si próprio, ele já é diferente em si mesmo, só é diferença” (DERRIDA, 2005, p. 171). Ainda sobre essa possibilidade considerada acerca da palavra sertão e sua origem, lembremos que o próprio Dicionário de Língua Bunda de Angola, de Frei Bernardo Maria de Carnecatim, publicado em Lisboa, 1804, define o termo a partir do latim. Isso ocorre, segundo Derrida, porque cada língua é composta por outras línguas. A visão das diferenças agregadas sob um mesmo idioma traz à tona a presença de mais de uma cultura que existe dentro de uma mesma língua. O idioma como identidade de si próprio pode ser visto sob a perspectiva de como línguas e culturas são consideradas símbolos de identidade para um povo ou um país. Em uma gradação, a língua, de uma identificação singular a uma identificação coletiva, associada à identidade de um grupo nesse panorama, é composta pela conjunção de diferenças, construída

pela multiplicidade de línguas e culturas imiscuídas em uma língua.

Essa constatação envolve na trama a problematização de questões como originalidade e pureza na identidade de uma língua/cultura, que, sob a ótica apresentada, já são de antemão fundadas sob a congregação das diferenças. Considerada como um expoente da língua portuguesa e uma possibilidade de identificação cultural do povo brasileiro, nessa conjuntura, a obra de arte da linguagem de Euclides da Cunha

> ao enfocar a origem – da nação, do conflito, da própria obra, do sujeito-autor-narrador – como uma mestiçagem, Os Sertões implode as noções de origem e de identidade , expressando questões que hoje, mais do que nunca, perpassam a nossa produção cultural e intelectual (LEMOS, 2002, p.80).

Para compreender uma língua, é preciso compreender também a cultura na qual ela se insere, e, consequentemente, o que ela reflete na fala dos próprios falantes dessa língua no dia-a-dia, bem como em suas manifestações artísticas. Com uma produção artística e intelectual, Euclides com *Os Sertões* buscava atuar sobre as coordenadas culturais de sua época, exercendo e recebendo suas influências,

> por certo, ainda e sempre, a função social do texto aqui se atesta: a de recriar o havido, através da linguagem, para que assim o evento traumático seja lido, assumido, inserido como um sinal, um estigma, marcando a história nacional (TELES, 2002, p.342).

O autor elabora com sua obra de arte da linguagem uma crítica sobre a formação cultural do país, atual ainda nos dias de hoje. Esse movimento é uma legítima busca por autonomia da intelectualidade no Brasil e mira a experiência autêntica e singular de uma coletividade fora do círculo da aristocracia como expressão da nacionalidade brasileira, conforme apresentado no primeiro capítulo. Ao implodir as noções de origem e de identidade pelo seu enfoque na mestiçagem, Cunha exalta as diferenças presentes na nossa cultura e aponta essa exaltação como norte para o pensamento social brasileiro.

O desafio de lidar com uma multiplicidade de línguas dentro de uma mesma língua acrescida dessa nova gama de significados possíveis para o sertão, especialmente propiciada pela obra prima de Euclides, trazem a essencial percepção de que “a

compreensão total de vários tipos de significado que são codificados na gramática e no vocabulário de uma língua só é lograda com a compreensão total da cultura, ou culturas, na qual ela funciona" (LYONS,1987, p. 293). Nessa reflexão, a pertinência da questão que procuramos investigar ganha maior força e possibilidade de discussão, tendo em vista que a completude de compreensão dos processos de significação em uma língua pode somente ser alcançada pela também completude da compreensão da cultura na qual essa língua está imersa. Sem compreender a cultura brasileira e os processos pelos quais passou o "sertão", a tradução necessária dessa palavra para qualquer língua torna-se impossível. É preciso levar em consideração para a tradução singular da palavra sertão que ela comporta vários significados, desde o mais literal, que coloca em evidência seu caráter geográfico, a significados mais abrangentes nos quais ela representa um contexto, uma circunstância, uma coletividade, uma forma de resistência à civilização.

Na tradução do signo "sertão" é necessário destacar como ele está ligado ao imaginário brasileiro, passando pelas influências de outras línguas e culturas. Reconstruir esses caminhos é fundamental para entender como o Brasil, sua língua e sua cultura são compostos por uma contribuição de diferenças. Só assim é possível compreender o significado da palavra alcançando a compreensão da cultura na qual ela funciona. Complexificamos ao máximo a questão da tradução da palavra sertão, primeiramente dentro da língua portuguesa e da cultura brasileira, como tratado no segundo capítulo de nossa tese, e buscamos fazê-lo também dentro da obra euclidiana. A dimensão da necessidade e da impossibilidade da tarefa de Cunha na construção de seu livro apresenta-se como uma busca pela superação dos limites da linguagem pois

> o narrador de Os Sertões recua diante de um fato inexprimível e irrepresentável, a matança dos presos rendidos, que ultrapassa os seus quadros de referência pela covardia e violência extremas. Assim como entrevia, durantes as batalhas, o arraial de Canudos através das cortinas de fumaça que se erguiam das ruínas, a chacina dos presos é insinuada, ao invés de ser relatada. Sua narrativa repousa sobre uma estrutura tensa devido ao conflito entre a necessidade de revisitar um evento traumático do passado e a impossibilidade de representar aquilo que desafia ou supera os limites da linguagem (ZILBERMAN, 2002, p. 455).

Representar justamente aquilo que desafia os limites da linguagem, traduzir uma

realidade violenta e inominável, é a missão de Euclides. Os limites do mundo aqui também são desafiados, e o que o autor busca é alargar o campo de visão justamente para expandir o limite de mundo daqueles que veem o próprio sertão apenas como geografia imaginada, como um limite geográfico ou como limitação para que a nação alcance o progresso da civilização. Mas

> como narrar fatos tão violentos que ultrapassam a capacidade humana de imaginar e representar? De que forma exprimir acontecimentos cujo caráter desumano supera os limites da linguagem humana? Euclides da Cunha se deparou com tais questões, ao escrever Os sertões: campanha de Canudos, em que acusou o exército, a Igreja e o governo pelo extermínio da comunidade liderada por Antonio Conselheiro (VENTURA, 2002, p.439).

Para concretizar o seu desafio aos limites da linguagem (e de mundo), elabora com sua obra magistral o perfeito exemplo de como as línguas e as culturas estão em constantes embates e mutações dentro de nosso próprio país. Com sua amarga denúncia do resultado trágico de um desse embates, o assassinato do cerne da nacionalidade brasileira, expresso através de sua ambição enciclopédica, a tarefa de Euclides é também traduzir algo intraduzível. Nesse âmbito, podemos dizer que

> escrever coisas imediatamente traduzíveis é não escrever e não convocar à tradução. Só pede para ser traduzido o que se atribui inicialmente como intraduzível. E não somente no que os linguistas chamam de outras línguas, mas no interior de uma mesma língua (DERRIDA, 2005, p. 183).

Concatenando as concepções de Derrida levantadas até aqui, traduções acontecem no interior de uma língua, que é uma múltipla língua, e somente o que é considerado a princípio como intraduzível é que demanda a atividade de traduzir. Nesse enredamento, a busca necessária por traduzir a intraduzibilidade do sertão, primeiramente efetuada por Euclides da Cunha, e, posteriormente, por seus tradutores, serve como fio condutor para as nossas reflexões. Essas reflexões, associadas à temática central de nossa tese, a questão da tradução do sertão, permitem divisar a tradução como uma forma de crítica em diferentes esferas. Uma das suas dimensões críticas associa-se à percepção da multiplicidade de línguas na língua portuguesa, que ajuda a desvelar os choques entre culturas envolvidos na palavra sertão.

O primeiro desses choques é evidenciado no violento ato de tradução na apropriação dessa palavra efetuado por parte dos colonizadores portugueses para por meio dele empreender um apagamento das diferenças culturais de diversos povos. A própria percepção da violência contida nessa operação de tradução é um olhar crítico. A forma como as atribuições de significados à palavra foram efetuadas posteriormente também indicam uma aproximação não amigável entre dois povos e culturas, pois a "civilização", em uma tradução de pensamentos repletos de preconceito, projeta na palavra sertão todas as características que buscava opor, em um tipo de violência que representa o outro para em seguida silenciá-lo com as armas.

Um outro plano da dimensão crítica que passa pela questão da tradução é o seu critério que seleciona o que vai ser traduzido: o que se considera inicialmente intraduzível. Esse critério aponta diretamente o recorte feito a partir de nosso *corpus* que será constituído unicamente pela palavra "sertão" dentro do texto literário *Os Sertões* e de suas duas versões de tradução para a língua inglesa: *Rebellion in the Backlands* (1944) de Samuel Putnam e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) de Elizabeth Lowe. A intraduzibilidade dos sertões acarreta em várias escolhas teórico-metodológicas e acerca dos procedimentos técnicos de tradução que podem ser utilizados, pois, nesse contexto apresentado,

> a tradução não é uma relação entre dois sistemas linguísticos autônomos, nem uma relação que envolve duas línguas distintas, mas um acontecimento que evidencia que há sistemas linguísticos que comportam em si várias línguas. Quero dizer que não vou privilegiar a diferença institucional prevista para as línguas, ou seja, uma oposição, um antagonismo entre as duas línguas envolvidas na tradução, mas sim suas semelhanças e proximidades. A tradução é um acontecimento que deflagra a língua e as várias línguas presentes num mesmo sistema linguístico (OTTONI, 2005, p. 49).

Deflagrar as diversas línguas presentes em uma mesma língua, abalando a oposição língua original e língua de tradução, certamente pode auxiliar bastante os tradutores a serem mais criativos e originais, condição primordial para a tradução da palavra sertão. Se de uma forma bem geral, pode-se considerar "que a maioria das palavras corriqueiras não apresentam um significado bem delineado, ou sequer um conjunto de significados bem determinados, cada um nitidamente distinto do outro"

(LYONS, 1987, p. 35), em qualquer texto é possível perceber que um mesmo signo pode admitir/comportar várias traduções diferentes. Sobretudo no que se refere a um texto literário, a criatividade e a originalidade no ato de traduzir devem ser tratadas de maneira especial porque

> o resultado há de ficar na dependência do tradutor humano que dele se valha e ao qual enfim caberá optar por esta ou aquela palavra, esta ou aquela expressão – opção que faz de cada tradução um ato de criação e de cada tradutor humano um autêntico criador (CAMPOS, 1987, p. 18).

O aspecto criativo da tarefa de traduzir é amplificado ao lidar com textos literários por causa da complexidade de sua compreensão dentro da cultura na qual eles funcionam. Por isso, refletir sobre a tradução da palavra sertão em seu contexto literário é tão importante para este estudo. Através da sistematização das opções de tradução da palavra sertão em *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), esperamos mostrar como a multiplicidade de culturas e línguas em uma mesma língua se manifesta nas escolhas criativas dos tradutores. Ao iniciar este estudo, é imprescindível notar que a relação entre o texto literário e a sua

> tradução obrigam o tradutor a escolher, de cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz (RÓNAI, 1987, p. 21).

Com base no acima exposto, pode-se dizer que o objetivo deste trabalho é investigar a manifestação desse “espírito da língua portuguesa” e demonstrar como ele pode inspirar os tradutores da palavra sertão para a língua inglesa. Uma das maiores problemáticas para essa tradução é a compreensão da cultura na qual a mencionada palavra funciona, nesse ínterim,

> o tradutor, diz Pannwitz, deve deixar que sua língua seja afetada, e mesmo transformada, pela língua estrangeira. Ora, podemos nos perguntar então: é a língua materna ou a estrangeira que se transforma? Entre as línguas envolvidas na tradução o que ocorre é uma espécie de tradução recíproca (OTTONI , 2005, p. 16).

Como são afetadas as línguas envolvidas na tarefa de traduzir, se elas se transformam mutuamente? Em busca de percorrer caminhos para a compreensibilidade mútua entre línguas e culturas, uma das direções apontada tanto

pela obra de Euclides quanto pelos estudos da tradução aqui elencados, trazer à tona discussões como as que são propiciadas por este trabalho se faz cada vez mais necessário. A necessidade de utilização da tradução de *Os Sertões* para pensar o Brasil e sua relação com outras culturas é uma evidência inquestionável pelos incontáveis acréscimos que ela pode proporcionar pois “assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua” (BERMAN, 2007, p. 18). E, em nosso caso, do ser-tão. Nessa experiência de ser-obra, ser-língua e ser-tão, a tradução recíproca que ocorre entre a obra de Cunha e as suas traduções permite estabelecer pontes entre línguas, literaturas e culturas e gera olhares diferenciados. Essas pontes e olhares serão discutidos no restante de nossa pesquisa.

3.1. Transposição criativa de *Os Sertões*

translation means translating cultures, not languages[9] (TYMOCZKO, 1999, p. 21).

Elencamos até aqui sobre a palavra “sertão”, as suas prováveis origens e mudanças de significado, tanto ao longo da história da cultura brasileira quanto em sua peculiar utilização na obra de arte da linguagem *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Esse percurso tem em vista promover novos olhares sobre as formas de contato entre línguas/culturas no interior da língua portuguesa e da cultura brasileira e sobre a tradução desse signo. A afirmação de Maria Tymoczko realça algumas de nossas reflexões acerca da árdua missão de transportar os sentidos do sertão para outra língua e para outra cultura, dada a intrínseca especificidade cultural da palavra aqui colocada em foco. Isso certamente remete também à “tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade” (DERRIDA, 2002, p. 20 e 21) conforme descreve Derrida em *Torres de Babel* (2002) que utilizamos como referência principal para as nossas problematizações.

Se traduzir implica traduzir culturas e não línguas (somente), a impossibilidade da tradução, nesse contexto, relaciona-se com o fato de que no ínterim da palavra sertão, para além de sua tradução da língua portuguesa para a língua inglesa, um dos pontos específicos de reflexão do nosso estudo, é possível perceber suas diversas camadas de sentido e sua crescente relevância cultural dentro de nossa própria língua. Alguns desses sentidos, como apontado no segundo capítulo, foram incutidos no sertão mesmo antes da chegada da palavra no Brasil, frutos de uma geografia imaginada por aqueles que nunca haviam lá estado. A visão do sertão como uma geografia de dimensões míticas é projetada no sistema cultural de língua inglesa, como informa Elizabeth Lowe, responsável pela mais recente tradução de *Os Sertões* para o inglês, em *The Brazilian Backlands: Journey through an Imagined Geography* (2016), pois de acordo com sua explicação

> *the term sertão began to acquire mythical dimensions, and so arose the myth of “Island Brazil,” a nation separated from Spanish America by the Amazon and the Río de la Plata, joined by a great lake from which both rivers were born. This would become the natural “geographical” boundary of*

[9] “tradução significa traduzir culturas, não línguas”. (tradução nossa)

> *the country, not the Treaty of Tordesilhas of 1494 that divided the continent between the crowns of Spain and Portugal* [10] (LOWE, 2016, p.9 e 10).

Destacamos aqui no comentário da tradutora da obra de Euclides principalmente dois pontos: o mito em torno da palavra sertão (e sua projeção na língua inglesa) e o seu reposicionamento como um limite natural geográfico do país, este último contrapondo as divisões regionais propostas por Portugal e Espanha no Tratado de Tordesilhas.

A dimensão mítica do vocábulo sertão é resultado de uma geografia já anteriormente imaginada: uma terra inexplorada, lugar onde habitam os “estranhos prodígios” e que é expressa por um termo cujos significados podem diferir radicalmente uns dos outros, já que aqueles que lhe atribuíam sentido nunca haviam lá estado, como discutido no capítulo anterior. Mesmo demonstrando certo conhecimento sobre o assunto, ciente das dimensões míticas da palavra, não podemos afimar que Lowe (ou Putnam) estivesse ciente da possibilidade de que, em um primeiro momento, a aplicação indistinta da palavra “sertão”, referindo-se tanto às terras no interior da África quanto às terras no interior da América, pode constituir-se como um violento ato de tradução. Essa tradução teria ocorrido através da apropriação cultural efetuada pelos colonizadores portugueses do termo “sertão” das línguas de Angola e Moçambique, adaptando-o para a fonética da língua portuguesa e utilizando-o para um tipo de nomeação que não distingue a diferença entre as culturas, os povos e as regiões do interior do continente africano e do interior do continente americano.

Vale retomar o argumento segundo o qual, no contexto da colonização, a nomeação do outro era horizontal, na própria tentativa de igualar para apagar as diferenças, enquanto o processo de nomeação desse outro era sempre vertical com os conquistadores civilizado(re)s colocados (convenientemente) como superiores. Ao se colocarem a priori em uma posição superior, nessa conjuntura, os objetivos eram a própria colonização portuguesa e o seu projeto de expansão ultramarina. As

[10] "o termo sertão começou a adquirir dimensões míticas, e assim surgiu o mito da “Ilha do Brasil", uma nação separada da América Espanhola pelo Amazonas e pelo Rio da Prata, unida por um grande lago de onde nasceram os dois rios. Isso se tornaria o limite natural "geográfico" do país, não o Tratado de Tordesilhas de 1494 que dividia o continente entre as coroas da Espanha e Portugal.” (tradução nossa)

atribuições de sentido à palavra sertão que fazem com que adquira a sua dimensão mítica são efetuadas pelos conquistadores e têm em vista o apagamento das diferenças provenientes dos interiores de ambos os continentes que tinham como ponto comum essa colonização.

Essa tentativa de apagamento das diferenças, contudo, evidencia-se como uma impossibilidade dada a inerente multiplicidade de línguas presentes dentro de uma mesma língua, segundo Derrida, e que procuramos destacar em nossa tese. Assumindo essa possibilidade como um caminho possível, conforme apontado por Teles, em uma pesquisa bem aprofundada sobre a palavra sertão, a sua própria presença na língua portuguesa já aponta uma diferença. Essa diferença é o fato de ser considerada um empréstimo linguístico, como mencionaremos adiante.

O estabelecimento do sertão como um limite natural geográfico do país, conforme indica Lowe, por outro lado, é um novo movimento que preenche com novos significados a palavra. Nesse outro momento, “sertão” funciona como uma resistência natural às fronteiras geográficas pré-estabelecidas por aqueles que buscavam conquistar o Brasil, dividi-lo de acordo com seus interesses e nomear a sua geografia de modo a horizontalizar (e apagar) as prováveis diferenças entre povos e culturas existentes nos diferentes sertões. Se o sertão funciona como uma resistência à essa tentativa de demarcação\nomeação horizontal, porém, como “limite” geográfico é promovido um sentido de afastamento dessa região em relação às outras regiões do país. Esse afastamento ocorre em diversos níveis, de tal modo que propicia um amplificado sentido de distanciamento entre a vasta área dos sertões e a extensa costa brasileira (e seu limite de mundo), com impactos econômicos e sociais visíveis. Os anos passavam e a visão construída sobre essas mesmas bases não se modificava.

> A modernização que a República prometia levava de roldão as culturas a que o isolamento depauperou, desaparelhando-as. O impacto modernizador, ontem e hoje, choca por ameaçar homogeneizar as diferenças regionais. Havia no entanto uma reivindicação rural velada, buscando resistir às novidades que a metrópole impunha (TELES, 2002, p.343).

Colocadas nessa relação, as contraposições derivadas de sertão x litoral por extensão tais como atraso\modernidade, bárbaros\civilizados, entre outras, foram exploradas de forma a polarizar cada vez mais essas duas referências geográficas, e, consequentemente, suas populações e suas culturas, segundo o que procuramos discutir anteriormente. Essas já descritas polarizações que posteriormente foram associadas às "problemáticas condições ambientais acabaram por moldar a forma com que os brasileiros encaravam a Região Nordeste do país, especialmente devido às devastadoras secas da metade e de fins do século XIX" (LEVINE, 1995, p.77). Deflagrar esse limite de mundo é imprescindível para estabelecer uma ponte entre os dois Brasis presentes no nosso país, tal qual se propõe o escritor Euclides da Cunha com sua produção intelectual e artística, especialmente em *Os Sertões*. Nessa perspectiva que opõe BrasilXNordeste, a visão do sertão e do sertanejo como antagonistas do processo de modernização da nação é também uma evidência do (novo) choque de culturas que ocorre no interior de um mesmo povo de um mesmo país, conforme já dito. A reivindicação rural velada era mais que resistir às novidades que as metrópoles tentavam impor, como descreve Teles. Reivindicavam assistência dessas mesmas novidades, pois sequer tinham acesso a elas. O resultado inenarrável desse choque que culmina no extermínio da população do sertão de Canudos é a tônica dos escritos euclidianos.

Podemos observar então a sempre presente existência de forças em tensão na atribuição de (novos) sentidos ao termo em questão, atentando para o fato de que as línguas, os povos e as culturas em contato na zona de interação do Brasil, ou ainda, da língua portuguesa, estavam e estão em diferentes posições de influência. Para Derrida, "uma cultura é sempre a imposição constrangedora e hegemônica de um grupo, de uma força, de uma pulsão, de um fantasma sobre o outro" (DERRIDA, 2005, p. 191). Nesse já citado "*clash of cultures*", o sertão era sempre desfavorecido e desvalorizado, tendo em mente que a partir do ponto de vista seja europeu, seja litorâneo, era a região colocada em oposição à civilização, à modernidade e ao progresso. Dentro desse contexto, "uma tradução não é um evento isolado, mas determinado por contingências históricas e de poder." (LAGES, 2002, p. 76).

Em busca de acompanhar os prováveis percursos da palavra sertão, nossa tese já previamente delineou as contingências históricas e de poder envolvidas em sua

tradução no contexto da colonização portuguesa. Quais seriam as novas contingências que envolvem essa palavra na conturbada transição da monarquia para a república no Brasil, momento do conflito descrito na obra de Euclides por meio da qual o sertão adquire novos significados? Quais pensamentos são traduzidos por esse signo? Prosseguindo conforme o que foi elencado no primeiro capítulo pelo historiador Robert Levine, é possível perceber que “Canudos funcionou, portanto, como estopim da última batalha entre monarquistas e republicanos” (LEVINE, 1995, p.52). Esse comentário evidencia ao mesmo tempo tanto a contingência histórica quanto a de poder. A guerra já estava nas cidades e o espaço escolhido para o último embate dessa transformação social era justamente aquele que estava esquecido até o momento. Uma autocrítica da nação brasileira é necessária para questionar as ações bélicas do governo e para recusar a banalização da violência cometida contra os mais desfavorecidos que habitavam os sertões. Esse ato extremo não pode ser considerado, nos termos de Araripe Júnior, o “enfrentamento no campo normal da vida cotidiana”. Nesse enfrentamento que confunde vencedores e vencidos está justamente o que Cunha busca desnudar.

Atualizadas contingências históricas e de poder, novos sentidos que buscam traduzir a palavra e a realidade dos sertões também são alcançados por meio da obra euclidiana “considerando que Euclides deu ao sertão um significado “brasileiro” ao lado do puramente paisagístico, recuperando e renovando uma tradição intelectual, narrativa e estilística de raiz ibérica” (LEMOS, p.79, 2002). Podemos remeter essa tradição intelectual à carta de Caminha, já citada em nosso trabalho, escrita de origem portuguesa e com todas as características mencionadas por sua múltipla função, intelectual, narrativa e estilística, além da primeira menção ao sertão na história do Brasil. Euclides da Cunha recupera com seu tipo de escrita todas essas funções (e mais) e a renovação é em relação ao ponto de vista daquele que primeiramente havia utilizado a palavra no Brasil, mas não no sertão. Cunha é um escritor que produz sobre o sertão e a partir dele, não meramente sobre ele. Apenas por meio dessa nova escrita, que lança novas perspectivas sobre todas as outras, é possível identificar a característica de

> “entre-lugar” do sertão,espaço entre a língua e a linguagem, entre a observação que se quer científica e a imaginação que o leva à literatura. É o

> que se documenta abundantemente nos cronistas e viajantes, incluindo-se os religiosos e catequistas, e vai lentamente aparecendo na obra dos poetas (TELES, 2002, p.264).

Nesse processo de ressignificação do sertão que remete ao Brasil e à renovação de uma tradição intelectual, Euclides da Cunha com sua obra *Os Sertões,* científica e literária, (re)traduz a palavra, dotando-a de significados culturalmente relevantes, em uma produção na qual "o dizer literário age como espaço crítico enquanto expressa insatisfação" (TELES, 2002, p.344). Nessa operação de criação (literária) e crítica (do pensamento social brasileiro), não era atípico o seu tom político nas publicações destinadas a narrar esse trecho da nossa história. Relembremos que era um homem que escrevia para agir sobre seu tempo, buscando também apontar tendências no e para o pensamento social brasileiro. É nesse conturbado cenário que a narrativa euclidiana do sertão traz a denúncia do fratricídio da verdadeira nacionalidade brasileira, elevando o mestiço sertanejo, ainda que no campo do imaginário, a símbolo de nacionalidade e revivendo-o para exaltação, um dos desdobramentos da operação de regeneração nacional apontada no primeiro capítulo. A partir do enredamento sertão-sertanejo, sua elevação a uma categoria geográfica própria capaz de uma descontinuidade temporal característica, propiciados pela escrita euclidiana e apontados no segundo capítulo, os significados de sertão se multiplicam e sua carga semântica e cultural é ampliada.

Nesse caso, vale a pena mencionar com base no que foi discutido até aqui, a tradução do signo do sertão para outras línguas também é impossibilitada pelo fato de que no nosso país e "nessa formação cultural a palavra funciona não como o que prepara a intervenção na realidade senão como o que se confunde com a própria intervenção transformadora" (LIMA, 1991, p.272). Diferentes intervenções transformadoras na cultura brasileira, como procuramos evidenciar, foram (e são) efetuadas por meio dessa palavra e seus processos de ressignificação. Desse modo fica claro porque "sertão", signo estético de excelência na escrita euclidiana, foi eleito como unidade mínima e máxima de nossas análises, sobretudo considerando seu percurso na nossa cultura. Ele nos dá a dimensão de que

> é portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram, que ainda não abriram caminho para sistemas

> ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 2002, p. 41).

As transformações sociais ocorridas no Brasil, desde a chegada dos portugueses, passando pela Abolição da Escravidão e Proclamação da República, já anteriormente mencionadas neste trabalho, são exemplos de processos que provocam lentas acumulações quantitativas de mudanças no signo do sertão. O termo sertão e suas constantes atualizações de significados registram as fases transitórias mais íntimas das mudanças sociais no país. Inicialmente funcionando como um geografia imaginária no sistema ideológico dos conquistadores das Américas e da África, lar do desconhecido, posteriormente passa a ser visto na cultura brasileira como antônimo de civilização e progresso, e, sinônimo de mestiçagem, em posição antagônica ao litoral. O ponto de observação para o sertão é sempre dele distante e próximo da recepção dos ideais civilizadores da Europa. Como parte inerente do processo de civilizar-se, a necessidade de transição da monarquia para a república no Brasil foi considerada como primordial. No entanto,

> a República acabou trazendo ainda mais insegurança para o Nordeste, provocando novas alianças, que a nível local sempre acabavam em novas intimidações e violências. O clima de ansiedade nacional foi se tornando pior com o passar do tempo, mergulhando o sertão na instabilidade (LEVINE, 1995, p.247).

Essa mudança social geradora de instabilidade e insegurança também deve ser levada em conta para entendermos o significado de sertão que está intrinsicamente ligado a uma realidade brasileira. Euclides com seu livro e sua escrita particular também efetua acumulações quantitativas de mudanças no signo do sertão ao ressignificá-lo e aos sertanejos por meio da sua literatura, indicador sensível da transformação social que acontecia no país naquele momento. O governo e as instituições religiosas haviam deixado o Nordeste sem assistência de qualquer tipo e mergulhado o sertão na instabilidade para depois, em uma campanha massiva do exército, extinguir desse mesmo sertão um povo e uma cultura em nome da civilização e da modernidade que nunca haviam propiciado aos sertanejos. Essa é uma injustiça digna da denúncia de Euclides da Cunha. Como bastião da geração

de 70, pequeníssima elite letrada da época, devido à importância da lição de seu trabalho, sua preocupação com a inscrição de sua obra em outros sistemas culturais e literários era premente. Ele demonstrava abertamente ter interesse em sua disseminação pois

> ainda antes do término d'*Os Sertões,* empenhou-se em providenciar uma tradução para o francês. De fato, este relato sobre um ato bárbaro da civilização dirige-se a toda a humanidade civilizada. Um dos mais brasileiros de todos os livros - não tanto pela ambição literária, mas em razão de seu estilo e de sua mensagem - está concebido desde o início como um livro da literaturauniversal(ZILLY,1996,p.348).

Planejado como uma obra pertencente à literatura universal, discussão que ampliaremos mais adiante, a sua singular escrita evoca o mais recente arcabouço das modernas teorias sociológicas, históricas e geográficas europeias em voga na época para a tecitura de seu texto. Isso torna a sua leitura desafiadora mesmo para os falantes de língua portuguesa, língua original da produção euclidiana. Se “assim, Euclides explica parcialmente o sertão por um desvio pela Europa; *traduz* a parte desconhecida do Brasil” (ZILLY, 1996, p.342), é possível perceber que “é precisamente o modo pelo qual o texto original já é sempre uma tradução impossível que torna a tradução impossível” (JOHNSON , 2005, p. 33). Como traduzir a parte desconhecida da nação a partir de um desvio pela Europa? E mais ainda: se a própria operação de tradução de Euclides da Cunha é já impossível como traduzir esse intraduzível para outra língua? Para prosseguirmos com nosso estudo, a primeira postura é adotar a proposição de Delille em seu livro *Problemas da tradução literária* (1986), porque

> a menos que estejamos dispostos a aceitar a existência de um fosso entre a teorização tradutológica e a prática translatória, teremos de recusar o falso dilema “Nada é traduzível” ou “Tudo é traduzível”, adoptando um conceito de tradutibilidade relativa e dinâmica (DELILLE, 1986, p. 9 e 10).

As tradicionais sistematizações binárias das teorias de tradução que buscam opor as línguas envolvidas na tradução, o texto original e o texto traduzido, o autor e o tradutor, entre tantos outros pares, são recusadas na visão da tradução sob uma perspectiva mais relativa e dinâmica. A partir dessa perspectiva, descartamos a oposição entre língua original e língua traduzida, explicitamos o cruzamento entre

línguas na palavra sertão e colocamos também em evidência a própria tarefa de tradução de Euclides da Cunha, escritor do texto original. Dessa maneira, nos aproximamos uma vez mais das problemáticas propostas por Derrida em *Torres de Babel* (2002):

> Notemos um dos limites das teorias da tradução: eles tratam bem frequentemente das passagens de uma língua a outra e não consideram suficientemente a possibilidade para as línguas, a mais de duas, de estarem implicadas em um texto (DERRIDA, 2002, p. 20).

Nessa proposta de desvelamento de uma língua, a partir do princípio das várias línguas no interior do que se julga ser uma mesma língua, nos deparamos com a possibilidade de duas ou mais línguas estarem envolvidas na palavra sertão. Vamos considerar os apontamentos de Teles sobre as suas prováveis origens pela incorporação desse vocábulo pertencente à outra(s) língua(s) na língua portuguesa. Esse gesto é, em si, já uma operação de tradução pois linguístico "o vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento" (CÂMARA, 1998, p.111). Nessa perspectiva, mais de uma língua implicada no texto *Os Sertões* de Euclides da Cunha é evidenciada em seu título e signo estético por excelência. Essa consideração oportuniza acrescentar algumas reflexões sobre o envolvimento entre línguas em uma tradução.

Paulo Ottoni em *Tradução Manifesta* (2005) propõe que "a tradução é um acontecimento que está dentro do jogo de significados que se produz entre as línguas. Não há, assim, fronteiras entre as línguas" (OTTONI, 2005, p. 50). É válido rememorar que a não existência de fronteiras nas línguas é o que torna as palavras suscetíveis a intensas mudanças de significado e indicações das mais efêmeras transformações sociais de uma cultura e de um povo, pois é a língua a própria instituição que os falantes influenciam sem cessar. Sem desconsiderar a violência da tradução no aportuguesamento de sertão nesse âmbito, mas pensando nas consequências produtivas acarretadas pela contraditória tarefa de traduzir "é assim que o empréstimo linguístico acaba enriquecendo a língua que o recebe" (CAMPOS, 1987, p. 27). Nesse intercâmbio, a tradução pode trazer mais compreensão sobre o outro ou significar uma interação que causa o choque de culturas, como apontado

por Levine e por Derrida e exemplificado nos percursos da palavra sertão. Ora, nessa discussão

> não se trata de negar a existência de aspectos profundamente contraditórios na reflexão sobre a tradução e mesmo na atividade do tradutor: o que importa é extrair as consequências produtivas que o contraditório pode acarretar (LAGES, 2002, p. 233).

A tradução tanto em sua dimensão teórica quanto prática lida com as contradições inerentes da tarefa de traduzir. Uma dessas contradições mais proeminente em nosso trabalho é a propósito da tradução do sertão, sua necessidade e sua impossibilidade. Mais complexas ainda serão essas contradições ao lidar com a tradução desse signo estético no âmbito do texto literário. Os textos literários ensinam muito sobre língua, cultura, identidade, nação e alteridade. Ensinam principalmente que esses elementos não existem em isolamento, constituem-se sempre em processos de contato um com outro. Esses contatos e as relações que estabelecem entre si são inseparáveis de seus próprios conceitos e modos de se construir. Acerca da lição de textos literários como o de Euclides da Cunha, a visão de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978) é categórica:

> A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural (SANTIAGO, 1978, p.18).

Ao aliar esse exposto às consequências produtivas acarretadas pela contraditória tarefa de traduzir, o desafio é refletir sobre a forma como as línguas, os povos e as culturas entram contato nas traduções. A grande lição de Cunha com sua obra que traduz a parte desconhecida do Brasil é a denúncia do *clash of cultures* entre os dois Brasis, do sertão e do litoral, e, mais a fundo, do colonizador e do colonizado, e seus trágicos resultados. Nessa lição, é evidente a dificuldade de um povo e de uma cultura estabelecerem-se de maneira a “questionar o próprio conceito de superioridade” (SANTIAGO,1978, p. 13). Conforme procuramos explicitar, o sertão, desde seu primeiro uso, era um lugar distante, para o qual os colonizadores não tiveram interesse algum de se locomoverem, ou conhecer mais a seu respeito. O estabelecimento de uma barreira intransponível, tanto física quando ideológica,

“impedia-os” de ir até lá. Desenhada essa configuração que foi se agravando com o passar do tempo,

> é necessário dizer que os brasileiros não sabiam praticamente nada sobre a desolada região do vale dos rios Vasa-Barris e Itapicuru antes que se divulgassem, em fins de 1870, as primeiras notícias sobre Antônio Conselheiro. A “guerra” de Canudos, 1896-1897, obviamente inverteu essa situação, e o sertão repentinamente se desnudou ao escrutínio da nação. Mais do que qualquer outro repórter que tenha telegrafado seus relatos, foi Euclides da Cunha, com seu dom para descrições cheias de vida – tanto das paisagens como dos homens -, que marcou a fogo a existência do sertão na consciência nacional (LEVINE, 1995, p.124).

Esses dois Brasis dentro da nação brasileira precisavam estar dispostos a um olhar que recusasse a comum hierarquização entre eles: “as relações entre *duas* civilizações que são estranhas uma a outra e cujos primeiros encontros se situam no nível da *ignorância* mútua” (SANTIAGO,1978, p.13). A descrição de Santiago contempla o tipo de relação necessária entre as duas nações que coexistiam dentro do mesmo país, que entram em contato apenas ali no momento mesmo do conflito. Contudo, não podemos nos esquecer de que, para Derrida, no interior de uma cultura sempre há a tentativa de imposição hegemônica e constrangedora de um grupo sobre o outro. Como a relação necessária descrita por Silviano não aconteceu e o que foi apontado por Derrida se confirmou com o desenrolar dos fatos, a obra de Euclides da Cunha procura intervir na escritura da história da formação do país. Sua intervenção busca desmistificar a geografia imaginária dos sertões, acentuar a participação de seu povo na construção da nação, bem como apontar rumos para o pensamento social brasileiro com a sua amarga denúncia. Nosso estudo em busca de aproximar-se da lição veiculada pela obra *Os Sertões*, compreende que entre esses dois Brasis, nesse contato “está-se no ponto de encontro de duas sociedades alheias uma à outra, segundo Euclides.” (TOLEDO, 2002, p.94). Se entre esses Brasis existe uma intraduzibilidade, mesmo dentro da mesma língua e da mesma cultura, a impossibilidade e a necessidade de traduzir o sertão, primeiramente para o próprio Brasil, e, em seguida, para outros públicos alvos de diferentes línguas e culturas, é a tônica central da obra de Cunha e de nossas pequisas. Por esse duplo vínculo envolvido na tradução

> quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*. A relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria. A tradução é uma experiência que se pode abrir e se (re) encontrar na reflexão (BERMAN, 2007, p. 17 e 18).

A experiência e reflexão geradas pela tradução do sertão, resultantes da necessária e impossível tarefa de transportar seus significados para uma outra língua, são alguns dos objetivos específicos que nosso trabalho apresenta. Nessa circunstância, "a tradução não é nem uma imagem nem uma cópia" (DERRIDA, 2002, p. 35) em relação ao texto original. Por esse motivo, consideremos, então, a partir deste ponto, a concepção da ideia de "transposição criativa" tal como proposta por Haroldo de Campos, uma tradução "capaz de reproduzir na outra língua o elemento especificamente poético, por uma atenção sobretudo a elementos da estrutura, da articulação entre significantes e- em especial, ao recurso poético" (LAGES, 2002, p. 89). A noção de transposição criativa será adequada para nortear algumas diretrizes no que se refere à análise dos projetos de tradução de *Os Sertões*. A articulação do recurso poético do signo "sertão" com seus signos mais próximos será um dos focos de nossa atenção nos exemplos extraídos para análise nesta tese. Esse foco permite divisar que para introjetar na língua inglesa o elemento poético do sertão tal como concebido por Euclides da Cunha,

> numa tradução desta natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendida por signo icônico aquele << que é de certa maneira similar àquilo que ele denota>>. O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 1976, p. 24).

Nem imagem, nem cópia, nem tradução literal, a tradução de "sertão" deve ser capaz de evocar a sua própria materialidade, que é análoga àquilo que representa. A tarefa da tradução, considerando sobretudo os vários significados e camadas de sentido que revestem a palavra "sertão", trata de mais do que transportar o seu significado mais concreto e imediato: envolve também explicitar as forças das contingências históricas e de poder presentes na palavra e a assimétrica relação de influência de uma língua\cultura sobre a outra (mesmo no interior de uma mesma

língua). Esse significante, repleto de significados, é apenas um indicativo a partir do qual o tradutor inicia a sua tarefa de recriação desse signo para outra língua. No empreendimento da transposição criativa “sempre foi admitido que o tradutor dá prova de originalidade na escolha das expressões para reproduzir da melhor maneira em uma língua o sentido do texto em uma outra língua” (DERRIDA, 2002, p. 60 e 61).

Além de conferir maior autonomia aos tradutores por meio do diálogo entre a proposição de Derrida e a ideia de transposição criativa, esta última concebida por Campos e aqui elucidada por Lages, considerar as contingências históricas e de poder envolvidas na tradução de *Os Sertões* para a língua inglesa é de suma importância para nossa tese. Dessa forma, assumindo a tradução do livro *c*omo um processo afetado por determinadas contingências, alguns questionamentos devem ser feitos nesse âmbito. Qual a relevância cultural da tradução dessa obra? Quais as motivações culturais? Quem traduz? Quais recursos e métodos utiliza para traduzir? Esses são os principais pontos de experiência e reflexão sobre os quais nos debruçaremos a partir de agora.

3.2. Ser-língua, ser-tão: A importância de Euclides da Cunha e sua obra no cenário mundial.

> Sr. Dr. Euclides da Cunha, tendes, infelizmente, ficado e ficareis a coberto dessas ásperas contingências de precisar defender uma coisa que, no fundo, não vale dois minutos de esforço neste canto da terra: o renome, a reputação literária...De um ímpeto, adejastes por cima dos mais altos píncaros, onde flutuam aos ventos as flâmulas dos entusiasmos e das glorificações brasileiras. Lá chegastes e lá deveis ficar, porque não vos fizeram favor. Fostes levado pelo mérito inegável de um livro que é uma das obras-primas da mentalidade nacional (ROMERO, 2003, p.137).

Essa afirmação é de Sílvio Romero, um dos já mencionados críticos responsáveis pela consagração de Euclides na literatura, em discurso pronunciado por ocasião da recepção do autor na Academia Brasileira de Letras em 1906. A obra de Cunha é, em suas palavras, uma obra-prima da mentalidade nacional, e tudo indica que esteja bem consciente das ressalvas a ela feita por outros críticos.

> Em última análise, a entronização de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras representava a afirmação de um ponto de vista diferencial. O escritor e o livro eram reverenciados como símbolos de novas ideias e nova maneira de abordar questões relativas à nação. Para Sílvio Romero, com Euclides da Cunha, além da abordagem científica, o tema do povo começava a aparecer ao mesmo tempo em que ganhava corpo a idéia de que no centro, no interior do país estava o “Brasil real”. (ABREU, 2002, p.241)

O autor foi eleito apenas 4 anos após a publicação de seu livro e dessa maneira “*Os Sertões* projetou-o no meio intelectual da época” (FARIA, 1998, p.20). Era claro que, nesse momento, inserindo a temática do povo e do Brasil real que existia no interior, o sertão, sua obra ocupava (e ainda ocupa) um importante papel, tanto na literatura quanto no pensamento social brasileiro. A narrativa do confronto de Canudos chamou tanta atenção na época, e hoje ainda, isso é indiscutível. O que buscamos é investigar quais aspectos dessa obra fazem-na tão importante na cultura brasileira e capazes de projetá-la no cenário mundial. Sobretudo para a mentalidade nacional, o motivo desse importante papel deve-se ao fato de que o

> livro de Euclides fixa não só o conflito entre a hinterlândia e o litoral, conflito de culturas, choque de etnias. Fixa a crise de uma nação, crise na estrutura econômica e política de um país, e crise das diretrizes da ação social do brasileiro (OLIVEIRA, 1959, p.250).

Esses conflitos e crises, já delineados nos capítulos anteriores, adquirem novos contornos e possibilidades de associação quando introjetados em outras línguas e culturas por meio da tradução literária de *Os Sertões*. A sua temática é frequentemente considerada cerne da nacionalidade brasileira, no entanto, é necessário perceber na obra uma possibilidade mais ampla de (auto)crítica da civilização. Essa crítica é endereçada a todas as nações civilizadas: é importante que essas nações para as quais a crítica de Euclides é também cabível possam tornar-se cientes dela. De acordo com o que já foi explicitado por Zilly no segundo capítulo em *O Sertão e a descontinuidade temporal*, esse brado contra o esquecimento, contra a impunidade, deve atingir o tribunal da História, que deve condenar os responsáveis pela tragédia à vergonha universal para todos os tempos. Como característica intrínseca da obra, constitui-se mais um fator a ser levado em consideração no desafio da tarefa de traduzi-la. Para Berthold Zilly, que a traduz para o alemão, essa opinião procede porque

> o desejo do autor de ver seu livro traduzido (...) não se deve apenas à preocupação com a glória literária, mas tem na verdade razões mais significativas, porque corresponde a intenções estéticas e morais da própria obra. Esse libelo contra um ato bárbaro da Civilização se dirige a toda a humanidade civilizada (ZILLY, 1997, p.131).

Esse desejo deve ser respeitado e transmitido nas traduções da obra, já que as suas intenções morais e estéticas são justamente um dos focos da operação de transposição criativa, quanto mais elaborada se quer uma obra de arte, que, a princípio intraduzível, convoca a tradução. Por dirigir-se a toda humanidade civilizada, é traduzida para muitas línguas, expandindo a esfera de alcance e influência da amarga denúncia da tragédia de Canudos.

> A boa acolhida, junto à crítica da últimas traduções do livro, da francesa de 1993 e da alemã de 1994, deve-se parcialmente à atualidade de muitos dos seus temas e pontos de vista num mundo caracterizado, de alguns anos para cá, por um recrudescimento espantoso da barbárie, praticada frequentemente em nome de altos civilizatórios, da modernidade, do progresso, da democracia, do direito internacional, do socialismo, da nação, da autodeterminação, da liberdade, da justiça, da identidade cultural (ZILLY, 1997, p.132).

A lição da amarga denúncia de Euclides, uma crítica universal e atemporal, serve para refletir sobre uma realidade independente das delimitações geográficas de

nações e de tempos históricos: a intensificação do uso da violência em nome da civilização, do progresso, da modernidade, já mencionados anteriormente ao longo de nosso trabalho. Não à toa, a obra de Cunha permanece não apenas como cânone dentre as obras (literárias) brasileiras de sua época, mas também contemplando temáticas que serão o cerne das inquietações de intelectuais de diferentes países e eras pois "os temas de Euclides são temas universais" (GALVÃO, 2009, p.170). Samuel Putnam, responsável pela primeira tradução de *Os Sertões* para a língua inglesa a ser analisada em nossa tese, *Rebellion in the Backlands* (1944), corrobora Walnice Nogueira Galvão, uma das mais importantes críticas da obra euclidiana na atualidade, sobre a universalidade dos temas de Euclides pois afirma em "*BRAZIL'S GREATEST BOOK: A TRANSLATOR'S INTRODUCTION*" que "*Os Sertões to be part of universal literature … unique not only in Brazilian but in world literature as well*"[11] (PUTNAM, 1944, pp. iii). Quais são as características que fazem com que a obra de arte da linguagem de Euclides da Cunha seja considerada única no Brasil, integrante da literatura universal e também única na literatura mundial? Em busca de compreender quais seriam elas, principalmente a partir do ponto de vista de seus tradutores, procuramos apontamentos sobre esse assunto nas notas de tradução que precedem as duas versões de *Os Sertões* para a língua inglesa. Vamos colocá-los em diálogo com apontamentos de outros estudiosos que também trilharam esses caminhos em busca de elucidar a relevância do episódio de Canudos e da obra de Euclides para o cenário mundial e suas traduções.

Para Samuel Putnam, em sua introdução de 16 páginas da tradução *Rebellion in the Backlands* (1944), "*Os Sertões cannot be properly understood without an understanding of its author and the age in which he lived*[12] (PUTNAM, 1944, p. x). A partir disso, ele busca acompanhar a vida escolar e profissional de Euclides da Cunha, situá-lo em sua conturbada época, em sua posição de destaque na intelectualidade brasileira e evidenciar as circunstâncias que fizeram de sua obra um diferencial na produção brasileira e seu estrondoso sucesso. Esse percurso feito

[11] "Os Sertões são parte da literatura universal … único não só na literatura brasileira, mas também na literatura mundial" (tradução nossa).
[12] "Os Sertões não pode ser compreendido adequadamente sem uma compreensão de seu autor e da época em que ele viveu" (tradução nossa).

permite estabelecer uma ponte entre a primeira parte de nosso trabalho com a proposição de seu tradutor de atrelar o autor e seu contexto histórico para a compreensão da obra dentro da cultura na qual ela funciona. É interessante notar também que o prefácio de Afrânio Peixoto, apontado como Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupa apenas duas páginas e em comparação com seu extenso "*Brazil's Greatest Book*".

Confirma-se válida a tentativa de atar o autor ao seu momento no caso em questão, pois uma de suas maiores estudiosas faz questão de assinalar veemente que para os escritores dessa geração há uma "relação especial com o imperialismo finissecular, que condiciona suas vidas e suas obras" (GALVÃO, 2009, p. 72). Essa correlação de escritos literários com os problemas de seu tempo é evidenciada em suas reflexões por meio da exemplificação de dois dos maiores escritores daquele momento na literatura brasileira:

> Euclides da Cunha escreve Os Sertões na contemporaneidade do grande romancista brasileiro Machado de Assis, que marca a maturidade deste e de seus últimos anos de vida. Ambos foram participantes da cena literária simultaneamente pelo menos por uma década, como mostram as cartas que trocaram. E viriam a morrer com pequeno intervalo – Machado aos 69, em 1908; Euclides aos 43, em 1909. (GALVÃO, 2009, p.27)

Em consonância com uma das principais críticas da obra euclidiana no país, o primeiro tradutor dessa obra para o inglês afirma para seu público-alvo em sua introdução que Euclides "*was a pathfinder, being one of the two principal fountainheads of the modern Brazilian novel*[13]" (PUTNAM, 1944, p.vii). Através dessa afirmação, demonstra estar familiarizado com o contexto cultural do qual a obra euclidiana faz parte, pois o outro escritor mencionado por ele como expoente do romance moderno brasileiro é justamente Machado de Assis. Mas, em elevado destaque, para Putnam, Euclides da Cunha é o escritor por meio do qual o "*Brazil enters the arena of world literature*[14]" (PUTNAM, 1944, p.iv).

[13] "foi um desbravador, sendo um dos dois principais mananciais do romance brasileiro moderno" (tradução nossa).

[14] "Brasil entra na arena da literatura mundial" (tradução nossa).

Ele mostra conhecimento suficiente do contexto cultural para apontar o escritor como um dos principais de sua época e vai além: posiciona Cunha na cena literária brasileira de sua própria contemporaneidade, momento da tradução da obra, explicitando que

> *it is surely not without significance that there has grown up in this same general region, the Northeast, a school of novelists – Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, to mention but a few – who are at this moment bringing new life to Brazilian letters, and whose influence on the national literary scene has been so profound*[15] (PUTNAM, 1944, p. viii).

Samuel percebe a atualização na própria cultura brasileira promovida pelos ecos da obra euclidiana e sua proposta de reposicionamento do foco do pensamento social brasileiro para o sertão. Para demonstrar isso, ele indica o próprio Nordeste como um pólo prolífico de produção cultural brasileira, região onde se desenvolveu uma "escola de romancistas" que influenciam profundamente a cena literária do Brasil em momento contemporâneo à sua tradução da obra *Os Sertões*. Se Euclides da Cunha oportuniza com seu livro uma nova onda de busca pela autonomia do pensamento social brasileiro, é exatamente pelo fato de elaborar com sua obra de arte da linguagem uma crítica sobre a nossa formação cultural. Implodindo a noção de pureza na origem e na identidade nacional, ele mira as diferenças presentes na realidade brasileira, diferenças de culturas, de povos, de etnias.

> *He lived, thus, in an era of deep-going social change that was manifest in the realm of politics. He grew up with a liberty-craving generation, a generation which intellectually had been nourished on Victor Hugo, Benjamin Constant, and Castro Alves, "poet of the slaves". Racial freedom, the achievement of political democracy, and, once the Republic had been set up, the forging of a true Brazilian nationalism, a unified Brazil – these were the vital problems of the age, and they were so intertwined as to be in reality inseparable*[16] (PUTNAM, 1944, p. X)

---

[15] "Certamente não é sem importância que tenha crescido nesta mesma região geral, o Nordeste, uma escola de romancistas - Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, para mencionar apenas alguns - que estão neste momento trazendo uma nova vida às letras brasileiras, e cuja influência na cena literária nacional tem sido tão profunda" (tradução nossa).

[16] "Ele viveu, portanto, em uma era de profundas mudanças sociais que se manifestaram no campo da política. Ele cresceu com uma geração que ansiava pela liberdade, uma geração que intelectualmente foi nutrida por Victor Hugo, Benjamin Constant, e Castro Alves, "poeta dos escravos". A liberdade racial, a conquista da democracia política e, uma vez estabelecida a República, a formação de um verdadeiro nacionalismo brasileiro, um Brasil unificado - esses eram os problemas vitais da época, e eles estavam tão interligados que, na realidade, eram inseparáveis" (tradução nossa).

Apontando para os problemas da época de Cunha, tão interligados entre si e a ela que Putnam considera-os inseparáveis, ressurgem algumas questões já levantadas anteriormente em nossa tese, como a transição da monarquia para república, a formação racial do povo brasileiro, a elaboração de um nacionalismo verdadeiramente brasileiro, a premente necessidade de "unificação" do Brasil (decorrente da reflexão sobre a existência dos dois Brasis, como já explicitado). Qual tipo de atualização pode o olhar de Putnam, e, posteriormente, o olhar de Lowe, lançar sobre essa obra ao projetá-la em seu sistema literário e cultural? Como uma obra-prima de nossa mentalidade nacional pode auxiliar a refletir sobre questões universais?

As prováveis respostas a esses questionamentos não são fáceis ou simples. Para este trabalho, vamos nos ater a procurar indícios contidos nas próprias versões de tradução da obra, espalhados pelas notas de tradução, introduções, notas de rodapé e outros que forem considerados relevantes para a discussão. Para Samuel Putnam, o conflito narrado por Euclides que expõe o sertanejo e "*the incredibly heroic resistance of the backlands natives at the siege of Canudos in 1896-97 it is a tale that should be a special interest for this war-torn age of ours*"[17] (PUTNAM, 1944, p.v). Que época é essa? Qual o especial interesse de Putnam como americano de atrelar a lição euclidiana à sua própria era? Se o autor era determinado pela sua relação com sua época, qual a relação entre o tradutor de *Os Sertões* e seu próprio período histórico? Como isso influencia a maneira como o livro adentra a literatura mundial? John Milton em *A tradução de Samuel Putnam de Os Sertões- Rebellion in the Backlands, de Euclides da Cunha* (1997) esclarece que essa,

> tradução foi publicada em plena Segunda Guerra Mundial, uma das razões de sua publicação, devido ao fato de que os contatos com a Europa estavam sendo cada vez mais dificultados, e o governo norte-americano tinha consciência das vantagens de manter bons contatos e influenciar os vizinhos latino-americanos, que, em alguns casos, haviam sido influenciados e atraídos pelo fascismo. Foi a época do *Good Neighbour Policy* (MILTON, 1997, p.183).

[17] "a resistência incrivelmente heróica dos nativos do sertão no cerco de Canudos em 1896-97 é um conto que deveria ser de especial interesse para essa nossa era devastada pela guerra" (tradução nossa).

A amarga denúncia de uma violenta e injusta guerra promovida contra um povo desfavorecido está entre as motivações da elaboração e da publicação da obra *Os Sertões*. Primeiro, a guerra que tinha a missão de civilizar o sertão do Nordeste brasileiro e que levou à chacina de um povo mestiço, símbolo da nacionalidade brasileira, serviu como mote para a obra prima euclidiana. No seu transplante para a língua inglesa e para a cultura dos Estados Unidos, vemos aqui como a guerra é mais uma vez motivadora da sua publicação, em uma atualizada contingência histórica de poder que coloca não só a literatura do Brasil no plano universal mas também evidencia a entrada do país em um jogo de interesses no panorama mundial.

Se no contexto da primeira grande guerra os EUA procuraram manter uma posição de “neutralidade”, na segunda guerra, iniciada em 1939, o interesse em aproximar-se dos vizinhos da América Latina tinha como objetivo consolidarem-se como uma grande potência para contrapor o expansionismo da Alemanha: o “outro lado” da guerra. O Brasil e a América Latina tornam-se palco da disputa de influências entre esses dois lados. Aliás, essa configuração mundial que nos colocava como palco de disputa de interesses (externos) conflitantes não era algo novo na História. Buscar soluções para que os conflitos se resolvam diplomaticamente, para que a violência não seja utilizada, para que os contatos entre os povos estabeleçam pontes de compreensão e não o choque de culturas é a mais que necessária lição a ser aprendida com a obra de Euclides.

Aparentemente criada com esses intuitos, contudo, a solidariedade continental e hemisférica que os Estados Unidos propagavam naquele momento, por meio de uma penetração cultural norte-americana nas culturas de seus vizinhos, especialmente o *american way of life*, é parte de um plano estratégico de conquista de aliados. Nesse momento, muitas obras latino-americanas foram traduzidas para a língua inglesa. Esse panorama do *Good Neighbour Policy* expõe com quais finalidades buscam estreitar suas relações com os demais países americanos. Os contatos e influências provenientes dessa relação de boa vizinhança podem ser vistos como revestidos de interesses que não buscam a compreensibilidade mútua entre nações e sim a imposição de uma agenda política de uma nação sobre outras.

Um novo choque de culturas dessa forma é desvelado como contexto cultural que engloba as motivações da tradução da obra de Euclides da Cunha. Esse desvelamento, mais uma vez, corrobora Derrida, pois segundo ele uma cultura é sempre a imposição constrangedora e hegemônica de um grupo sobre o outro. Para atualizar em sua própria cultura a visão sobre esse tipo de imposição constrangedora, conscientemente, em busca de elaborar sua própria crítica, Putnam faz questão de mencionar as críticas do autor em suas notas introdutórias. Mantendo o tom crítico de Cunha à missão de civilização, seu tradutor aponta que,

> *as he saw it, it was not the backlands fanatics who were at the bottom to blame but rather their countrymen of a higher stage of civilization who had left them in a centuries-old darkness, failing to prepare them for sharing the higher responsibilities of the democracy*[18] (PUTNAM, 1944, p.xiv e xv).

O raio civilizador refrangia na costa, deixando o interior do país numa escuridão secular, como já havia sido apontado pelo autor e mencionado na primeira parte de nossa tese. A culpa era justamente da civilização que falha em seu projeto de levar seus benefícios e a modernidade ao sertão. Essa falha, que não permite que os habitantes do sertão estejam preparados para dividir as responsabilidades de um novo governo democrático com os habitantes do litoral, é grave e profunda, porque desde sempre privou essa primeira parte da população brasileira de condições básicas. Essa visão euclidiana é percebida por seu tradutor, como esse comentário evidencia, afinal,

> caracterizando o homem sertanejo como um ser recuado no tempo, e portanto, fora do presente histórico, Euclides retira dos seus ombros toda a responsabilidade política e acusa a república por não ter sido capaz de compreender que a vítima maior daquela guerra era o Brasil real, massacrado por uma civilização de empréstimo, cópia mal acabada da própria Europa (DECCA, 2002, p.182).

Uma missão de civilização que falha em levar aos “menos civilizados” a educação, a moradia, a saúde, a alimentação, entre outras necessidades não pode lograr seu projeto de progresso e modernização da nação. Em uma falha ainda mais grave, o

[18] “Como ele viu, não eram os fanáticos do sertão que estavam no fundo da culpa, mas sim seus compatriotas de um estágio mais elevado de civilização que os haviam deixado em uma escuridão secular, não preparando-os para compartilhar as responsabilidades mais elevadas da democracia” (tradução nossa).

extermínio dessa parcela da população a quem nunca havia sido dada a oportunidade de civilizar-se indica a barbárie do projeto de modernização, do qual o sertão foi excluído para mais tarde ser suprimido violentamente. Colocado nesses termos, esse lapso é similar ao ocorrido no processo de colonização do Brasil. *Os Sertões*, como já foi dito, reapresenta o passado histórico do Brasil a partir da interpretação de um acontecimento de seu presente, época da transição do país para o regime republicano. Para Stavans, em prefácio à tradução *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) de Elizabeth Lowe, Euclides "*portrays a struggle between Brazil´s past and future*[19]*"* (STAVANS, 2010, p.xi). Nessa briga entre tempos, para Cunha, o genocídio de Canudos desvela o momento da colonização que permanecia intacto no interior do sertão. Nesse momento, o modo como os conquistadores portugueses dizimaram inúmeros povos em seu projeto de civilização é também criticado pelo autor, tanto quanto o projeto civilizador da república que massacra os sertanejos canudenses. Essa é uma camada de sentido que não foi evidenciada por nenhum dos prefácios das traduções da obra Os Sertões.

Para Samuel Putnam, "*in this connection we North Americans well may think of our own Indian wars of the early days*"[20] (PUTNAM, 1944, p.v). Ele refere-se nessa observação ao processo violento de conquista de territórios ocorrido nos Estados Unidos, responsável pelo genocídio de inúmeros povos indígenas. Mais um elo é estabelecido e mobilizado entre as línguas e as culturas envolvidas na tradução de *Os Sertões* porque

> o contraste entre civilização e barbárie também é visto através do prisma norte-americano: Putnam faz um paralelo claro: a maneira pela qual os "civilizados" norte-americanos, os pioneiros, tratavam os índios é semelhante à maneira pela qual as forças "civilizadas" \republicanas tratavam os jagunços (MILTON, 1997, p.184).

O uso de aspas na palavra "civilizada" coloca em xeque a própria ideia de civilização como na primeira parte de nosso trabalho, conforme explicitado a partir de *A sociologia desconcertante dos sertões.* Essa infiltração de inúmeras dúvidas no progresso civilizatório da nação, executado por meio de ações de violência, remete

[19] "retrata uma luta entre o passado e o futuro do Brasil" (tradução nossa).

[20] "nessa conexão, nós , norte-americanos, bem podemos pensar em nossas próprias guerras indígenas dos primeiros dias" (tradução nossa).

ao posicionamento indefectível de Euclides da Cunha de que “estamos condenados à civilização”. Essa é uma das camadas de sentido que revestem a denúncia de Euclides: a lição a ser aprendida pela nação brasileira e por todas as nações civilizadas. Essas críticas, do passado e do presente (também aplicadas no futuro), nos apontamentos de Cunha, com sua particular redistribuição das temporalidades nacionais, são reflexões atemporais por serem sempre atuais. Até aqui então, Putnam percebe que o governo e a civilização são os culpados, e por isso tenta transplantar essa crítica para sua cultura, colocando a questão civilizado\índio e civilizado\jagunço em paralelo, sob o prisma norte-americano. Não chega a fundo na crítica da civilização de Euclides que pode ser extendida ao processo de colonização do próprio Brasil (e ao posicionamento da imprensa). Sob essa ótica, da já apontada descontinuidade temporal do sertão derivada da obra euclidiana, a recriação da atualidade da crítica do escritor, que ultrapassa seu contexto histórico, deve ser também reatualizada pelos respectivos tradutores da obra euclidiana, em inerente relação com seus contextos históricos.

Com isso, acrescenta-se mais um desafio na possibilidade de recriação do livro para outra língua, pois a partir de diversos momentos históricos também se efetua a tradução de *Os Sertões*. Se *A Nossa Vendeia*, evento ocorrido na França que dá título à primeira explicação de Cunha para o movimento de Canudos no sertão, era um ponto de partida para traduzir a parte desconhecida do Brasil por um desvio pela Europa, Putnam, com sua tradução, vai tentar pensar a situação norte-americana por um desvio pelo Brasil. Ele mesmo, ao mediar dois momentos históricos diversos, permite que a lição também seja vista sob diferentes contextos: a Guerra Civil nos Estados Unidos e a sua adesão na Segunda Guerra Mundial. O primeiro tradutor da obra de Euclides para a língua inglesa reproduz de forma análoga a crítica euclidiana aplicando-a ao seu próprio contexto cultural. Assim,

> como o tempo, uma tradução é caracterizada por uma certa instabilidade, uma vez que se define como mediadora, não apenas entre duas culturas, mas também entre dois momentos históricos diversos. A tradução ocupa um espaço de *passagem*, no qual não se fixam momentos cristalizados, identidades absolutas, mas se aponta continuamente para a condição diferencial que a constitui (LAGES, 2002, p. 215).

Nesse contexto, a tradução de *Os Sertões* media mais de dois tempos históricos diversos. Na própria concepção da obra de Euclides, que buscava traduzir o indizível, o momento da colonização é evidenciado em sua contínua existência no presente, nunca um momento cristalizado no passado e também serve para reapresentar e reinterpretar o momento histórico do episódio de Canudos. Por isso, *Os Sertões* desempenha a "função de rememoração e este passado invocado não é um passado qualquer, mas um passado rememorado para a construção de uma identidade social" (ABREU, 2002, p.226). A identidade nacional é abalada a partir da percepção euclidiana de que a civilização assassina o cerne da nacionalidade brasileira, em busca de apagar as diferenças que constituem qualquer cultura, povo e identidade, colocadas como supostas ameaças à pureza das origens e ao progresso futuro. Nessa construção proposta pelo livro de Cunha a "identidade absoluta" da nação é questionada e essa é a condição diferencial que a constitui.

A tradução, como um espaço de passagem, segundo Lages, aponta para uma condição de diferença na constituição das identidades, já que é uma mediação entre culturas e tempos. Nesse ínterim, a obra euclidiana que redistribui as temporalidades da nação brasileira, relacionada a novos contextos e tempos históricos, confere instabilidade à tradução de sua lição,

> jamais definitiva, pois, como se diz, cada época retraduz, pelo menos para atender à necessidade de reapresentar os textos antigos nas formas novas que lhes sejam dadas por tradutores da nova atualidade (CAMPOS, 1976, p. 8).

Putnam, com sua tradução da obra para outra língua, intermedia com o público alvo de língua inglesa a mediação primeira de Euclides e lida com mais dois momentos históricos para tal tarefa, a guerra civil americana e a segunda guerra mundial, enquanto busca transpor a atualidade crítica da lição euclidiana aplicando-a aos problemas de seu país. Cientes da solidariedade continental e hemisférica que os EUA buscava propagar, é premente pensar na divergência das ideias que fragmenta a nação e o governo americano que pregam a congregação das diferenças com sua política de boa vizinhaça e são contudo incapazes de lidar com sua própria fragmentação (e por isso a lição de Cunha é necessária):

> Temos também que nos lembrar da falta de unidade ao redor da decisão dos Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra em 1942, entre os isolacionistas, que queriam que os Estado Unidos ficassem de fora da guerra, e os intervencionistas, que queriam ajudar os aliados. A rixa nos Estados Unidos não deveria se tornar um conflito violento, parecido com o conflito de *Os Sertões*. Através de *Os Sertões*, Putnam prega a unidade nacional, usando as palavras de Cunha (MILTON, 1997, p.183).

A divisão interna entre povos e culturas de um mesmo país no citado *clash of cultures* que resulta na chacina de um deles é o foco na problematização da obra de Euclides da Cunha. É esse foco que oportuniza a lição por meio da qual Samuel Putnam lida de forma paralela com suas próprias questões e com as questões dos EUA: seu processo de formação cultural e sua participação na guerra. A experiência da tragédia de Canudos deve ser atualizada e reapresentada por meio da tradução para que não seja repetida.

Nesse novo elo entre cultura brasileira e cultura estadunidense, para Lowe, responsável pela retradução de *Os Sertões* em 2010, Putnam "*hoped that his translation would contribute to the cause of hemispheric understanding and bring readers an essential Brazilian work*[21]*"* (LOWE, 2010, p. xxxvi). A ideia de compreensão hemisférica, apesar de ampliar as possibilidades de compreensão entre as culturas, também estabelece um novo limite para esse mútuo entendimento: a linha do hemisfério. Porém, para além da compreensão hemisférica, a lição euclidiana é aplicada uma vez mais em outra nação civilizada e outro tempo histórico, pois o tradutor da obra para o alemão Berthold Zilly também assinala que "quando o autor não apenas denuncia os crimes de guerra, mas denuncia a própria guerra como um crime, parece intervir num debate atualíssimo na Alemanha" (ZILLY, 1997, p.133).

A obra de Euclides ganha importância no cenário mundial ao promover diferentes olhares a respeito de mais de uma nação e mais de um tempo histórico, conforme explicitado acima, servindo como atualizada lição e crítica até mesmo para os povos e as culturas, em diferentes momentos históricos, colocados como lados opostos da disputa pela influência na América. Essa relevância pode ser vista sob uma outra

[21] "esperava que sua tradução contribuísse para a causa da compreensão hemisférica e trouxesse aos leitores uma obra brasileira essencial" (tradução nossa).

perspectiva, discussão tão importante igualmente promovida a partir da crítica euclidiana: a questão da raça e da miscigenação. Samuel Putnam destaca que *Os Sertões* "*among other things, it is the definitive early-century statement of the national-racial question in Brazil, a problem that is a vital one today*[22]" (PUTNAM, 1944, p.v). Assim, ele percebe a importância da raça na questão.

Se o problema é vital "hoje" nas palavras do tradutor, devemos lembrar da distância temporal entre ele e o autor de *Os Sertões*. Mesmo considerando essa distância, é possível assumir que a atualidade da lição dessa obra sobre a mestiçagem, e, sobre "o que houve em Canudos e continua a acontecer hoje, no campo como nas grandes cidades brasileiras, foi o choque do Brasil "oficial e mais claro" contra o Brasil "real e mais escuro" (SUASSUNA, 2002, p.21). Essa afirmação é de Ariano Suassuna, expoente da produção literária sobre o Nordeste e os sertanejos, que inicia sua produção no mesmo ano em que a tradução da citada obra foi lançada. Assim, essa questão nacional-racial, também pode ser atualizada e associada a um novo contexto cultural com a tradução do livro de Euclides. O escritor Suassuna acrescenta no choque entre culturas a problemática das raças. A mestiçagem ou conjunção de diferenças na constituição do sertanejo, símbolo da identidade nacional, que Cunha buscava evidenciar é vista sob o prisma dos EUA porque "também podemos considerar esta ideia como um dos mitos norte-americanos no século XX – a ideia do *melting pot*, da unidade como resultado da mistura" (MILTON, 1997, p.184).

A constituição dessa ideia é um processo complicado tanto na cultura brasileira quanto na cultura norte-americana. No específico contexto do conflito de Canudos, nos sertões da Bahia, na época da transição para a República, os sertanejos foram colocados como opostos ao progresso civilizatório do país. Isso causou uma segregação no povo do estado da Bahia (e por conseguinte no próprio povo brasileiro), pois

> os baianos, inseguros devido à constante desconfiança do resto do país quanto à possibilidade de as elites baianas terem se misturado demasiadamente com a gente de cor durante áureos dias da escravidão,

[22]" entre outras coisas, é a declaração definitiva do início do século da questão nacional-racial no Brasil, um problema que é vital hoje" (tradução nossa)

> encaravam o conflito como um meio de demonstrar que se sentiam comprometidos com o modelo europeu de progresso contínuo (LEVINE, 1995, p.97).

Esse tipo de mentalidade também delineia as oposições entre os dois Brasis e indica como o racismo é introjetado na consciência do brasileiro. É importante perceber que ela também atinge a parte esclarecida da nação, a saber os intelectuais do país:

> Era a ideologia dos países colonialistas envolvendo o mundo mental da *intelligentsia* das colônias e regiões subdesenvolvidas. Esse racismo crioulo que se desenvolveu nos países latino-americanos, tinha como objetivo abastardar a sua intelectualidade, criando-lhe uma autoconsciência alienada (MOURA, 1964 p. 77).

Essa autoconsciência cria mais do uma produção intelectual racista: oportuniza uma segregação racial e a prática da violência em nome do progresso e do desenvolvimento da nação com um todo, ainda que esse processo custasse a extinção de uma parcela dessa mesma nação. Evidenciado a mestiçagem intrínseca a toda cultura, mas que não se engendra de maneira harmônica, a ideia do *clash of cultures*, sob esse viés, retorna. Nessa ótica, algumas considerações sobre os Estados Unidos podem ser mencionadas. As suas políticas de segregação racial devem ser consideradas, pois indicam um paralelo entre um problema brasileiro, latino-americano e estadunidense. Essas culturas, formadas pela congregação de diferenças existentes dentro de um mesmo país, buscam uma forma de lidar com seus processos de formação, vistos agora sob a ótica da mestiçagem. O que se percebe é que

> *all moderns nations are born from sacrificial blood. The atrocities da Cunha witnessed as reporter were beyond belief. Like the use of napalm in Vietnam by the U.S. Army, the Brazilian military spread kerosene on villages, then threw dynamite bombs on them, creating hellish scenes in wich Canudos population was burnt alive*[23] (STAVANS, 2010, p.xii).

[23] "Todas as nações modernas nascem do sangue sacrificial. As atrocidades que da Cunha testemunhou como repórter eram inacreditáveis. Como o uso de *napalm* no Vietnã pelo exército dos EUA, os militares brasileiros espalharam querosene nas vilas e depois jogaram bombas de dinamite sobre elas, criando cenas infernais em que a população de Canudos foi queimada viva" (tradução nossa)

À luz das violentas experiências de significativos exemplos de *clash of cultures* em nome da modernidade e do progresso, a denúncia do massacre da comunidade de Canudos descrita na obra euclidiana é a lição que ainda ressoa na cultura brasileira e que os seus tradutores intentam projetar em sua própria cultura, utilizando-a como ferramenta para reflexão sobre os problemas de suas realidades nos Estados Unidos. É mister perceber a forma como o prefaciador da tradução *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) Ilan Stavans ressalta a violência do episódio da guerra de Canudos e associa-o também à participação dos Estados Unidos na segunda guerra. O estudo sobre o uso de *napalm* como tecnologia de guerra na fabricação de explosivos iniciou-se em 1942, em universidade americana, e, a despeito da lição euclidiana que Putnam tenta disseminar, o seu uso concretiza-se após a tradução de *Rebellion in the Backlands* (1944), evidenciando a necessidade de refletir mais detidamente acerca da lição de *Os Sertões* que Samuel havia replicado em sua própria cultura e língua. De novo, a situação do Estados Unidos é pensada por um desvio pelo Brasil, dessa vez no prefácio da segunda tradução da obra de Euclides da Cunha.

Se para Derrida uma língua não é nunca a mesma pois só é diferença, essa reflexão pode e deve ser estendida às culturas e aos povos que, nesse contexto, correspondem ao Brasil e aos Estados Unidos que lidavam com a questão nacional-racial em sua formação cultural. Por conseguinte, “se em toda origem está uma mestiçagem, é cabível buscar na produção cultural “periférica” teorias, instrumentais e paradigmas e não apenas “objetos”. (LEMOS, 2002, p.80). Esse movimento é um ponto chave para rebater a autoconsciência alienada da intelectualidade latino-americana, que acreditava ter que fazer por “merecer” o progresso da civilização, como exposto no primeiro capítulo.

Como leitores atentos e críticos, Putnam e Lowe devem lidar com o destaque para o papel do tradutor nessa tradução que demanda uma visão diferenciada, porque, “necessitamos de um olho capaz de ver o passado em seu lugar com suas definidas diferenças em relação ao presente e, no entanto, tão cheio de vida que deverá parecer tão presente para nós como o próprio presente” (CAMPOS, 1976, p.26). Esse olhar que busca de revivificação da crítica euclidiana utilizando-a como paradigma para tratar de suas próprias questões serão tratados no tópico a seguir.

3.3. O papel do tradutor na travessia

> Do ponto de vista da "tarefa do tradutor", uma obra como *Os Sertões* não oferece o caráter neutro da prosa documental ou meramente científica, mas se manifesta, em dimensão essencial, como uma "obra de arte verbal" (*Dichtung*) e, como tal, só pode ser plenamente transposta para outra língua por meio de uma operação de *Umdichtung* ("transpoetização"). Isto porque, como diz Walter Benjamin (de quem retomei a expressão) *Umdichtung* é algo que tanto mais se requer, "quanto mais elaborada seja uma obra" (CAMPOS, 2002, p.305-306).

A possibilidade da plena transposição de uma obra literária como *Os Sertões* para outra língua é aqui, enfim, colocada sob escrutínio. Aludindo nessa parte de nossa tese à tarefa (renúncia) do tradutor, descrita nesses termos por Walter Benjamin, no trecho acima vista sob as lentes de um dois maiores pensadores da tradução no Brasil, Haroldo de Campos, focaremos, conforme os questionamentos elencados, quem traduz e quais são as suas motivações culturais bem como a relevância de suas traduções.

A dimensão essencial da obra de arte verbal, ou, obra de arte da linguagem, ambas categorizações propostas perfeitamente aplicáveis ao livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, indica o quão elaborada ela é, e, por conseguinte, as dificuldades de sua tradução. Seu transporte para outra língua, como indica Campos, só pode ser efetuado pela sua transposição criativa. Nessa operação de transpoetização é o sertão, signo estético essencial, o que nos interessa, pois o consideramos para essa pesquisa a máxima e a mínima da obra euclidiana. Colocamos em evidência o transplante de sentidos dessa palavra para outra língua, pois compreendemos que

> cada tradução (por menor e mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único já que as variáveis são imprevisíveis (ARROJO, 1999, p.78).

As variáveis imprevisíveis envolvidas na capacidade humana de atribuir significados em uma tradução, que lida com múltiplas línguas mesmo dentro de uma mesma língua, adquire novos desafios no âmbito da obra literária que buscamos estudar. Berthold Zilly, tradutor dessa obra para o alemão, em *Um depoimento brasileiro para a história universal* publicado na *Revista Canudos* (1997), questiona: "É possível traduzir Os Sertões? É possível traduzir a "bíblia da brasilidade", publicada em 1902,

obra considerada tão difícil e tão intrisicamente brasileira, para outra língua(...)?" (ZILLY, 1997, p.127). Em diálogo direto com esses questionamentos, para Haroldo de Campos em *Da transgermanização de Euclides: Uma abordagem preliminar* (2002), artigo integrante de *O clarim e a oração*, "o fato mais estrepitoso para a abordagem do problema da tradução de uma obra como Os Sertões de Euclides da Cunha é, desde logo, seu efeito – ou, melhor dizendo – seu "feito estilístico" (CAMPOS, 2002, p.303). Para as discussões pertinentes à nossa tese, estabelecer diálogos entre os críticos de tradução e os tradutores da obra é de inestimável contribuição. As problematizações sobre a impossibilidade e a necessidade da tarefa de traduzir, a aproximação entre as línguas múltiplas envolvidas numa tradução, o elo entre significante e significado (informação estética), sob as diferentes perspectivas de cada um, longe de serem resolvidas, são acrescidas de novos olhares. Sobre o feito estilístico de Cunha, o mesmo tradutor da obra indaga:

> Como traduzir os elementos herméticos, opacos, aquilo que tem quase pura função poética, não informativa? A ciência poetizada, como se pode caracterizar o discurso euclidiano, pratica uma dialética entre descobrir e encobrir, explicar e murmurar, elucidar e aludir (ZILLY, 1997, p.130).

Tanto Campos, teórico da tradução, quanto Zilly, tradutor da obra, miram os principais fatores geradores da intraduzibilidade de *Os Sertões*: seus elementos herméticos, opacos e a ciência poetizada, o(s) grande(s) feito(s) estilístico(s) de Euclides. Para refazer os passos do autor, entre descobrir e aludir, sem esquecer de associar a opacidade de elementos componentes do livro à própria obscuridade etimológica da palavra-chave sertão, mínima e máxima dessa obra de arte da linguagem, é necessária atenção redobrada com a tradução desse signo estético, esse todo natural-cultural onipresente no pensamento social brasileiro e na obra de Cunha. Apontando para o efeito estilístico da escrita euclidiana, nessa reflexão, podemos resgatar um dos pontos primordiais levantados por Haroldo de Campos em *Metalinguagem e Outras metas*, centrais para as teorias de tradução no Brasil, apresentado em *Da tradução como criação e crítica* (1976), pois na tarefa de traduzir *Os Sertões*

> como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecação implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução

> é crítica. << tradução é uma maneira mais atenta de ler>> (CAMPOS, 1976, p. 31).

Nessa maneira mais atenta de ler, o tradutor, que é antes de tudo um leitor, em busca de lograr a compreensão da palavra sertão na cultura na qual ela funciona, para trazê-la à vida em outra uma língua, deve ter em mente a necessidade e a impossibilidade de sua tradução associada a diversas posturas teóricas e metodológicas. Com todas as mudanças de significados e evidências dos choques de cultura presentes no signo do sertão, especialmente após a ampliação de sentidos da palavra promovida pela obra de arte da linguagem de Euclides da Cunha, como traduzi-lo?

Nessa específica tarefa de tradução, devemos refletir sobre o papel do tradutor na travessia do vocábulo sertão para outra língua. Se somente o que é intraduzível demanda tradução, seria válido pensar que cada texto para sua tradução, em alguma medida, também necessita de um tradutor-leitor diferenciado em sua visão sobre as culturas e as línguas envolvidas na tarefa. Nosso objetivo aqui é comparar duas traduções da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, com foco específico na palavra sertão. A partir de duas visões diferenciadas para a tradução da citada obra, procuraremos refletir sobre as similaridades e discrepâncias desses olhares e seus efeitos na tarefa de traduzir.

A primeira tradução é de Samuel Putnam, datada de 1944, intitulada *Rebellion in the Backlands*, publicada pela *The University of Chicago Press*. A segunda é a de Elizabeth Lowe, publicada em 2010, *Backlands: The Canudos Campaign* pela *Penguin Group*. A comparação dessas duas obras já foi proposta anteriormente por John Robert Schmitz em *Tradução e Retradução de Os Sertões de Euclides da Cunha: Análise de duas traduções em inglês* (2015) com o objetivo de comparar três trechos das traduções com seu original e a partir disso argumentar sobre a impossibilidade de critério único para assessoramento das traduções.

A respeito dos critérios escolhidos por cada um para nortear suas opções de tradução, bem como suas esferas de influências na língua inglesa, buscamos nos apontamentos dos próprios tradutores, principalmente em suas notas que precedem a tradução propriamente dita, compreender os caminhos trilhados por eles. Para

tanto, “é preciso reconhecer o tradutor como sujeito historicamente determinado e a tradução como um produto cultural” (LAGES, 2002, p. 77). O primeiro tradutor da obra para a língua inglesa,

> *Putnam is a celebrated translator-scholar of many classics of world literature in different Romance languages, namely CERVANTES'* Don Quijote *(1949); Putnam also wrote one of the first books in English on Brazilian literature:* Marvelous Journey: Four Centuries of Brazilian Literature*, a text that enjoyed 13 editions between 1948 and 1971. He presents a well documented introductory essay with over seventy footnotes that point to his stature as an early Brazilianist*[24] (SCHMITZ,2015,p.123-124).

Considerado por Schmitz como um dos primeiros brasilianistas, é apontado também como um tradutor acadêmico de vários clássicos da literatura mundial, com destaque para Dom Quixote. Através dessa descrição, podemos ter uma dimensão da relevância do produto cultural que é a tradução da obra euclidiana. Sobre o tradutor como sujeito historicamente determinado, quem vai posicioná-lo em sua época é John Milton no resumo do seu artigo *A tradução de Samuel Putnam de Os Sertões- Rebellion in the Backlands, de Euclides da Cunha* (1997) ao esclarecer que

> *also of interest is the fact that Putnam, translating just when the US was entering the Second War, goes to great lengths in his preface to emphasize how close Os Sertões is to the American experience of division in both the Civil War and the entrance of the US into the Second World War*[25] (MILTON, 1997, p.181).

Como produto cultural proveniente de um dos primeiros brasilianistas norte-americanos, dentro das contigências apresentadas, essa tradução é fundamental para nossas reflexões e discussões sobre a representação do Brasil em outras línguas. Samuel Putnam, que também buscava constituir-se como autoridade de um determinado assunto, qual seja a literatura brasileira, pretende transportar para sua própria língua a obra de Euclides com atualizadas interpretações e sob seu contexto.

---

[24]“ Putnam é um célebre tradutor-estudioso de muitos clássicos da literatura mundial em diferentes línguas românicas, a saber, Don Quijote (1949) de CERVANTES; Putnam também escreveu um dos primeiros livros em inglês sobre literatura brasileira: Viagem Maravilhosa: Quatro Séculos da Literatura Brasileira, texto que teve 13 edições entre 1948 e 1971. Ele apresenta um ensaio introdutório bem documentado com mais de setenta notas de rodapé que apontam para sua estatura como um dos primeiros brasilianistas” (tradução nossa).

[25] “Também de interesse é o fato de Putnam, traduzindo justamente quando os EUA estavam entrando na Segunda Guerra, se esforçar em seu prefácio para enfatizar o quão próximos Os Sertões estão da experiência americana de divisão tanto na Guerra Civil quanto na entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial” (tradução nossa).

O período histórico que influencia o sujeito-tradutor de Putnam é extremamente significativo para a questão da tradução da obra, sobretudo porque a denúncia da divisão dos dois Brasis de Euclides é a lição que Samuel Putnam busca transcriar para língua inglesa, evidenciando a fragmentação de seu próprio país e pregando a unidade nacional.

Esse olho especial capaz de ver o passado e que deve reproduzi-lo de modo a parecer tão presente como o próprio momento de sua atualidade, momento de sua transposição criativa, deve encher de vida (revivificar) a lição de Euclides da Cunha para todas as nações civilizadas em sua tradução. Injetar nova vida remete também ao *make it new*, tão utilizado por Haroldo de Campos em sua teoria de tradução. Injetar nova vida significa inovar. Assim, com base no exposto, é dessa maneira que "a atualização do texto euclidiano vem no sentido de pôr à prova o imaginário político para buscar novos modelos de convivência e de responsabilidade social *a partir das letras* (TELES, 2002, p. 342). Essa inovação dos modelos de convivência e de responsabilidade social suscitada a partir da literatura é a lição que ensina Euclides e que deve ser aprendida e ensinada por Putnam e Lowe. Por esse motivo, a lição ensinada pela obra de arte da linguagem de Euclides da Cunha endereçada a todas as nações civilizadas é atrelada às discussões do tópico anterior. Os novos modelos de convivência suscitados por *Os Sertões* fazem parte da tarefa de atualizar o texto euclidiano por meio de sua tradução e de sua importância no cenário mundial. Esses modelos de convivência devem, a partir da lição aprendida, fazer com que as nações estabeleçam-se em nível de "ignorância mútua", como apontado por Silviano Santiago em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (1978). Só assim é possível aprender e estabelecer uma ponte com o outro. Nesse âmbito, a lição é importante para todas as nações. A experiência é atrelada ao tempo do autor e para além pois, "*in certain aspects, as in his attitude toward the inhabitants of the backlands, he was in advance of his age*[26]" (PUTNAM, 1944, p.xiv). Nessa afirmação, Putnam busca destacar esse posicionamento crítico de Euclides e sua atitude, pois ele próprio precisa também elaborar uma crítica à frente de sua época e para a sua época para intervir em seu meio, "influenciar nas suas coordenadas culturais", como foi dito sobre Cunha no primeiro capítulo.

[26] "em certos aspectos, como em sua atitude para com os habitantes do sertão, ele estava à frente de sua época" (tradução nossa).

Mesmo com a construção de uma crítica atemporal, é interessante observar como a própria obra de Euclides da Cunha é considerada em si um divisor de águas (para seu tradutor), pois em suas palavras *Os Sertões* "*it is commonly looked upon as marking, in the 1902, Brazil's intellectual coming-of-age (…) is indubitably a historical landmark*[27]*"* (PUTNAM, 1944, p.iii e iv). O livro é um marco histórico tanto pelo seu projeto de crítica para o pensamento social brasileiro, tão ligado ao acontecimento de Canudos que dele não pode ser dissociado, quanto pela construção da história da nação, cujo episódio não pode ser visto de forma separada da produção de Euclides. O amadurecimento intelectual era aquele descrito no primeiro capítulo de uma intelectualidade que começa a reconhecer uma massa da população brasileira desconsiderada até então. Em seu testemunho da tragédia de Canudos e reinterpretação da história do Brasil, os novos modelos de convivência e responsabilidade social almejados a partir da lição euclidiana devem ser atualizados pelos seus tradutores em seus próprios momentos históricos, línguas e culturas.

Tanto a tradução quanto o sertão são espaços de passagem que afetam aqueles que se engajam em suas travessias. É preciso notar, segundo Putnam, principalmente por causa da relação que envolve sertão, sua tradução e o contexto cultural, que "*those who are strangers to Brazil hardly will be in a position to realize that the picture which the author paints for us is by no means an anachronistic one from the point of view of the present*[28]*"* (PUTNAM, 1944, p.vi). "Os limites do mundo como limites da linguagem" e "como traduzir significa traduzir culturas e não línguas" aqui ficam bem exemplificados nas palavras do tradutor da obra, pois aqueles que não conhecem o universo cultural brasileiro não estarão aptos para captar a atualizadíssima crítica da obra *Os Sertões*. Se anacrônico pode ser visto como algo antiquado, obsoleto para uma determinada época, certamente essa característica não pode ser atribuída à obra de Euclides da Cunha, ainda que vista por Samuel Putnam e Elizabeth Lowe a partir de um presente histórico diverso daquele no qual o livro foi escrito. Os pensamentos e ideias de Euclides acerca de sua própria realidade e de sua época, especialmente sobre a temática do sertão, são cabíveis

[27] "é comumente visto como um marco, em 1902, do amadurecimento intelectual do Brasil. (…) É indiscutivelmente um marco histórico" (tradução nossa).

[28] "aqueles que são estranhos ao Brasil dificilmente estarão em condições de perceber que a imagem que o autor pinta para nós não é de forma alguma anacrônica do ponto de vista do presente" (tradução nossa).

ainda nos dias atuais e também no ponto de vista da contemporaneidade de seus tradutores. No caso de Elizabeth Lowe, cuja retradução da obra foi publida em 2010, a aproximação com a cultura brasileira tem um novo caráter. A comentada declaração de simpatia do presidente americano Barack Obama em relação ao presidente Lula em 2009 já indica uma possibilidade de estreitamento de relações entre Brasil e Estados Unidos. Em abril desse mesmo ano, ao retirar as restrições de viagem e transferência de dinheiro entre EUA e Cuba, ele evidencia um posicionamento de abertura e nova "boa vizinhança" com os outros países americanos. Quando, ainda nesse ano, é indicado ao Nobel da Paz, e, em seu discurso, apesar de toda sua demonstração de caminhar rumo a uma maior compreensibilidade mútua entre as nações, defende o envio de mais tropas ao Afeganistão dá uma clara indicação: a lição da amarga denúncia de *Os Sertões* acerca da barbárie da civilização que deseja "impor a liberdade" a nações "menos civilizadas" deve ser, mais uma vez, reatualizada.

Contudo, apenas a compreensão da palavra sertão funcionando dentro da cultura brasileira e da obra euclidiana, para depois revivificá-la em suas respectivas atualidades, pode trazer a Putnam e a Lowe o olhar diferenciado mencionado anteriormente. Se Putnam em sua época, procurando estabalecer-se como estudioso da cultura brasileira, tem uma acurada visão do Brasil e dos reflexos de *Os Sertões* na cultura brasileira, também

> *Lowe has translated an impressive number of Brazilian authors to English, namely Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Nélida Piñon, Darcy Ribeiro and Machado de Assis. She holds a PH.D from the City University of New York (CUNY) in the field of Comparative Literature. Author of The City in Brazilian Literature (Fairleigh Dickinson University Press, 1983). Dr. Lowe is Director of the Center of Translation Studies at the University of Illinois (Urbana-Champaign, USA)*[29] (SCHMITZ, 2015, p.123).

Com um currículo também vasto, a nova tradutora da obra de Euclides é uma importante figura de influência no meio intelectual e universitário americano. Para Lowe, observando a primeira tradução da obra,

[29] "Lowe traduziu um número impressionante de autores brasileiros para o inglês: Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Nélida Piñon, Darcy Ribeiro e Machado de Assis. Ela possui doutorado pela Universidade da Cidade de Nova York (CUNY) no campo da Literatura Comparada. Autora da Cidade na Literatura Brasileira (Fairleigh Dickinson University Press, 1983). A Drª. Lowe é diretora do Centro de Estudos de Tradução da Universidade de Illinois (Urbana-Champaign, EUA)" (tradução nossa).

> *while it is daunting to follow in Putnam's footsteps, the hope is that this rendition injects new life into Os sertões, bringing it to a new generation of English readers interested in how Brazil became a modern nation and curious about the role of journalism during times war* [30] (LOWE, 2010, p. xxxvi).

Injetar nova vida na obra, remete ao *make it new*, já anteriormente citado como uma proposição do escritor norte-amerianco Ezra Pound, absorvida e atualizada pelo crítico de tradução brasileiro Haroldo de Campos. As pontes estabelecidas entre esses dois países são constantemente evidenciadas nesse trabalho tendo em vista observar as influências e influxos que surgem a partir desses contatos. O interesse dos leitores de língua inglesa no processo de modernização da nação brasileira e o papel do jornais nos períodos de guerra são aqui evidenciados como os focos do produto cultural que é a tradução de Elizabeth Lowe.

A tarefa de traduzir uma obra já traduzida anteriormente por tão renomado tradutor é um desafio ainda maior para ela. Afinal, ao lidar com a obra original e uma tradução prévia, "o tradutor vai interferir de maneira definitiva nesses dois sistemas, produzindo e transformando significados da língua de partida e da língua de chegada" como apontado por Paulo Ottoni em *Tradução Manifesta* (OTTONI, 2005, p.27). Para essa nova tradução, as diretrizes que circunscrevemos apontam para os mesmo caminhos: deve-se lograr a compreensão da palavra sertão, primeiro na cultura e contexto nos quais ela funciona, e, por conseguinte, como signo estético essencial da obra euclidiana para depois transpor para a sua própria língua e cultura. Como foi exposto no início do terceiro capítulo, é preciso lembrar que as palavras operam em conjunto.

Para Elizabeth Lowe em *Translator's Preface* de sua tradução da obra *Os Sertões*, "*a project of this magnitude forges its own travessia, a word commonly used in novels about the backlands to indicate a crossing that has a spiritual as well as*

[30] "Embora seja intimidador seguir os passos de Putnam, a esperança é que essa interpretação injete uma nova vida em Os sertões, trazendo-o para uma nova geração de leitores ingleses interessados em como o Brasil se tornou uma nação moderna e curiosos sobre o papel do jornalismo durante tempos de guerra" (tradução nossa).

physical dimension" [31] (LOWE, 2010, p. xxv). Se o papel do tradutor, como já foi mencionado, é ser inspirado pelo espírito da língua portuguesa, como leitores críticos (pois a tradução é uma maneira mais atenta de ler) da obra euclidiana, devem, conforme já apontado por Teixeira, "perder de vista todos os outros, quando queiram acompanhar passo a passo a peregrinação deste peregrino engenho", pois Euclides "deixou em sua passagem um rastro perdurável". Para lograr a compreensão da cultura na qual a palavra sertão funciona, a sua associação à palavra "travessia" demonstra que Lowe está atenta ao seu contexto cultural e seu campo semântico: sua opção de tradução é a sua não-tradução. Ela introjeta a palavra na língua inglesa, afetada pelo espírito da língua portuguesa (Rónai), demonstrando porque a tradução é um acontecimento que deflagra as línguas envolvidas na tarefa (Derrida) e efetuando uma tradução recíproca (Ottoni), onde ambas as línguas são afetadas. Essa forma de introjetar a língua portuguesa na língua inglesa, apontando para a intraduzibilidade da palavra travessia, busca utilizar o material da outra língua explicitando os limites de linguagem que deverão ser ultrapassados para a compreensão da obra de Euclides da Cunha. Essa maneira de utilizar o material de outra língua em sua própria língua pressupõe uma diversa maneira de aproximar-se da cultura do outro, diversa daquela descrita como efetuada por meio da palavra "sertão" e sua possível origem por meio do empréstimo efetuado pelos portugueses da línguas de Angola e Moçambique.

Esse sentido de atravessamento, de jornada, que confere ao sertão a característica de um espaço de passagem e transformação, propiciado pela sua associação à "travessia", é um indício de uma visão diferenciada para a tradução desse signo estético. Como proposto anteriormente, essa atuação do tradutor como um crítico e criador, um olho capaz de presentificar um passado para injetar-lhe nova vida é o que buscamos observar nas traduções de Samuel Putnam e Elizabeth Lowe. Por isso, apresentados brevemente os tradutores, as suas contigências históricas e de poder e o tipo de produto cultural que intentam com suas traduções que iremos

[31] "um projeto dessa magnitude forja sua própria travessia, uma palavra comumente usada em romances sobre os sertões para indicar um atravessamento que tem uma dimensão espiritual bem como física" (tradução nossa).

cotejar, vamos nos aproximar de alguns fatores e elementos envolvidos na tradução da obra propriamente dita.

3.4. Elementos nas traduções de *Os Sertões*

Sobre as traduções como produtos culturais de sujeitos historicamente construídos, algumas de suas circunstâncias já foram elencadas: as contingências de poder vigentes na época da publicação das traduções, a representatividade e a importância da escolha por traduzir a referida obra de Euclides da Cunha, o momento histórico da publicação das traduções e os tempos históricos mobilizados para atualizar as críticas de Euclides a cada contemporaneidade. Neste tópico, buscaremos analisar mais alguns elementos e fatores em *Rebellion in the Backlands* (1944), de Samuel Putnam, a primeira obra de tradução de *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha para o inglês e sua retradução feita por Elizabeth Lowe em *Backlands: The Canudos Campaign* (2010). É necessário adicioná-los à discussão para uma compreensão mais abrangente das traduções, das línguas e das culturas na qual elas funcionam. Afinal, essa compreensão das palavras na língua e na cultura que integram já foi descrita como fundamental no início desse terceiro capítulo. Só poderemos divisar a tradução da palavra sertão para novas línguas, mola propulsora de nossa tese, estabelecendo-nos a partir de uma postura que busca a compreensibilidade mútua entre as línguas e culturas envolvidas para uma tradução. Posicionar-se dessa maneira, implica estar em constante busca de novos dados e informações que possam contribuir com novos olhares para nosso estudo.

Ampliar esse entendimento é atentar para novas camadas de sentido, em um expandido limite de mundo e de linguagem. Por isso, outros fatores e agentes podem ser levados em consideração para compreender como a tradução da mencionada obra intermedia na formação de uma visão estrangeira a respeito do Brasil e do episódio de Canudos. Quais são esses outros fatores e agentes que interferem na relação entre o público internacional e esse episódio, pensando inclusive além do que foi publicado a partir da obra *Os Sertões* e suas traduções? Como essas outras publicações fazem parte do processo de construção da imagem do assassinato do cerne da nacionalidade brasileira, amarga denúncia da obra prima de Euclides? Elizabeth Lowe, já havia mencionado sobre o papel dos jornais durante a guerra e indica essa como umas das razões para sua retradução: aproximar o leitor das posturas e visões que procuram disseminar esses veículos de

comunicação impressa nos momentos em que as diferenças entre os povos chegam ao ponto que "*neighbours can turn into strangers - even enemies*[32]" (SIMON, 2006, p. 169) com consequências extremamente violentas.

Pela relevância apontada por uma das tradutoras aqui estudada, inserimos algumas reflexões sobre a imprensa nacional e mundial para elucidar algumas questões sobre a relação entre o público internacional e o episódio de Canudos. Essas reflexões são pautadas principalmente a partir das indicações de Walnice Nogueira Galvão, uma das mais incansáveis estudiosas do tema na atualidade, e de Berthold Zilly, tradutor do livro para o alemão que preocupou-se em estar ciente das notícias internacionais e o posicionamento da imprensa, principalmente em seu país, a respeito do conflito de Canudos.

Outros agentes que adicionam suas próprias contigências nesse ínterim, são as editoras responsáveis pela publicação das traduções de *Os Sertões*. Como elas apresentam esse produto cultural para os leitores? Como as editoras (e tradutores) lidam com as diversas problemáticas acerca da obra, como por exemplo, a crítica atemporal da sua "amarga denúncia", ou, a sua escrita, "ciência poetizada"? Como esses caminhos foram construídos para outra linguagem e mundo, como destacamos com Wittgenstein, ou para língua e cultura, de acordo com Tymockzo?

Quais são as diferentes visões acerca da divulgação da guerra de Canudos, produzida pela imprensa, e da publicação da obra euclidiana em âmbito mundial, especialmente referente às suas traduções aqui estudadas? Feito esse percurso, teremos mais informações sobre alguns dos caminhos percorridos para a divulgação da guerra nos sertões e, posteriormente, para a publicação da obra de arte da linguagem que a expõe no Brasil.

A fim de tecer algumas considerações sobre o processo de tradução de *Os Sertões*, em consonância com a proposta de Else Vieira em sua tese *Por uma teoria pós-moderna da tradução* (1992), destacaremos também os elementos paratextuais da obra traduzida por Putnam e Lowe. Abordaremos então na primeira parte desse

[32] "vizinhos podem se transformar em estranhos - até mesmo inimigos" (tradução nossa)

estudo os seguintes elementos e fatores das traduções de *Os Sertões* de Euclides da Cunha: o papel da imprensa na visão sobre o episódio de Canudos, as editoras, a(s) ilustrações da(s) capa(s), presença (ou ausência) do nome do autor e do tradutor na capa do livro traduzido ou em outra parte do livro, a presença (ou ausência) de nota introdutória do tradutor (e outros tipos de auxílio). Em seguida, a linguagem de Euclides na visão de seus tradutores, o título e enfim as traduções-travessias para a palavra “sertão”.

3.4.1. O papel da imprensa: torpedos na cidade de taipa e a *mea-culpa* de Euclides

> Outro aspecto moderno é a eficiente propaganda belicista contra o inimigo desconhecido no sertão, largamente orquestrada por uma imprensa que apregoava o ódio desenfreado, apoiada por jornais estrangeiros, inclusive alemães (ZILLY, 1997, p.132 e 133).

É interessante observar o papel da imprensa na propagação de uma visão sobre os acontecimentos de Canudos, tanto no cenário nacional como no cenário mundial. Em destaque, Elizabeth Lowe, responsável pela tradução *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), indica que intenta sanar a curiosidade de uma nova geração de leitores de língua inglesa a respeito do papel do jornalismo em tempos de guerra. Essa percepção do papel dos jornais em tempos de guerra é de fundamental importância para Euclides da Cunha também, de modo que Lowe precisa se aproximar de suas intenções de extender a lição de sua amarga denúncia aos jornais da época. Esses jornais apoiaram as campanhas do governo que tencionavam destruir Canudos. A comunidade canudense era colocada nas reportagens como um obstáculo para que o Brasil alcançasse por meio do progresso a civilização e a modernidade. Contudo, a chegada da modernidade significava também a chegada da violência

> pois a guerra na remota Canudos foi de maneira tão bárbara quanto moderna – uma guerra de destruição e extermínio. Desde o início os habitantes não tinham chance alguma, pois o simples fato de pertencerem à comunidade os condenava à morte, à medida que não haviam fugido a tempo. Governo e exército nem sequer acharam necessário adverti-los, ameaçá-los, estabelecer exigências e condições, negociar com eles; fizeram com que as armas falassem com exclusividade. Foi uma agressão sem declaração de guerra. E os agressores lutaram não só com as armas mais modernas da indústria armamentista européia como também com recursos psicológicos, a fim de mobilizar a opinião pública, apoiados pelos jornais que de certo modo torpedeavam, de todas as posições, os moradores da miserável cidade de taipa, tendo a imprensa mundial poraliado(ZILLY,1996,p.329).

Ter em perspectiva o amplo apoio da imprensa internacional ao massacre de Canudos também faz parte da crítica da civilização de Euclides e é um dos alvos de sua amarga denúncia. Pela primeira vez na história do Brasil, a imprensa era

utilizada com o intuito de causar pânico na população, como mencionado no primeiro capítulo. Esse pânico foi instilado na opinião pública por meio da construção de uma imagem deturpada acerca das origens e objetivos da comunidade canudense dos sertões. Berthold Zilly, tradutor da obra *Os sertões* para o alemão, *Krieg im Sertão* (1994), discorre em seu pósfacio a respeito da repercussão internacional do conflito de Canudos em *Euclides da Cunha na Alemanha* (1996). A partir da sua explanação sobre os impactos e visões sobre o confronto fora do Brasil, procuramos acompanhar uma perspectiva mais externa e abrangente sobre o episódio, já que o evento "inquietara até mesmo a opinião pública mundial" (ZILLY, 1996, p. 331). Sua principal crítica refere-se à primeira página do *Vossische Zeitung*, jornal de grande circulação na Alemanha, e aborda a notícia do dia 8 de outubro de 1897 sobre a campanha de Canudos, na qual explicita que "o artigo do grande diário liberal berlinense contém, ao lado de imprecisões insignificantes, os fatos decisivos e as mentiras propagandistas do conflito" (ZILLY, 1996, p. 329).

A crítica apresentada por ele a respeito da deturpada visão do jornal alemão acerca desse conflito pode servir como guia para outras problematizações sobre as publicações da imprensa nacional e internacional que buscam tratar desse tema em particular. No Brasil, no momento do conflito em Canudos, com uma cobertura feita por um grupo seleto de jornalistas,

> o noticiário não poderia ser menos imparcial: quase todos os repórteres eram militares, e boa parte deles, ainda por cima, combatente. O resultado é uma perspectiva maciçamente totalitária de um lado só, com ausência de um ponto de vista do outro lado (GALVÃO, 2009, p. 11).

A atribuição de uma intenção de restabelecimento da monarquia foi incutida pelas elites brasileiras no movimento canudense e propagada amplamente pela imprensa nacional. Comparando essa visão com o que foi publicado referente a campanha de Canudos no *Vossische Zeitung*, segundo Zilly, é premente notar como as imprecisões e mentiras propagandistas que pregam o ódio desenfreado estão presentes nos jornais nacionais e internacionais, com um completo silenciamento do outro lado da guerra. Aqui é possível ainda capturar novamente como uma separação entre povos dentro de uma mesma cultura, os dois Brasis, gera intolerância e discursos de ódio que foram disseminados deliberadamente para toda

a população. Na visão disseminada por aqueles que eram os únicos responsáveis pela produção de discursos a respeito do fato, cobrem esse “outro” de preconceitos velados e o colocam como seu antagonista, a exemplo das já citadas oposições como litoralxsertão, civilizadoxnão civilizado, modernidade\atraso, entre outras.

As mentiras e as imprecisões que circulam nas notícias da época escondem a agressão sem declaração de guerra empreendida pelo governo em nome da modernidade e da civilização. É necessário notar como elas foram projetadas internacionalmente, e que, para além desse fato, existem muitos pontos problemáticos nas notícias, tanto brasileiras quanto internacionais. De acordo com a publicação da imprensa na Alemanha sobre o Arraial e Antônio Conselheiro, poderemos compreender que a visão explicitada, mais que deturpada, subverte a situação por completo. Erroneamente, o movimento é caracterizado como uma

> Colônia (onde) ele imperou como príncipe absoluto, dispondo sobre a vida e a morte. Recusou-se a pagar qualquer taxa ou imposto ao governo e expulsou os fiscais. Depois de alguns anos, o Conselheiro desistiu da primeira colônia e fundou mais para o interior a cidade de Canudos (ZILLY, 1996, p.329).

Longe de ser uma colônia ou uma monarquia, como demonstramos ao longo de nosso trabalho, Canudos pretendia justamente estabelecer-se como oposto aos influxos do processo de colonização do Brasil, provendo uma área onde as pessoas, principalmente os recém-libertos escravos, poderiam alcançar uma autonomia. Em 1902, com a publicação de sua obra de arte da linguagem, Euclides quer disseminar o amargo sabor de sua denúncia contra as visões distorcidas sobre o episódio e assim procura denunciar também o papel da imprensa na guerra, que elabora suas publicações de forma totalmente parcial, colocando-se à favor do extermínio da comunidade que significava o atraso da nação. Não podemos esquecer que, mais tarde, os jornalistas brasileiros da época da publicação da obra *Os Sertões* buscaram edulcorar sua denúncia, como explicitado no primeiro capítulo. Já o jornal alemão, publicado na contemporaneidade da chacina dos canudenses, busca absolver completamente o governo do genocídio empreendido em nome da modernização da nação. De acordo com a notícia publicada,

> mesmo com toda a paciência, o governo brasileiro viu-se por fim forçado a marchar com o poder das armas sobre o cabeça dos fanáticos, já que com a precária situação econômica ele (Conselheiro) ganhava diariamente multidões de adeptos (ZILLY, 1996, p.329).

Essa pretensa paciência desenha a situação como se o governo tivesse sido compelido a tal ato, quando na verdade, o que houve, como explicitado anteriormente foi uma violência sem declaração de guerra. Ao mesmo tempo em que, a despeito da percepção de que os problemas relacionados à formação daquela comunidade tinham intrinsecamente relação com problemas econômicos, há uma incapacidade para perceber que esses mesmos problemas são mais relevantes para a questão do que a religião ou a volta da monarquia. Na imprensa brasileira, com sua perspectiva maciçamente totalitária, os jornalistas da época colocam os sertanejos como fanáticos, a favor de um retorno da monarquia, e por isso símbolo de atraso, opostos ao progresso e à civilização que viriam por meio da República, sem tocar no foco principal que gerou o problema.

Raros eram os exemplos de jornalistas capazes de um discernimento crítico sobre as campanhas do exército que empreendiam uma guerra tão bárbara quanto moderna como citado no primeiro capítulo. Diante desses fatos, “aparentemente, apenas Machado não se impressionara. Mesmo depois da derrota da segunda expedição, em janeiro de 1897, o escritor retorna a tese do boato” (ZILBERMAN, 2002, p.393) a respeito das aspirações monárquicas da comunidade de Canudos. Apontado já pelo tradutor da obra de Euclides, Samuel Putnam, como um desbravador, manancial do romance moderno brasileiro, com sua atitude, Machado de Assis merece destaque frente aos demais que escreveram para os jornais da época em conformidade com o projeto de civilização da nação e apoiando o extermínio de uma população de miseráveis. Também Afonso

> Arinos fornece outra interpretação dos eventos, conforme o qual o palco de guerra situa-se no Rio de Janeiro. O fanatismo que descreve não é o dos sertanejos, e sim dos militantes republicanos, que não toleram seu afastamento do poder, após a queda de Floriano (ZILBERMAN, 2002, p.401).

É claro que promover a culpabilização da imprensa brasileira pela errônea visão a respeito do sertão de Canudos e seus habitantes não pode ser totalmente

compreendida se não levarmos em consideração que a guerra que se travava no sertões na verdade já estava na cidade. Os sertanejos estavam antes da chegada do exército no sertão alheios a essa disputa. No desenrolar dos acontecimentos, com as sucessivas derrotas das tropas governamentais, os atos de violência se intensificam. Nenhuma notícia a esse respeito:

> como na maioria das guerras modernas, havia também em Canudos uma rigorosa censura da imprensa e um desvirtuamento calculado da opinião pública. Não podia vazar nada a respeito dos crimes de guerra; ao invés disso, o exército espalhava afirmações abstrusas sobre ligações dos defensores com o partido monarquista e sobre o abastecimento de armas a partir do exterior (ZILLY, 1996, p.331).

O tom da maior parte das notícias publicadas a respeito do conflito era submetido a um filtro de interesses. Esse filtro interfere diretamente na forma como a opinião pública vai encarar a situação apresentada. A maneira como o Brasil do litoral civilizado olhava para os sertões, já havia sido delineada, desde o período colonial. As problemáticas ambientais da região e sua distância geográfica da costa eram alguns fatores que levavam os habitantes dos centros urbanos a constituir uma visão ainda mais deturpada sobre essa localidade e seus moradores. Assim,

> as atitudes e suposições errôneas dos brasileiros letrados da região litorânea do país acerca da vida nas áreas rurais interioranas só faziam exarcebar o choque causado pelas notícias da incapacidade do Exército em subjugar o jagunços conselheiristas (LEVINE, 1995, p. 78).

Essas atitudes e suposições, como já mencionado, estavam há muito enraizadas na mentalidade da população e no pensamento social brasileiro. Aqui nesse ponto, surge a figura de Euclides da Cunha, como um dos integrantes do grupo de jornalistas enviados para a cobertura dos acontecimentos.

> A sua caracterização do jagunço como um “titã bronzeado” e primitivo – teimoso obstáculo à vontade das cidades litorâneas de imitar a grandeza e sofisticação da Europa – chocou tanto os leitores de suas notícias enviadas da frente de combate como Os Sertões, forçando-os a aprender a terrível realidade de que aquilo que as elites vinham tentando ignorar – a verdadeira condição da massa da população brasileira – representava uma ameaça latente àquela precipitada corrida da nação em direção a uma modernidade superficial (LEVINE, 1995, p.102).

A massa da população que sempre se bateu e ainda se bate, segundo Sílvio Romero, para sustentar as engrenagens econômicas do país foi exposta na produção intelectual de Euclides da Cunha. Revelado como o componente essencial dessa massa, a caracterização do sertanejo como titã bronzeado evidencia sua força e sua mestiçagem. Essas características surpreendem os leitores de sua coluna *Diário de uma expedição*, no jornal *Estado de São Paulo*. Exaltando uma experiência autêntica e singular fora dos círculos da aristocracia como verdadeiro símbolo da nacionalidade brasileira, Euclides busca atuar nas coordenadas culturais de sua época, influenciar a mentalidade da intelectualidade e da opinião pública, como desenvolvemos no primeiro capítulo. A crítica à imitação brasileira dos ideais europeus da civilização e da modernidade era já perceptível em suas notícias publicadas. Esses ideais e modelos importados são superficiais para pensar a realidade brasileira, principalmente pelo fato de que, a despeito da disseminação de ideias de civilidade, a missão civilizadora e modernizadora utiliza nesse episódio a violência como única possibilidade.

Dessa maneira, Canudos "chegava efetivamente ao fim, de forma muito mais sangrenta do que podia imaginar o redator alemão, abastecido de notícias pelas agências internacionais" (ZILLY, 1996, p.330). Ora, como o redator alemão pode ignorar esses fatos, se Stavans, prefaciador de *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), pelo número de mortos, considera que "*not surprisingly, the war became a media sensation in Brazil and all over the Americas*"[33] (STAVANS, 2010, p.ix)? Esse covarde e violento fim de uma comunidade desfavorecida não pode ser ignorado. Também não pode ser ignorado o fato de que os esforços do governo vão além do extermínio dessa parcela da população: buscam mais que sua supressão, buscam seu completo apagamento já que

> as ruínas das suas duas igrejas e 5.200 habitações foram dinamitadas, incendiadas, demolidas pedra por pedra, viga por viga, parede por parede, e arrasadas a fim de extinguir todo e qualquer resquício da comunidade insubmissa (ZILLY, 1996, p.330).

[33] "não surpreendentemente, a guerra tornou-se uma sensação de mídia no Brasil e em todas as Américas" (tradução nossa).

Como essa minoria entra no discurso até então produzido pela imprensa? É colocada naquela posição na qual o outro é responsável por dizer quem ela é, de forma diversa, no entanto, tão similar da nomeação do outro desde os primeiros registros da palavra “sertão” na história do Brasil, quiçá além, se considerarmos o estudo da palavra que esboça uma ponte com a África ao sugerir sua origem nas línguas faladas em Angola e Moçambique. A princípio, Euclides da Cunha fizera coro junto com a imprensa em seus artigos, com direito a “Viva República” no fim de suas notícias, mas mesmo nelas já era possível antever a genialidade do autor e seu olhar diferenciado, que foi só se acentuando a medida em que se aproximava dos sertões, tanto enquanto temática, como espaço físico, ao deslocar-se para dentro dele em sua cobertura jornalística. Esse deslocamento permite uma mudança de perspectiva pois o sertão deixa de ser o lugar sobre o qual se fala-escreve a partir de um ponto de vista sempre dele distante. Afastar-se desse local de produção sobre o sertão, que era o mesmo desde a época da colonização, estável e confortável situado no litoral, para nos próprios sertões imergir-se promove também um certo afastamento ideológico do autor das teorias europeias. Nessa cobertura, na qual registrava seus pensamentos e impressões, estar em meio a batalhas consecutivas e duras condições climáticas afeta sua escrita e suas opiniões.

Mesmo não considerando a si mesmo como um homem de jornal, como foi já dito, o gosto pela escrita de jornal aflora em Euclides da Cunha desde muito jovem, com sua colaboração no *Democrata*. Publicado e colocado em circulação na sua escola, cedo ele conta com o incentivo do diretor da instituição e de seus professores. Também

> o Estado de S. Paulo sempre considerou Euclides prata da casa, e por boas razões. E não só por ele ter sido seu correspondente na Guerra de Canudos, quando o jornal imprimira a coluna intitulada “Diário de uma expedição” (GALVÃO, 2009, p.21).

Como prata da casa de um dos jornais de maior circulação no país, o diferencial era sua crítica atrelada ao contexto no qual estava inserido mas que não procurava apenas repetir o que já havia sido por todos dito para corroborar a covardia do governo em nome do progresso. Atua nesse meio e já dá prenúncios em sua produção para o jornal de sua crítica maior, mas não é através da sua escrita

jornalística que ele vai conseguir denunciar a omissão da imprensa e criticar a si próprio e seus posicionamentos anteriores. Essa denúncia era a missão do escritor, ao fim da guerra "ao lado" dos canundenses, como observa Ariano Suassuna. A despeito daquilo que havia sido abafado pela imprensa, ele sabia que

> todos os prisioneiros válidos feitos ao longo da guerra tinham sido manietados e degolados, desde o início, ante a vista dos generais. É essa reviravolta de opinião que Os Sertões expressará cinco anos mais tarde, quando de sua publicação, vindo a ser o maior *mea-culpa* da literatura brasileira (GALVÃO, 2009, p.33).

É por meio de sua literatura que ele vai alcançar a inscrição do episódio de Canudos tanto como obra de arte da linguagem, da sociologia, da história, da geografia, entre outras, como uma produção intelectual crítica atualizada. Um dos fatores que permite esse feito é seu inegável prestígio no meio jornalístico. Essa posição de destaque permite que interfira no pensamento social brasileiro.

A partir disso, faremos algumas considerações. Para entender a palavra "sertão" dentro da cultura na qual funciona, como elaborado no início desse capítulo, é preciso compeender as mudanças de significado que são provocadas pelas transformações sociais. Essas transformações sociais são expressas nos textos literários. As transformações sociais que se querem evidenciadas ou não dentro de cada contexto são submetidas a alguns fatores dentro de cada cultura. Segundo André Lefevere em *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992), a "*literature is one of the systems that constitute the 'complex system of systems', known as a culture*"[34] (LEFEVERE, 1992, p.14). O sistema literário e o sistema cultural funcionam dentro de uma sociedade. O primeiro sistema é afetado por fatores internos e outros externos. O fator interno é constituído pelos profissionais, professores, revisores, críticos (p.14). O externo é aquele que, interessado na ideologia vinculada em determinada obra, regula a relação entre o sistema literário e os outros sistemas, chamado de "patronagem" (p.15). Esse fator externo dita os parâmetros para o interno. O resultado disso é a grande quantidade de publicações e obras excluídas ou censuradas segundo aqueles que detêm o

[34] "literatura é um dos sistemas que constituem o "complexo sistema de sistemas", conhecido como cultura" (tradução nossa).

controle externo. Esse tipo de controle dita os temas e a linguagem apropriados para a sociedade. A filtragem provoca uma exclusão que acaba sendo pautada pelo conteúdo ideológico de dada produção, relegando a segundo plano o seu valor cultural.

Ainda podemos acrescentar que a patronagem, tal como descrita por Lefevere, indica que os artistas e profissionais que exprimem ou representam a ortodoxia dominante estão próximos às ideologias da patronagem e aumentam suas chances de financiamento, publicação e circulação de suas produções. Com base nisso, é possível afirmar que o livro *Os Sertões* não pretendia alinhar-se às ideologias de patronagem, ao contrário disso, Euclides da Cunha denuncia e culpa o governo pelo "genocídio, que além de testemunhar, deplora" (GALVÃO, 2009, p. 72). Além desse fato, como foi dito no primeiro capítulo, o temperamento orgulhoso do escritor jamais permitiria que submetesse sua obra a joguetes de apadrinhamento das poucas editoras que havia no Rio de Janeiro. O seu papel de autor no sistema cultural e literário do país seria construído não por mecenato, mas por denunciar em sua obra as ações do governo de sua época como um "massacre indiscriminado de gente pobre" (GALVÃO, 2009, p.33). Sem patrocínio, Cunha paga para publicar sua obra e afirma categoricamente "venci por mim só, sem reclames, sem patronos, sem a rua do Ouvidor e sem rodas" (GALVÃO, 1997, p.150). Ora, nem Putnam nem Lowe parecem atentar para esse fato. Apenas Samuel descreve superficialmente que "*five years after the fall of Canudos, Euclides da Cunha had completed his magnum opus; but he encountered considerable difficulty at first in finding a publisher*"[35] (PUTNAM, 1944, p. xvi). Ambos tradutores (que publicam em tempos de políticas de boa vizinhaça entre americanos) não percebem ou não destacam que

> nenhum exemplo mais significativo que o de Euclides da Cunha, difícil, afrontando os poderes, fustigando o Exército — e no entanto aceito triunfalmente pelo Exército, pelos poderes, pelos leitores (CÂNDIDO, 2006, p.95).

Euclides consegue criticar o governo, as forças armadas, as elites, os jornais, aqueles responsáveis pelo controle externo da cultura. Apesar, ou por causa disso,

[35] "cinco anos após a queda de Canudos, Euclides da Cunha completara sua *magnum opus*; mas ele encontrou uma dificuldade considerável no início em encontrar um editor" (tradução nossa)

consegue ser bem sucedido, aclamado pela crítica, alçando altos voos com sua reputação literária, como elogiou Sílvio Romero, um dos responsáveis por sua consagração quando o recebeu na Academia Brasileira de Letras quatro anos após a publicação de sua obra. Esse é o discernimento que deve ter mente aqueles que a projetam para fora do Brasil: a relação do autor com seu perído histórico e seu contexto cultural e como ele procurava interferir em ambos. Se nos momentos das batalhas, o que escrevia era apressado, pela urgência do *Estado de São Paulo* de publicar notícias atualizadas diretamente do *front* da guerra, na obra *Os Sertões*

> agiganta-se o papel visionário que não teve nos acontecimentos, mas que reivindica no momento de escrever um "livro vingador" que faça justiça, mesmo que a posteriori, aos canudenses imolados no altar da modernização, em nome de falsas concepções (GALVÃO, 2009, p.71).

Esse papel visionário expõe as falsas concepções de progresso, civilização e modernidade que empreendem com todos os recursos uma chacina organizada dentro da nação brasileira com o apoio das nações civilizadas. Para fazer justiça, a qualidade intrínseca da obra, sua lição, é seu não alinhamento com a ideologia dominante. A sua ascensão ocorre por ela se propor ao contrário disso. Com base nesse fator, por sua amarga denúncia, é impressionante que Cunha tenha conseguido imprimir seu desgosto sobre o episódio de Canudos.

> É de admirar que Euclides tenha conseguido escrever seu "livro vingador", chamando os canudenses de "extraordinários patrícios" e o soldados de "mercenários inconscientes", insistindo que a campanha foi "na significação integral da palavra, um crime", conforme consta na Nota Preliminar. (GALVÃO, 2009, p. 11)

As publicações de jornais não dão a conhecer a totalidade dos acontecimentos que ocorreram nas expedições enviadas a Canudos. Com um desvio calculado de informações, a imprensa serviu como mais uma arma na guerra contra um bando de miseráveis. Por isso uma nova responsabilidade social é gerada a partir das letras dentro da obra euclidiana, responsabilidade sobretudo com aqueles desfavorecidos em todos os possíveis significados dessa palavra. Ele convoca todas as nações civilizadas para reinterpretar o episódio que havia sido propagado internacionalmente pelos jornais de forma tão errônea, inclusive com a colaboração de suas próprias notícias. A intenção de Euclides com sua obra era reparar a visão

vendida pelos jornais, essa era a sua *mea-culpa*. Para Elizabeth Lowe, que deseja mostrar para os leitores de língua inglesa como os jornais eram utilizados em tempo de guerra, essa percepção é fundamental.

Nas palavras da introdução de Ilan Stavans à tradução de Elizabeth Lowe, Cunha foi por isso uma "*independent voice for the media in democracy*"[36] (STAVANS, 2010, p. xiii). Essa atualizada interpretação suscitada na versão de tradução de Lowe à obra *Os Sertões* acrescenta mais uma camada de sentido à sua denúncia que foi estendida à imprensa, pouco explorada pela versão de Putnam.

[36] "voz independente para a mídia na democracia" (tradução nossa).

3.4.2. As editoras, os prefácios e *Os Sertões*: Literatura ou História?

Os sertões speaks forcefully to a number of issues of our time[37] (STAVANS, 2010, p.viii).

Com as publicações das traduções da obra de Euclides da Cunha *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), essas novas obras e produtos culturais possuem mais um agente que permeia os leitores e o livro: as editoras. Como agentes atuantes no sistema literário e cultural de língua inglesa, integrantes do controle externo da lógica desse sistema, será que as editoras dão conta de convocar, como pretendia Cunha, seus leitores a reinterpretar o fato ocorrido nos sertões de Canudos, em suas palavras um crime, afastando-se da impressão dos jornais (com sua visão totalmente parcial dos acontecimentos)? Como as editoras vão posicionar em sua própria cultura essa obra de arte da linguagem, tão brasileira quanto universal?

É de amplo conhecimento o poder de decisão das editoras na publicação de traduções de obras literárias. No caso da tradução de Samuel Putnam *Rebelion in the Backlands*, publicada em 1944, a responsável é a *University of Chicago Press*, uma das maiores e mais antigas editoras universitárias nos Estados Unidos. Vamos nos deter um pouco nesse ponto e investigar brevemente a maneira como a obra é posicionada dentro do site dessa editora[38] para sanar alguns questionamentos levantados. Localizada na seção de História, nas subseções de História latino-americana, História Militar e Estudos Latino-americanos, "*Euclides da Cunha's classic account of the brutal campaigns against religious mystic Antonio Conselheiro has been called the Bible of Brazilian nationality*".[39]

Curiosamente, o comentário a respeito da obra foca, de forma oposta ao título da tradução, *rebellion* (rebelião), as campanhas brutais empreendidas pelo exército para massacrar a comunidade de Canudos e não o caráter de rebelião do movimento. Essa forma de apresentação da obra escolhida pela editora em seu site,

[37] "Os sertões fala forçosamente a uma série de questões do nosso tempo" (tradução nossa).
[38] https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/R/bo3633513.html
[39] "O clássico relato de Euclides da Cunha sobre as brutais campanhas contra o místico religioso Antonio Conselheiro foi chamado de Bíblia da nacionalidade brasileira" (tradução nossa).

evidencia também uma outra visão sobre o assunto. A pequena descrição no site *University of Chicago Press* vai ao encontro de desnudar o alvo da violência praticada contra um homem só: Antônio Conselheiro. A campanha brutalxreligioso místico constituem-se como um interessante par para pensar além do escopo de nossa tese. Esse par aqui, para nosso interesse, demonstra apenas que o esquema binário de pensamento ainda se faz presente na tentativa de atualizada descrição da obra no site da editora. O outro elemento apresentado pelo site (e na parte de trás do livro) para mediar o leitor e a obra é a descrição de Elizabeth Hardwick feita em *Bartleby in Manhattan*.

É interessante perceber que a autora escolhida para descrever a obra para o público de língua inglesa é aclamada pela crítica por seu citado livro que origina a explicação sobre a obra de Cunha. Seu livro (que media a tradução nosso livro) é uma coletânea de artigos que abrange vários temas, capaz de captar camadas sutis de sentido na arte e na sua atualidade, em 1983. Para *The New York Times,* é um dos *Books of the Times* demonstrando o elevado grau de influência de Hardwick no sistema literário e cultural de língua inglesa[40] com sua produção crítica literária em destaque em um dos jornais de maior relevância nos Estados Unidos. A singular característica da obra dessa autora que estabelece uma ponte com a obra euclidiana que ela buscou descrever brevemente é a sempre atualizada crítica de seus escritos. O jornal recomenda que o livro da autora deve ser "*opened only when the present has receded into the past and the past has been forgotten. Then perhaps the lightning will flash, and a sky grown murky will light up with intelligence*"[41]. Nessa função de presentificar um passado esquecido para lançar luz e inteligência aos acontecimentos, o texto de Hardwick se assemelha ao de Euclides da Cunha. A descrição é acertadamente o que aconteceu na tragédia de Canudos: o presente recuou para o passado e esse passado já havia sido esquecido. Cabia à Euclides a missão da amarga denúncia dessa tragédia para elucidar ambas temporalidades, interligadas e afetadas por contingências de poder externas que resultaram em atos de violência extrema na nação brasileira: o passado (colonial) e o presente (moderno). Nem os intelectuais e nem os jornais da época foram capazes de

[40] https://www.nytimes.com/1983/05/24/books/books-of-the-times-185674.html

[41] "aberto apenas quando o presente recuou para o passado e o passado foi esquecido. Então talvez o relâmpago brilhe e um céu escurecido se ilumine com inteligência" (tradução nossa).

elaborar uma crítica tão profunda quanto aquela que empreendeu o autor com *Os Sertões*.

> *Euclides da Cunha went on the campaigns [against Conselheiro] as a journalist and what he returned with and published in 1902 is still unsurpassed in Latin American literature. Cunha is a talent as grand, spacious, entangled with knowledge, curiosity, and bafflement as the country itself. . . . On every page there is a heart of idea, speculation, dramatic observation that tells of a creative mission undertaken, the identity of the nation, and also the creation of a pure and eloquent prose style.* [42]

A autora posiciona o escritor Euclides da Cunha como jornalista dentro das campanhas do exército contra Conselheiro, novamente apagando da questão toda uma numerosa população insatisfeita e negligenciada. A sua reviravolta de opinião que o coloca ao lado de Conselheiro, como citado por Suassuna, não é mencionada. O tom elogioso de Elizabeth Hardwick à obra de Cunha, destaca-o entre os escritores latino-americanos, apontando sua missão criativa de imprimir em cada página a identidade da nação por meio de sua escrita particular. Uma possibilidade de identificação nacional, nessa colocação, é o próprio escritor, que tem seus feitos estilísticos associados ao próprio país.

Nessa escolha de adjetivos para caracterizar Euclides da Cunha e o Brasil, vamos nos permitir uma breve digressão. Um movimento semelhante a este foi empreendido no início de nossa tese e buscou mostrar como a escrita de Euclides influencia na escrita de seus próprios críticos. Como um caminho possível para a busca da manifestação do "espírito da língua portuguesa" na operação de tradução da palavra "sertão", acontecimento que deflagra as línguas em uma mesma língua e expõe suas proximidades, encontramos na descrição de Hardwick a expressão "*entangled with knowledge"* para referir-se ao autor e seu país. "Enredado com conhecimento" é uma excelente caracterização para o autor em outra língua na escolha de significados de Hardwick, estilisticamente multilíngue em sua própria língua. Associamos essa tradução de pensamentos em palavras, seleção de

[42] "Euclides da Cunha foi às campanhas [contra Conselheiro] como jornalista e o que ele retornou com e publicou em 1902 ainda é insuperável na literatura latino-americana. Cunha é um talento tão grandioso, espaçoso, enredado com conhecimento, curiosidade e perplexidade quanto o próprio país ... Em cada página há um coração de ideias, especulação, observação dramática que conta a missão criativa empreendida, a identidade da nação e também a criação de um estilo de prosa puro e eloquente" (tradução nossa)

significantes que operam em conjunto, efetuada por ela à uma das possíveis traduções para a palavra sertão a partir da perspectiva de Teles, que oferece “enredamento” entre as opções. A outra possibilidade, também apontada por ele é “fora do lugar do conhecimento (não entrelaçado nele)” (TELES, 2002, p.300-301). Como as palavras funcionam em contextos (culturais) e em relação umas com as outras, intrincar o próprio autor com o conhecimento por meio de um dos significados prováveis de sertão é significativo e relevante em uma visão mais ampla sobre a tradução, acontecimento que deflagra as línguas em uma mesma língua. Euclides estaria “enredado” com o conhecimento a partir de seu enredamento “com o lugar fora do conhecimento”. Sob essas lentes, poderíamos considerar que a também Hardwick deixou-se afetar e manifesta o espírito da língua portuguesa enquanto tenta traduzir a persona de Euclides da Cunha e os posicionamentos de sua obra para o leitor da língua inglesa?

A localização da obra em meio a outras obras de mesma função que ela também é igualmente significativa, principalmente levando em conta seu caráter interdisciplinar, já apontado no primeiro capítulo. Para John Milton,

> É significante o fato de que *Rebellion in the Backlands* foi publicada por uma editora universitária, a *University of Chicago Press*, na série *Phoenix Books in History*. Na capa constam as categorias *Literature\History* (MILTON, 1997, p.182).

A despeito do comentário de Milton, em acesso recente ao site da editora, é possível confirmar como livro é colocado nas seções relacionadas a história apenas. Constatamos que somente na parte de trás do livro é possível encontrar a informação fornecida por Milton. O leitor que tem acesso a obra eletronicamente não tem essa possibilidade, além do fato de que colocar nessa posição uma informação tão relevante sobre a obra euclidiana dá pouco destaque a ela. No site da *University of Chicago Press*, a localização da obra nas seções de História e Estudos Latino-americanos encobre seu caráter múltiplo de obra que se inscreve na literatura, nas ciências sociais, na geografia, entre outros já descritos. Nessa primeira transcriação para a língua inglesa da amarga denúncia de Euclides,

> *of great importance is the fact that Os Sertões, usually seen as a work of literature in Brazil, is seen more as a factual narrative in English, and placed by its publisher, the University of Chicago Press, in the Literature/History section*[43] (MILTON, 1997, p.181).

Dessa maneira, descrito como narrativa factual, podemos perceber como "o aspecto de *Os Sertões* como livro de história é enfatizado" (MILTON, 1997, p.182). O caráter histórico da obra é indiscutível, como foi abordado no primeiro capítulo. Contudo, seu caráter literário é notório e de extrema relevância pela forma como o autor buscou construi-la. Não enfatizar essa característica da obra de Euclides da Cunha é uma grande falha da editora que não evidencia um dos maiores traços que é sua ciência poetizada, seu feito estilístico. "Assim, as exigências são diferentes das de um livro de ficção, publicado por uma editora comercial, visando um mercado comercial" (MILTON, 1997, p.182). A opção da editora por posicionar *Rebellion in the Backlands* na seção de história influencia diretamente nas suas exigências no que tange a tradução da obra. É possível depreender que o tipo de tradução que procuravam publicar não era aquela comercial, "nesse caso, o elemento didático é também importante: o tradutor sempre toma muito cuidado para explicar absolutamente tudo ao público norte-americano" (MILTON, 1997, p.182).

A tradução de *Os Sertões* lançada em 1944, feita por Samuel Putnam, *Rebellion in the Backlands*, inicia com uma introdução sua, na qual ele busca destacar a produção de Cunha na literatura nacional e universal. Ele alinha as opiniões da época de sua publicação evidenciando que críticos nacionais e estrangeiros estavam em acordo no que tange a importância da obra aqui estudada:

> *In no other instance, probably, has there been such unanimity on the part of critics of all shades of opinion in acclaiming a book as the greatest and most distinctive wich a people has produced the most deeply expressive of that people's spirit. On this the native and the foreign critic are in agreement*[44] (PUTNAM, 1944, p.iii).

---

[43] "de grande importância é o fato de Os Sertões, comumente visto como uma obra literária no Brasil, ser vista mais como uma narrativa factual em inglês, e colocada por sua editora, a Universidade de Chicago Press, na seção Literatura / História" (tradução nossa).

[44] "Em nenhum outro exemplo, provavelmente, houve tal unanimidade por parte dos críticos de todas as tonalidades de opinião ao aclamarem um livro como o maior e mais distinto que um povo produziu, o mais profundamente expressivo do espírito daquele povo. Sobre isso o nativo e o crítico estrangeiro estão de acordo" (tradução nossa).

Seu apontamento para a expressão do “espírito” de um povo pode ser associado à manifestação do espírito da língua portuguesa que deve inspirar o tradutor em suas opções na língua para a qual traduz, segundo Rónai no início do capítulo. Contudo, ele vai explicar a obra por um desvio por outro autor, outra obra e outro país, nem Brasil e nem Estados Unidos. A tarefa da tradução que deflagra as relações entre línguas e culturas, sem fronteiras, mais uma vez é comprovada. Para aproximar mais ainda o leitor de língua inglesa da obra de Euclides da Cunha, Putnam tenta compará-lo com outro livro da literatura mundial: estabelece um paralelo com *The seven pillars of wisdom* (1992) de Lawrence da Arábia.

Muitas características aproximam os dois escritores. Lawrence, como Euclides, desde cedo já se revelava um leitor ávido e proeminente escritor. Em sua carreira profissional, também a serviço das forças armadas, ele atuava como agente secreto do governo britânico no movimento nacionalista árabe contra a dominação do Império Turco, aliado da Alemanha, “o outro lado da guerra”. Em elevado status na literatura mundial, seu livro, mais que apenas uma crônica militar a partir de mais um dos choques de cultura e de interesses envolvidos na Primeira Guerra Mundial, é a descrição da luta de um povo contra e com a sua geografia, o deserto, e contra a invasão estrangeira. O autor adiciona a isso um toque de humanitarismo e dissemina seus ideais de compreensibilidade mútua entre os povos que o aproximaram tanto da outra nação onde desempenhava sua missão particular. Em ativa participação nos conflitos, após grandes avanços com suas estratégia militares, Lawrence da Arábia desaponta-se imensamente com o posicionamento do governo inglês que não respeita o acordo que reestabelecia a soberania da nação árabe, para, ao invés disso, dividir seus territórios com a França. Um desapontamento semelhante pode ser notado na amarga denúncia euclidiana.

Em Euclides da Cunha, podemos perceber a desilusão com a chegada da democracia que substitui a monarquia por uma república de ditadores militares, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Para Putnam, “*it seemed as if republican Brazil were imitating the imperialist behavior of older democracies*[45]” (PUTNAM, 1944, p. xi). Essa chegada da república nos sertões de Canudos culmina no

[45] “parecia que o Brasil republicano estava imitando o comportamento imperialista das democracias mais antigas” (tradução nossa).

arrasamento dessa comunidade, cerne nacionalidade brasileira, e, mais do que desiludir, desaponta o autor que tanto havia lutado por essa mesma democracia. Perceber esse gesto é interessante, pois a obra *Os Sertões* ia justamente de encontro aos discursos de ódio orquestrados pelo governo, pelo exército e pela imprensa para suprimir Canudos, essas são a sua temática e a sua lição principais.

Nessa decepção com um governo e um exército que haviam se colocado como aqueles responsáveis por levar o progresso e a democracia para aqueles que necessitavam mas agem de forma impositiva e violenta, é possível compreender que no pensamento de Putnam, Lawrence está para a Arábia como Euclides está para o sertão. Isso pode contribuir para que o público perceba o caráter de "lição" da amarga denúncia de Cunha. Esse é um dos fatores relevantes acerca da importância do "elemento didático" dessa primeira tradução da obra euclidiana.

Euclides do sertão é uma alcunha adequada para esse autor, seu livro e sua missão: não se pode falar dele sem falar sobre a sua obra *Os Sertões*. E mais: não se pode falar de sua obra sem falar sobre conflito de Canudos. Esse acontecimento histórico é o que localiza o autor no seu tempo, a partir do qual ele elabora suas críticas atemporais. Samuel posiciona Cunha em sua época, assinala a libertação do escravos e as fontes que inspiraram essa transformação social e a escrita euclidiana, como Castro Alves, Benjamin Constant e Victor Hugo. Sua bases científicas estrangeiras foram rastreadas por Putnam e apontadas como Spencer, Buckle, Taine entre outros que chegaram no Brasil como influência da Europa que cativaram a intelectualidade brasileira da época. Samuel Putnam atrela o trabalho de Cunha também à geografia e à sociologia, associando-o a outros intelectuais brasileiros e indicando que seus ecos, anos mais tarde, influenciam uma nova geração de escritores no Nordeste.

Essas bases ou influências científicas e intelectuais se manifestam na escrita de Euclides e resultam em uma visão diferenciada acerca de questões como raça, democracia política e como elas foram manejadas pela república na tentativa de forjar uma nacionalidade. Sua exposição da teoria dos dois Brasis, frente a isso, denuncia um outro choque de culturas e contingências de poder (ambos externos): os ecos da Revolução Francesa e seus ideais de liberdade contra os lemas de uma

monarquia e suas velhas concepções (entre tantos outros aqui tratados). Essa descrita guerra, que já estava nas cidades (e na Europa, por esse prisma), resulta no assassinato daquela parcela da população brasileira dos sertões de Canudos, envolvida nesse conflito não por sua vontade ou posicionamento, mas por outros motivos alheios a ela.

Samuel Putnam evidencia a relevância da questão da nacionalidade e da raça no conflito, associando a guerra de Canudos à própria violência cometida durante a Guerra Civil norte-americana e como aviso para que o mesmo não se repita com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Assim, o tradutor Putnam coloca os eventos de Canudos em paralelo com a própria história dos EUA. Esse tipo de tradução que busca aproximar o leitor da obra original com a adição de outros elementos ao texto (além dos inúmeros que o próprio Euclides procurou adicionar) indica a importância do tradutor nessa tarefa. Nessa travessia, "Putnam acrescenta suas notas de rodapé às notas de Cunha já existentes" (MILTON, 1997, p.182), mas não só isso. Acrescenta também correspondências entre acontecimentos históricos nos dois países, comparações com outros escritores, contextualização histórico-sociológica da época da publicação da obra, da guerra de Canudos e a vida de Euclides da Cunha. Sua trajetória pessoal, educação, profissão e personalidade foram também alvos da atenção de Putnam. Até mesmo seu episódio de insubordinação contra o ministro de guerra foi colocado em evidência para destacar a postura antimilitarista do autor, conforme Samuel descreve na introdução de sua tradução.

Por esse manejo entre as inúmeras fontes textuais adicionadas por Putnam e o próprio texto de Euclides da Cunha, para a tarefa de efetuar uma tradução que explica tudo para o público de língua inglesa "*Rebellion in the Backlands* é um curso sobre o sertão brasileiro, no qual a erudição do tradutor faz questão de aparecer" (MILTON, 1997, p.182). Lembremos que Putnam estabelecia-se como estudioso da literatura brasileira, além de sua extensa lista de traduções de importantes obras da literatura mundial. Esse panorama indica que essa "tradução de Os Sertões encaixa-se no âmbito universitário, como uma tradução explicativa e uma edição crítica. (MILTON, 1997, p.183)

Considerada por Milton como “tradução muito competente e completa” (MILTON, 1997, p.182), vamos encontrar suas proximidades e discrepâncias com a retradução da obra de Elizabeth Lowe *Backlands: The Canudos Campaign* (2010). Ela, bem ciente da posição de Putnam no sistema cultural e literário de língua inglesa, como já apontamos, explicita de imediato o caráter intimidador de sua tarefa.

No site da Editora *Penguin* podemos encontrar algumas informações para nos auxiliar nessa comparação. A obra está localizada na seção de Literatura de Ficção e Clássicos de Ficção[46]. Na ficha catalográfica da versão impressa, na parte traseira da folho de rosto, os temas associados são *Brazil*, *History* e *Canudos Campaign*. A ênfase na história dada pela *University of Chicago Press* não afeta na opção dessa outra editora de não dar destaque a essa informação. Aliás, já na descrição dos propósitos da Penguin em seu site, fica claro que

> *the total intention is to arouse, (…) to place the book firmly within its historical, biographical and social context and, where possible to point out its relevance to the present day.* [47]

Nesse sentido, essa editora falha não posicionando o livro também como uma obra de história, ou mesmo de sociologia, em seu site. Sua relevância para o presente também não é claramente especificada (a não ser no prefácio da obra, como trataremos mais adiante). Nesse modo de tratar a obra, que parece bem menos cercado de exigências que o da editora anterior o “*aim was to offer world literature to their readers in a form faithful to the original and one they could enjoy*”[48], de acordo com a missão mais abrangente da editora descrita na página eletrônica da *Penguin*[49]. Sem adicionar muitos elementos complexos nessa tradução, “*the general reader, the sixth form student, and the first year university student should all feel that*

[46] https://www.penguinrandomhouse.com/books/298291/backlands-by-euclides-da-cunha/9780143106074

[47] “A intenção total é despertar, (...) colocar o livro firmemente dentro de seu contexto histórico, biográfico e social e, sempre que possível, apontar sua relevância para os dias atuais” (tradução nossa).

[48] “objetivo era oferecer literatura mundial aos seus leitores em uma forma fiel ao original e que eles pudessem desfrutar” (tradução nossa).

[49] https://www.penguin.com/static/pages/classics/about.php

this is the edition they must have"[50]. O amplo público que intenta atingir a editora *Penguin* faz com que ela mobilize menos elementos para auxiliar a compreender a obra dentro de um contexto cultural do que aqueles oferecidos na primeira tradução. Apenas uma única página na versão impressa para explicitar a trajetória de Euclides da Cunha. Essa trajetória aborda brevemente a vida pessoal do autor, com foco em seus estudos, e breve menção ao episódio de insubordinação contra o Ministro da Guerra, sem desvendar suas causas para os leitores dessa retradução da obra. Sem maiores informações, também cita a ida de Euclides para Canudos, como jornalista e militar, e que suas notas de campo deram origem a coluna de jornal *Diário de uma expedição*, que mais tarde viriam compor sua obra maior *Os Sertões*. Cita também avulsamente as outras obras de Cunha, sem relacioná-las a seus contextos ou mesmo com a obra traduzida.

Nessa mesma página, a trajetória de Euclides divide espaço com Elizabeth Lowe e Ilan Stavans, tradutora e responsável pelo prefácio respectivamente, que a editora busca posicionar no sistema literário e cultural de língua inglesa ao descrever a importância de ambos autores, apontando seus títulos, universidades com a qual contribuem, traduções feitas e premiações. Vamos destacar a importância do prefácio de Stavans mais adiante, mas, por enquanto, a informação relevante aqui é a forma como as editoras apresentam (ou não) os tradutores da obra, dando ênfase ao seus papéis nos seus sistemas cultural e literário. Assim vemos a posição de destaque dada ao tradutor da obra pela *Penguin Group*. Putnam, traduz e faz sua própria introdução, sucedida de um curto prefácio de duas páginas de Afrânio Peixoto e nem sequer uma informação a mais sobre ele nem na versão impressa nem no site da editora.

Por que traduzir a obra *Os Sertões* que já contava com uma tradução muito competente e completa como aponta Milton? Quais são os novas camadas de sentido e perspectivas/olhares nessa tradução? Vamos buscar respostas no próprio site da editora, no prefácio de Stavans e na penúltima página da versão impressa de *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) a esse respeito. Sobre as justificativas

[50] "O leitor em geral, o estudante do sexto ano, e o estudante do primeiro ano da universidade devem todos sentir que esta é a edição que eles devem ter" (tradução nossa).

elencadas pela própria *Penguin Group* vamos focar a missão/compromisso da editora em *A History of Penguin Classics*\ *The story of Penguin Classics,* descritas respectivamente no site e na versão impressa da tradução de Lowe.

Sobre as motivações das escolhas para a tradução de obras literárias, a versão impressa aponta para a raridade de "*readable editions*"[51] daquelas consideradas "clássicas", sendo por esse motivo acessíveis apenas para o domínio acadêmico e estudantes. Em busca de disseminar "*the best books ever written*"[52], em 1946, a Penguin Classics surge com essa proposta, e "*classics are no longer for the privileged few*"[53] pois ela apresenta a "*best modern readable translation*"[54]. Difundir a leitura dos clássicos de literatura parece uma atitude louvável por parte da editora.

É preciso lembrar que nesse contexto os estudos acerca da tradução tomaram maior impulso a partir ao término da segunda grande guerra como tentativa de abrandar os malefícios causados por ela através da compreensão entre línguas, e, por conseguinte, formas de pensar de diferentes culturas e nações. A tradução também teria como fim a manutenção da paz e seria utilizada como ferramenta diplomática nas relações internacionais. Nessa postura, a tradução de obras do melhor da literatura mundial é uma busca pela mútua compreensibilidade entre os povos, necessidade urgente apontada pela obra de Euclides, pelos estudos de tradução e por nosso trabalho. A esse respeito, os apontamentos do site não diferem daquilo que é expresso na versão impressa:

> *The world has not changed so much that the best literature of several thousand years and countless cultures has lost its relevance. If these texts help us in any way to appreciate and understand the essential differences that divide us, as much as the universal truths that bind us together, then their value is incalculable, and their loss or destruction would diminish us all. Today just as much as in 1946, in a world still of fantastically distorted values, there are many states and nations embarking on an uneasy and difficult peace, or yet at war.*[55]

[51] "edições legíveis" (tradução nossa).
[52] "os melhores livros já escritos" (tradução nossa).
[53] "clássicos não são mais para os poucos privilegiados" (tradução nossa).
[54] "melhor tradução legível moderna" (tradução nossa).
[55] "O mundo não mudou tanto que a melhor literatura de vários milhares de anos e incontáveis culturas perdeu sua relevância. Se esses textos nos ajudam de alguma maneira a apreciar e compreender as diferenças essenciais que nos dividem, tanto quanto as verdades universais que nos

A característica que torna “clássicas” as obras traduzidas pela editora *Penguin* aqui pode ser percebida como a sua relevância para pensar o ser e o mundo\realidade por meio da linguagem, não importa o quão o mundo mude. Pensar nas diferenças que dividem os povos, tanto quanto pensar na universal verdade que os une imediatamente remete à obra de Euclides da Cunha: reflete sobre as diferenças entre os povos no Brasil que foram levadas ao seu extremo e culminaram no assassinato do cerne da nacionalidade brasileira (em nome de valores distorcidos). Essa era a verdade universal exposta para todos na amarga denúncia de sua obra, lição para todas as nações civilizadas, que mais uma vez, se mostra atualizada, não importando o quanto o mundo houvesse mudado.

Mesmo com as grandes mudanças após a guerra, o eixo da produção intelectual e artística continua centrada na Europa. Ora, a editora *Penguin*, no site, admite que produzir traduções que contemplem “*the vast non-Western canon remains a challenge that can only be met gradually. Gaps cannot be filled overnight*”[56]. O papel do tradutor aqui é essencial: preencher uma lacuna desafiadora que busca traduzir não só línguas mas culturas, especialmente aquelas que haviam sido negligenciadas na construção de saberes ocidental. É válido pensar nesses termos, como já explicitado anteriormente, que cada época demanda seu tradutor, seu olhar diferenciado, bem como o próprio texto também seleciona seu tradutor. Afinal de contas, para a tradução de um clássico a “*new edition requires the right person with both the skills and resources for this detailed, painstaking and demanding task*”[57], como também exposto na página eletrônica.

Encontrar a pessoa certa para o prefácio também é um compromisso. Muitas informações que parecem a princípio ignoradas na tradução *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) surgem nesse elemento textual. A introdução de Ilan Stavans dá o seu tom incial já na citação escolhida para abri-la, na qual denuncia a guerra como uma continuação da política. Seu primeiro foco é o capítulo “*Duas*

---

unem, então seu valor é incalculável, e sua perda ou destruição diminuiria a todos nós. Hoje, tanto quanto em 1946, em um mundo ainda de valores fantasticamente distorcidos, há muitos estados e nações embarcando em uma paz intranquila e difícil, ou ainda em guerra” (tradução nossa).

[56] “o vasto cânon não-ocidental continua sendo um desafio que só pode ser alcançado gradualmente. As lacunas não podem ser preenchidas da noite para o dia” (tradução nossa).

[57] “nova edição requer a pessoa certa com as habilidades e recursos para esta tarefa detalhada, meticulosa e exigente” (tradução nossa).

linhas" da obra euclidiana e a sentença única contida nesse capítulo, e o que tem sido lido (e não-lido) sobre ela:

> *With his final observation, the author shifts from the individual cause of national to unrest to a larger scope: the collective responsibility for the safekeeping of the nation as a whole. Clearly da Cunha meant these last words to push his message to new heights*[58] (STAVANS, 2010, p.vii)

As novas alturas que podia alçar Euclides da Cunha, já nos altos píncaros da literatura brasileira, como descreveu Romero em sua recepção na Academia Brasileira de Letras, trata-se de levar sua mensagem a todas as nações civilizadas. Stavan considera que os atos de insanidade e crime contra a humanidade, descritos na obra *Os Sertões*, foram executados pelo governo no momento do conflito de Canudos. Aponta ainda a psiquiatria como uma alternativa de associação das prováveis interpretações da lição de Euclides, no que diz respeito ao cuidado eficiente na identificação de prováveis lunáticos que possam ameaçar a república. Mesmo assim resta o questionamento:

> *Do these lines blame Brazil, a country with difficult path to independence, for its destructive response to a social upheaval that was portrayed as an internal threat to national stability?*[59] (STAVANS, 2010, p.vii)

A tarefa da qual havia se incumbido o autor, de produzir mais do que uma série de reportagens sobre a guerra mas também uma reflexão como testemunha da história, da qual era seu "narrador sincero" deve ser lembrada. Como o próprio prefaciador já havia dito, ele era o olho da mídia independente da democracia. Esse destaque indica a missão da qual já vinha incumbida a geração de Euclides, bastião da geração de 70, descrita no primeiro capítulo da tese. A ameaça à estabilidade nacional descrita por Ilan era aquela, que revestia os miseráveis sertanejos de aspirações de restabelecimento da monarquia, uma manobra das elites, apoiada pela imprensa e pelo exército, aliada aos preconceitos da população em relação ao

[58] "Com a sua observação final, o autor passa da causa individual do nacional à inquietação para um escopo maior: a responsabilidade coletiva pela guarda da nação como um todo. Claramente da Cunha quis dizer essas últimas palavras para levar sua mensagem a novos patamares" (tradução nossa).

[59] "Essas linhas culpam o Brasil, um país com um caminho difícil para a independência, por sua resposta destrutiva a uma revolta social que foi retratada como uma ameaça interna à estabilidade nacional?" (tradução nossa).

sertanejos, como viu esse olhar diferenciado de Euclides da Cunha. Stavans afirma ainda que raça e religião eram “ingredientes essenciais” nessa questão.

Pelas reflexões do autor Euclides da Cunha acerca desses temas, Ilan ressalta o caráter múltiplo da obra *Os Sertões*, de antropologia, de sociologia, de análise política e religiosa, e apontamentos da geografia. É por isso elevado a categoria de ecologista e ambientalista, à frente de seu tempo. Cita a conhecida revista *Veja* e o renomado Gilberto Freyre para legitimar a importância da obra e do escritor na cultura brasileira.

Pela temática da raça, Ilan Stavans oferece dois paralelos. A obra de euclidiana aparece relacionada a *Jewish War*, de Flavius Josephus, crônica da destruição de Masada. No outro paralelo, coloca-a em companhia do argentino Faustino Sarmiento Facundo e sua obra *Civilization and Barbarism* (1845). Stavans argumenta que a semelhança é o argumento racial e a busca pela identidade nacional. Nesta segunda obra, os gaúchos são vistos como produtos de seu meio e colocados como obstáculos para a modernização da nação, como as problemáticas apontadas por Euclides acerca da visão dos brasileiros sobre os sertanejos que ampara o massacre de Canudos. Para o prefaciador, o sertanejo é o componente essencial da nação com o qual busca lidar Euclides, a despeito de suas bases científicas racistas e xenofóbicas pois “*still, he argues that a social melting pot is the foundation of a nation’s strength and creativity”*[60] (STAVANS, 2010, p.xvii). Nesse aspecto, lembremos que John Milton, acerca da tradução de Putnam, também já havia apontado a ideia de *melting pot* como unidade do resultado da mistura de povos e culturas, um dos mitos norte-americanos no século XX. Isso oportuniza duas observações nossas. A primeira é o destaque dado pelo prefaciador Ilan Stavans às mencionadas “ressalvas” ao pensamento de Euclides acerca da raça e da miscigenação e como apesar disso o autor consegue argumentar que apenas essa mistura de diferenças pode forjar a força e a criatividade de uma nação. A segunda é que associamos essa reflexão às de Derrida, que explicita as línguas e culturas envolvidas dentro de uma mesma língua, evidenciando-as todas como uma congregação de diferenças.

[60] “ainda assim, ele argumenta que um *melting pot* social é a base da força e criatividade de uma nação ” (tradução nossa).

Mais do que fornecer conhecimento sobre o sistema cultural brasileiro, Stavans efetua uma série de raciocínios que buscam construir para o leitor o panorama não só dos acontecimentos de Canudos. Para demonstrar a impossibilidade de ameaça que a comunidade canudense poderia oferecer à nação, ele começa a delinear a história do Brasil desde a sua independência, comparando-o com o restante da América Latina e expondo a fragilidade da nação brasileira, que mesmo independente continuava apoiada na estrutura política da monarquia.

Nessa construção de um panorama para o leitor da obra traduzida, Stavans acompanha o episódio de Canudos desde as primeiras publicações sobre o assunto na mídia. Aproxima Euclides da Cunha e suas visões do leitor de língua inglesa quando explica o episódio de Vendeia na França e como o autor buscou, por esse "desvio pela Europa", inspiração nesse acontecimento para descrever a própria situação do Brasil em sua primeira reportagem sobre o assunto. Aponta a questão religiosa e a questão da oposição que colocava a cidade como sinônimo de progresso e o sertão como sinônimo de atraso e a manipulação dessas informações pelo governo para fundamentar o ataque contra a comunidade. Nesse ponto, Stavans, em atualizada perspectiva sobre a obra euclidiana, cita Walnice Nogueira Galvão para evidenciar que a produção de Cunha sobre Canudos iniciou antes de lá pisar e mostra também sua reviravolta de opinião. Nessa reviravolta, Euclides não coloca-se como narrador objetivo da história e essa foi sua diferença para o prefaciador.

Também buscando desvendar as causas do acontecido, Stavans, aponta para os responsáveis pela tragédia de Canudos que devem ser divididos em quatro: a igreja católica, o governo republicano, o governo do estado da Bahia e o exército (podemos adicionar a imprensa?). Para ele, as prováveis motivações do governo para atacar Canudos eram: a desestabilização da economia que era causada pela migração em massa para os sertões de Belo Monte e a guerra que já estava na cidade, travada pela república. Descreve com todas as palavras que

> *the destruction of the villages and slaughter of the jagunços was proof that those in the government, while supposedly in charge of safeguarding the*

> *population, will stop at nothing in order to perpetuate their power*[61] (STAVANS, 2010, p.xii).

É interessante perceber que a visão do conflito a partir de Stavans tensiona mais a questão da violência nas escolhas de palavras e posicionamentos. Ele chega a usar a palavra guerra, na expressão *Canudos War*, que parece ter sido cuidadosamente evitada na tradução *Rebellion in the Backlands.* Essa percepção pode ser sustentada observando o fim da introdução, onde Ilan ata a obra anunciada por Euclides, mas nunca publicada, *Paraíso Perdido*, como "*a fitting image to memorialize an author who sought to understand the rivers of blood on wich modern Brazil was built*"[62] (STAVANS, 2010, p.xxiii). O processo de modernização da nação brasileira, como pretendia expor Lowe com a sua tradução, é aqui exposto com toda a sua violência. Essa perspectiva deve ser destacada no tom crítico do prefácio levando em conta a denúncia de Euclides, atribuída a quatro responsáveis, cinco se considerarmos a imprensa que "edulcora" seu posicionamento sobre a postura (irresponsável) do governo, não edulcorada aqui por Stavans. Apesar disso, é responsável fazer algumas ressalvas ao seu prefácio.

Sobre a igreja católica e a religião, as observações de Ilan miram sempre o mesmo foco: Conselheiro. Esse mesmo foco permite que ele retorne a questão da psiquiatria pois o estudo de Euclides permitiria analisar as condições ambientais, sociais e políticas ideais para o surgimento de líderes como Antônio Conselheiro. A atenção insistente de Stavans em sua figura não deveria sugerir que a ascensão de líderes com características semelhantes sejam considerados como ameaça mais do que o próprio governo, que em vez de lhes prover o cuidado adequado procura eliminá-los. Outros equívocos também podem ser assinalados como: considerar que Cunha quis "compensar" o fato de passar menos de um mês no *front*, e, para cobrir essa "deficiência", adicionou muitos elementos ao texto. Para Stavans, o resultado é uma obra com "estrutura desequilibrada", pois dois terços do livro não são sobre as campanhas de Canudos. Ele afirma que Euclides viu o assassinato dos últimos 4

[61] "a destruição das vilas e o massacre dos jagunços foram uma prova de que aqueles que estão no governo, enquanto supostamente encarregados de salvaguardar a população, não vão parar por nada para perpetuar seu poder" (tradução nossa).

[62] "uma imagem apropriada para lembrar um autor que procurou entender os rios de sangue sob os quais o Brasil moderno foi construído" (tradução nossa).

canudenses, mas diversas fontes dizem o contrário, porque apontam que acometido por doença Euclides da Cunha parte antes do trágico desfecho do conflito. Ilan também não evidencia que, mais do que difícil encontrar alguma editora para publicar a obra, o autor paga por isso.

A despeito disso, sua descrição da vida de Euclides da Cunha é muito rica. Trata de suas tragédias, suas raízes baianas e a mudança de sua família para o Rio de Janeiro. De sua vida escolar, destaca o professor Benjamin Constant, sua ligação com as ideias de Comte e com o movimento republicano. Explicita sua prematura escrita (política) no jornal *Democrata* e sua personalidade solitária e estudiosa. Sua vida profissional, suas dúvidas e contradições também vem à tona. Aponta as influências de Spencer, Taine, Buckle entre outros na escrita euclidiana, apontadas por Putnam, e como também procuramos fazer no início de nossa tese. Seu episódio de insubordinação contra o ministro da guerra, aparece, para Stavans, como prova de seu virulento republicanismo e crença na raça humana, esse último já explicitado por Putnam como o humanitarismo de Euclides. Dá destaque intelectual ao autor, fala sobre suas outras produções intelectuais e sua ampla esfera de alcance pois "*in Brazil, da Cunha's book is the precursor to a whole genre of writing on the sertão with a broad influence*"[63] (STAVANS, 2010, p.xviii). Para confirmar essa influência, menciona grandes nomes como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Guimarães Rosa.

Curiosamente, em ambos os prefácios de Putnam e Stavans, o nosso escritor é comparado ao escritor norte-americano Walt Whitman (1819-1892). Entre diversos paralelos que possam ser traçados entre ambos autores, Whitman é considerado como grande poeta da Revolução Americana e isso reafirma a característica de ciência poetizada da obra euclidiana. Stavans dá mais ênfase a esse aspecto que Putnam ao evidenciar o recurso de superlativo e antítese utilizado por Euclides da Cunha na construção de sua estilística. Ele também faz um paralelo entre o autor e Machado de Assis, no modo como o narrador interpela o leitor de sua obra. Aliás, pelos enfoques e pontos de vista da narração, a linguagem da obra também é aproximada dos recortes de plano e cena utilizados na linguagem do cinema. Mas,

[63] "no Brasil, o livro de Cunha é o precursor de todo um gênero de escrita sobre o sertão com ampla influência" (tradução nossa).

apesar disso, a tentativa de tradução intersemiótica da obra para uma narrativa audiovisual, de Mariza Leão que adapta a obra para filme em 1977, é criticada.

Em seu final, o prefácio assume um papel crítico referente às traduções da obra e suas abordagens, de inestimável contribuição para nossa pesquisa. Stavans evidencia os posicionamentos de Samuel e Elizabeth em suas traduções de *Os Sertões* ao afirmar que.

> *Putnam is more formal in his delivery. He has a tendency to slightly alter, maybe even embellish, da Cunha's style, as he didn't quite trust the Brazilian author's command of the action. Lowe is more direct, less artificial. Her lexicon is decidedly modern. She doesn't want to use language to alienate the reader from narrative. On the contrary, her objectives is to make us feel, as if the Canudos campaign was unfolding before our eyes. She seeks to capture the multifaceted contradictions in da Cunha's style, while Putnam tries to turn him into a polished man of letter*[64] (STAVANS, 2010, p.xxi).

As diferenças apontadas entre os critérios de assessoramento de tradução utilizados por Putnam e Lowe começam a ser desvelados: para Ilan, enquanto Putnam busca ser mais formal e transforma a narrativa de Cunha em uma obra de um homem "polido" pelas letras, Lowe busca ser direta, menos artificial, mais moderna e não utilizar a linguagem para alienar o leitor da narrativa, mas para que o leitor sinta como se a campanha de Canudos estivesse acontecendo diante de seus olhos (mais próxima das lentes do jornalista).

É importante rememorar que Euclides da Cunha não estava alheio aos discursos científicos de sua época. Mas é preciso perceber suas mudanças ideológicas para compreender suas contradições. Era republicano e, no entanto, manifesta um "virulento republicanismo" de uma geração que "ansiava pela liberdade". Se em um primeiro momento o benefício da "civilidade" ia trazer mais "desenvolvimento" para comunidades como a miserável Canudos, mesmo nesse momento ele já percebia

[64] "Putnam é mais formal em sua entrega. Ele tem uma tendência a alterar um pouco, talvez até embelezar, o estilo da Cunha, já que ele não confiava muito no comando do autor brasileiro da ação. Lowe é mais direta, menos artificial. Seu léxico é decididamente moderno. Ela não quer usar a linguagem para alienar o leitor da narrativa. Pelo contrário, seus objetivos são nos fazer sentir como se a campanha de Canudos estivesse se desdobrando diante de nossos olhos. Ela procura capturar as contradições multifacetadas no estilo de Cunha, enquanto Putnam tenta transformá-lo em um polido homem de letras" (tradução nossa).

que estávamos condenados à civilização, em suas próprias palavras. Cientificista, como autor de uma "ciência poetizada", também procurou ser o "narrador sincero" do conflito que expõe uma intervenção bélica em uma comunidade que havia se refugiado no interior bahiano, cansada da opressão das elites da época. Ao lado dos canudenses, a narrativa de Cunha aproxima-se do sertanejo e é solidária com as dificuldades que enfrentavam, essa é sua maior mudança ideológica. Sob essa perspectiva, o contraste litoral e sertão e a tensão civilização\ barbárie adquirem novos contornos. Além das problemáticas com as quais já lidavam há muito os sertanejos, na penumbra secular, *Os Sertões* apresenta-os como titãs bronzeados, desafio a qualquer ciência da época. Dessa maneira, ele desmistifica e terra onde habitam estranhos prodígios, a geografia imaginada do sertão. Essas ideias permaneceram dentre os significados do signo "sertão", acompanhando-o em seu processo de lentas acumulações de sentido e transformações sociais. Assim, foram disseminadas para a população em geral constituindo o sertão não apenas como um limite geográfico mas como um limite de mundo, para toda uma nação que não compreende bem o que se passa no interior do país nesse triunfo da civilização sobre uma sociedade atrasada. Euclides também desmistifica os discursos da época e amplia esse limite de mundo ao mostrar que os discursos da República, dos militares e da imprensa, de fato, deixaram que as armas falassem. A sua obra era uma crítica frente a isso e era ao mesmo tempo uma autocrítica dos seus próprios posicionamentos anteriores, como seus artigos que exaltavam uma república que, logo em seguida, o desaponta. Nesse ponto, suas contradições devem ser vistas como a sua proposta "eu sistematizo as dúvidas", apresentada no primeiro capítulo. A maior dúvida era esta: Qual era de fato o interesse do conflito entre o governo do Estado e um povo que havia se unido para enfrentar a miséria?

Para Stavans, Elizabeth tentou capturar as contradições multifacetadas de Euclides da Cunha enquanto Putnam *"injected a love for the Cervante´s paradox in da Cunha's narrative*[65]*"* (STAVANS, 2010, p.xx). Aqui, ele quer mostrar como a tradução de outra clássica empreendida por Samuel Putnam, Dom Quixote, influencia nessa tradução. Não podemos esquecer a multiplicidade de línguas e culturas envolvidas na tarefa de traduzir, já apontada nas concepções de Derrida,

[65] "injetou um amor pelo paradoxo de Cervantes na narrativa de Cunha" (tradução nossa).

tarefa na qual é necessário que cada tradutor atue injetando nova vida à obra traduzida com um olho atualizado para sua época,

> *but Putnam's version, in spite of its colloquialisms, feels somewhat archaic. The task of retranslating the Portuguese original is burdensome. The translator needs to make it relevant to a contemporary audience while preserving its barbarous artistry and tropical exuberance*[66] (STAVANS, 2010, p.xx).

É necessário ter em mente que o próprio Euclides da Cunha caracteriza sua escrita como "estilo bábaro" (ZILLY, p.128, 1997). Porém, considerando as visões apresentadas sobre o sertão que permeiam toda a produção de conhecimento sobre ele, atreladas a uma geografia revestida de exotismo, tanto acerca de suas características físicas quanto de seus habitantes, a atenção deve ser redobrada. A crítica de Euclides não pode ser expressa por meio de uma visão que compartilha as visões deturpadas que estavam incutidas nas ciências e posteriormente atingiram a cultura de massa. "A arte bárbara e a exuberância tropical" da obra euclidiana correriam o risco de recair no mesmo tipo de exotismo que reveste o sertão.

Como uma nova leitura crítica, a retradução de *Os Sertões* de Lowe *Backlands: The Canudos Campaign* é "*an important new translation of a fundamental work of Brazilian literature*"[67] na descrição do site. A obra,

> *written by a former army lieutenant, civil engineer, and journalist, Backlands is Euclides da Cunha's vivid and poignant portrayal of Brazil's infamous War of Canudos. The deadliest civil war in Brazilian history, the conflict during the 1890s was between the government and the village of Canudos in the northeastern state of Bahia, which had been settled by 30,000 followers of the religious zealot Antonio Conselheiro. Far from just an objective retelling, da Cunha's story shows both the significance of this event and the complexities of Brazilian society.*[68]

---

[66] "mas a versão de Putnam, apesar de seus coloquialismos, parece um pouco arcaica. A tarefa de retraduzir o original português é onerosa. O tradutor precisa torná-lo relevante para um público contemporâneo, preservando sua arte bárbara e sua exuberância tropical" (tradução nossa).

[67] "uma importante nova tradução de um trabalho fundamental da literatura brasileira" (tradução nossa)

[68] "escrita por um ex-tenente do exército, engenheiro civil e jornalista, Os Sertões é o retrato vívido e comovente de Euclides da Cunha da infame Guerra de Canudos no Brasil. A guerra civil mais mortal da história do Brasil, o conflito durante a década de 1890 foi entre o governo e a vila de Canudos, no estado do nordeste da Bahia, que havia sido estabelecida por 30.000 seguidores do fanático religioso Antonio Conselheiro. Longe de ser apenas uma recontagem objetiva, a história de Cunha

Aqui o conflito de Canudos é chamado de guerra infame. Colocada também como a guerra civil mais mortal de nossa história, empreendida não só contra o exército de um homem só de Conselheiro, como sugere o site da editora *The University of Chicago Press*, mas contra trinta mil seguidores de seus ideais. Os dois lados da guerra aqui são delineados: o governo versus a vila de Canudos. As circunstâncias dessa guerra, suas relações com a formação do Brasil e com o pensamento social brasileiro já foram previamente discutidas nessa tese especialmente no que tange a obra de Euclides da Cunha. Essa oposição utilizada pelo site *Penguin* para distinguir o conflito entre "os dois Brasis" parece ir ao encontro da proposta de denúncia de Cunha que culpabiliza o governo pela tragédia. Afinal, esse conflito tratava-se mais do que par proposto pelo site anterior que opõe campanha brutalxreligioso místico.

Dessa maneira, podemos perceber que ambas as editoras posicionam-se de forma diversa sobre a obra no que concerne a sua localização na seção de História e/ou Literatura. Nenhuma das duas nas ciências sociais, apenas "estudos latino-americanos" pela The *University of Chicago Press.* A organização das informações e a adição de outros elementos, textuais ou não, nas duas traduções também é diverso: na tradução *Rebellion in the Backlands* encontramos mapas, ausentes na retradução de Lowe. A cronologia dos principais eventos em Canudos a partir de 1896 é inserida em ambas traduções. As notas do autor referentes às edições da obra e uma bibliografia de suas outras obras também estão presentes nas duas. Apenas *Rebellion in the Backlands* cita as sucessivas edições da obra notando as obsessivas emendas do autor no texto original. Além disso, apresenta uma seleta lista de trabalhos, passagens e artigos sobre Euclides da Cunha. A preocupação com o caráter geográfico da obra que possa interessar aos leitores é contemplado com um glossário de termos botânicos e zoológicos. Para leitores interessados em língua portuguesa e sua variação linguística, existe uma lista de termos de uso regional. Possui dois diferentes *indexes*: um para nomes e outro para assuntos. Apesar disso, a figura do tradutor não aparece em nenhuma parte do livro *Rebellion in the Backlands*.

---

mostra tanto o significado desse evento quanto as complexidades da sociedade brasileira" (tradução nossa).

Em *Backlands: The Canudos Campaign*, o primeiro texto é o prefácio de Ilan Stavans, depois as breves notas tradutora, seguido da cronologia da vida do autor e dos eventos de Canudos. A tradutora ainda acrescenta a curta “Uma nota no texto”. Inclui-se ainda uma parte onde são indicadas algumas sugestões de leitura, incluindo a tradução de Putnam e as também presentes na primeira tradução “Nota preliminar” e *index*, este último menos específico e elaborado que a da tradução anterior.

Nesse ponto, vamos tentar recapitular e concatenar as informações até agora apresentadas. Samuel Putnam é um dos primeiros brasilianistas norte-americano e tradutor acadêmico de clássicos da literatura mundial. Sua tradução enfatiza o aspecto histórico da obra, com exigências diversas de um livro de ficção, que busca atingir um mercado comercial (ao contrário da tradução de Lowe). Ao buscar constituir-se como brasilianista, ele vai explicar tudo (?) para seu leitor. Por isso, em seu prefácio destaca a produção de Euclides da Cunha na literatura nacional e na literatura internacional colocando todos os críticos literários em acordo. Putnam parece não estar ciente das inúmeras ressalvas que lhe foram feitas na época. Assinala sua ânsia de liberdade e suas bases científicas europeias, que atingiam toda a intelectualidade brasileira na virada do século. Insere uma contextualização histórico-sociológica da guerra de Canudos, da vida de Euclides da Cunha e da publicação de sua obra (embora desconheça o fato de que o autor paga para publicar sua própria obra). A trajetória pessoal, educação, profissão e personalidade foram também alvos da atenção de Putnam. Destaca ainda o caráter interdisciplinar de *Os Sertões* e seus ecos na contemporaneidade da publicação de sua tradução (1945), que originam uma nova geração de escritores no Nordeste. Por este motivo, é essa tradução considerada como um curso sobre o sertão, uma edição explicativa de âmbito universitário com destaque para a erudição do tradutor.

Em estreita relação com o seu contexto histórico, Samuel traduzia no momento da política de boa vizinhança adotada pelos Estados Unidos para conter a influência ou aproximação das ideias advindas “do outro lado” da guerra nos países latino-americanos. Ele pretende, com sua atualizada visão, transportar a lição de Euclides sobre o violento choque de culturas entre os dois Brasis colocando em xeque a

fragmentação de seu próprio país e seus choques de cultura, tanto sob o panorama da guerra civil, que resultou no genocídio de inúmeros povos indígenas, quanto sobre a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial.

No caso de Elizabeth Lowe, com currículo também impressionante, tradutora de inúmeros autores brasileiros importantes, a tarefa de traduzir *Os Sertões* continua desafiadora, aliás, ainda mais para ela que lida com um versão anterior “muito competente”, como já havia assinalado Milton. Com um prefácio que coloca Euclides da Cunha como uma voz independente para a mídia na democracia, o papel do jornais nos períodos de guerra é dos motivos para Lowe retraduzir a obra. Esse destaque permite que uma das denúncias de Euclides seja percebida: a amarga denúncia dos jornais da época. Para isso, o prefaciador Ilan Stavans coloca em evidência as primeiras publicações sobre o episódio de Canudos na mídia desde a publicação de “A Nossa Vendeia” de Cunha no Estado de São Paulo. Stavans busca reconstruir para o leitor de língua inglesa o raciocínio que leva o autor-jornalista Eucides da Cunha a associar o episódio na França à situação brasileira.

O prefácio da retradução de Lowe, que explicita a guerra como uma continuação da política, coloca o governo republicano e o governo do estado da Bahia como culpados pela tragédia de Canudos, um crime contra a humanidade, e divide essa culpa com mais outros responsáveis: a igreja católica e o exército. Para defender esse ponto de vista, Ilan reconstrói o panorama dos acontecimentos desde o processo de independência da nação brasileira que continua, no entanto, apoiada em uma estrutura política monárquica em uma frágil posição, especialmente em comparação às nações vizinhas. Nesse âmbito, a guerra monarquia-república já estava sendo travada na cidade e o seu palco transferia-se para o sertão. A questão econômica também é apontada como um dos motivos para o crime, pois a migração em massa dos sertanejos para Canudos desestabilizava os moldes econômicos abusivos das elites bahianas. A raça e a religião para Stavans também são componentes fundamentais na questão, bem como a oposição sertãoXlitoral como sinônima da oposição atraso/progresso. Sobre raça, o prefaciador vai aludir às ressalvas dos posicionamentos de Euclides, que, apesar de seus preconceitos exalta a mistura das diferenças como base para a força e a criatividade da nação.

Por tratar dessas questões, Ilan vai atrelar a obra *Os Sertões* à antropologia, à sociologia e à análise política.

.

Para sanar o interesse dos leitores de língua inglesa no processo de modernização da nação brasileira, Stavans vai ressaltar a violência desse processo. Em sua visão, um dos focos deve ser a identificação e o cuidado psiquiátrico de sujeitos como Antonio Conselheiro que possam "ameaçar a República". Esse é o único momento em que suscita brevemente a questão religiosa. Além disso, alinha também o caráter geográfico, ecologista e ambientalista de *Os Sertões*. Mobiliza a revista *Veja*, Gilberto Freyre e Walnice Nogueira Galvão para legitimar a importância do autor e da sua obra na literatura brasileira. Finalmente, ele expõe a reviravolta de opinião de Euclides da Cunha com sua narração sincera dos acontecimentos, seu diferencial que permite uma autocrítica e crítica mais ampla da intelectualidade brasileira e da imprensa.

Pelo exposto, em alguma medida, tanto Putnam quanto Lowe miram para a crítica da amarga denúncia de Euclides da Cunha com sua obra, lição para todos os tempos e todas as nações civilizadas. Ainda que focando difentes nuances da denúncia, em relação com as contigências do sistema literário e cultural de suas épocas, eles buscam explicitá-la em seus prefácios, notas de tradução, apresentação, introdução e descrições da obra. Essa atitude, traz de volta a responsabilidade social a partir das letras que põe à prova o imaginário político de uma época para fomentar novos modelos de convivência entre os povos e as culturas. Elizabeth, em suas notas de tradução explica a travessia a ser empreendida para efetuar essa tradução e sua lição. A atualização da lição e a responsabilidade social apontadas podem ser atualizadas, levando em conta a posição norte-americana de enviar mais tropas para o Afeganistão em mais um choque de culturas colocado como confronto entre o progresso e o atraso, um ano antes da publicação de *Backlands: The Canudos Campaign*.

Assim, observando a importância desses elementos para as editoras e tradutores é possível concluir que "*both Putnam and Lowe had to provide more detailed information about Brazil for they were addressing themselves to readers unfamiliar*

with the country"[69] (SCHMITZ, 2015, p.123). Porém, Putnam participa ativamente na construção do imaginário do leitor da língua inglesa adicionando inúmeras notas às já numerosas notas de Euclides, extensa introdução em sua tradução, e uma série de elementos (como mapas) na primeira tradução de Os Sertões. O texto de Euclides surge permeado pela mediação entre os elementos que lhe adiciona seu tradutor. Isso demonstra que para a editora e para esse tradutor "a ênfase do livro de história será sempre a acurácia dos fatos históricos, usando fontes secundárias" (MILTON, 1997, p.182). Enquanto isso, para *Penguin* e Elizabeth Lowe, o ponto é criar "*new and accessible translations*"[70], de acordo com o próprio site.

[69] "ambos Putnam e Lowe tiveram que fornecer informações mais detalhadas sobre o Brasil, pois estavam se dirigindo a leitores não familiarizados com o país" (tradução nossa).
[70] "traduções novas e acessíveis" (tradução nossa).

3.4.3. As capas: a antropomorfização da natureza e o cerco a Canudos

A tradução é um fenômeno mediador entre dois diversos sistemas culturais e literários. Ilustrar a essência de uma obra literária através de uma imagem que estabeleça uma relação de conexão com o texto influencia muito na recepção dessa obra e é também um desafio que se inscreve no campo dos estudos de tradução. Se a atividade de Putnam e Lowe nesse contexto é intermediar línguas e culturas, a capa não pode ser subestimada pois pode propiciar uma primeira oportunidade de tradução intersemiótica ao receptor de uma obra, já que o visual da capa será onde repousará seu primeiro olhar.

A primeira capa, que correponde à da tradução de 1944, o nome de Euclides da Cunha faz-se presente no fundo azul, em posicionamento centralizado e superior da página em letras roxas. O título da obra traduzida encontra-se logo abaixo do nome do autor do original em letras brancas (porém em tamanho maior que o nome do autor). “Traduzido e com uma introdução por Samuel Putnam” são as informações encontradas sob o título, com letras roxas (mesma cor utilizada para o nome do autor), porém com letras menores. Todo o resto da página é uma miscelânea de rosa, laranja, roxo, verde, marrom, azul claro, que compõem as finas folhas de uma vegetação extremamente fechada. A presença dos seres humanos é apenas suscitada por meio do posicionamento estratégico de algumas armas pretas e cinzas entre a vegetação, algumas armas parecendo ter seu peso sustentado pelas próprias plantas.

A escolha da capa, influenciada ou não por Putnam, à primeira vista, ressalta a paisagem, (e não tanto aquele que a habita): o sertão é belicoso. A violenta intenção de “rebelião” é atribuída à paisagem, que adquire o caráter de combatente e é um partícipe da luta, o mais sério inimigo das forças republicanas, tal como descrito em *Sertão: uma categoria geográfica própria e a associação sertanejo-natureza*. De acordo com o que foi proposto no segundo capítulo, uma geografia própria é criada a partir do enredamento que ata sertão-sertanejo. Para Silviano Santiago, nessa função, a “geografia deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação” (SANTIAGO, 1978, p.18 e 19). Nessa relação, o

elemento humano aprende e assimila as características da natureza e a paisagem converte-se na figura daqueles que nela vivem: agride e reage. Nessa antropomorfização da natureza, o sertão também é uma defesa impenetrável que transmuta sua geografia para proteger os sertanejos. Euclides da Cunha em sua obra se concentra nas exigências dessa nova paisagem e descreve uma natureza marcada pela diferença, como aponta Pinheiro, e "a sua formidável arma – a terra". Nessa perspectiva, a ilustração da capa de *Rebellion in the Backlands* (1944) de Putnam coloca em destaque a ideia de rebelião, bem como a antropomorfização da natureza, que empunha as armas.

Em notas introdutórias, encontramos apontamentos que nos levam a crer que o tradutor de *Os Sertões* entende a relação intrínseca entre sertão e sertanejo em afirmações como "*the description of the devastating backland droughts holds the tragedy of a people struggling with a blind fate as represented by the relentless forces of nature*"[71] (PUTNAM, 1945, p. vi). Por meio dessa explicação, é possível assumir que povo é representado pelas forças da natureza. Na capa do livro dessa edição a luta do povo fica restrita à presença das armas mal camufladas na vegetação exuberante, sem haver o elemento humano ali, de fato. Seria forçoso assumir que esse apagamento de toda uma comunidade edulcora a guerra de Canudos? Vamos prosseguir e comparar com outra(s) capa(s).

A título de curiosidade, vamos comparar brevemente a imagem da capa da primeira edição com a capa de *Rebellion in the Backlands* da edição de 1947. Encontramos uma proposta bem diversa da ilustração de capa da edição anterior. O título traduzido em letras vermelhas ocupa toda a parte superior capa do livro. Em menor destaque, abaixo do título traduzido, encontramos a informação de que a obra traduzida trata-se do "*Brazil's greatest classic*"[72] *Os Sertões* (o título original com as letras todas maiúsculas) de Euclides da Cunha, com letras de cor marrom. O nome do tradutor aparece apenas na parte mais inferior da capa, com pequenas letras brancas que dão pouco destaque a essa informação. Nenhuma menção às notas

[71] "a descrição das devastadoras secas do interior sustenta a tragédia de um povo que luta contra um destino cego, representado pelas forças implacáveis da natureza" (tradução nossa).

[72] "o maior clássico do Brasil" (tradução nossa).

introdutórias ou prefácio. As cores predominantes do desenho são marrom e cinza, o vermelho surge apenas atrás dos morros para sugerir a presença do sol. O solo é marrom, a vegetação é extremamente escassa, composta apenas por um cacto e um pequeno gravatá. A figura do sertanejo, nessa capa, em absoluto destaque, ocupa o centro do desenho, na figura de três cavaleiros, com seus cavalos e armas e um deles com chapéu. A cor compartilhada entre vegetação, solo e habitantes do sertão parece uma escolha coesa que corrobora a relação íntima entre sertão e sertanejos.

Para além da informação visual fornecida pela capa, é importante notar que na edição de 1944, o nome do autor do livro original está em evidência, embora não se possa negar que a menção ao acréscimo de notas introdutórias feitas pelo próprio tradutor na capa, também funciona como atrativo para o possível público-alvo, dada a relevância de Putnam no sistema cultural de língua inglesa.

É possível perceber como a estratégia do editor para atrair seu público alvo é totalmente diversa na edição de 1947. A indicação de que se trata do maior clássico do Brasil, com destaque para o nome do autor e do título original, somado ao fato de que o nome do tradutor encontra-se em posição de visibilidade disprivilegiada na capa do livro, mostra que o prestígio por ser uma obra clássica brasileira mereceu maior área a ser ocupada na frente da capa da tradução de 47 de *Os Sertões*.

Na capa de *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) de Elizabeth Lowe, um selo de *New Translation* aponta para a existência de uma tradução anterior. As informações escritas (em ordem de importância?) na capa são: a editora, o autor do original, o título traduzido da obra, a tradutora e o responsável pelo prefácio. Em minúsculas letras, na contra capa, a editora menciona a artista responsável pela capa: Elsa Chiao. A forma como a escrita de Euclides colore com tons de cinza das rochas, vermelhos do sangue e do pôr do sol, preto dos buracos de lama e todos os tons de terra e deserto é apontada por Stavans no prefácio da tradução e corrobora a paleta escolhida pela artista.

A ilustração de Chiao traz novas perspectivas sobre a obra, diversas daquela levantadas pela ilustração das capas da tradução anterior. Nessa nova tradução

intersemiótica da obra, o elemento humano surge apenas caracterizado metonimicamente por seis mãos (negras?) que seguram facas, machadinhas. Uma mão segura um instrumento que parece uma pá e outra uma cruz (símbolos de trabalho e religiosidade dessa comunidade?). Essas mãos aparecem cercadas por armas de todos os lados: os que seguram essas armas não aparecem na ilustração. A proporção de armas para a quantidade de pessoas (mãos) que elas buscam ameaçar também é significativo, além da discrepância entre os tipos armas que portam esses dois diferentes grupos: enquanto os sertanejos seguram armas rústicas, em uma tentativa de brava defesa, canhões e fuzis lhes são apontados. A discrepância entre as "armas mais modernas da indústria armamentista europeia", como informa Zilly, explicita uma guerra que "foi de maneira tão bárbara quanto moderna". Sem dar chance ao sertanejos "fizeram com que as armas falassem com exclusividade", já que aqueles que impunham as armas modernas não aparecem nem metonimicamente. Essa imagem mostra um grupo de pessoas claramente acuado. A ilustração remeteu-nos a um trecho do livro de Robert Levine sobre a primeira expedição militar a Canudos, a respeito da qual

> relatou-se que o grupo de canudenses seria formado por mais de três mil homens, a maioria deles armados. Na verdade, não deveriam passar de quinhentos, sendo que 150 morreram. Posteriormente, algumas testemunhas relataram que o rebanho, empunhando isto sim, rosários de coco, estandartes religiosos e uma grande cruz de madeira, estava longe de ser belicoso (LEVINE, 1995, p. 222).

A situação de Canudos desenhada dessa maneira expõe a denúncia da violência das campanhas do exército para destruir o vilarejo de forma diversa do caráter violento de rebelião atribuído à vegetação, na ilustração da primeira tradução. Enquanto uma ilustração foca em como a perigosa natureza está empenhada em proteger o sertanejo, a outra foca em como a desproporcional vantagem armamentista acua um pequeno grupo. Se Zilly já havia assinalado o seu "caráter defensivo e pacífico, tendo-se retirado justamente para evitar conflitos com as forças repressivas do Estado" (ZILLY, 2005, p.30, 31), a capa de *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) retorna "a um esquema básico da narrativa euclidiana: forças que se embatem no mesmo "conflito secular" que já se encontra desde a primeira página de Os Sertões" (DECCA, 2002, p.209-210).

4. Backlands, hinterlands: Ser-tão

> não há uma língua que deva ser privilegiada - a estrangeira ou a materna -, há línguas; elas não mais se constituem como pólos antagônicos, mas sim complementares (OTTONI , 2005, p. 16).

Conforme já explicitado por Derrida, nesse momento, em diálogo com a proposição de Paulo Ottoni, o cruzamento entre línguas deflagrado na tradução leva à dimensão de complementaridade das línguas mobilizadas para essa tarefa. Se a proximidade entre línguas serve como lastro para auxiliar na tradução da obra euclidiana, a relação de complementaridade entre essas línguas mobilizadas é evidenciada como primordial para a execução dessa mesma tarefa. Ressaltando as semelhanças e proximidades das línguas envolvidas, vamos compreender como elas podem ser explicitadas na visão (e na prática) de seus tradutores. O diálogo entre os tradutores é fundamental, mas a dimensão prática da tarefa colocada em escrutínio aqui nesse trabalho tem seu *corpus* extraído das versões de tradução para a língua inglesa apenas. Para Elizabeth Lowe, tradutora de *Os Sertões* para o inglês, *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), que fornece parte do *corpus* para nosso estudo, a obra é construída "*with innovative language that tests readers and translators alike*"[73] (LOWE, 2016, p.12). Devido a linguagem desafiadora de Euclides, ela coloca tanto seus leitores quanto seus tradutores em um plano semelhante. Já Berthold Zilly, responsável por *Krieg im Sertão* (1994), clama que

> talvez o tradutor, como vítima das asperezas do estilo euclidiano, tenha o direito de afirmar que o livro, sob alguns aspectos, não é tão inacessível nem predominantemente brasileiro como às vezes se pensa. Pretendo, por mais surpreendente que pareça, deixar de lado aqui as suas inegáveis dificuldades para apontar algumas facilidades, linguísticas e temáticas, que Os Sertões também oferece ao tradutor (ZILLY, 1996, p.127).

Com essa proposição, ele problematiza algumas concepções a respeito dessa produção em seu próprio sistema cultural e literário, como a dificuldade de sua leitura pela ambição enciclopédica do autor ou ainda sua intrínseca brasilidade. As facilidades temáticas já foram discutidas anteriormente, Galvão e Putnam expõem a universalidade dos temas levantados pela obra. Ambos sistemas culturais brasileiro e norte-americano possuem questões sociais e históricas que no século XIX foram polemizadas por meio da literatura e da tradução de obras literárias. Vamos

[73] "com inovativa linguagem que testa leitores e tradutores de forma similar" (tradução nossa)

demonstrar, dentro de nosso recorte, como essas questões surgem na traduções mais adiante, em momento mais oportuno. Paralelamente, por que segundo seu tradutor para o alemão o livro não é tão inacessível? Que facilidades linguísticas ele pode oferecer ao seus tradutores? Já informamos anteriormente, segundo Zilly, que o português de Euclides da Cunha é lusitanizante no plano sintático e na escolha dos vocábulos. Foi destacado também que foi por meio do francês que os saberes mais modernos da Europa foram disseminados na elite letrada brasileira.

> Essa ascedência franco-latina deixou traços inconfundíveis no vocabulário, nos conceitos organizadores da realidade, na sintaxe, nas convenções estilísticas das línguas românicas, de sorte que se pode caracterizar, exagerando um pouco, o português dos letrados do fim do século XIX como uma simbiose aportuguesada, abrasileirada, cientificada de quase três milênios de cultura ocidental, na roupagem da latinidade. Esse enorme lastro de erudição, além de constituir um problema, também é uma ajuda para o tradutor mais ou menos familiarizado com esse contexto cultural e com os respectivos códigos (ZILLY, 1996, p.128).

Essa roupagem de latinidade no livro de Euclides da Cunha é uma percepção que é compartilhada por Putnam, que aponta a "*latinizing tendency of his vocabulary*"[74] (PUTNAM, 1944, p.x). Na tradução de Elizabeth Lowe, em "*A note on the text"*, ela indica que "*the preservation of the author's propensity for heavily latinized vocabulary is crucial*"[75] (LOWE, 2010, p. xxxv). É interessante pensar que a princípio o que se apresenta como uma dificuldade para a compreensão do leitor médio brasileiro seja o que justamente funciona como um auxílio para os tradutores em sua tarefa. Um pequeno exemplo pode ser extraído para ilustrar como ambos tradutores lidam com essa tendência ou propensão em termos práticos, tendo em vista o contexto linguístico de sertões:

"a manhã luminosa dos sertões" (CUNHA, 1966, p.475).
"*the luminous backlands morning*" (PUTNAM, 1944, p. 459).
"*over the bright backlands morning*" (LOWE, 2010, p.450).

Esses trechos extraídos do cotejo entre a obra *Os Sertões* e suas traduções *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) fazem parte do *corpus* coletado que coloca em evidência os contextos linguísticos de todas as recorrências da palavra sertão no livro de Euclides da Cunha, que se

[74] "tendência latinizante de seu vocabulário" (tradução nossa).
[75] "a preservação da propensão do autor para o vocabulário altamente latinizado é crucial" (tradução nossa)

constitui como um novo desafio a cada vez para seus tradutores. É possível perceber que a latinizante tendência de Euclides, de comum acordo entre seus tradutores que colocamos aqui em diálogo, é crucial. Em termos práticos, a primeira tradução segue essa tendência e utiliza "*luminous*" para caracterizar "*backlands*" (sertões) e a segunda, como já havia descrito Stavans, apresenta um léxico decididamente moderno. Putnam ao lançar luz no texto de Euclides destacando sua propensão ao léxico latinizado permite divisar na tarefa da tradução a questão do cruzamento entre línguas que existe em uma língua. A influência do latim na escrita de Cunha influencia na escolha de vocábulos de Samuel em sua própria língua. Por uma atenção a articulação entre significantes, elementos fundamentais da ciência poetizada euclidiana, procurando reproduzir em sua própria língua os recursos dessa escrita, aproximamos esse exemplo de tradução da noção descrita por Lages como "transposição criativa", formulada por Haroldo de Campos. A originalidade do tradutor é explicitada nas escolhas das palavras ou expressões que reproduzem em uma língua o sentido do texto em uma outra língua da melhor maneira, como descrito por Derrida em *Torres de Babel* (2002) no terceiro capítulo.

A aproximação com o contexto cultural, como também já apontada em nossa tese, é de fundamental importância. Essa aproximação retornará sempre que relevante em nossas discussões. A tradução de *Os Sertões* para o alemão injeta nova vida nessa língua (como também propõe Campos), pois para Zilly, "Euclides instiga o tradutor a pesquisar e a restaurar possibilidades esquecidas ou ignoradas de língua de chegada, de maneira que me foi possível reavivar numerosas palavras antigas" (ZILLY, 1996, p.129). Como Putnam e Lowe pretendem revivificar a obra em outra língua? Com base nesse apontamento e no exemplo demonstrado, é premente perceber que somente contextualizadas as palavras figuram determinado significado. Não tem sentido isoladas em si mesmas, a mesma palavra pode ser ressignificada a cada novo contexto, segundo Paulo Rónai. Por isso a articulação do signo "sertão" com seus significantes mais próximos é sempre levada em consideração em nossas análises. Sobre o contexto cultural mais abrangente no qual vai funcionar a obra *Os Sertões* ao ser traduzida, Berthold Zilly reflete sobre a sua recepção e enfatiza que

> hoje em dia porém, o leitor culto aprecia um certo efeito de estranhamento, está disposto a submeter-se a períodos insólitos, termos estrangeiros, raros

> ou arcaicos, metáforas arrojadas, técnicas narrativas polifônicas, o que me permitiu manejar com maior audácia os recursos do alemão, abrasileirando-o, barbarizando-o um pouco, um pouco só, porque o estilo euclidiano também não é tão bárbaro assim. Tentei, como tradutor, aplicar a definição com que o próprio Euclides, tradutor de uma realidade histórica, caracterizou na nota preliminar, citando Taine, a tarefa do narrador sincero (ZILLY, 1996, p.128).

O que gostaríamos de destacar aqui são dois pontos: o abrasileiramento do alemão inspirado constantemente pelo espírito da língua que traduz, que corrobora Rónai acerca da tradução que afeta as línguas envolvidas na tarefa, e a predisposição do leitor (culto) de submeter-se a certo estranhamento na leitura de uma obra traduzida aceitando bem até mesmo termos estrangeiros em sua própria língua. Como lidam com essas questões os tradutores de *Os Sertões* para a língua inglesa? Vamos inserir uma tabela que especifica dentro das 108 utilizações de "sertão/sertões" no livro de Euclides as ocorrências mais expressivas em termos numéricos de opções de tradução (ou ausências) para essa palavra nas obras de Putnam e Lowe:

Opções de tradução para a palavra "sertão" em *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010).

Sertão/Sertões	Samuel Putnam	Elizabeth Lowe
Backlands	78	77
Sertão/Sertões	0	15
Ausente	4	10
Region(s)	13	2
Hinterland	8	0

O abrasileiramento da língua e a utilização de termos estrangeiros levando em consideração apenas a palavra "sertão" é flagrante na retradução de Elizabeth Lowe, bem como a numerosa ausência de qualquer tradução para a palavra. Essa "*suppression of material represents a loss for those who depend on translations*"[76] (SCHMITZ, 2015, p.140). Mas, é necessário destacar também que

> the two translations are *replete with Brazilianisms that contribute to the (inevitable) foreignization of the versions in English. Readers know they are reading a text translated into English and would be surprised if they did not encounter words from the source language*[77] *(SCHMITZ, 2015,p.134).*

[76] "a supressão de material representa uma perda para quem depende de traduções" (tradução nossa).

[77] "as duas traduções estão repletas de brasilianismos que contribuem para a (inevitável) estrangeirização das versões em inglês. Os leitores sabem que estão lendo um texto traduzido para o inglês e ficariam surpresos se não encontrassem palavras da língua de origem" (tradução nossa).

Percebemos assim, também na versão de Samuel Putnam,

> *throughout Cunha's text, readers encounter a vast number of Brazilianisms. Putnam maintains many of the Portuguese words in English without italics or quotation marks: jagunço, sertanejo, gaucho, vaqueiro but other words as umbusada, cateretés, choradinho and fazendeiro are presented in italics. Translations indeed act as instances of cultural exchange. Putnam's English version of Os sertões introduces new words into English. Those neologisms can become part of the vocabulary of those who read the translation as well as who may comment on or criticize the translation* (SCHMITZ, 2005, p.93).

Se o "espírito da língua portuguesa" se manifesta no texto de Lowe quando ela opta por utilizar a palavra sertão com a mesma grafia da língua portuguesa em sua própria língua, devemos levar em conta ainda os contextos linguísticos nos quais ela utiliza esse recurso, como veremos adiante. É preciso, além do efeito do estranhamento causado pelo vocábulo estrangeiro, uma aproximação com outras características da estilística de Cunha. Não podemos esquecer, como apontado por Facioli, por exemplo, que o próprio consórcio entre ciência e arte fazem parte da estratégia construtiva do livro e já se apresenta como um elemento que dificulta a compreensão do leitor. Por isso, todo tradutor que busca manter o estilo de Euclides, em sua tarefa crítica, pois a tradução deve ser uma maneira mais atenta de ler, deve perceber minuciosamente

> sua maneira de construir a frase, na colocação dos termos, na extensão maior ou menor do período, no ritmo e no vigor da expressão, na enunciação do pensamento, na escolha dos assuntos e até na simples pontuação, qualquer coisa que lhe é peculiar, certo *it*, um *cachet* que os diferencia dos demais e que lhes impõe, de forma decisiva, a personalidade. Estilo é maneira pessoal de sentir e de ser, é originalidade (ABREU, 1963, p.17).

Essa originalidade de Euclides da Cunha em seu posicionamento como narrador sincero da tragédia de Canudos e em sua estilística é o que busca transpor o tradutor da obra para a língua alemã. Essa atenção para a estilística na maneira de construir a frase pode ser percebida como um dos focos de Elizabeth Lowe, ao explicitar que sua tradução

> *seeks to preserve the unique and sometimes abrupt syntactical cadence of the original while striving for the readability and relevance. In fact, the syntax marks the wide emotional range of the text, which encompasses honesty, anguish, sarcasm, anger, compassion, and love. The flow and rhythm of the*

> *text capture the lifeblood of the backlands and its people*[78] *(LOWE, 2010, p. xxxv).*

Se os três tradutores estão de acordo quanto ao vocabulário latinizante de Euclides da Cunha, a sintaxe lusitanizante da obra *Os Sertões*, como descrita anteriormente por Zilly, para essa tradutora, é vista como uma cadência sintática única que evidencia as emoções do texto com seu fluxo e ritmo. Em um trecho com essas descritas características proeminentes, podemos aqui inserir um exemplo das diferentes abordagens práticas dos tradutores que procuramos comparar, Putnam e Lowe, sobre esse aspecto da tradução:

"Pra cantar nesta função
Amigo, meu camarada
Aceita teu desafio
O fama do sertão" (CUNHA, 1966, p.181).

"*In singing at this show,*
My friend and comrade true,
The one who accepts your challenge here
Is the fame of this land, you know!" (PUTNAM, 1944, p.103).

"*To perform at this fest,*
My fine comrade and friend,
Accept this manly test
For fame in these backlands!" (LOWE, 2010, p.110).

O fluxo e o ritmo do texto que capturam a força vital do povo do sertão, como descreve Lowe, são os elementos da estilística que ela intenta transpor criativamente para seu idioma. Nessa comparação, fica claro como além da presença do signo sertão (*backlands*) preterida por Putnam (que o traduz como "*this land*", esta terra) o elemento poético do "desafio" (ou *The poetic challenge*, segundo esse mesmo tradutor) é transcriado na segunda versão tendo em vista as rimas, a aliteração, a cadência, remontando essa fragílima beleza aparentemente intangível e trazendo-a à luz em um novo corpo linguístico, como descreve Haroldo de Campos. Essas características mencionadas podem ser relacionadas à poética da obra. Ciente dessa característica, Putnam também oferece a palavra "desafio" no texto de língua inglesa como possibilidade de tradução para *the poetic challenge* também manifestando o "espírito da língua portuguesa", mas, não consegue contudo vencê-

[78]"procura preservar a cadência sintática única e às vezes abrupta do original, enquanto se esforça pela legibilidade e relevância. De fato, a sintaxe marca a ampla gama emocional do texto, que inclui honestidade, angústia, sarcasmo, raiva, compaixão e amor. O fluxo e o ritmo do texto capturam a força vital do sertão e de seu povo" (tradução nossa).

lo, por não transportá-lo da melhor maneira para sua língua, como podemos comprovar comparando com a versão de Lowe. Assim, embora de suma importância, apenas o vasto conhecimento sobre ciência e cultura brasileira não é o suficiente para traduzir com efeito a força vital do povo dos sertões, expressa nesse desafio poético, revivificando-a em outra língua. O responsável pela versão *Rebellion in the Backlands* (1944), preocupado em explicar tudo ao leitor,

> *as a translator-scholar, Putnam related to da Cunha´s encyclopedic knowledge and prepared glossaries of botanical, zoological and regional terms used in Northeastern Brazil that were not defined in the Portuguese original. Lists of specialized terms prepared by the translator contributed to the enhancement of the work for the English-reading public*[79]. (SCHMITZ, 2015, p.123)

Esse elementos textuais que auxiliam o leitor de língua inglesa estão localizados no fim dessa versão de tradução, porém, não é necessário chegar ao final do livro para que ele informe o sentido de "sertão", nosso foco principal. Sem esquecer da explicação de Teles em *Viagens e olhares para o sertão* no segundo capítulo, na qual a palavra *hinterland* para traduzir o sertão surge antes mesmo de tratarmos de sua tradução para o inglês (além de outros significados possíveis), já na primeira página do livro em "*A translator's introduction"*, Putnam informa que

> *the title literally means "The Backlands." Sertões (pronounced "sair-toh'-ensh") is the plural of sertão (pronounced "sair-tow´n"). The latter term, meaning the interior of the country or the hinterland, wich is applied in particular to the backland regions of the Northeast, centering in the province of Baía*[80] (PUTNAM, 1944, p. iii).

Samuel Putnam traduz o livro a partir da décima sexta edição brasileira, permitida pela livraria Francisco Alves no Rio de Janeiro. Logo em sua primeira nota de rodapé, ele busca se esforçar para explicar e contextualizar os leitores de língua inglesa sobre o que seriam os sertões, tanto sobre seu significado literal quanto sua pronúncia. Algumas palavras utilizadas em sua explicação são "*interior*", "*hinterland*",

---

[79]"como tradutor-estudioso, Putnam relatou o conhecimento enciclopédico de Cunha e preparou glossários de termos botânicos, zoológicos e regionais usados no Nordeste do Brasil que não foram definidos no original em português. As listas de termos especializados preparadas pelo tradutor contribuíram para o aprimoramento do trabalho para o público leitor de inglês" (tradução nossa).

[80]"o título significa literalmente "Os Sertões". Sertões (pronunciado "*sair-toh'-ensh*") é o plural de sertão (pronunciado "*sair-towh*"). O último termo, significa o interior do país ou o interior, o qual é aplicado, em particular, às regiões sertanejas do Nordeste, centralizadas na província da Baía" (tradução nossa).

"*backlands*". Retomemos a tabela de opções de tradução mais frequentes novamente, dessa vez em comparação com uma lista de opções que foram utilizadas apenas por um ou pelo outro tradutor:

Opções de tradução para a palavra "sertão" em *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010).

Sertão/Sertões	Samuel Putnam	Elizabeth Lowe
Backlands	78	77
Sertão/Sertões	0	15
Ausente	4	10
Region(s)	13	2
Hinterland	8	0

Opções de tradução para a palavra "sertão" em *Rebellion in the Backlands* (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) utilizadas apenas por um dos tradutores

Putnam	**Lowe**
Countryside	*São Francisco Backlands*
Opencountry	*Openplains*
Interior	*Front*
Backcountry	*Landscape*
This land	

Teles já havia apresentado as possibilidades, mato, região e evidenciado a implícita oposição terras distantes do litoral, *hinterland*, lugar com árvore, mato, interior (sertão)/lugar sem árvore, praia, litoral. Ao oferecer a possibilidade *hinterland*, ele permite que retomemos a visão de Derrida sobre a tradução como acontecimento entre línguas, pois o que se considera uma única língua apresenta mais de uma língua envolvida. Com inúmeros significados possíveis para traduzir sertão, os tradutores tem opções e escolhas cujos critérios determinantes são seus conhecimentos de cultura brasileira e as diretrizes para sua tradução. Apontando para seu significado mais "literal", com destaque para a sua posição geográfica, Putnam pode ter conhecimento sobre o Brasil, mas isso não o impede de circunscrever erroneamente a região do sertão apenas ao Nordeste, mais especificamente no "centro da província da Baía". Após perscrutar a trajetória da palavra, cientes dos múltiplos significados de sertão, é possível afirmar que essa

definição é pobre, pois desconsidera uma gama enorme de significados possíveis para a palavra. Em *Backlands: The Canudos Campaign* (2010), o prefaciador Ilan Stavans é quem vai definir o termo que dá nome à obra:

> *The title Os sertões, plural of the term sertão, refers to the drought-plagued scrublands of the Northeast, particularly the interior of the state of Bahia. The backlands are much more than stage on wich the epic drama of Canudos plays itself out. The land is a character in the book, and its passionately portrayed as savage and abundant, treacherous and protective, deadly and life giving*[81] (STAVANS, 2010, p.xviii).

Essa descrição apresenta o significado "matagais" e repete o mesmo equívoco de Putnam ao circunscrever os sertões apenas ao interior do estado da Bahia. É preciso perceber que "o extraordinário poder amplificador de Euclides da Cunha fez, de fato, com que muitos vissem englobados nessa obra todos os dramas do imenso *hinterland* do Brasil" (OSÓRIO, 1939, p.103) que abrange também outros estados brasileiros e é uma metonímia do próprio país, na qual Canudos se confunde com o sertão e o sertão se confunde com Brasil, segundo Decca. Significados já apontados anteriormente como cirscunstância, contexto, resistência à civilização, esse todo natural-cultural onipresente, como define Bosi, ainda não são alcançados. Por outro lado, nessa explicação, o caráter de personagem dos sertões com sua natureza dúbia e sentimental é explicitado. A antropomorfização da natureza é delineada pelo prefaciador da tradução de Lowe, que, nesse aspecto, aproxima-se da ilustração da capa de Putnam, curiosamente. Vamos observar como lidam Lowe e Putnam com esse aspecto em termos práticos em cinco diferentes trechos:

"Transmudam-se os sertões" (CUNHA, 1966, p.118).
"*The backlands come to life and are transformed*" (PUTNAM, 1944, p.29).
"*The backlands are transformed*" (LOWE, 2010, p.35).

"Penetrando fundo nos sertões" (CUNHA, 1966,p.155).
"*Penetration into the heart of backlands*" (PUTNAM, 1944, p.70).
"*Penetrated deep into the backlands*" (LOWE, 2010, p.78).

"rápidos crepúsculos do sertão" (CUNHA, 1966, p.279).
"*in the dim twilight of the backlands*" (PUTNAM, 1944, p. 222).
"*half-light of the blacklands sunset*" (LOWE, 2010, p.228).

[81]"o título Os sertões, plural do termo sertão, refere-se aos matagais do Nordeste, particularmente o interior do estado da Bahia. O sertão é muito mais do que palco do drama épico de Canudos. A terra é um personagem do livro, e é apaixonadamente retratada como selvagem e abundante, traiçoeira e protetora, mortal e vivificante" (tradução nossa).

"pelo sertão bravio dentro" (CUNHA, 1966, p.331).
"*upon the fierce backland*" (PUTNAM, 1944, p.284).
"*would burst into the backlands*" (LOWE, 2010, p.284).

"O sertão principiava a mostrar um fácieis melancólico, do deserto" (CUNHA, 1966, p.401).
"*And the backlands were beginning to take on the melancholy aspect of a desert*" (PUTNAM, 1944, p.373).
"*The sertão was starting to turn into a barren desert*" (LOWE, 2010, p.367).

As diferentes maneiras de perceber a natureza no sertão são evidentes: a natureza aproxima-se de sua função de personagem mais claramente em *Rebellion in the Backlands*. Nessa versão, o sertão ganha vida e coração (que não estão presentes no texto de Euclides, apenas nos trechos traduzidos), como podemos observar nas duas primeiras comparações. Enquanto Putnam busca destacar o "crepúsculo sombrio" que prenuncia a tragédia dos sertanejos, não explicitado por Euclides, Lowe coloca o sertão em uma "meia-luz", poética mas pouco dramática, frente aos acontecimentos de Canudos. O sertão bravio, ou, feroz para Putnam, é um espaço invadido para Lowe. A característica de geografia de agressividade, como deve ser o sertão, segundo Santiago, é completamente apagada no trecho de Elizabeth e o foco da violência recai nos invasores do sertão. Por fim, o aspecto melancólico e essencialmente humano do sertão, corroborado pela tradução de Putnam, é traduzido por Lowe como um aspecto de aridez, improdutividade, esterilidade, ou mesmo enfadonho, que esconde o real motivo da melancolia do sertão: o presságio do assassinato dos sertanejos que estão nele enredados.

Sobre o(s) foco(s) da violência, é imprescindível verificar onde os tradutores querem introjetá-los. O caráter de "revolta" no evento histórico de Canudos não passa despercebido, e, por isso, a inclusão das palavras "*Rebellion*" e "*Revolt*" ao lado da palavra "sertão" nos títulos da obra traduzida por Putnam, 1945 e 1947, é um outro fator que influencia na interpretação da obra pois para ambos os tradutores

> trata-se, especificamente, do caso de modificação do título além da transposição linguística. Nomear é fazer existir: renomear é criar novos interpretantes para a obra, é imprimir um novo rumo à sua existência continuada (VIEIRA, 1992, p.151).

Nessa nova existência continuada da obra, quais são os rumos que buscam imprimir Samuel Putnam e Elizabeth Lowe em suas traduções? Quais são os novos

interpretantes criados a partir dessa nomeação? Essas preocupações tem relação direta com os impactos da tradução de uma obra literária que vai projetar a imagem da cultura brasileira em outro sistema cultural e literário. Como essas traduções contribuem para a formação de uma visão a respeito do Brasil a partir de uma obra tão consagrada? Para além, o posicionamento de Euclides frente a tragédia de Canudos, explicitado por meio da escritura de sua obra *Os Sertões*, através da qual o "Brasil adentra a arena da literatura mundial", é transposto nessas duas traduções, especialmente a partir de seus títulos?

> A passagem de um título a outro lança uma questão intrigante: que efeitos de sentido são convocados pelo significante *backlands* ao considerarmos que algo deve necessariamente mudar na medida de sua posição relativa, seja com o termo *rebellion*, seja com a expressão *Canudos campaign*? (ARAÚJO E BEATO, 2015, p.295)

Em seu questionamento, *O signo em transformação na tradução de Os Sertões* na Revista *(Con) Textos Linguísticos* (2015) do PPGEL da UFES dialoga com nossas pesquisas quando mira, a partir do ponto de vista da linguística, para um dos focos de atenção em nossa tese, a saber, a tradução do título da obra, onde pousa-se logo o problema de traduzir o sertão, como explicitou Guimarães Rosa em carta a seu tradutor Curt-Meyer Clason.

Já colocamos em evidência o aspecto histórico da primeira tradução, como obra explicativa, uma edição crítica universitária. Procuramos também contextualizar as contingências históricas e de poder no momento da tradução e publicação da obra. Com sua acurada visão do sistema cultural e literário de nossa língua, não é possível que Putnam ignorasse o fato de que

> de qualquer forma o Conselheiro não era um revolucionário, e sua comunidade não era nem subversiva nem deliberadamente provocativa. Euclides e outros contemporâneos só estavam certos em chamar Canudos de rebelião no sentido em que o próprio ato de abandonar o lar é um ato de rebelião. Desde o início o Conselheiro sabia que uma rebelião pública resultaria em prontas retaliações militares (LEVINE, 1995, p.336).

Ciente da ânsia e liberdade da geração de Euclides da Cunha e de seu desapontamento com o governo que imitava o comportamento imperialista das democracias mais antigas, além disso, consciente do posicionamento antimilitarista

do autor, já foi apontado que Putnam prega a unidade nacional de seu próprio país utilizando a lição que extrai de *Os Sertões*. Ainda sim,

> a tradução feita por Putnam em 1944 recebeu o título de *Rebellion in the backlands*. Nesse caso, já percebemos a elaboração criativa do tradutor pela intervenção que sua escolha faz no título do texto original: houve, sem dúvida, uma mudança na ênfase que antes incidia sobre a paisagem quase inabitável do sertão nordestino e seus escassos habitantes, ou sobre qualquer outro sentido que possa surgir das leituras do significante *sertões*. O elemento em destaque nessa primeira tradução aponta para o significante *rebellion*, enquanto que a palavra escolhida para traduzir *sertões*, *backlands*, aparece como um complemento a indicar o lugar onde se instalou a rebelião. Essa posição do significante *backlands* em relação aos outros elementos do sintagma indica a escolha eminente do tradutor por contemplar um dos sentidos envolvidos na palavra *sertões*: seu significado restringindo determinado espaço geográfico. As escolhas tradutórias privilegiam determinado campo semântico em detrimento de outros sentidos que poderiam, legitimamente, ser convocados no processo da tradução. A leitura da obra de Euclides permite-nos afirmar que seu título não está limitado à referência geográfica do sertão (ARAÚJO e BEATO, 2015, p. 304).

Essas afirmações vão ao encontro dos dados compilados na tabela proveniente do cotejo entre as duas traduções da obra *Os Sertões* para língua inglesa: na versão de Putnam, todas as opções de tradução apresentadas encontram-se no plano semântico de seus aspectos geográficos, tais como *backland(s)*, *region(s)*, *countryside*, *opencountry*, *interior*, *hinterlands*, *backcountry* e *this land*. Por esse motivo, nossas análises levam em consideração o contexto linguístico no qual está inserido o signo “sertão” pois encontramos outros significantes cujos sentidos convocados são relevantes dentro dos contextos linguísticos e culturais apresentados. Lembrando que traduzir é traduzir culturas e não línguas, devemos levá-los em conta também principalmente pelo fato de que esses significantes evidenciam certos posicionamentos dos tradutores em relação às discussões culturalmente importantes levantadas pela obra de Euclides da Cunha e quais são os focos que eles buscam destacar.

> A tradução mais recente para o inglês, intitulada *Backlands: the Canudos Campaign*, considerando o nível puramente significante, apresenta um afastamento considerável em relação à versão de Putnam, na medida em que se aproxima mais do original no que diz respeito ao título. O foco no título de Putnam incide sobre o signo *rebellion,* atribuindo, assim, uma menor importância ao signo *backlands* em relação ao primeiro. Ao contrário do que acontece com a palavra que traduz sertões nessa versão, no título de Elizabeth Lowe ela aparece como o elemento principal, como a única palavra do título seguida de um subtítulo. Há, portanto, o deslocamento do foco que incidia sobre uma rebelião, uma revolta por parte dos sertanejos e

> passa a manifestar-se sobre uma campanha militar, um plano estruturado da civilização para atacar aqueles que eram vistos como bárbaros que habitavam aquela terra inóspita. (ARAÚJO e BEATO, 2015, p.305).

Ainda dialogando com as pesquisadoras de nossa universidade, procuramos por pistas que pudessem corroborar ou refutar essas afirmações. Devemos ter muito cuidado acerca do significante "civilização", cujos significados foram atribuídos e ditados de forma a negar essa condição de civilidade aos sertanejos, essa mesma condição pretendida pelo Brasil do litoral. Nesse momento, consideramos oportuno trazer à tona os contextos linguísticos nos quais localizamos a palavra sertão/sertões em relação com outros significantes cujos significados são fundamentais para derivar algumas discussões de cunho relevante acerca de temáticas culturalmente pertinentes no âmbito da obra euclidiana. Como apontamos, os focos de violência são vitais, pela própria lição que busca ensinar Euclides da Cunha por meio de sua amarga denúncia, crítica endereçada a todas as nações civilizadas. Vamos comparar as traduções de uma frase contida na "Nota Preliminar" da obra:

"A civilização avançará nos sertões" (CUNHA, 1966, p.93).
"Civilization is destined to continue its advance in the backlands" (PUTNAM, 1944, p.xxix).
"Civilization will advance across the backlands" (LOWE, 2010, p.1).

É válido nesse momento rememorar que o autor já havia descrito a civilização como uma condenação. A discussão acerca da civilização e sua ligação com os fluxos das ideias advindas da Europa que propagam seus benefícios e seus reflexos para elite letrada brasileira e para os intelectuais da época, já foi levantada desde o primeiro capítulo a partir de *A sociologia desconcertante dos sertões* de Nísia Trindade Lima. Buscamos aproximar os pontos de vista suscitados por Lima com afirmações do próprio Euclides da Cunha para compreender as visões do autor sobre a civilização em uma perspectiva mais ampla. Na época da transição para a república, o sertão foi visto como sinônimo de atraso e como antônimo da modernidade e da civilização. A visão crítica sobre os discursos que veiculavam essas ideias, adotada por Cunha e percebida por seu tradutor para o alemão Zilly, indica que a intenção de Euclides é justamente satirizar os discursos que pregam o triunfo da civilização às custas do assassinato de milhares de brasileiros.

Na introdução de Stavans à retradução de Lowe, o prefaciador já havia assinalado que aqueles no governo, supostamente encarregados de salvaguardar a nação, não iriam contudo conter suas ações violentas e civilizadoras que visavam perpetuar seu poder. Em conformidade com o que foi explicitado por Ilan Stavans, Elizabeth Lowe, nesse trecho traduzido, destaca o avanço da civilização que atravessará o sertão de um lado a outro. Putnam, por sua vez, traduz a atitude impositiva da civilização como uma "destinação" (*is destined)*. Essa escolha de palavras retira a responsabilidade do governo sobre a tragédia, já que guiada pelo destino a civilização não tem outra escolha senão avançar sertões adentro, levado a isso, com o verbo na voz passiva. Claramente aqui, podemos notar como o foco na violência das expedições do exército para liquidar o arraial de Canudos é edulcorado por Samuel Putnam, que coloca-o na "rebelião" nos sertões, cujos rebeldes são os sertanejos. Falta-lhe a percepção de que "Canudos já estava fadada à intervenção estatal tanto pelo tipo de poder exercido pelo Conselheiro como pelo êxodo de nordestinos para a sua cidade santa" (LEVINE, 1995, p.338). Essa fuga para os interiores do sertão que indica o cunho pacífico da formação do arraial, uma rebelião como ato de abandono do lar segundo Levine, não é evidenciada na tradução do título da obra efetuada por Putnam, e nem a intenção do governo de arrasar Canudos, que fora compelido pelas cirscunstâncias apenas, no trecho recriado por Samuel Putnam.

Se renomear é criar novos interpretantes para a obra, conscientemente na segunda tradução do livro "*Lowe's title avoids the word rebellion. Her use of the notion "campaign" is appropriate for from the very beginning, the government was intent on annilhating the entire populace"* [82] (SCHMITZ, 2015, p.127). O que está em jogo aqui é o posicionamento diverso assumido pelos tradutores sobre a postura autoritária do governo, que efetua um extermínio sem uma declaração de guerra, deixando que as armas falem com exclusividade, como já foi apontado pelo tradutor da obra para o alemão Berthold Zilly.

> *Putnam's title of the book that features the word "Rebellion" is based on a mid-twentieth century view of the inhabitants of Canudos as agressors. Backlanders desired simply to control their own destiny; the real agressors*

[82] "o título de Lowe evita a palavra rebelião. Seu uso da noção "campanha" é apropriado, desde o início, o governo tinha a intenção de aniquilar toda a população" (tradução nossa).

> *were the elites in power in the late nineteenth century* [83](GALVÃO apud SCHMITZ, 2015, p.127).

Nessa visão errônea acerca dos sertanejos e sua tentativa de se defender, primeiro das relações abusivas a que eram submetidos, esquecidos na penumbra secular, e posteriormente, de um ataque que mobiliza as mais modernas armas da Europa, com apoio da imprensa nacional e internacional, na tradução do título da obra Samuel Putnam se aproxima da perspectiva da qual Euclides da Cunha busca se afastar. Essa visão coaduna com os ideais civilizatórios da nova república brasileira que encara como rebeldia o fato de que, cansados das condições a que estavam sujeitos, "os moradores de Belo Monte renegaram a legitimidade da estrutura de poder existente, não com levantes, mas com sua ida para a cidade santa do Conselheiro" (LEVINE, 1995, p.339). Dessa maneira,

> no título *Rebellion in the backlands*, podemos entrever que ao signo "*backlands*", na sua relação com os outros signos que o cercam, se anuncia como um lugar, escassamente urbanizado e pouco habitado, onde se instalou uma rebelião entre os sertanejos. É possível aqui, marcar a diferença entre o *backlands* de Samuel Putnam e aquele que se apresenta no título da segunda tradução, *Backlands: The Canudos campaign.* A posição do signo *backlands* nessa recriação indica sua importância na obra e dá pistas de uma polissemia que transgride o significado de mero palco de uma rebelião, significado este que Putnam escolheu contemplar (ARAÚJOeBEATO,2015,p.306).

Para ele, sob o panorama da boa vizinhaça, próximo das ideologias da patronagem ao traduzir para seu sistema cultural e literário uma obra latino-americana, era premente não colocar-se como contrário à disseminação das ideias de civilização e melhorias que dela podem advir, principalmente porque esse posicionamento seria conflitante com o *american way of life*, nova face da civilização e da modernidade a ser aspirada pelos vizinhos da América. A civilização como uma condenação é inadequada nesse contexto e isso fica evidente na escolha de palavras de Putnam para traduzir a relação que se estabelece entre civilizaçãoxsertão: rebelião. A tradução, como já exposto, é uma atividade crítica, uma maneira mais atenta de ler. Um tradutor, ao privilegiar determinados campos semânticos ou sentidos para sua

[83] "O título de Putnam do livro que apresenta a palavra "Rebelião" é baseado em uma visão de meados do século XX dos habitantes de Canudos como agressores. Os sertanejos queriam simplesmente controlar seu próprio destino; os verdadeiros agressores eram as elites no poder no final do século XIX" (tradução nossa)

tarefa em detrimento de outros que podem ser legitimamente convocados, deve ter mente à dimensão crítica do ato de traduzir e quais são os objetivos de sua tradução. Só assim é possível lograr a compreensão da obra dentro do sistema cultural e literário no qual ela funciona e não (apenas) a partir de seu próprio limite de mundo e de linguagem.

Por perceber a possibilidade dos tradutores posicionarem-se equivocadamente acerca de questões temáticas fundamentais para compreender a obra euclidiana, a sua amarga denúncia e a sua lição, procuramos atentar para os contextos linguísticos que tratam principalmente dessas temáticas. A "sistematização das dúvidas" efetuada por Euclides da Cunha, segundo ele próprio, não podem jamais tornarem-se certezas, ou ainda, certezas que vão de encontro ao que pretende o autor com seu livro. Sempre devemos lembrar que ele tencionava atuar nas coordenadas culturais de sua época ao mesmo tempo em que reflete sobre questões fundamentais para a constituição de uma nacionalidade que ansiava pela liberdade.

É de extrema importância a forma como seus tradutores abordam a questão do negro e da mestiçagem, à luz das inovações que procurava propor Euclides da Cunha. Se a mestiçagem era um "estorvo" para o processo civilizatório, como criticou Zilly, ela era inevitável em um país recém-egresso de quase 400 anos de escravidão. Cunha busca reinterpretar o processo de mestiçagem como necessário e implode as noções de pureza na identidade nacional brasileira elevando o sertanejo ao cerne da nacionalidade. Essa reinterpretação da mestiçagem como um processo intrínseco a todas as culturas, incita a necessidade dos centros irradiadores de cultura e civilização de buscar paradigmas nas produções culturais periféricas, e não apenas objetos para estudo e análise, como aponta Lemos. Como essa temática retorna sempre que se discute acerca da obra *Os Sertões*, consideramos culturalmente relevante observar como os tradutores tratam essa questão. As ressalvas à obra, às bases científicas deterministas e evolucionistas europeias devem ser levadas em conta para compreender os diferentes posicionamentos de Euclides da Cunha, de Samuel Putnam e de Elizabeth Lowe sobre o assunto. Ainda dentro de nosso recorte, que leva em conta somente os

contextos linguísticos da tradução da palavra “sertão” nas versões desses dois tradutores, procuramos extrair dois interessantes exemplos para confrontar:

“Suas qualidades de adaptação, apuradas na África adusta, é discutível que ela tenha atingido profundamente os sertões” (CUNHA, 1966, p.156).

“*taking into account their extraordinary fecundity and their qualities of adaptation as tested by the burning suns of Africa, it is still debatable as to whether they exercised any profound influence on the backcountry regions*” (PUTNAM, 1944, p.70).

“*it is questionable that they had a strong influence on the backland territories. Their prolific fecundity as well as their ability to adapt, honed by the searings suns of Africa, are traits that argue against this theory*” (LOWE, 2010, p.78).

“Formação mestiça dos sertões” (CUNHA, 1966, p.164).
“*Formation of a mestizo race in the backlands*” (PUTNAM, 1944, p.82).
“*The Rise of the Mestizo Race in the Backlands*” (LOWE, 2010, p.89).

Sobre a influência dos negros na composição do mestiço sertanejo, Euclides da Cunha exprime certa dúvida sobre até que ponto ela afeta essa mistura de raças que constitui a população do sertão. Esse tom de dúvida é introduzido na tradução de Putnam, e, na tradução de Lowe, o que era dúvida, torna-se argumento contra essa hipótese (*argue against this theory)*. No título do capítulo que evidencia e explica a mestiçagem dos sertões, ela insere a palavra “*rise*”, que significa a “ascensão” dessa raça mestiça, mestiçagem da qual ela busca excluir a influência dos povos da África, de acordo com o trecho que colocamos evidência logo antes desse, que rebate essa teoria. Apesar de perceber que a obra euclidiana, de fato, busca exaltar a formação mestiça do sertanejo, a tradução do trecho anterior demonstra que a rejeição ao negro africano na composição desse *melting pot* é apresentada na tradução de Elizabeth de uma forma que não havia sido descrita na obra original. Esse tipo de tradução que introjeta na narrativa de Cunha sentidos que ele não pretende com sua obra é extremamente problemático, pois leva o leitor de língua inglesa a interpretar de forma errada o posicionamento do próprio autor em relação à questão.

Ainda sobre as características do sertanejo, o nosso recorte, que leva em conta apenas os contextos linguísticos onde pudemos localizar a tradução da palavra

“sertão” para a língua inglesa, permite ainda encontrar mais indícios sobre as visões dos tradutores sobre aqueles que habitam o sertão para além das características físicas:

“gentes indisciplinadas do sertão (CUNHA, 1966, p.237).
“*outlaws of backlands*” (PUTNAM, 1944, p.173).
“*undisciplined people of the sertão*” (LOWE, 2010, p.183).

“O sertão é o homízio” (CUNHA, 1966, p.462).
“*The backlands are a refuge for the criminal*” (PUTNAM, 1944, p.463).
“*The sertão is a home to the criminals*” (LOWE, 2010, p.435).

“E os desvairados foram pelos sertões em fora” (CUNHA, 1966, p. 192).
“*And so these deluded ones went about*” (PUTNAM, 1944, p. 117).
“*And so these demented creatures went around begging*” (LOWE, 2010, p.124).

“O ambiente moral dos sertões” (CUNHA, 1966, p.256).
“The moral environment of the region” (PUTNAM, 1944, p.197).
Parte completamente suprimida em Lowe.

Sobre a população sertaneja, encontramos diferentes características de acordo com cada tradutor. Para Putnam, no primeiro trecho, as gentes indisciplinadas tornam-se “foras da lei” (*outlaws*). Essa visão é coesa com seu segundo trecho traduzido, no qual ele explicita que os sertões são um refúgio para os criminosos. Por fim, os sertanejos são um povo enganado, iludido (*deluded ones*). Para Lowe, a princípio são indisciplinados, tais como descreve Euclides da Cunha. Logo em seguida ela transforma o espaço do sertão em lar para criminosos, o que certamente estabelece uma diferente relação entre o homem e seu meio daquela apontada por Euclides, suscitando até mesmo um sentido de afetividade, família e harmonia que inexiste no texto original, evocado pela palavra lar (*home*). Por último, os sertanejos suplicam, mendigam (*begging*), dementes (*demented*) pelos sertões. Embora a possibilidade da loucura esteja entre os possíveis significados de tradução para “desvairados”, é preciso ter em mente uma percepção mais abrangente acerca dos acontecimentos pois

> quando Euclides da Cunha recomeça a fazer uma análise do problema baseando-se em fatos, palmilhando a trilha da sua memória ainda cheia de imagens do sertão, volta a ser o pensador que teve acertos surpreendentes para sua época. Esses mestiços degenerados tomam dimensão humana e aparecem, não como desequilibrados, mas como desajustados (MOURA, 1964, p. 88).

É preciso lembrar do foco nos cuidados psiquiátricos que procurou destacar Stavan no prefácio da tradução de Elizabeth Lowe, já que na escolha de palavras possíveis ela busca destacar um significante que apresenta como possível significado o diagnóstico de um distúrbio mental. O ambiente moral do sertões não é sequer inserido na versão de Lowe, em conformidade com esse diagnóstico, que isenta os doentes de tal abstração, impossível em suas condições psicológicas. Em um balanço equilibrado, não podemos deixar de notar que ela também adiciona a informação sobre as súplicas e a mendicância dos sertanejos, que evidencia sua situação de miséria. Essa situação que se configurava de longa data, sustentada pelo governo e pelas elites bahianas, sobretudo os grandes proprietários de terra e suas relações abusivas com seus trabalhadores, é uma outra questão que merece destaque sob a abordagem dos tradutores:

"O fazendeiro dos sertões" (CUNHA, 1966, p.175).
"*Fazendeiro of the backlands*" (PUTNAM, 1944, p.95).
"*The backlands landowner*" (LOWE, 2010, p.103).

É complexo o elo que ata a questão da posse das terras com a mestiçagem e a civilização. Por esse motivo, a abordagem deve ser feita de modo a esclarecer como essas discussões se interpenetram. A elite brasileira bahiana do século XIX é uma das grandes responsáveis pela tragédia de Canudos. Primeiramente por sua confortável posição de autonomia em relação aos grandes centros urbanos, que não fiscalizavam suas ações, permitindo-lhes ditar as regras que norteavam as relações entre os donos da terra e seus trabalhadores. Essa autonomia significava total liberdade para fazer o que bem entendessem: impunham relações de trabalho desumanas, sufocavam qualquer descontentamento por parte dos escravos/trabalhadores como bem lhes aprouvesse.

Aqui, as opções de tradução que fazem de cada tradutor um autêntico criador, e cada tradução uma leitura mais atenta da obra, as diferentes posturas adotadas pelos tradutores são explícitas. Putnam prefere não traduzir a palavra e deixa para o seu leitor a nota de rodapé explicativa, na qual esclarece que se trata do *owner of* (dono da) fazenda, e fazenda como *country state* or *ranch*. Lowe, por sua vez, prefere deixar clara a questão da posse da terra e quem a detém. Para Levine, essa elite mesclava as características de uma burguesia preocupada com o lucro e mais

ainda com seu status. Já foi dito que as elites do litoral começavam a olhar com desconfiança para a elite bahiana, receosas do excesso de miscigenação que haveria ocorrido no estado da Bahia. Nesse estado, por sua vez, o olhar de desconfiança mira para os trabalhadores dessas fazendas, moradores dos sertões: essa gente que ainda se bate e sustenta as engrenagens do país, como exposto por Sílvio Romero em seu dicurso que recepciona Euclides na Academia Brasileira de Letras.

Além da supressão da afronta empreendida pelos trabalhadores que se retiram dessas condições opressivas e rumam para Canudos, deixando os fazendeiros desmoralizados e sem mão-de-obra, o compromisso com os ideais da civilização também é uma das motivações que levam a oligarquia dos grandes proprietários de terra do interior bahiano a pressionar o novo governo republicano para prontamente extinguir Canudos (ou o Quilombo de Canudos, para Araripe Júnior). Em sua autonomia e seu controle que exercia sobre as terras do sertão, não apenas sobre suas próprias fazendas ou ranchos, os donos da terra (*landowners*) eram de fato os fazendeiros.

Enquanto procuram delinear as características desse sertanejo, seu meio, seus costumes, sua tradições e suas crenças é impossível não atentar também para a questão da religião e a sua relação estreita com os habitantes dos sertões. Quais são os tipos de relações que estabelecem os tradutores entre esses dois elementos a partir das opções de tradução de Putnam e Lowe para os significantes próximos a "sertão" no campo semântico da fé e da crença?

"O retrógrado do sertão" (CUNHA, 1966, p.207).
"The retrograde type of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.134).
"The backlands mystic" (LOWE, 2010, p.140).

"a velha mais hedionda talvez dêstes sertões (CUNHA, 1966, p.486).
"the foulest old woman in all the backlands" (PUTNAM, 1944, p.473).
"the most horrible witch in the backlands" (LOWE, 2010, p.461).

"E o sertão é um paraíso..." (CUNHA, 1966, p.126).
"The backlands are now a paradise…" (PUTNAM, 1944, p.38).
"And the backlands are a paradise…" (LOWE, 2010, p. 43).

A questão da religiosidade da comunidade de Canudos também é um outro assunto que é culturalmente relevante no âmbito da obra de Euclides da Cunha. Já apontada no prefácio de *Backlands: The Canudos Campaign* por Stavans, sempre mira para o mesmo foco: o líder da comunidade de Canudos (que segundo esse mesmo prefácio necessita de cuidados psiquiátricos). Pela indicação do prefácio da preocupação em identificar prováveis condições para ascensão de líderes como Antonio Conselheiro, procuramos estar atentos a possíveis significantes dentro de nosso recorte do contexto linguístico que evidenciassem as visões diversas dos tradutores a esse respeito. No capítulo que trata da pregação de Conselheiro, associada ao retrógrado do sertão, Elizabeth Lowe associa-o por sua vez à mística. Sua visão é muito mais próxima do aspecto mágico da religião do sertão. Essa visão pode ficar mais clara quando para ela a velha mais hedionda dos sertões torna-se uma bruxa (*witch*). Podemos considerar que para Putnam, os sertões como uma categoria geográfica que prenuncia o destino dos sertanejos, a contraposição entre o sertão paraíso agora é o sertão inferno depois.

Podem os posicionamentos de Putnam e Lowe acerca da guerra que era travada nos sertões, o triplo conflito no qual peleja bravamente o sertanejo, contra as suas duras condições, contra os donos da terra e contra o Estado serem evidenciados nas traduções de alguma maneira? Também atentos aos significantes do campo semântico da guerra nos contextos linguísticos em foco pudemos extrair três diferentes ocorrências:

"a dois passos do sertão" (CUNHA, 1966, p.263).
"a few paces distant from the backlands" (PUTNAM, 1944, p.203).
"two steps away from the minefield of the sertão" (LOWE, 2010, p.210).

"nas correrias do sertão" (CUNHA, 1966, p.272).
"hinterland warfare" (PUTNAM, 1944, p. 214).
"all his skills as a backlands bandit" (LOWE, 2010, p.220).

"Ao endireitar de Queimadas para o sertão" (CUNHA, 1966, p.415).
"It was as they left Queimadas for the backlands" (PUTNAM, 1944, p.390).
"As they left Queimadas for the front" (LOWE, 2010, p.384).

Aqui fica mais que explícito que levar em conta as palavras em seu contexto é imprescindível, e não apenas considerar numericamente as utilizações de sertão/*backlands*/*hinterlands* e outras opções de tradução. No primeiro exemplo, a

dois passos (de distância) do sertão, para Lowe, é estar a poucos metros de um campo minado (*minefield*). Já localizado na terceira parte de *Os Sertões*, esse trecho narra os preparativos para a última investida ao arraial. Aqui, Elizabeth já dá prenúncios do destino daqueles que pisariam naquele trecho da terra para o confronto final. Seu foco é o conflito sertanejoxexército. Já no segundo exemplo, encontramos na tradução de Putnam, as correrias do sertão tornam-se "*warfare"*, o conflito aqui é do sertanejo com seu próprio meio, a luta pela sobrevivência, conhecimento que lhe é útil nessa batalha final. Esse conhecimento é traduzido por Lowe meramente como habilidades de bandido, restringindo a infinidade de correrias a que está sujeito o sertanejo. No terceiro trecho que procuramos cotejar, Lowe novamente traz para sua tradução um significante que não está presente no texto de *Os Sertões,* mas cujo significado pode ser legitimamente convocado. Esse trecho contido em "Heroísmo Estranho" relata o encontro das forças armadas com grupos de feridos, assombrados da guerra. Nesse contexto, é cabível que a tradutora tenha tentado ressaltar o caráter de guerra trazendo palavras desse campo semântico para sua tradução.

A aproximação ou afastamento em relação aos sertões com base nos pronomes utilizados, como foi problematizado por Teles no segundo capítulo, também emerge nas traduções de Lowe e Putnam:

"Aquele sertão" (CUNHA, 1966, p.111).
"This section of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.21).
"Those backlands" (LOWE, 2010, p.26).

"Aquele trato do sertão" (CUNHA, 1966, p.125).
"This particular section of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.37).
In that stretch of backland (LOWE, 2010, p. 43).

"Nos sertões abusivamente sesmados" (CUNHA, 1966, p.131).
"In our abusively parceled backlands" (PUTNAM, 1944, p.43).
"In the abusively apportioned backlands" (LOWE, 2010, p.49).

"Nos sertões do norte – é o deserto" (CUNHA, 1966, p.136).
"Our nothern backlands is – the desert" (PUTNAM, 1944, p.49).
"The backlands of the North is the desert" (LOWE, 2010, p.55).

"Os sertões do norte" (CUNHA, 1966, p.147).
"Nothern backlands" (PUTNAM, 1944, p.60).
"The backlands of the North of Brazil" (LOWE, 2010, p. 68).

"Daquela parte dos sertões" (CUNHA, 1966, p.165).
"This part of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.82).
"That part of the backlands" (LOWE, 2010, p.90).

"daquele trato dos sertões" (CUNHA, 1966, p.348)
"in this portion of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.306).
"termo suprimido por Lowe" (LOWE, 2010, p.305).

"O meio físico dos sertões" (CUNHA, 1966, p.165).
"The physical environment of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.82).
"that is the physical environment of the backlands" (LOWE, 2010, p.90).

"Aos sertões do norte" (CUNHA, 1966, p.127).
"As for our own northern backlands" (PUTNAM, 1944, p.40).
"The backlands of our North" (LOWE, 2010, p.45).

"Os sertões do norte" (CUNHA, 1966, p. 130).
"The nothern backlands" (PUTNAM, 1944, p.42).
"The backlands of our North" (LOWE, 2010, p.48).

É nítida a forma como Putnam em sua escolha de pronomes sempre traz o sertão para perto, mesmo quando não há nenhum pronome no texto de Euclides da Cunha. Lowe, por sua vez, quando utiliza esse recurso sem que ele esteja presente no texto de Euclides prefere se afastar do sertão optando por "aquele" (*that*), ou ainda especificando a distância geográfica real para o leitor como "*of the North of Brazil*", do Norte do Brasil. Apenas em uma ocorrência, ela inclui o "nosso" (*our*) não existente nem na tradução de Putnam, nem em *Os Sertões*. Na outra ocorrência do pronome nosso, Putnam vai além e utiliza "nosso próprio" (*our own*), que inexiste na obra, em uma clara tentativa de aproximar os leitores do texto mobilizando seus conhecimentos de mundo. Em um outro exemplo extraído de nosso *corpus* capturamos esses posicionamentos de aproximação ou afastamento em relação ao sertão:

"Num recanto dos sertões" (CUNHA, 1966, p.164).
"In a corner of the backlands" (PUTNAM, 1944, p.81).
"Isolated in the deep recesses of the backlands" (LOWE, 2010, p.89).

A diferença no posicionamento de algo no sertão aqui é bem diversa. Para Samuel Putnam, a opção esquina (*corner*) pareceu a mais adequada para recanto. Para Elizabeth Lowe, essa esquina é um lugar isolado no recesso do sertão. O recesso pode ser visto como um intervalo no espaço, uma reentrância, mas um outro significado possível também é um intervalo no tempo, uma recessão, um retrocesso. Nesse duplo afastamento do sertão, não presente no trecho do qual foi traduzido, Lowe ilustra a situação de descontinuidade temporal na qual vivia imerso o sertão-sertanejo. Novos significados possíveis em conformidade com o que pretendia

Euclides com sua obra são alcançados, por meio da relação das palavras umas com as outras, sempre enfocando “sertão”.

As possibilidades de mais de uma interpretação sempre devem ser tratadas com especial cuidado na escrita de Euclides da Cunha. Essa estratégia é uma de suas formas de inserir dúvidas em sua narrativa. Ele busca sobretudo introjetar desconfiança no olhar dos civilizados para o sertanejo. Vejamos como essa nuance é traduzida por Putnam e Lowe:

“Vilarejo suspeito dos sertões” (CUNHA, 1966, p.443).
“Dubious backlands villages” (PUTNAM, 1944, p.423).
“Transitory backlands villages” (LOWE, 2010, p.416).

Para o primeiro tradutor, a incerteza a respeito do sertanejo é traduzida pela palavra *dubious* que demonstra a sua hesitação e dúvida a respeito do vilarejo de Canudos, se era possível que houvesse ali um exército de combatentes. Para Lowe, essa vila era apenas mais uma dentre as tantas comunidades transitórias que se estabeleciam no sertão. Essa tradução apaga do texto o caráter suspeito do arraial de Canudos e a presença aguerrida (e duvidosa) de seus moradores. Sobre Canudos em si, é também diversa a forma como os tradutores consideram esse grupo de pessoas e seu conjunto habitacional:

“povoado dos sertões” (CUNHA, 1966, p.431).
“backlands settlement” (PUTNAM, 1944, p.408).
“backlands town” (LOWE, 2010, p.402).

Enquanto Putnam considera o arraial um assentamento, Lowe considera Canudos uma vila, ou, uma possível opção para significado de *town* é cidade. Nesse ponto, é possível considerar inadequada a opção de tradução de Elizabeth, pois a já citada oposição cidadexsertão, nesse contexto cultural, não é convocada pois funde elementos já colocados como antagônicos anteriormente. As trocas das características atribuídas, ora aos sertanejos, ora aos soldados da cidade, a estratégia da antítese de Euclides da Cunha é apagada com a dubiedade dessa palavra. Fora isso, uma cidade também não pode ser considerada como um lar para os criminosos sertanejos, como a própria tradutora menciona anteriormente. É

interessante notar que a palavra *settlement* foi uma das opções de tradução oferecida também por Lowe sobre Canudos e elogiada por Schmitz pois "*a good choice for Canudos was indeed that, a place where families lived and hoped for a better life; they had no choice but to defend themselves from the invading army*" [84](SCHMITZ, 2015, p129).

Sobre as características de Canudos e sua disposição na paisagem é possível notar também uma diferença para ambos os tradutores em relação à adjetivação de Euclides:

"vilarejo aberto do sertão" (CUNHA, 1966, p.371).
"village in the open country" (PUTNAM, 1944,p.334).
"village on the open plains" (LOWE, 2010, p.332).

Euclides da Cunha descreve Canudos como um vilarejo aberto, ou seja, não cercado, destacando sua construção não projetada para defesa. No entanto, para seus tradutores o que está aberto não é o vilarejo em si, mas o local onde ele está posicionado. Lowe o posiciona em planícies abertas. Porém, devemos lembrar que existiam morros nessa formação geográfica, o que torna incongruente a caracterização dessa geografia como uma planície. Por outro lado país aberto, como posto por Samuel Putnam, pode levar a uma interpretação também errônea acerca do próprio país em uma outra esfera, que encontrava-se na verdade "fechado", demarcado pelo seu limite de mundo para compreender a situação dos sertões e dos sertanejos. Sobre as características geográficas do sertão, os tradutores apresentam diferentes opções que não transpõem criativamente a intenção de Euclides no seguinte trecho:

"barrocais do sertão" (CUNHA, 1966, p.357).
"backlands in their stride" (PUTNAM, 1944,p.317).
"brambly soil of the sertão" (LOWE, 2010, p.315).

Nesse capítulo que trata da adaptação dos combatentes do exército às condições dos sertões, o foco da atenção muda de um tradutor para o outro. Aqui os barrocais

[84] uma boa escolha para Canudos era de fato aquela, um lugar onde as famílias viviam e esperavam uma vida melhor; eles não tiveram escolha senão se defender do exército invasor

ou barrancos, beiradas do sertão, transformam-se no passos desses combatentes que pela primeira vez reconhecem o terreno antes de marchar sobre ele para Putnam. Para Lowe, o foco é a vegetação espinhosa e belicosa que é elemento da natureza que dificulta os passos desses soldados. Ainda sobre a geografia dos sertões, a comparação entre outros dois trechos é bastante elucidativa para compreender as díspares visões desses tradutores acerca de suas opções de tradução oferecidas:

"sertão impérvio" (CUNHA, 1966, p.150).
"impervious backlands" (PUTNAM, 1944, p.63).
"formidable backlands" (LOWE, 2010, p.71)

"sertões estéreis" (CUNHA, 1966, p. 260).
"sterile backlands" (PUTNAM, 1944, p.198).
"sterile landscape" (LOWE, 2010, p. 207).

A forma como ambos olham para o sertão, é aqui por fim, explícita: Para Putnam, o sertão é impenetrável, para Lowe formidável. Seu maravilhamento perante o sertão é também consequência direta de sua forma de encará-lo como um lugar místico, e por fim como *landscape*: uma paisagem, um panorama, uma perspectiva, uma visão. Com esse significante, finalmente Elizabeth alcança alguns dos sentidos apontados anteriormente como contexto, circunstância e ponto de vista, evocados legitimamente no que tange a obra de Euclides da Cunha.

Uma última consideração pode ser feita ainda sobre como os contextos do tradutores podem afetar na escolha das palavras utilizadas. O cotejo a seguir apresenta as duas possibilidades de tradução de uma das adjetivações mais emblemáticas de Euclides ao caracterizar os sertanejos em sua obra:

"rudes patrícios dos sertões do norte" (CUNHA, 1966, p.168).
"rude fellow-countrymen of the north" (PUTNAM, 1944, p.87).
"rough compatriots from the North" (LOWE, 2010, p.93).

Esses sentidos patrióticos que buscam introjetar na narrativa ambos tradutores não está presente no trecho que foi traduzido. O sentido de "patrício" que encontra seu equivalente em língua inglesa não distante da palavra em português, "*patrician*", é

preterido por Lowe e Putnam em suas opções de tradução. A característica de rude nobreza do sertanejos, aproximação de elementos contrários fundamental na escrita de Euclides, é apagada em ambas as traduções que entronizam um sentimento de patriotismo que não existia naquele contexto linguístico ou contexto cultural, especialmente se explicitamos que esse trecho encontra-se em “Uma raça forte”.
Nessa descrição do sertanejo, indica-se a sua índole retrógrada, mas não degenerada, autômata e original, transfiguradora de seus atributos herdados, sólida básica física do desenvolvimento moral ulterior, e, antes de, tudo um forte. Está nesse capítulo exposto o cerne da nacionalidade brasileira por Euclides que se queria um intelectual a frente de seu tempo, formulando novos parâmetros para pensar a nacionalidade do país.

A tentativa de forjar uma nacionalidade unificadora e coesa, único caso da história de uma nacionalidade feita por uma teoria política, de acordo com o próprio autor, é um dos alvos da sua crítica. O outro trecho da obra *Os Sertões* no qual a mesma expressão aparece é em “Porque não pregar contra a República?” que descreve o rude patrício como “inapto para apreender a forma republicana como a monárquica-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas” (CUNHA, 1966, p.230-231). O sentimento de nação evocado seja por uma forma política seja pela outra não atingem os sertanejos que eram “mais estrangeiros nessa terra do que os imigrantes da Europa” (CUNHA, 1966, p.231), ainda nesse mesmo capítulo. Apenas seguindo a trilha deixada por Euclides, perdendo de vista todos os críticos, é possível perfazer a sua travessia e entender a construção de sua ponte que busca ligar “os dois Brasis”. Seus tradutores, embebidos da necessidade de utilizar a lição de *Os Sertões* para pregar a unidade nacional em seu próprio país não conseguem evitar utilizar expressões como *fellow-countrymen* e *compatriots*, convocando um sentimento que une aqueles que estão sob o signo de uma mesma pátria, sentimento que na realidade inexistia no contexto de Canudos. Essa falta de empatia com a condição do sertanejo e a incapacidade para lidar com a sua experiência autêntica e singular, fora do círculo das elites, permite que seja cometida uma das maiores injustiças na história de nossa nação com apoio internacional.

Desse fato, origina-se a amarga denúncia de Euclides da Cunha com sua obra *Os Sertões*. A sua lição, esse remorso, essa ferida não cicatrizada que vibra com uma intensidade dolorosa ainda hoje "ressurge a todo momento também no sentido de que representa, em sua versão mais sangrenta, o estranhamento dos brasileiros urbanos e privilegiados com relação aos compatriotas pobres (TOLEDO, 2002, p.120). Essa percepção a respeito dos dois diferentes povos que habitavam o país, e uma ampliação dos limites de mundo daqueles que olhavam para os sertões com desconfiança, construindo uma ponte entre esses dois povos que estavam "em um nível de ignorância mútua" dentro do mesmo país é a missão da qual se incumbiu Euclides da Cunha, com sua mirada diferenciada para ver o outro, bastião da visão de mundo da geração de sua época.

> A elevação instantânea de Os Sertões ao status de clássico nacional desencadeou uma reação bastante significativa: muitos leitores acabavam comentando e repetindo o tema dos "dois Brasis" de Euclides, porém sem compreender a insatisfação deste quanto a esta divisão mecânica entre um litoral urbanizado e um sertão primitivo. (LEVINE, 1995, p.50)

Tradução: A ponte necessária

> *Da Cunha's epic produced a firestorm immediately upon its publication in 1902, inciting public debate and a crisis of conscience regarding the "two Brazils" and the neglect of Brazil's remote regions and its impoverished populations by the coastal elites—a discussion that continues dominant to this day about*[85] (LOWE, 2016, p.8-9).

Apenas três anos atrás, Elizabeth Lowe, uma das tradutoras da obra euclidiana *Os Sertões*, de suma importância para a nossa pesquisa aqui empreendida, em *The Brazilian Backlands: Journey through an Imagined Geography* (2016) explicita a comoção causada pela obra na cultura brasileira e como essa obra suscita uma discussão sobre o que ela chama de "crise de consciência" a respeito da existência de "dois Brasis". Em sua visão, um Brasil é composto pelas populações mais pobres das regiões remotas e negligenciadas pelo outro Brasil, a elite localizada na costa. Para o historiador Robert Levine, "quando foi publicado, Os Sertões inflamou a nação ao destruir o confortável mito que a elite nutria a respeito da realidade brasileira" (LEVINE, p.25 , 1995). A desconstrução desse mito implode a ideia de pureza na formação da cultura brasileira e apresenta-se como o choque do Brasil oficial e mais claro com o Brasil real e mais escuro, nos termos de Suassuna. Elizabeth Lowe destaca com seu comentário o lado econômico da questão: o empobrecimento das populações causado pela elites. Essas elites, preocupadas com lucros e status, exploram aquela parcela da população que se bateu e ainda se bate, segundo Romero, e sustenta as engrenagens do país.

Mais que isso, em uma discussão que revolve e ata diferentes processos e momentos históricos brasileiros de grande relevância, podemos observar então que a violência no emprego do termo "sertão", que outrora já havia sido apropriado e usado para apagar as diferenças entre o interior de duas regiões e povos completamente diferentes, aqui é apresentado como um divisor da população de um mesmo país em duas diversas populações. A primeira apropriação e aplicação da

[85] "O épico de Cunha produziu uma tempestade de fogo imediatamente após sua publicação em 1902, incitando o debate público e uma crise de consciência sobre os "dois Brasis" e a negligência das regiões remotas do Brasil e suas populações empobrecidas pelas elites costeiras - uma discussão que continua dominante até hoje."(tradução nossa)

palavra sertão já havia sido projetada internacionalmente, conforme explicitamente declarado por Elizabeth Lowe:

> *The word sertão was originally a sixteenth-century Lusitanian term for any unknown land, and in time it came to refer to any part of the interior west of the coast. Scholars who have written extensively about the forbidding interior of the region have noted how it has inspired an "imagined geography" not only in Brazil but in Europe as well. In part, the stimulus to imaginary versions of the backlands was due to the fact that the region was unexplored, a process that took several centuries. The early Portuguese explorers reported marvelous things, spinning fantastic tales about the land and its indigenous population and promising great riches for the sponsors of their expeditions*[86] *(LOWE, 2016, p.9).*

Isso mostra que na construção da história e dos saberes, segundo a visão europeia, as línguas e as culturas dos países colonizados foram colocadas em diferentes status/patamares de poder em relação às línguas e culturas dos desbravadores das novas terras. Como produtores de conhecimento acerca desses povos e culturas, se ainda de acordo com esses viajantes, essas terras eram habitadas por estranhos prodígios, fruto de sua geografia imaginada, esses desbravadores conquistam, dominam, nomeiam e classificam o outro. Nesse primeiro momento, em um gesto de nomeação vertical, que horizontaliza e apaga diferenças, a violência na apropriação do termo consiste em não distinguir os diversos povos do Brasil, da Angola e de Moçambique. Em um segundo momento, o sertão funciona como um critério para separar a população dentro de um mesmo país, como procuramos discutir ao longo de nossa pesquisa.

O que o autor de *Os Sertões* busca é justamente em um movimento inverso, reapropriar-se da palavra, elevando-a a outras categorias (imaginárias), como espaço, tempo, enredo e personagem de sua obra prima para a sua ressignificação no âmbito da cultura brasileira. Nesse sentido, o trabalho de Euclides da Cunha

---

[86] "A palavra sertão era originalmente um termo lusitano do século XVI para qualquer terra desconhecida e, com o tempo, passou a se referir a qualquer parte do interior a oeste da costa. Acadêmicos que escreveram extensivamente sobre o interior ameaçador da região notaram como ele inspirou uma "geografia imaginária" não apenas no Brasil, mas também na Europa. Em parte, o estímulo às versões imaginárias do sertão deveu-se ao fato de a região ser inexplorada, um processo que levou vários séculos. Os primeiros exploradores portugueses relataram coisas maravilhosas, tecendo contos fantásticos sobre a terra e sua população indígena e prometendo grandes riquezas para os patrocinadores de suas expedições." (tradução nossa)

pode ser visto como uma ponte entre esses dois diferentes países dentro de um mesmo país. Embora necessária, devemos ter atenção para o fato de que

> *the bridge is a long-standing cliche of intercultural communication - the symbol of union across differences. Humanism has turned the symbol into a mission: to create access between cultures is to promote mutual understanding. But contact does not always mean harmony. War is a form of contact and bridges allow the passage of soldiers. (…) This paradox invites us to explore the many different functions of the bridge*[87] *(SIMON, 2006, p.162).*

Esse tipo de comunicação intercultural descrita e problematizada por Sherry Simon em *Translating Montreal* (2006) utilizando a metáfora da ponte como símbolo de união através das diferenças, nos leva à reflexão de que muitas diferenças foram justamente apagadas da cultura brasileira especialmente no que diz respeito ao sertão. A própria palavra, revestida de várias camadas de sentido, se admitida a possibilidade de sua origem na África, aprendida pelo colonizador português e por ele utilizada indistintamente para se referir a terras ignotas tanto no continente africano quanto americano, já havia sido apropriada e utilizada de modo a apagar as diferenças entre as terras do interior de duas regiões e povos completamente diversos. Posteriormente, o sertão também funcionou como pretexto para separar o Brasil em dois Brasis, em uma atribuição de significados que o coloca como avesso ao progresso da nação pretendido por um desses Brasis.

Dessa forma, mesmo promovendo uma aproximação Brasil-África, na primeira interligação descrita entre duas culturas, estabelece-se uma ponte que não prima pela compreensão mútua dos povos. A relevância cultural desse tipo de ponte deve ser observada. Se essa ponte estabelecida não fomenta a harmonia e busca permitir a passagem dos soldados, ou seja, da violência, como menciona Simon, a mútua compreensão torna-se uma missão impossível. É preciso compreender *Os Sertões* como uma obra que "nasce da exigência de uma reflexão rigorosa sobre a condição humana" (CARVALHO, 2014, p.134). Atentando especificamente para o fato de que inicialmente a palavra "sertão" foi utilizada para construir a interligação entre um

[87] "a ponte é um clichê de longa data da comunicação intercultural - o símbolo da união entre as diferenças. O humanismo transformou o símbolo em uma missão: criar acesso entre culturas é promover a compreensão mútua. Mas o contato nem sempre significa harmonia. A guerra é uma forma de contato e as pontes permitem a passagem de soldados. (…) Esse paradoxo nos convida a explorar as diversas funções da ponte" (tradução nossa)

território imaginado e uma violenta realidade, exploramos novas funções da metáfora da ponte, seja tanto como tarefa da tradução, como tarefa de comunicação intercultural. Temos na obra euclidiana uma nova estruturação da ponte que liga a costa ao interior dos sertões do Brasil: a primeira, construída pelos primeiros viajantes, buscou agregar todas as diferenças sob o signo do sertão para apagá-las, ponte que permaneceu apoiada nessas mesmas estruturas de base da sua fundação nos períodos subsequentes à colonização, perdurando durante o processo de Independência, de libertação dos escravos e da República. Já a ponte que Cunha busca estabelecer com seu livro, é, de fato, encarada por ele como uma missão: busca conectar os dois Brasis, disseminar a cultura do sertão e inscrever na história o trágico e triste fim da comunidade de Canudos.

> Logo, não é difícil argumentar que Euclides assume um papel de tradutor quando se propõe a levar o sertão ao centro intelectual e "civilizado" do Brasil. A ideia de tradução se faz, assim, presente em *Os sertões*, na obra-mestra de Euclides (ARAÚJO e BEATO, 2015, p.302).

Ser-tão: A questão da tradução dos sertões em Euclides da Cunha assim se intitula, pois a própria ideia de tradução pode ser convocada no ínterim da obra *Os Sertões*. Para o escritor, o sentido da linguagem era o sentido da vida, conscientização da realidade. No ponto de encontro entre duas civilizações alheias uma a outra,

> a idéia da tradução é uma presença na vida e na obra de Euclides. O próprio autor é um viajante entre dois mundos, é mediador, explicador, intérprete, '*Übersetzer*' e '*Übersétzer*', barqueiro entre duas margens e também trasladador de mensagens entre duas linguagens e culturas. Tem valor simbólico a atividade simultânea desse engenheiro letrado como construtor de uma ponte atravessando o Rio Pardo, no interior paulista, e como autor de Os Sertões, livro destinado a atravessar o abismo de ignorância e incompreensão entre a população sertaneja e os intelectuais do litoral. É com boas razões que se usa a metáfora da ponte para caracterizar a atividade tradutória, ponte que, ainda que à primeira vista de mão única, funciona nos dois sentidos, visto que, como já dissemos, a tradução também lança luz sobre o original (ZILLY, 2000, p.97).

Consoante ao que foi explicitado em nossa introdução, a construção de uma ponte entre os dois Brasis, consequentes da fragmentação geográfica e identitária na nacionalidade brasileira que tanto incomodou Euclides da Cunha, não pode ser ignorada na reflexão e na experiência de ser-obra e ser-língua. Como o maior desafio tradutório a ser superado, essa ponte necessária deve ser reconstruída

pelos seus tradutores. Do litoral ao sertão, do civilizado ao sertanejo, a ponte construída pelo autor possui mútiplas funções. Euclides, a partir de sua mirada preparada para ver o outro, efetua um olhar diferenciado das cidades para o sertão. Por meio desse olhar, ele elabora a base sólida da construção de sua ponte, através da qual procura interferir no conjunto de tradições e projetos intelectuais, culturais, sociais e políticos brasileiros. Essa tomada de consciência social e política acerca dos problemas brasileiros coloca em destaque a dimensão do papel participante dos escritores e intelectuais em seus sistemas culturais e literários. Era mais do que necessário ampliar os olhares da intelectualidade que miravam sempre para os mesmo focos bem como alagar os limites de mundo (e linguagem) daqueles procuravam soluções para as problemáticas de nosso país. Euclides da Cunha, investido da tarefa de regeneração nacional, concretiza uma crítica endereçada a todas a nações civilizadas pois "talvez a aspiração ao reconhecimento além dos limites linguísticos e culturais seja uma das marcas da literatura latino-americana" (ZILLY, 2000, p.90). De suma importância em seu contexto, em meio a intelectuais que acreditavam que deveriam "civilizar-se" para merecer a independência de suas produções artísticas e científicas, a escritura de *Os Sertões* é certamente um divisor de águas na cultura e literatura brasileiras, por ser considerado um paradigma e não apenas um objeto proveniente de uma produção cultural periférica, especialmente no que tange àa questão da mestiçagem. Como recurso em sua obra, Cunha realiza uma (re)leitura da história do Brasil a partir do episódio de Canudos redistribuindo as temporalidades nacionais em uma lógica que se afasta do "progresso" das nações para alcançar o estágio "civilizado". Se Euclides atua como observador cético do homem civilizado, para tanto ele se distancia das conotações biologizantes que embasam a noção de "civilização" para aproximar-se das teorias sociológicas, que primam pelos critérios simbólicos e não raciais da ideia de civilização.

É por meio de "sertão", de significado tanto concreto quanto simbólico no seu livro, seu maior referente semântico e signo estético nos seus escritos, que o tradutor de sua obra deve guiar-se e perder de vista todos os críticos que tentaram perfazer o trajeto de Os Sertões:

> Um ser tão sem/um ser tão sem ser (...) um ser tão adverbial, tão no alto da sua vida de miséria e de esperança que teve em Euclides da Cunha o seu

> primeiro defensor público, a reclamar direta e indiretamente o sentido de cidadania que lhes era devido (TELES, 2002, p.297).

Esse tão, advérbio indicador de intensidade, é tão adequado ao ser sertanejo descrito na obra de Euclides. Em um intensificado afastamento do Brasil litorâneo, a princípio geográfico, mas, com o passar do tempo, foi adquirindo conotações de distanciamento ideológico, colocado como oposto à modernidade, à civilização, sinônimo de rebeldia, de fanatismo e de excesso de mestiçagem, tão longe de todas os ideais aspirados pela nova república. A sua luta ser-tão intensa, um conflito com múltiplos inimigos e diferentes frentes de ataque, é justamente o que faz o sertanejo ser-tão forte, antes de tudo. Mesmo antes da chegada das expedições do exército para o arrasamento de Canudos, apoiadas pelas elites bahianas, pelo governo republicano, pela imprensa nacional e internacional e pela opinião pública na época, os sertanejos já lutavam pela sua sobrevivência. E não apenas naquele trecho remoto dos sertões.

> Tem-se, portanto, o "sertão de Canudos" – o sertão da Bahia -, o mais bem descrito no livro; e os "sertões" que estão além, na vasta região que abrange o fundo de todos os estados do Nordeste. E, relacionados com esses "sertões" o de Minas Gerais, de Goiás e Tocantins, do Mato Grosso e do Paraná, pelo menos. Estes são os sertões geográficos e horizontais que se juntam no grande espaço brasileiro, com todos os problemas humanos e sociais, como o dos latifúndios em face do Movimento do Sem-Terra, como o da anemia e da fome, da saúde e da falta de escola e lazer, verdadeiro purgatório do homem brasileiro (TELES, 2002, p.297).

O estado, responsável por salvaguardar seus cidadãos, na verdade, tomava as decisões guiado pelos fins de perpetuar a posição daqueles que estavam no poder a qualquer custo, como já foi descrito. A reflexão sobre a condição humana, já apontada por Carvalho como motivadora da obra de Euclides, mira sobretudo a falta dessas condições. Essa tão grande falha do projeto civilizador e modernizador condena o povo sertanejo a padecer no purgatório, como um ser-tão cheio de esperanças que nunca são correspondidas, pois a sua situação permanece a mesma desde a época da colonização, deixados na penumbra secular. O sertão como palavra que aponta para um local distante daquele que fala a seu respeito foi se perpetuando, desde a carta de Caminha, agregando novos significados em seu percurso, significados esses produzidos sempre a partir daqueles que no sertão não

se encontravam. Sua ampliação de significados, associada às condições climáticas e às explorações do interior do Brasil, ainda guarda em si os significados atribuídos anteriormente. A partir da obra de Euclides, significados como contexto, circunstância, resistência à "civilização" e o mau uso de seu conceito empregado pelas elites para seus próprios interesses passam a ser possíveis.

A busca pela tradução da obra, por sua vez, é busca por traduzir como a questão dos sertões-sertanejos, um emaranhado só, se manifesta em Euclides. Além de como se manifesta em Cunha e como afeta a sua escrita, é possível perceber que sertão-sertões também faz com que os outros significantes e significados ao seu redor sejam afetados em sua tradução para outras línguas. Por esse motivo, a tradução dos sertões em, e não de Euclides, promove uma relação especial entre sertões e Euclides da Cunha: um está introjetado no outro.

Os ecos de sua trajetória na construção da mútua compreensão entre esses dois Brasis, resultantes de sua profunda reflexão sobre a condição humana, como descreve Carvalho em *Os sertões: Uma leitura lacunar* (2014), ainda hoje ressoam. Um exemplo prático da sempre atualizada missão de promover o entedimento sobre o Brasil dos sertões (discussão relevante até hoje também segundo Lowe) é o fato do escritor ser o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) deste ano de 2019[88].

Diversas da ponte de Cunha, novas pontes entre culturas são estabelecidas pelos tradutores da sua obra, introjetando-a no sistema literário e cultural de língua inglesa,

> *Since translation is the most obviously potentially the most recognizable type of rewriting, and since is he potentially the most influential because it is able to project the image of an author and/or a (series of) work(s) beyond the boundaries of their culture of origin* [89] (LEFEVERE, 1990, p.9).

[88] https://www.flip.org.br

[89] "como a tradução é o tipo de reescrita mais obviamente potencialmente mais reconhecível, e uma vez que é potencialmente a mais influente porque é capaz de projetar a imagem de um autor e / ou uma (série de) obra (s) além dos limites de sua cultura de origem" (tradução nossa).

A tradução, dessa forma, torna-se mediadora entre dois diversos sistemas culturais e literários.Tanto Samuel Putnam e Elizabeth Lowe, quanto Euclides da Cunha ocupam papéis de suma importância dentro de seus próprios sistemas culturais. Essa troca cultural e literária efetuada por meio da tradução de *Os Sertões*, projeta o autor Euclides da Cunha dentro de outro sistema literário. Esse processo é importante pois insere a obra estudada no panorama da literatura mundial conectando uma das mais importantes obra de arte da liguagem da nossa língua com um público de não falantes da língua portuguesa. Qual é o assunto de interesse que pode ter provocado as traduções dos sertões? De acordo com Lowe,

> *the book covers a wide range of topics in the areas of history, geography, literature, sociology, music, art, and reflects recurring themes and preoccupations that are common to the region and, by extension, to the nation: the northeast cycles of endemic drought and economic crisis, agrarian reform, poverty, migration, race gender relations, and power struggles between rich and poor and the challenge of social inclusion*[90] *(LOWE, 2016, p.10).*

A questão não é classificar uma tradução como melhor que a outra e sim se é possível para seus tradutores transpor criativamente a forma como essas temáticas ressoam em Euclides da Cunha. Trata-se de investigar acerca "da similitude de forma e de significado que as idiossincrasias dos dois idiomas franqueados pela ponte tradutória permita" (PAES, 1990, p.93). Se como apontou Zilly, corroborado por Putnam e Lowe, a sintaxe e a linguagem de Euclides apresentam-se como auxílios para seus tradutores, associamos essas características à similitude da forma. A similitude do significado, por sua vez, só pode ser atingida a partir da compreensão da missão do escritor. Por isso, como uma experiência que se abre na reflexão,

> o encontro de uma obra com outra cultura e língua revela aspectos e camadas de significados que geralmente não entraram na estrutura propositalmente elaborada do texto, mas que objetivamente nele existem. É com razão que se distingue a intenção do autor da intenção do texto, pois, por mais consciente e cerebral que seja o ato da escrita, nele entram intuições inconscientes, só parcialmente subjetivas, em grande parte

[90] "o livro abrange uma ampla gama de tópicos nas áreas de história, geografia, literatura, sociologia, música, arte e reflete temas recorrentes e preocupações que são comuns à região e, por extensão, à nação: os ciclos nordestinos de seca endêmica e crise econômica, reforma agrária, pobreza, migração, relações raciais de gênero e lutas de poder entre ricos e pobres e o desafio da inclusão social" (tradução nossa)

> coletivas, social e historicamente condicionadas, e uma vez pronta a obra, ela ganha dinâmica própria, intersubjetiva, por vezes surpreendente. Além disso, no decorrer da história da recepção, com o mundo circundante e os leitores em transformação, vai mudando também a intenção de um texto. (ZILLY, 2000, p.89)

O encontro da obra *Os Sertões* com a língua inglesa e a cultura do Estados Unidos por meio das traduções de Putnam e Lowe repousam novas camadas de sentido no texto que o reveste de novos significados culturalmente relevante para seus próprios contextos. A inteção coletiva, social e histórica de cada um desses textos, em uma dinâmica própria, fazem de cada tradutor um olhar diferenciado para seus momentos históricos, a partir de suas posições em seus sistemas culturais e literários. Esses olhares, capazes de ver o passado em suas diferenças em relação ao presente, mas tão cheias de vida que tornam a lição de Euclides tão presentes como o próprio presente são o foco de nosso trabalho porque

> quando fica manifesto que um autor e um livro têm algo a dizer a um público fora do âmbito da língua de partida e da época em que foi escrito, torna-se imprescindível a figura do tradutor. Este, como leitor e crítico de outro âmbito cultural, também procura aqueles traços em que o original por mais enraigado que seja na sua língua, cultura, região, nação e época, transcenda essas divisas, revelando aspectos exemplares, universais e modernos, compreensíveis, apreciáveis e enriquecedores para integrantes de outras culturas (ZILLY, 2000, p.90).

Ao longa da pesquisa empreendida por nossa tese, procuramos demonstrar os desafios para traduzir a obra de Euclides da Cunha. Essas desafios vão muito além da linguagem científica e literária ou do entrelaçamento entre a história e a literatura (e muitos outros) empregados para a sua construção. O desafio maior que se apresenta provêm da importância cultural atribuída ao sertão. Como pudemos constatar, acompanhando a sua trajetória na literatura brasileira desde a carta de Pero Vaz de Caminha, a palavra sertão foi adquirindo diferentes significados, que explicitam a própria construção da história do Brasil. Compreender que essas atribuições de significados evidenciam mudanças de caráter histórico, geográfico, social e cultural que atendem a interesses diversos, determinados pelos seus contextos e por aqueles que detêm o poder em cada época é essencial. Traduzir os sertões e a questão social envolvida neles são de fundamental importância na representação e difusão do Brasil em outras línguas e culturas. A necessidade de

traduzir a problemática social disseminada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* transborda para além do significante e sertão e seus significados podem ser percebidos a partir de seus significantes mais próximos, tanto na tradução de Putnam quanto na tradução de Lowe.

> Se qualquer obra de qualidade estética e de veracidade social ou psicológica, enfocando e interpretando estruturas profundas da condição humana, tem uma orientação para públicos estrangeiros, em certos casos esse "excedente" de significados com respeito à língua e cultura de partida é premeditado (ZILLY, 2000, p.89).

É justamente acerca das estruturas profundas da condição humana que o texto euclidiano articula sua lição e sua denúncia. Em seus ensinamentos sobre língua, cultura, identidade e nação fomenta a alteridade, já que essas ideias não constituem-se isoladamente, estão em contato a todo momentos. Nesse inevitável contato, o desafio que permance é a criação de modelos de convivência e responsabilidade social para com o outro.

O que Euclides da Cunha buscava era sistematizar as dúvidas, como ele mesmo aponta. Nossa própria pesquisa também não pode deixar de concluir com uma dúvida e um questionamento suscitado pela obra *Os Sertões*, suas inquietações, seus posicionamentos: sua amarga denúncia, lição que ainda vibra dolorosamente, ferida que não cicatrizada que emerge mais uma vez:

> Quanto, ainda agora, o Brasil ignora o Brasil? Euclides diz, com igual proveito e prazer, essa situação da sociedade que se desconhece, assombrada pelo outro nela mesmo. Problema permanente das culturas, desafio interculturalista: como num nevoeiro, o outro está sempre ali, próximo e desconhecido. (HOLANDA, 2002, p.344)

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Modesto de. **Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha**. Estilística d' "Os Sertões. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.

ABREU, Regina. **Arqueologia de um livro-monumento: Os Sertões sob o ponto de vista da memória social**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

AQUINO, Ivânia Campigotto. **Encontros da literatura e da história na tecitura narrativa da Guerra de Canudos**. In: Euclides da Cunha: literatura e história/ organizado por Gínia Maria Gomes. – Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ARAÚJO, Arturo Gouveia de. **O homem de 20 de janeiro**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

ARAÚJO, Aryadne Bezerra de e BEATO, Zelina Márcia Pereira. **O signo em transformação na tradução de Os Sertões**. Revista (Con) Textos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. –v. 9, n. 12(2015). Vitória: PPGEL-UFES, p.294-309, 2015.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: A teoria na prática**. ed Ática, São Paulo, 1986.

_____ . **Oficina de tradução**. Ed Ática, São Paulo, 1999.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciencia da linguagem. 10. ed. - São Paulo: Annablume: Hucitec, 2002.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Rio de Janeiro, RJ, 7Letras, 2007.

BÔAS, G.V. **Iluministas e romântico: o tempo passado em Os sertões de Euclides da Cunha**. História, Ciências, saúde. Manguinhos, vol. V, 149-161 julho, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.

BRAIT, Beth. **O Sertão e os Sertões**./João Roberto Faria [et al.]; Beth Brait (org.).— São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

CAMARA Jr., J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz. **A carta**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, 1968. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CAMPOS, Geir. **Como fazer tradução**. Vozes. Petropólis, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva. 1972

CAMPOS, Haroldo de. **Da transgermanização de euclides: Uma abordagem preliminar**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem:** ensaios de teoria e crítica literária. 3. ed. - São Paulo: Cultrix, 1976.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989

CARVALHO, Raimundo. **Os sertões: uma leitura lacunar**. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 133-145, jul. 2014. Disponível em:<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5909/5127>. Acesso em: 27 ago. 2019. doi:http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.23.1.133-145.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: Origens e Unidade**. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

CHAMBERLAIN, Lori. **Gênero e a metafórica da tradução**. In: OTTONI, Paulo.Tradução: A prática da diferença. 2 ed revisada.Campinas, São Paulo. Editora Unicamp, 2005.

CUNHA, Euclides da. ***Backlands***: **The Canudos Campaign**. Título original: Os Sertões. Tradução de Elizabeth Lowe. Nova York: Penguin Books, 2010.

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Edição organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Obra Completa em dois volumes**. Rio de Janeiro: Companhia José de Aguilar editora, 1966.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: campanha de Canudos**. Prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

CUNHA, Euclides da. ***Rebellion in the backlands***. Título original: Os Sertões. Tradução de Samuel Putnam. Chicago: The University of Chicago Press, 1944.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Euclides e Os Sertões: entre a literatura e a história**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

DECCA, Edgar Salvadori; GNERRE, Maria Lucia Abaurre. **Prefigurações literárias da barbárie nacional em Euclides da Cunha, Machado de Assis e Lima Barreto**. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos. São Paulo: UNESP, 2002.

DELILLE, Karl Heinz, HOSTER Maria Antônio, CASTENDO Maria Esmeralda, DELILLE Maria Manuela Gouveia, CORREIA, Renato. **Problemas da tradução literária**. Livraria Almedina. Coimbra.1986.

DEPAULA, Lillian. **A invenção do original via tradução, pseudotradução e autotradução**. Vitória: EDUFES, 2011.

DERRIDA, Jacques.**Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques e OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta** : Double Bind e Acontecimento, seguido de Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp. São Paulo, SP: EDUSP, 2005.

DRUMOND, Josina Nunes. **O hibridismo em Grande Sertão**: Veredas. In: CARVALHO, Raimundo; SALGUEIRO, Wilberth; SOUZA, Marcelo Paiva de. Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução. Vitória: PPGL/MEL; Flor&cultura, 2006.

FACIOLI, Valentim. **Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio)**. In: O Sertão e os Sertões./João Roberto Faria [et al.]; Beth Brait (org.).—São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

FARIA, João Roberto. **Os sertões: um livro vingador**. In: O Sertão e os Sertões./João Roberto Faria [et al.]; Beth Brait (org.).—São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

FIALHO, Nadia Hage. **Prefácio Revista Canudos**/ Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclydes da Cunha.v.1n.1 (jul\dez.1996) Salvador: UNEB.1996. 2 edição revisada, 1997.

FREITAS , Leopoldo de. **Diário popular, 16 de dezembro de 1902**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha**.-- São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUTIÉRREZ, Ângela Maria Rossas Mota. **Notícia sobre Cem anos de ficção canudiana**. In: Revista Canudos/ Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclydes da Cunha.v.1n.1 (jul\dez.1996) Salvador: UNEB.1996. 2 edição revisada, 1997.

HOLANDA, Lourival. **Canudos – O marco amargo da memória**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

JOHNSON, Barbara. **A fidelidade considerada filosoficamente**. In: OTTONI, Paulo. Tradução: A prática da diferença. 2 ed revisada.Campinas, São Paulo. Editora Unicamp, 2005.

JÚNIOR, Tristão Alencar Araripe. **Jornal do Comércio, fevereiro a março 1903**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

KOTHE, Flávio R. **Declives da Cunha**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LEFEVERE, André. ***Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame***. London/New York: Routledge, 1992.

LEMOS, Maria Alzira Brum. **Os sertões: modernidade e atualidade**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

LIMA, Luciano Rodrigues. **Canudos: o tema literário**. In: Revista Canudos/ Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclydes da Cunha.v.1n.1 (jul\dez.1996) Salvador: UNEB.1996. 2 edição revisada, 1997.

LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos:** (dispersa demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LIMA, Nísia Trindade. **A sociologia desconcertante de Os Sertões**. In: Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos/ organizador José Leonardo do Nascimento. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEVINE, Robert M. **O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos no Nordeste Brasileiro**. tradução Monica Dantas. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística : uma introdução**. Título do original: Language and Linguistics.Tradução: Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza.LTC – Livros Técnicos e científicos Editora S.A.. Rio de Janeiro. 1987.

LOWE, Elizabeth. 2016. ***The Brazilian Backlands: Journey through an Imagined Geography***. *Review: Literature and Arts of the Americas*, 49:1-2, 8-14, DOI: 10.1080/08905762.2016.1257018.https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08905762.2016.1257018

MILTON, John. **A tradução de Samuel Putnam de Os Sertões- Rebellion in the Backlands, de Euclides da Cunha**. Pandaemonium Germanicum.n.1, p.181-185, 1997.

MOURA, Clóvis. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Coleção Vera Cruz Literatura Brasileira. volume 76. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964.

NASCIMENTO, José Leonardo do. **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NETO, Henrique Maximiliano Coelho Neto. **O Estado de São Paulo, 1 e 2 de janeiro de 1903**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

NOVAES, José de Campos Novaes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 31 de janeiro de 1903**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo: Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

OLIVEIRA, Franklin de. **A fantasia exata: Ensaios de Literatura e Música**. Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 1959.

OLIVEIRA, José Osório de. **História breve da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1939.

PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

PENHA, José da. **Gazeta de Notícias, 18 de dezembro 1902**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

PINHEIRO, José Amálio. **Euclides: A crônica da passagem**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

PINTO, Pedro A. **Os sertões de Euclides da Cunha: Vocabulário e notas lexicológicas**. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor 166, 1930.

ROMERO, Sílvio Romero. **Discurso pronunciado aos 18 de dez de 1906, por ocasião da recepção do dr. Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores** – 6. ed. Nova fronteira, INL, Rio de Janeiro, 1987.

ROSA, João Guimarães; MEYER-CLASON, Curt. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason**. Edição, org. e notas: Maria Apparecida Faria Marcondes Bussolotti. Tradução Erlon José Paschoal – Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte. MG: Ed. A UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Perspectiva, São Paulo, 1978.

SANTOS, J. Medeiros e Albuquerque. **A Notícia, 12 de dezembro de 1902**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

SCHMITZ, John Robert. **Tradução e retradução de Os Sertões de Euclides da Cunha: Análise de duas traduções em Inglês**. Tradterm, v. 26, p. 121-146, 29 dez. 2015.

SCHMITZ, J. R. **A tradução de Os sertões de Euclides da Cunha por Samuel Putnam**. Rebellion in the Backlands: better than the original? Todas as Letras (São Paulo), n. 7, p. 90-95, 2005.

SERTÃO. Dicionário online Michaelis, 15 mai. 2019. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/sertão/>. Acesso em 15 mai. 2019.

SERTÃO. Dicionário online Dicio, 15 mai. 2019. Disponível em <https://www.dicio.com.br/sertao/>. Acesso em 15 mai. 2019.

SIMON, Sherry. ***Bridge to Babel: The Cosmopolitan City***. In: *Translating Montreal: Episodes in the Life of a Divided City*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 162–186, 2006.

SOUZA, Percival de Souza. **Conselhos de Antonio**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

STAVANS, I. Introduction. *In*: Euclides da Cunha, *Backlands: The Canudos Campaign.* (Translated by Elizabeth LOWE). New York: Penguin Books, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **Euclydes da Cunha, Canudos e o Exército**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

TEIXEIRA , Múcio. **Jornal do Brasil, 23 de janeiro e 24 de março 1903**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. **O Lu(g)ar dos Sertões**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **O legado do Conselheiro: cem anos depois, Canudos é uma ferida aberta e um emblema do Brasil**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

TYMOCZKO, Maria. ***Post-colonial writing and literary translation***. In: BASSNET, Susan; TRIVEDI, Harish. *Post-colonial translation: Theory and practice.Series: Translation Studies.London. Routledge*, 1999.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha no vale da morte**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

VENTURA, Roberto. **Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha**. In: O Sertão e os Sertões./João Roberto Faria [et al.]; Beth Brait (org.).—São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

VERÍSSIMO, José. **Correio da Manhã, 3 de dezembro de 1902**. In: Juízos críticos: os sertões e os olhares da sua época/preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo Nascimento. São Paulo : Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

VIEIRA, Else Ribeiro. **Por uma teoria pós-moderna da tradução**.265 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

VILLA, Marco Antonio. **O "Diário de uma expedição" e a construção de Os Sertões**. In: Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos/ organizador José Leonardo do Nascimento. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**.trad. bras., São Paulo,

C.E.N, 1968 (1921)

ZACHARIAS, Manif. ***Lexicologia de Os sertões*: O Vocabulário de Euclides da Cunha**. Florianópolis: Guarapuvu, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Euclides e os outros**. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002.

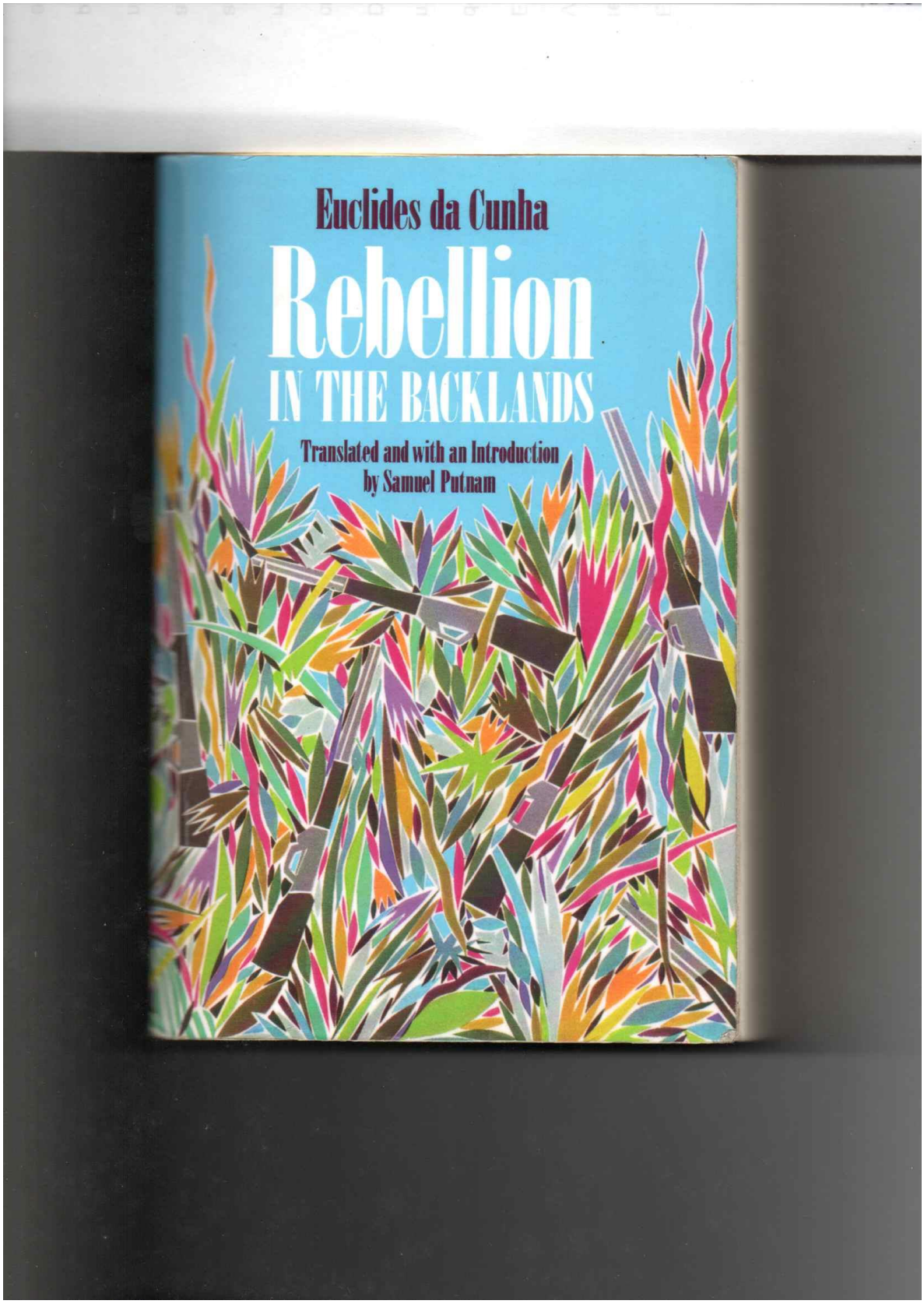
ZILLY, Berthold. **Euclides da Cunha na Alemanha**. (Tradução de Marcus Mazzari do posfácio à tradução alemã d´Os sertões). In: Estudos Avançados, no . 26, São Paulo, USP, abril de 1996. (p. 329-350)

ZILLY, Berthold. **O tradutor implícito. Considerações acerca da translinguidade de Os Sertões**. Revista USP, n. 45, p. 85-105, 30 maio 2000.

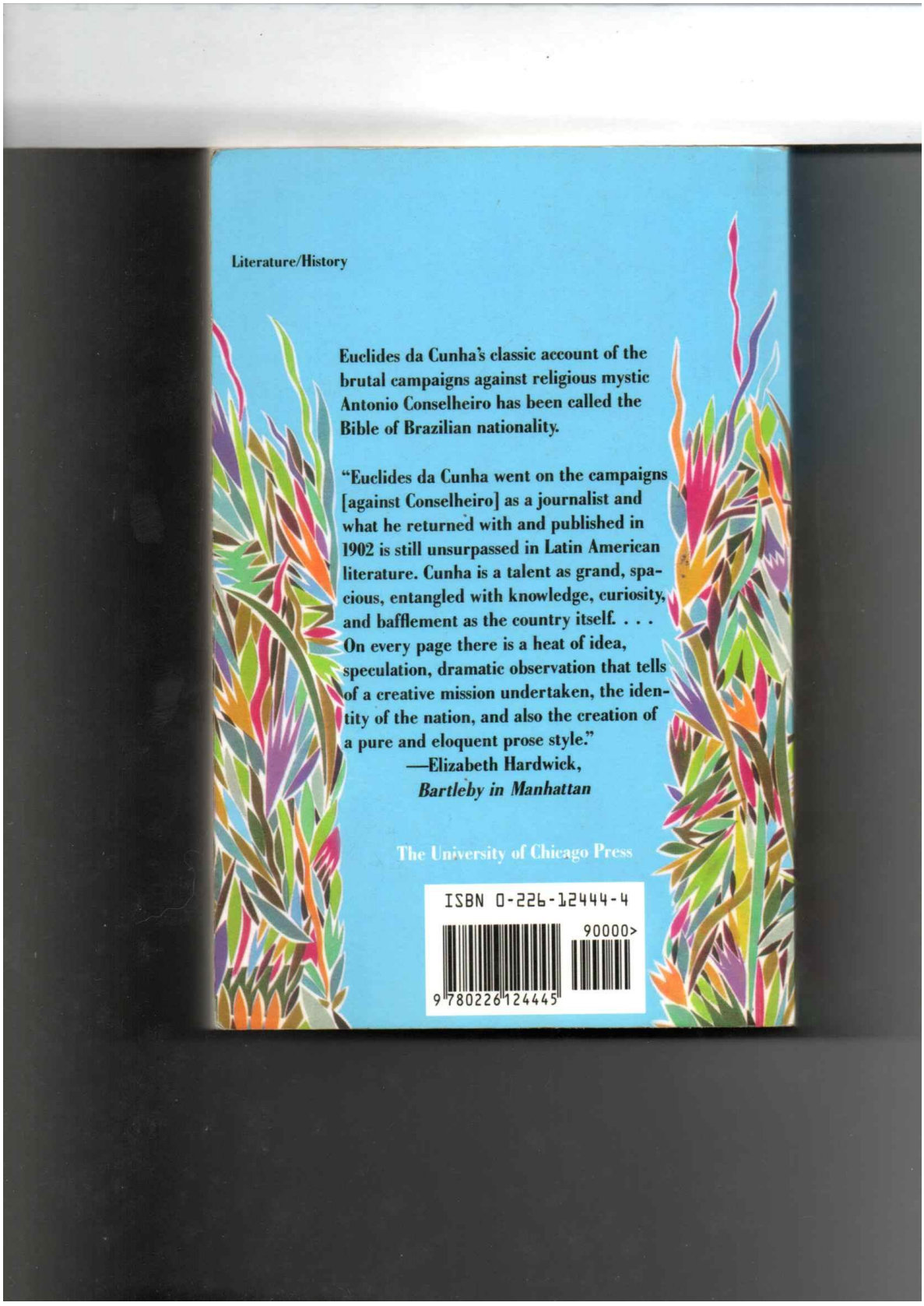
ZILLY, Berthold. **Um depoimento brasileiro para a história universal**. In: Revista Canudos/ Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclydes da Cunha.v.1n.1 (jul\dez.1996) Salvador: UNEB.1996. 2 edição revisada, 1997.

ZILLY, Berthold. **Um patriota na era do imperialismo: o brilho cambiante de Os Sertões**. In: Euclides da Cunha: literatura e história/ organizado por Gínia Maria Gomes. – Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

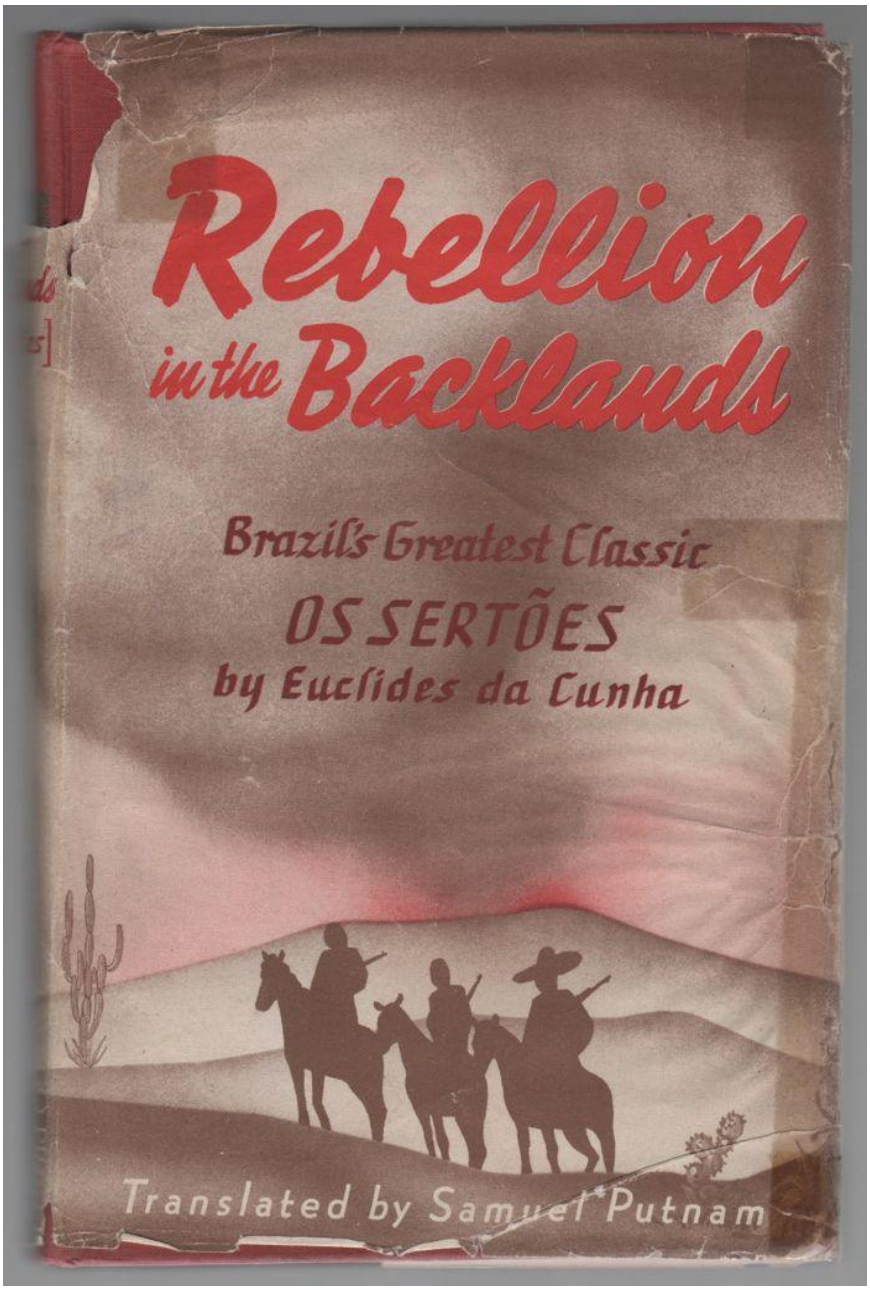
ANEXO 1


Euclides da Cunha
Rebellion
IN THE BACKLANDS
Translated and with an Introduction
by Samuel Putnam

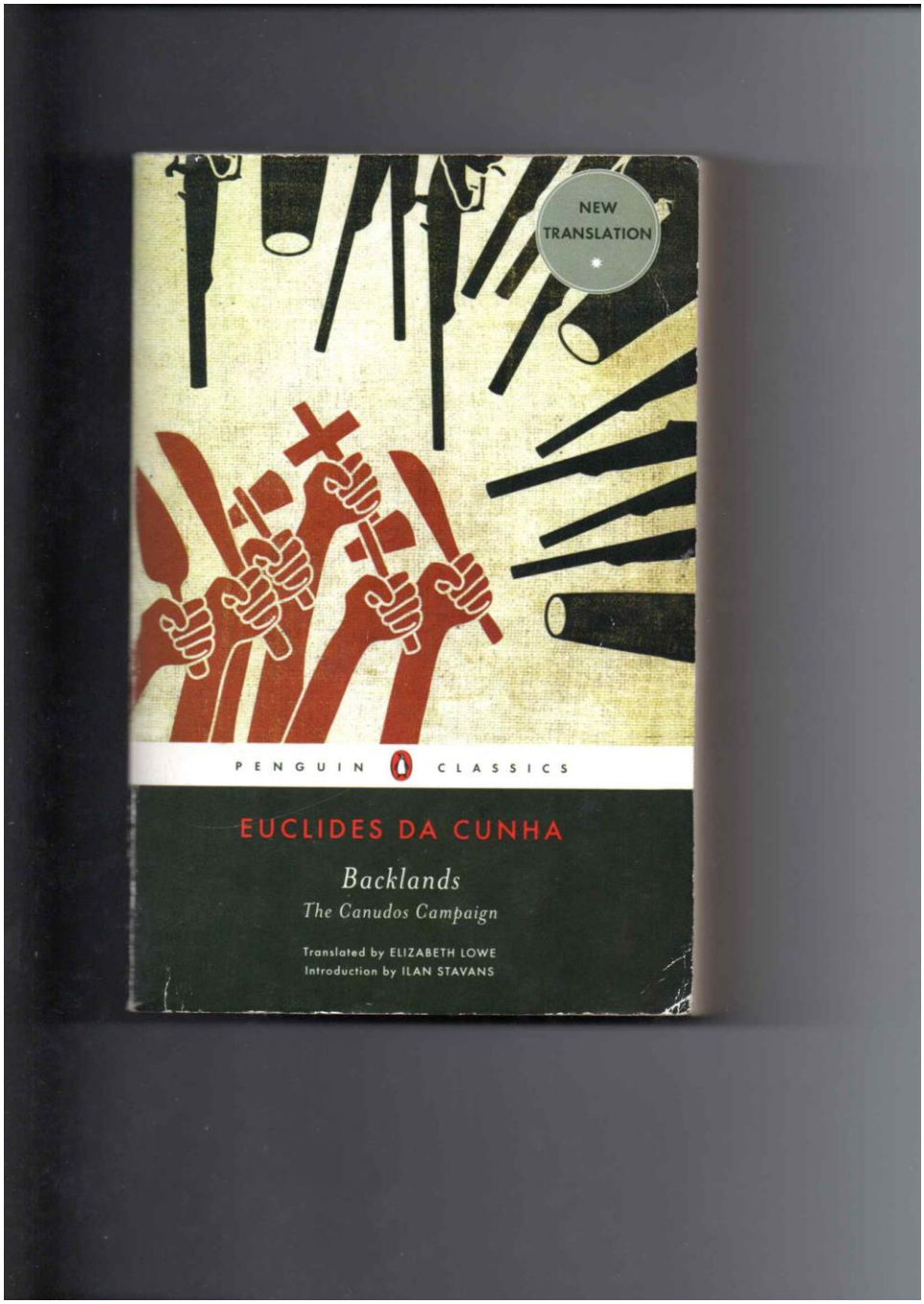
ANEXO 2


Literature/History
Euclides da Cunha's classic account of the brutal campaigns against religious mystic Antonio Conselheiro has been called the Bible of Brazilian nationality.
"Euclides da Cunha went on the campaigns [against Conselheiro] as a journalist and what he returned with and published in 1902 is still unsurpassed in Latin American literature. Cunha is a talent as grand, spacious, entangled with knowledge, curiosity, and bafflement as the country itself. . . . On every page there is a heat of idea, speculation, dramatic observation that tells of a creative mission undertaken, the identity of the nation, and also the creation of a pure and eloquent prose style."
—Elizabeth Hardwick,
Bartleby in Manhattan
The University of Chicago Press
ISBN 0-226-12444-4
90000>
9 780226 124445

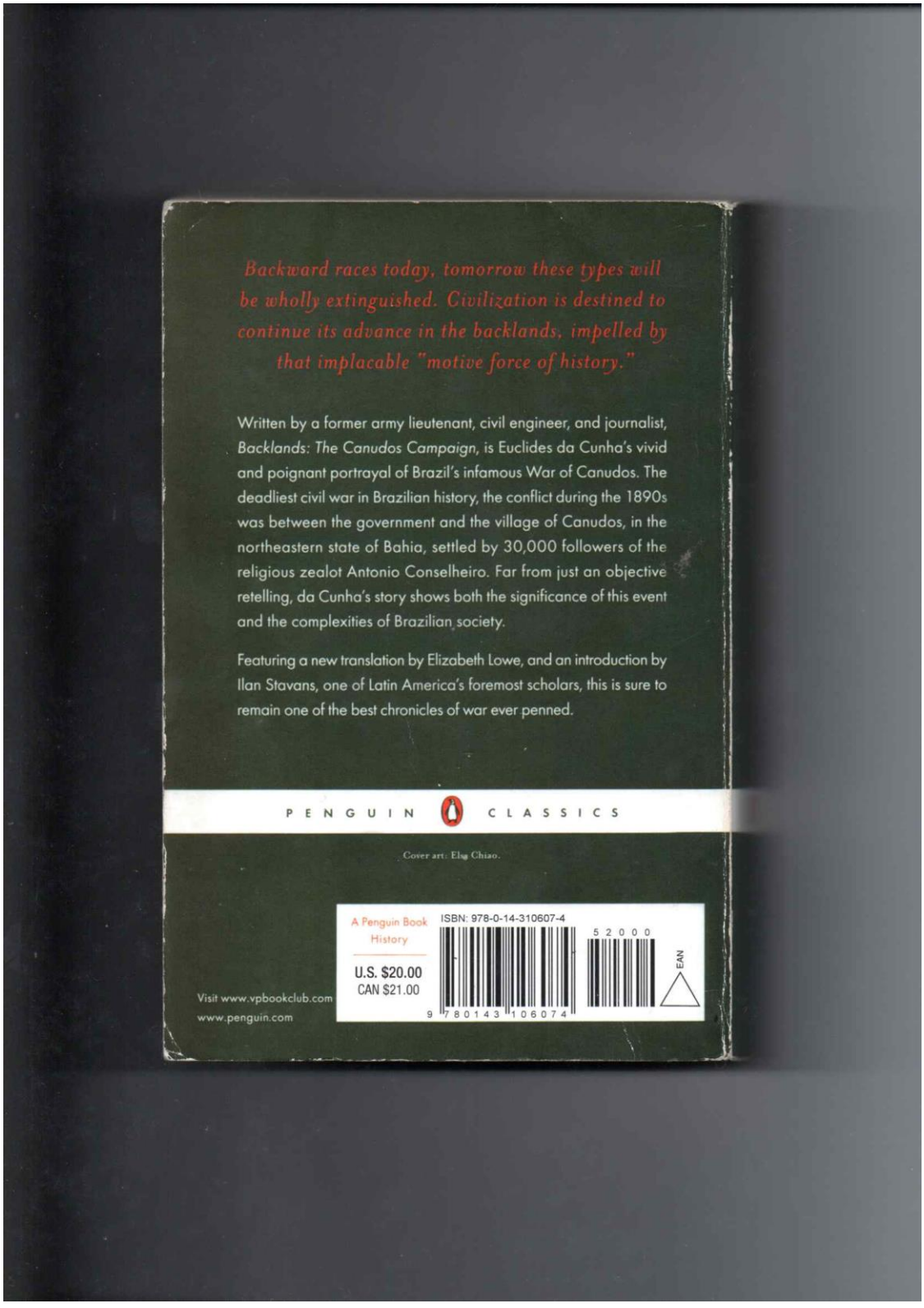
ANEXO 3


Rebellion
in the Backlands
Brazil's Greatest Classic
OS SERTÕES
by Euclides da Cunha
Translated by Samuel Putnam

ANEXO 4


NEW
TRANSLATION
PENGUIN CLASSICS
EUCLIDES DA CUNHA
Backlands
The Canudos Campaign
Translated by ELIZABETH LOWE
Introduction by ILAN STAVANS

ANEXO 5



Backward races today, tomorrow these types will be wholly extinguished. Civilization is destined to continue its advance in the backlands, impelled by that implacable "motive force of history."

Written by a former army lieutenant, civil engineer, and journalist, *Backlands: The Canudos Campaign*, is Euclides da Cunha's vivid and poignant portrayal of Brazil's infamous War of Canudos. The deadliest civil war in Brazilian history, the conflict during the 1890s was between the government and the village of Canudos, in the northeastern state of Bahia, settled by 30,000 followers of the religious zealot Antonio Conselheiro. Far from just an objective retelling, da Cunha's story shows both the significance of this event and the complexities of Brazilian society.

Featuring a new translation by Elizabeth Lowe, and an introduction by Ilan Stavans, one of Latin America's foremost scholars, this is sure to remain one of the best chronicles of war ever penned.

PENGUIN CLASSICS

Cover art: Elsa Chiao.

A Penguin Book
History

ISBN: 978-0-14-310607-4

U.S. $20.00
CAN $21.00

Visit www.vpbookclub.com
www.penguin.com